



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO**

**USOS SOCIAIS DO *FACEBOOK* POR MIGRANTES BRASILEIROS NA  
SUÉCIA: IDENTIDADES, DIFERENÇAS E DINÂMICAS INTERCULTURAIS  
NAS REDES SOCIAIS *ONLINE***

**DISSERTAÇÃO DE MESTRADO**

**LAURA RORATTO FOLETTO**

**SANTA MARIA, RS**

**2016**

**USOS SOCIAIS DO *FACEBOOK* POR MIGRANTES  
BRASILEIROS NA SUÉCIA: IDENTIDADES,  
DIFERENÇAS E DINÂMICAS INTERCULTURAIS NAS  
REDES SOCIAIS *ONLINE***

**LAURA RORATTO FOLETTO**

Dissertação apresentada ao curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Midiática da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para a obtenção do grau de **Mestre em Comunicação.**

**Orientadora: Profa. Dra. Liliane Dutra Brignol**

**Santa Maria, RS**

**2016**

Foletto, Laura Roratto

USOS SOCIAIS DO FACEBOOK POR MIGRANTES BRASILEIROS NA  
SUÉCIA: IDENTIDADES, DIFERENÇAS E DINÂMICAS  
INTERCULTURAIS NAS REDES SOCIAIS ONLINE / Laura Roratto  
Foletto.-2016.

233 p.; 30cm

Orientadora: Liliâne Dutra Brignol

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa  
Maria, Centro de Ciências Sociais e Humanas, Programa de  
Pós-Graduação em Comunicação, RS, 2016

1. Usos sociais do Facebook. 2. Facebook 3. Migrações  
4. Identidade 5. Migrantes brasileiros na Suécia I.  
Brignol, Liliâne Dutra II. Título.

Universidade Federal de Santa Maria  
Centro de Ciências Sociais e Humanas  
Departamento de Ciências da Comunicação  
Programa de Pós-Graduação em Comunicação  
Mestrado em Comunicação Midiática  
A Comissão Examinadora, abaixo assinada, aprova a Dissertação de Mestrado

**USOS SOCIAIS DO *FACEBOOK* POR MIGRANTES BRASILEIROS NA  
SUÉCIA: IDENTIDADES, DIFERENÇAS E DINÂMICAS INTERCULTURAIS  
NAS REDES SOCIAIS *ONLINE***

elaborada por  
**Laura Roratto Foletto**  
Como requisito parcial para obtenção do grau de  
**Mestre em Comunicação**

**COMISSÃO EXAMINADORA:**

Dra. Liliane Dutra Brignol

---

Presidente/Orientadora (UFSM)

Dra. Mônica Pieniz

---

Primeiro membro (UFRGS)

Dra. Sandra Rubia da Silva

---

Segundo membro (UFSM)

Dra. Veneza Veloso Mayora Ronsini

---

Suplente (UFSM)

Santa Maria, 15 de março de 2016

Universidade Federal de Santa Maria  
Centro de Ciências Sociais e Humanas  
Departamento de Ciências da Comunicação  
Programa de Pós-Graduação em Comunicação  
Mestrado em Comunicação Midiática

Título: Usos sociais do *Facebook* por migrantes brasileiros na Suécia: identidades, diferenças e dinâmicas interculturais nas redes sociais *online*.

Autora: Laura Roratto Foletto

Orientadora: Dra. Liliane Dutra Brignol

## RESUMO

Esta dissertação busca analisar usos sociais que migrantes brasileiros na Suécia fazem de grupos do *Facebook* relacionados às questões de identidade e diferença. Desenvolvemos uma pesquisa empírica, qualitativa com a combinação de diversos procedimentos metodológicos, como observação *online*, formulários, entrevistas, etc. O embasamento teórico parte de uma compreensão dos usos sociais da mídia e, posteriormente, da internet, a partir dos estudos culturais latino-americanos. Procuramos entender de que forma a cultura participativa e a interatividade estavam imbricadas nos processos de apropriação da rede social *online Facebook* por parte desses sujeitos migrantes, a fim de construir suas identidades. Ademais, procuramos compreender de que maneira, nesses espaços dos grupos e na Suécia, eram perceptíveis, por esses comunicantes, a vivência de questões multiculturais e interculturais. Compreendemos o *Facebook* como um espaço de interação na contemporaneidade, cuja importância também cresce para os sujeitos migrantes que usam essa rede social *online* para experienciar a situação de migração, compartilhar, vivenciar a Suécia e discutir assuntos tocantes às questões de migração e a questões políticas, como as leis migratórias, as negociações identitárias e o estranhamento, com a cultura e com o outro, nesse universo migratório. Esses sujeitos também se utilizam dessa rede para debaterem a integração cultural, as dinâmicas de interculturalidade e o entendimento da Suécia como um país repleto de múltiplas culturas. Por fim, o *Facebook* é visto como um lugar que contribui para as lógicas de pertencimento aos grupos e como um espaço que possibilita o compartilhamento da memória desses comunicantes a respeito do que veem, leem ou escutam na mídia massiva. Ao longo da pesquisa, entendemos que os migrantes brasileiros na Suécia são sujeitos transnacionais, pois, além de manterem o contato com a família e com os amigos, também transformam as relações sociais e culturais do país de nascimento e do país receptor e, diante disso, constroem sentidos acerca de suas identidades, que são híbridas e que estão em constante transformação.

**Palavras-chave:** Usos sociais do *Facebook*. *Facebook*. Migrações. Identidade. Migrantes brasileiros na Suécia.

## AGRADECIMENTOS

É tempo de agradecer por esses dois anos intensos de mestrado com muito aprendizado. E, para isso, muitas pessoas passaram na minha vida e deixaram um pouquinho de si, pessoas imprescindíveis para a realização desta caminhada. Primeiramente, agradeço à professora **Liliane Dutra Brignol**, por acreditar que eu fosse capaz de realizar esta dissertação e pelas maravilhosas orientações. Obrigada pela paciência, pela dedicação e pelos ensinamentos pessoais e acadêmicos. Foi muito bom poder dividir esses dois anos de trabalho contigo.

À banca, professora **Sandra Rúbia da Silva** e professora **Mônica Pieniz**, pelo olhar atento aos detalhes e pelas considerações ao trabalho, que contribuíram para que ele ficasse cada vez melhor.

Aos meus pais, **Rejane** e **Valmir**, pela constante ajuda e incentivo de buscar meus sonhos. Ao **Vitor**, meu filhote, por ser esse companheiro e amigo que sempre me ensina que a vida pode ser mais simples e feliz. Aos meus irmãos, **Vinícius** e **Mariane**, pelo amor e carinho, que mesmo longe sei que estão perto.

Aos administradores dos grupos do *Facebook* – “**Brasileiros na Suécia**” e “**Brasileiros na Suécia/ Svenskar i Brasilien**” - por terem me aceitado, aos respondentes do formulário e, principalmente, aos meus **entrevistados**, por terem aceitado realizar as entrevistas, apesar das 5h de diferença entre o Brasil e a Suécia: sem vocês todos, esta pesquisa não teria sido possível. Fica o meu muito obrigada.

À **CAPES**, pelo auxílio concedido, que foi de fundamental importância.

À minha tia **Paula A. Roratto** por ser minha primeira e grande inspiração, antes mesmo dos meus mestres na academia, a seguir a carreira acadêmica e a seguir pesquisando. Obrigada minha doutora e professora preferida.

À professora **Veneza Ronsini** por fazer parte da minha trajetória acadêmica e me inspirar a pesquisar.

Aos lindos da pesquisa, **Sandra Depexe**, **Tissiana Pereira Chechella**, **Glaisa Palma**, **Fernanda Scherer** e **Filipe Bordinhão**, pelas trocas acadêmicas, pelos ensinamentos, pela amizade, pelo companheirismo, por estarem comigo não só nesses dois anos, mas desde o grupo de pesquisa da professora Veneza Ronsini. Sou muito feliz por tê-los como amigos e colegas de trabalhos acadêmicos. Aos amigos que fiz no grupo de pesquisa mencionado: **Hellen Barbiero**, **Camila Marques**, **Otávio Chagas**, **Gustavo Dhein**, **Luiza Betat**, **Marina Maquiavelli** e **Milena Freire**: muito obrigada a vocês por serem lindos e amigos. Novamente à menina **Luiza Betat** e à menina **Sandra Depexe**, pelas risadas, pelas piadas e pelas conversas sobre a vida. E mais uma vez as obitetas Luiza Betat e Camila Marques pela nossa linda parceria (e de balas de banana) e que tudo isso continue na vida, porque o que o Obitel uni não é bem assim para acabar.

Aos meus amigos de longuíssima data, **Natália Prado**, **Vinícius Amaral**, **Tamiris Balk**, **Marcos Lucas**, **Natháli Pegoraro**, **Camila Camponogara**, **Camila Melgarejo**, **Letícia Adamy**, **Jéssica Machado**, **Lilian Benchimol** e **Mariana Martins**, agradeço por serem incríveis, por estarem sempre perto mesmo longe, em alguns casos. Pelos encontrinhos, pelos risos, piadas, zoeira, por me conhecerem realmente como sou, por compartilharem comigo momentos muito importantes da minha vida. Sem vocês eu não seria tão feliz. À **Jéssica Bortolazzo** e à **Gabriele Bevilacqua**, por serem amigas

maravilhosas de infância que os anos só conservam mais e mais nossa amizade, mesmo que fiquemos um tempo sem nos falarmos, pois o que é verdadeiro sempre permanece. À **Andressa Mayer**, por ser uma amiga de infância que levo em meu coração com todo o carinho: uma recordação e um sentimento por nossa amizade eterna. À **Marcela Pivetta**, por ser uma amiga de infância que as nossas aventuras na colônia se perpetuam no meu coração como uma linda lembrança e um sentimento de agradecimento por compartilhar essa amizade sincera contigo.

À **secretaria do Poscom**, sempre dando uma ajuda para a galera. E a todos que, de alguma forma, contribuíram para este dia. Meus sinceros agradecimentos a todos vocês.

## LISTA DE GRÁFICOS

<b>Gráfico 1:</b> porcentagem de homens e mulheres respondentes do formulário <i>online</i> .....	<b>99</b>
<b>Gráfico 2:</b> porcentagem da escolarização dos respondentes do formulário <i>online</i> . ....	<b>99</b>
<b>Gráfico 3:</b> porcentagem das regiões do Brasil em que emigraram os respondentes do formulário <i>online</i> . .....	<b>100</b>
<b>Gráfico 4:</b> porcentagem do local de acesso à internet dos respondentes do formulário <i>online</i> .....	<b>102</b>
<b>Gráfico 5:</b> tipo de conexão à internet dos respondentes do formulário <i>online</i> .....	<b>103</b>
<b>Gráfico 6:</b> porcentagem do equipamento de acesso à internet dos respondentes do formulário <i>online</i> . .	<b>103</b>
<b>Gráfico 7:</b> porcentagem dos tipos de participação nos grupos do <i>Facebook</i> dos respondentes do formulário <i>online</i> . ....	<b>115</b>



## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 0:1:</b> cenário da pesquisa exploratória .....	<b>88</b>
<b>Tabela 0:2:</b> profissão no Brasil X atividade profissional na Suécia dos respondentes do formulário <i>online</i> . .....	<b>101</b>
<b>Tabela 0:3:</b> Perfil dos entrevistados quanto ao nome, profissão, atividade profissional na Suécia e tempo de residência no país a partir das respostas do Formulário <i>Online</i> .....	<b>106</b>

## LISTA DE IMAGENS

Imagem 1: grupo “Brasileiro na Suécia” .....	90
Imagem 2: grupo “Brasileiros na Suécia/Svenskar i Brasilien” .....	92
Imagem 3: Postagem no grupo “Brasileiros na Suécia”, acerca da escuridão na Suécia em pleno mês de novembro de 2014.....	126
Imagem 4: Postagem no grupo “Brasileiros na Suécia” compartilhando as novas aquisições de livros.....	126
Imagem 5: Postagem no grupo “Brasileiros na Suécia” em relação ao convite para um encontro fora do virtual.....	128
Imagem 6: Postagem no grupo “Brasileiro na Suécia” desejando um natal maravilhoso a todos...129	
Imagem 7: Postagem no grupo “Brasileiros na Suécia/Svenskar i Brasilien” desejando um feliz natal a todos.....	130
Imagem 8: Postagem no grupo “Brasileiro na Suécia” referente ao convite para passar o Natal...130	
Imagem 9: Postagem no grupo “Brasileiro na Suécia” sobre a previsão de aurora boreal em toda a Suécia.....	131
Imagem 10: Comentário no grupo “Brasileiros na Suécia/Svenskar i Brasilien” referente à postagem como os latino-brasileiros chegaram à Europa ( <i>invadrame</i> significa imigrante)...133	
Imagem 11: Postagem no grupo “Brasileiros na Suécia” referente às expressões regionais.....	134
Imagem 12: Comentários no grupo “Brasileiros na Suécia” referente à postagem sobre as expressões regionais.....	135
Imagem 13: Postagem no grupo “Brasileiros na Suécia” desejando uma abençoada semana a todos.....	136
Imagem 14: Postagem no grupo “Brasileiros na Suécia” referente ao serviço de depiladora brasileira.....	138
Imagem 15: Postagem na página “Aqui na Suécia” referente ao que os brasileiros procuram fazer quando voltam ao Brasil.....	138
Imagem 16: Postagem no grupo “Brasileiros na Suécia” referente ao site de produtos brasileiros.....	140
Imagem 17: Postagem no grupo “Brasileiros na Suécia” referente à procura de farinha de tapioca na Suécia.....	140
Imagem 18: Postagem no grupo “Brasileira na Suécia” referente à ostentação da rapadura de cana.....	141
Imagem 19: Comentário no grupo “Brasileiro na Suécia” referente à postagem sobre a ostentação da rapadura de cana.....	141
Imagem 20: Postagem no perfil do <i>Facebook</i> do entrevistado Diego.....	142
Imagem 21: Postagem no perfil do <i>Facebook</i> da entrevistada Luiza.....	142
Imagem 22: Postagem no perfil do <i>Facebook</i> da entrevistada Luiza.....	142
Imagem 23: Postagem no perfil do <i>Facebook</i> da entrevistada Tiane.....	143
Imagem 24: Comentários no grupo “Brasileiros na Suécia/Svenskar i Brasilien” referente à postagem como os latino-brasileiros chegaram à Europa .....	146
Imagem 25: Comentários no grupo “Brasileiros na Suécia/Svenskar i Brasilien” referente à postagem como os latino-brasileiros chegaram à Europa .....	147
Imagem 26: Postagem no perfil do <i>Facebook</i> do entrevistado Matheus.....	150
Imagem 27: Postagem no perfil do <i>Facebook</i> do entrevistado Matheus.....	151
Imagem 28: Postagem no perfil do <i>Facebook</i> do entrevistado Matheus.....	151
Imagem 29: Postagem no grupo “Brasileiros na Suécia/Svenskar i Brasilien” referente ao trabalho como cuidadora de cães.....	153
Imagem 30: Postagem no grupo “Brasileiros na Suécia” referente ao curso de sueco.....	154

Imagem 31: Postagem no grupo “Brasileira na Suécia” referente aos salários dos migrantes depois de 10 anos na Suécia. Tradução da postagem: “Todos os imigrantes ganham menos de 13.000 dólares por mês - depois de dez anos na Suécia”.	155
Imagem 32: Comentários no grupo “Brasileiros na Suécia” referente à postagem sobre os salários dos migrantes depois de 10 anos na Suécia.	157
Imagem 33: Postagem no grupo “Brasileira na Suécia” referente ao show de forró que teve na Suécia.	159
Imagem 34: Postagem no perfil do <i>Facebook</i> da entrevistada Tiane.	160
Imagem 35: Postagem no grupo “Brasileira na Suécia” referente ao que difere a Suécia de outros países nórdicos.	161
Imagem 36: Comentário no grupo “Brasileiros na Suécia” referente à postagem sobre o que difere a Suécia de outros países nórdicos.	162
Imagem 37: Postagem no grupo “Brasileiros na Suécia/Svenskar i Brasilien” referente aos costumes e à rotina da Suécia.	162
Imagem 38: Comentário no grupo “Brasileiros na Suécia/Svenskar i Brasilien” referente à postagem sobre os costumes e à rotina da Suécia.	163
Imagem 39: Postagem no grupo “Brasileiro na Suécia” referente ao fato dos suecos não pedirem licença, por exemplo.	163
Imagem 40: Comentários no grupo “Brasileiros na Suécia” referente à postagem sobre o fato dos suecos não pedirem licença, por exemplo.	164
Imagem 41: Postagem no grupo “Brasileiros na Suécia/Svenskar i Brasilien” referente ao carnaval em Estocolmo.	166
Imagem 42: Postagem no grupo “Brasileiros na Suécia/Svenskar i Brasilien” referente ao primeiro livro publicado na língua original dos autores.	167
Imagem 43: Postagem no grupo “Brasileiros na Suécia/Svenskar i Brasilien” referente ao dicionário culinário bilíngue.	168
Imagem 44: Postagem no grupo “Brasileiros na Suécia” referente ao primeiro ministro da Suécia que tem o Lula como inspiração.	170
Imagem 45: Postagem no grupo “Brasileiros na Suécia” referente ao primeiro ministro da Suécia que tem o Lula como inspiração.	172
Imagem 46: Postagem no grupo “Brasileiros na Suécia” referente se haverá alguma manifestação na Suécia em solidariedade do dia 15/03/15 no Brasil.	173
Imagem 47: Postagem no grupo “Brasileiros na Suécia/Svenskar i Brasilien” referente se haverá protesto em Estocolmo dia 15/03/15.	173
Imagem 48: Postagem no grupo “Brasileiros na Suécia” referente à resposta do governo Dilma aos protestos do dia 15/03/15 no Brasil.	174
Imagem 49: Comentários no grupo “Brasileiros na Suécia” referente a postagem se haverá alguma manifestação na Suécia em solidariedade do dia 15/03/15 no Brasil.	175
Imagem 50: Comentários no grupo “Brasileiros na Suécia/Svenskar i Brasilien” referente à postagem se haverá protesto em Estocolmo dia 15/03/15.	176
Imagem 51: Postagem no grupo “Brasileiros na Suécia/Svenskar i Brasilien” referente ao Acordo de <i>Schengen</i> .	178
Imagem 52: Postagem no grupo “Brasileiros na Suécia/Svenskar i Brasilien” referente à cidadania europeia.	179
Imagem 53: Comentários no grupo “Brasileiros na Suécia/Svenskar i Brasilien” referente à postagem sobre a cidadania europeia.	180
Imagem 54: Postagem no grupo “Brasileiros na Suécia” referente ao sentimento antimuçulmano.	184
Imagem 55: Comentários no grupo “Brasileiros na Suécia” referente à postagem sobre o sentimento antimuçulmano.	185

Imagem 56: Postagem no grupo “Brasileira na Suécia” referente à situação das demonstrações, atuais, contra a imigração. ....	188
Imagem 57: Comentários no grupo “Brasileiro na Suécia” referente à postagem sobre situação das demonstrações, atuais, contra a imigração. ....	189
Imagem 58: Postagem no grupo “Brasileiros na Suécia/Svenskar i Brasilien” referente ao momento novo na política sueca, novas eleições. ....	191
Imagem 59: Postagem no grupo “Brasileiros na Suécia” referente às novas eleições em março na Suécia.....	191
Imagem 60: Postagem no grupo “Brasileiros na Suécia/Svenskar i Brasilien” referente à busca por um canal de TV que transmita os jogos da Libertadores da América. ....	194
Imagem 61: Comentários no grupo “Brasileiros na Suécia/Svenskar i Brasilien” referente à postagem sobre a busca por um canal de TV que transmita os jogos da Libertadores da América. ....	194
Imagem 62: Postagem no grupo “Brasileiros na Suécia” referente à busca de informação de como assistir aos desfiles de carnaval ao vivo pela TV.....	195
Imagem 63: Comentário no grupo “Brasileiros na Suécia” referente à postagem sobre a busca de informação de como assistir aos desfiles de carnaval ao vivo pela TV.....	195
Imagem 64: Postagem no grupo “Brasileiros na Suécia” referente ao seriado sueco “Welcome Sweden”.....	196
Imagem 65: Comentário no grupo “Brasileiros na Suécia” referente à postagem sobre o seriado sueco “Welcome Sweden”. ....	196
Imagem 66: Postagem no grupo “Brasileiros na Suécia” sobre a novela Babilônia. ....	197
Imagem 67: Comentários no grupo “Brasileiros na Suécia” referente à postagem sobre a repercussão do programa Globo Repórter, da emissora Globo, que aumentou o número de solicitações de participação no mesmo. ....	198
Imagem 68: Mensagem no bate-papo do <i>Facebook</i> contatando o administrador do grupo “Brasileiro na Suécia/Svenskar i Brasilien” para a entrevista por <i>Skype</i> .....	221
Imagem 69: postagem nos grupos “Brasileiros na Suécia” (esquerda) e “Brasileiros na Suécia/Svenskar i Brasilien (direita) convidando para responderem ao formulário <i>online</i> . ...	222
Imagem 70: cabeçalho do formulário <i>online</i> no <i>Google Drive</i> . ....	223
Imagem 71:e-mail contatando o entrevistado para a próxima etapa da pesquisa.....	226

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
1. <i>USOS SOCIAIS DA INTERNET E REDES SOCIAIS ONLINE</i>	24
1.1. Os estudos de recepção na América Latina	24
1.2. Usos sociais das mídias e a mediação tecnológica	29
1.3. Cultura participativa e interatividade	35
1.4. Redes sociais e redes sociais online	47
2. <i>MIGRAÇÃO, IDENTIDADES E DIFERENÇAS</i>	56
2.1 Identidade e diferença: uma aproximação conceitual	56
2.2 Interculturalidade, migrações transnacionais e identidade migrante	62
3. <i>PERCURSO METODOLÓGICO: PESQUISA QUALITATIVA COM MÚLTIPLOS PROCEDIMENTOS</i>	79
3.1 Estado da Arte	79
3.2 Pesquisa Qualitativa com Múltiplos Procedimentos	86
3.2.1 Observação Exploratória e Delimitação do Objeto de Análise	88
3.2.2 Observação sistemática com ferramentas de coleta online	92
3.2.3 Formulário online e entrevista semi-estruturada por Skype	93
3.2.4 Análise das postagens e dos comentários nos grupos do Facebook	95
4. <i>USOS DO FACEBOOK PELOS MIGRANTES BRASILEIROS NA SUÉCIA</i>	98
4.1 Sujeitos da Pesquisa	98
4.2 Usos sociais dos grupos do Facebook por migrantes brasileiros na Suécia	112
4.2.1 Dinâmicas nos Grupos do Facebook e a Mediação da Tecnicidade	113
4.2.2 Lógicas de Pertencimento aos Grupos do Facebook	121
4.2.3 Construção e Negociação Identitária	132
4.2.4 Compartilhamento da Experiência Migratória	145
4.2.5 Multiculturalismo e Dinâmicas Interculturais	158
4.2.6 Política, Políticas Migratórias e Cidadania Jurídica	169
4.2.7 Audiência Compartilhada e Memória Midiática no Facebook	192
CONSIDERAÇÕES FINAIS	201

REFÊRENCIAS _____	206
<i>REFERÊNCIAS DO ESTADO DA ARTE</i> _____	214
APÊNDICE _____	220
APÊNDICE A– Contado com os Administradores dos Grupos _____	221
APÊNDICE B - Formulário <i>online</i> _____	222
APÊNDICE C - Entrevista <i>semiestruturada</i> _____	226
APÊNDICE D – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido _____	230
APÊNDICE E – Temáticas de assuntos mais discutidos nos grupos e o total de postagens por temática.	231
APÊNDICE F - Número total de postagens e comentários por mês do grupo Brasileiros na Suécia/Svenskar i Brasilien. _____	232
APÊNDICE G – Número total de postagens e comentários por mês do grupo Brasileiros na Suécia. ____	233

## INTRODUÇÃO

Partindo da compreensão da rede social *online Facebook* enquanto espaço de interação na contemporaneidade, com crescente importância também para os sujeitos migrantes, pretendemos investigar como os brasileiros que residem na Suécia se apropriam de grupos<sup>1</sup> do *Facebook* para experienciar questões relacionadas a identidades, diferenças e dinâmicas interculturais vivenciadas a partir da migração.

De forma a problematizar a temática das migrações e o contexto da Suécia, verificamos que o país possui uma extensão territorial de 410.340 Km<sup>2</sup> e cerca de 9.593 milhões de habitantes, conforme dados de 2013<sup>2</sup>. Já em 2014, o número de habitantes correspondia a 9.747.000 milhões<sup>3</sup>. Isso faz com que a Suécia seja o país nórdico com o maior número de habitantes. Segundo o *Index Mundi*<sup>4</sup>, em 2012, a Suécia possuía 1.65 migrantes para cada 1000 habitantes de seu território, sendo considerada, pela mesma fonte, o 42º país que recebe mais migrantes no mundo – Brasil ocupada a 117ª posição no mesmo *ranking* (-0.09/1000)<sup>5</sup>. Em 2014, segundo dados da *Migrations Info*, mais de 120 mil pessoas migraram para a Suécia, sendo que cerca de 58 mil são mulheres e 70 mil são homens, o que representa um aumento de 9,6%, se comparado a 2013. Isto é, em 2013, cerca de 51 mil pessoas migraram, o que corresponde a uma migração líquida de cerca de 75 mil pessoas. Ainda segundo dados da *Migrations Info*,

---

<sup>1</sup> Entendemos esses espaços comunicacionais como grupos. Referimo-nos a grupos, pois esta é a definição dada pelos administradores dos grupos, mesmo que esses grupos se configurem com lógicas próximas às relacionadas ao conceito de comunidade. Segundo Pichler (2012), com base em diversos autores - Ferdinand Tönnies, Martin Buber, Raquel Paiva, Roberto Esposito, Simeone Henriques, Alain Touraine e Boaventura de Sousa Santos -, a noção de “comunidade” compreende o resgate dos traços de integração, cooperação, compartilhamento e tradição, como as principais marcas das organizações comunitárias. Esse resgate tem o intuito de atualizar essas organizações de acordo com as configurações culturais e sociais contemporâneas, provenientes dos novos contextos econômicos e políticos desses sujeitos que se encontram neste espaço, chamado comunidade.

<sup>2</sup>The World Bank. Sweden. Disponível em: [http://data.worldbank.org/country/sweden#cp\\_wdi](http://data.worldbank.org/country/sweden#cp_wdi). Acessado em: 27/08/14.

<sup>3</sup> Datos Macro. Suecia registra un incremento de su población. Disponível em: <http://www.datosmacro.com/demografia/poblacion/suecia>. Acessado em 15/06/15

<sup>4</sup> É um site que abriga informações de vários países, contendo estatísticas detalhadas, gráficos e mapas compilados a partir de diversas fontes. Funciona como uma espécie de enciclopédia.

<sup>5</sup>Index Mundi. Net migrationrate. Disponível em: <http://www.indexmundi.com/g/r.aspx?c=sw&v=27&l=pt>. Acessado em: 27/08/14; Index Mundi. Taxa de migração – Mundo. Disponível em: <http://www.indexmundi.com/Map/?v=27&r=xx&l=pt>. Acessado em: 27/08/14.

estima-se que cerca de 1,6 milhão de pessoas nascidas em outros países vivem na Suécia, as quais correspondem a 16% da população da Suécia<sup>6</sup>.

Segundo a *Migrant Integration Policy Index* (MIPEX), a Suécia lidera o *ranking* dos dez melhores países para ser migrante. Essa classificação leva em conta sete critérios: a mobilidade no mercado de trabalho, a possibilidade de reunir a família, a residência de longo prazo, as políticas contra discriminação, a participação política, o acesso à nacionalidade e a educação<sup>7</sup>. Tais critérios estão relacionados a medidas adotadas depois de uma crise econômica que se deu na década de 1990, a qual fez com que, em 2006, a coligação de centro-direita que governava o país, liderada por Fredrik Reinfeldt, passasse a cortar as despesas públicas e a baixar a taxa máxima de imposto. Apesar de ainda ser considerada uma sociedade igualitária, as desigualdades na Suécia vêm aumentando e agravando a discriminação, principalmente em relação aos migrantes, aos trabalhadores menos qualificados e aos jovens – principalmente os homens<sup>8</sup>.

No contexto brasileiro, segundo Cogo e Souza (2013), com base nos dados do Ministério de Relações Exteriores do Brasil (MRE, 2011), o número de brasileiros que procuraram viver no exterior em 2010 correspondia a 3.122.813. A ampliação dos fluxos migratórios para o exterior é vivenciada no Brasil desde 1980, intensificando-se nos anos 1990. Uma das motivações da saída para o exterior eram as dificuldades econômicas e os altos índices de inflação no país naquela época. Também foi nesse período que o Brasil deixou de ser um país de imigração<sup>9</sup> para tornar-se um país, preferencialmente, de emigração<sup>10</sup>, começando a enfrentar mais fluxos de saída do que de entrada em seu território (COGO; SOUZA, 2013, p. 18-19).

O cenário volta a mudar com a ampliação da chegada de migrantes de diferentes nacionalidades para o Brasil, sobretudo a partir dos anos 2000. A crise econômica global de 2008, que assolou a Europa e os Estados Unidos, provocou um refluxo de

---

<sup>6</sup> Migration Info. Sverige. Disponível em: <http://www.migrationsinfo.se/migration/sverige/#>. Acessado em: 20/01/2016.

<sup>7</sup> Publicada na revista EXAME. Os 10 melhores países para ser imigrante. Disponível em: <http://exame.abril.com.br/mundo/noticias/os-10-melhores-paises-para-ser-imigrante#2>. Acessado em 27/09/14.

<sup>8</sup> Vox Europ. O problema da integração sueca. Disponível em: <http://www.voxeurop.eu/pt/content/article/4049281-o-problema-da-integracao-sueca>. Acessado em: 28/09/14.

<sup>9</sup>A entrada de pessoas no Brasil com a intenção de fixar-se definitivamente é denominada de **imigração**, e o país em questão é tido como uma área de atração ou afluxo (Brasil Escola. Disponível em: <http://www.brasilecola.com/brasil/migracao-externa-no-brasil.htm>. Acessado em: 27/09/14).

<sup>10</sup>O deslocamento de saída de um brasileiro é denominado de **emigração**, nesse caso o Brasil é considerado como uma área de repulsão ou refluxo (Brasil Escola. Disponível em: <http://www.brasilecola.com/brasil/migracao-externa-no-brasil.htm>. Acessado em: 27/09/14).



migrantes. O aumento das taxas de desemprego afetaram, principalmente, os migrantes que encontraram no retorno à pátria uma alternativa para a crise (COGO; SOUZA, 2013, p. 19). Além disso, o Brasil passou a receber não só os brasileiros que viviam no exterior (em países como Japão e Portugal, nas décadas de 1980 e 1990), como também pessoas de outras nacionalidades. Segundo dados do IBGE de 2010, 268,5 mil migrantes internacionais foram acolhidos em território brasileiro. Isso corresponde a um aumento de 86,7% (ou de 143,6 mil pessoas) em relação ao ano de 2000. O número de brasileiros que retornaram em 2010 é de 174,6 mil (65,0%)<sup>11</sup>. Contudo, os brasileiros continuam a emigrar e os países europeus continuam a receber migrantes. As saídas e chegadas de migrantes não se encerram: elas completam ciclos numa frequência de idas e vindas de novos e constantes fluxos migratórios.

Atualmente, as migrações correspondem a esse constante fluxo de sujeitos entre países, na busca de melhores condições de vida, de emprego, de estudos ou simplesmente de experiência cultural e social, pois a migração possibilita esse intercâmbio entre culturas e sujeitos, em que as diferenças são colocadas em jogo e tensionadas.

Na compreensão de Brignol (2012), “ser migrante hoje significa assumir um posicionamento múltiplo de vinculação a diferentes culturas e territórios sociais e simbólicos” (p. 125), como também implica ir além das fronteiras geográficas e estabelecer relações e sentidos de pertencimento. No jogo dessa constante circulação de sujeitos e culturas, as nossas diferenças estão sempre sendo colocadas em contato. Os migrantes carregam consigo suas experiências e singularidades, em virtude de suas distintas vivências culturais que, ao mesmo tempo que permitem maior diálogo entre os modos de compreender o mundo e os sujeitos, podem levar a conflitos. Mesmo que existam inúmeras barreiras que limitam o fluxo de cidadãos entre os territórios, a realidade dessas trocas migratórias é muito presente na atualidade (BRIGNOL, 2012, p. 125).

Diante disso, o fenômeno das migrações transnacionais não é novo: a mobilidade humana nos acompanha há muito tempo, pois ela é “um traço constitutivo da própria história da humanidade” (COGO; SOUZA, 2013, p. 15). Os fluxos migratórios internacionais se intensificaram no século XX, principalmente na década de 1990. Segundo Cogo e Souza (2013), com base no *Informe sobre las Migraciones en el*

---

<sup>11</sup> IBGE. Migração e desenvolvimento. Disponível em: <http://7a12.ibge.gov.br/vamos-conhecer-o-brasil/nosso-povo/migracao-e-deslocamento>. Acessado em: 09/10/14.

*Mundo*, produzido pela Organização Internacional das Migrações (OIM), em 2010 o número de migrantes no mundo, ou de “pessoas que vivem em um país diferente daquele em que nasceram” (COGO; SOUZA, 2013, p. 15), correspondia a 214 milhões, sem considerar os migrantes internos de um mesmo país, ou ainda as pessoas que não são consideradas migrantes, mas estrangeiras<sup>12</sup>. Portanto, as migrações se configuram, atualmente, como uma alternativa de superação à situação vivida no país de nascimento: migra-se por estudar, por emprego, por refúgio<sup>13</sup> (quando há necessidade) ou por motivações diversas.

De acordo com os dados da Organização das Nações Unidas (ONU), em 2013, mais de 232 milhões de pessoas estavam fora de seu país de nascimento<sup>14</sup>. Acredita-se que com as “crescentes disparidades demográficas, efeitos das mudanças climáticas, nova dinâmica política e econômica mundial, revoluções tecnológicas e das redes sociais” (COGO; SOUZA, 2013, p. 16), a tendência é aumentar cada vez mais o número de migrantes.

Diante disso, as migrações transnacionais têm sido um fenômeno crescente em tempos de globalização e de redes de comunicação *online*, as quais possibilitam diversas remessas sociais, culturais e econômicas. Entre os recursos que geram e que movimentam as vidas econômica e social, tanto dos países de nascimento, quanto do país receptor desses migrantes, está a geração da força de trabalho “em âmbito global e no volume significativo de remessas que enviam regularmente a seus países de origem” (COGO; SOUZA, 2013, p. 16).

Entende-se que as constantes mudanças advindas principalmente das redes de comunicação em geral, possibilitam novas configurações do estar *aqui* e *lá* ao mesmo tempo, em que não há mais a ruptura simbólica com o país de nascimento, havendo, talvez, uma diminuição da ruptura física. Isso porque, nos dias de hoje, presenciamos trocas de informações e trocas econômicas entre o país de nascimento e o país de chegada. O uso das tecnologias da informação e da comunicação (TICS) possibilita esse

---

<sup>12</sup> “São os filhos de estrangeiros na Itália que não fizeram 18 anos e não optaram pela nacionalidade italiana ou, ainda, os ‘russos’ que nasceram na Lituânia, Letônia, Estônia, países pertencentes à República Báltica, mas que, pela lei de nacionalidade local, são considerados estrangeiros” (COGO; SOUZA, 2013, p. 15).

<sup>13</sup> Uol Notícias. Grupo de refugiados se recusa a ficar em cidade da Suécia que é “fria demais”. <http://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2015/10/29/grupo-de-refugiados-se-recusa-a-ficar-em-cidade-da-suecia-que-e-fria-demais.htm>. Acessado em: 29/11/15.

<sup>14</sup> ONU BR. Mundo tem 232 milhões de migrantes internacionais, calcula ONU. Disponível em: <http://www.onu.org.br/mundo-tem-232-milhoes-de-migrantes-internacionais-calcula-onu/>. Acessado em: 09/10/14.

ir e vir a todo o momento por parte dos migrantes, pois não há mais uma ruptura das “raízes territoriais, mas a configuração de um campo social transnacional, através do qual a comunidade de origem se transforma nos lugares de destino” (RETIS, [2014?], p. 3).

A atual mobilidade comunicacional, dada em função das TICS, “o baixo custo das passagens aéreas, acompanhado da maior facilidade de acesso aos meios de comunicação, como o computador, a internet, o telefone celular e a outras tecnologias” (BRIGNOL, 2012, p. 125), possibilitam que o migrante incorpore formas para se comunicar com quem ficou longe, o que antes era mais difícil no processo migratório, em função da demora (em muitas vezes) na chegada das cartas enviadas. Dessa forma, com as TICS, amplia-se a experiência transnacional das migrações contemporâneas, pois a mediação tecnológica possibilita esse estar *aqui e lá* ao mesmo tempo, não de forma física, mas em um contato mediado pelas TICS (BRIGNOL, 2012, p. 125).

Também observamos a importância das TICS para os migrantes brasileiros na Suécia, contribuindo para a maneira com que eles se apropriam do ambiente dos grupos no *Facebook*, de forma a criarem um espaço mínimo de identificação com a situação em que se encontram no país de migração. Diante disso, a análise do *Facebook* se faz importante, uma vez que reforça o entendimento dos usos sociais da internet por parte desses migrantes brasileiros, causando impactos nas trocas sociais, culturais e simbólicas, nas negociações identitárias em que, a todo momento, as diferenças e os conflitos são acionados e negociados, e nas “experiências de pertencimento transnacionais” (BRIGNOL, 2012, p. 125) vivenciadas nesse ambiente dos grupos.

A partir de uma observação exploratória, foram mapeados grupos, páginas, entre outros recursos do *Facebook*, a fim de se chegar aos grupos pesquisados. Percebemos, inicialmente, que esses ambientes dos grupos do *Facebook* destinados à temática de brasileiros que residem na Suécia tendem a funcionar sob a lógica de apoio e cooperação, seja pelo caráter das postagens, seja pela interação mútua entre os participantes. Além disso, há um tensionamento das questões de reconhecimento quanto às identidades, para as quais o *Facebook* contribui na experimentação da identidade migrante e das relações de interculturalidade, identidade e diferença. Assim, como objeto empírico de análise, foram delimitados os grupos “Brasileiros na Suécia/Svenskar i Brasilien”<sup>15</sup> e “Brasileiros na Suécia”<sup>16</sup>, ambos pertencentes a

---

<sup>15</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/31056827676/>. Acessado em: 25/09/14.

<sup>16</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/brasileirosnasuecia/>. Acessado em: 25/09/14.

migrantes brasileiros na Suécia. Ao longo da pesquisa, eles serão explicados mais detalhadamente.

Questionamos, diante desse contexto: quais são e como se dão os usos sociais do *Facebook* por migrantes brasileiros na Suécia, especialmente nos ambientes dos grupos selecionados? Como essas interações dão visibilidade e fomentam questões de identidade e diferença experimentadas pelos sujeitos migrantes?

Portanto, com este trabalho de dissertação, objetivamos analisar os usos sociais que migrantes brasileiros na Suécia fazem de grupos do *Facebook* relacionados às questões de identidade e diferença. Para tanto, pretendemos, mais especificamente: a) compreender como ocorrem, e se ocorrem, dinâmicas interculturais nesses ambientes comunicacionais; b) entender de que forma as questões de pertencimento são tensionadas e negociadas nos grupos; e c) discutir os fatores que levam à negociação da identidade migrante nesses ambientes. Para isso, no que diz respeito à metodologia, desenvolvemos uma pesquisa empírica, qualitativa com a combinação de diversos procedimentos metodológicos, como um formulário *online* com 30 participantes e entrevistas com dez participantes dos grupos.

De forma a reiterar a importância deste trabalho, justificamos que com a globalização e com as TICs, o acesso à informação se tornou mais facilitado; entretanto, a internet ainda não é acessível para todos, e as desigualdades<sup>17</sup> se tornam visíveis. A população mundial que acessa a internet, segundo o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (Pnud), correspondia, em 2013, a 35%. A quantidade de brasileiros que acessa a internet corresponde a 49,8% da população, sendo que o Brasil ocupa o 71º lugar no *ranking* dos países com acesso à internet. A Suécia, por sua vez, ocupa 3ª colocação, com 94% da população acessando a rede mundial de computadores<sup>18</sup>. Já em 2014, segundo a Organização das Nações Unidas (ONU), o número de usuários da internet chegava a quase 3 bilhões no mundo, cerca de 40% da população mundial, o

---

<sup>17</sup> Segundo Furlan com base no relatório independente, intitulado “Redefinindo a Exclusão Digital” foi lançado no Fórum Global de Banda Larga Móvel 2013, um evento organizado em conjunto por GSMA e Huawei os fatores que contribuem para a exclusão no acesso a internet é a renda e a acessibilidade, assim a exclusão digital corresponde a 63%, seguidos de 56% que corresponde à falta de habilidades digitais para o uso das tecnologias digitais. Disponível em: <http://b2bmagazine.consumidormoderno.uol.com.br/index.php/internet/item/3239-exclusao-digital-e-tambem-exclusao-social>. Acessado em: 15/05/15. Em 2013, segundo o portal R7, com base em um estudo realizado pela McKinsey & Company, 4,4 bilhões de indivíduos estão completamente *offline*. Disponível em: <https://tecnoblog.net/166778/4-bilhoes-offline/>. Acessado em: 02/06/15.

<sup>18</sup> Uol Notícia. Internet chega a 35% da população global, metade dos brasileiros tem acesso. Disponível em: <http://tecnologia.uol.com.br/noticias/redacao/2014/07/24/internet-chega-a-35-da-populacao-global-metade-dos-brasileiros-tem-acesso.htm>. Acessado em: 02/10/14.

que significa que mais de 4 bilhões de pessoas ainda não têm acesso à internet<sup>19</sup>. Neste novo levantamento, o Brasil ocupava o 65º lugar no *ranking* do Índice de Desenvolvimento de TIC (IDI)<sup>20</sup>, e estimava-se, a partir de cálculos da consultoria de tecnologia e *Marketer*, um total de 107,7 milhões de internautas no país, sendo considerado o 4ª país com mais acesso à internet<sup>21</sup>.

Uma das formas mais comuns de uso da Internet na atualidade é dada por meio das redes sociais *online*, a exemplo do *Facebook*. No que diz respeito a essa rede social, o Brasil foi considerado, pelo Pnud, em 2013, o 2º país que mais a acessa e o 3º país com mais perfis de usuários na rede, logo atrás dos Estados Unidos e da Índia<sup>22</sup>. Segundo uma reportagem da Folha de São Paulo, de 2013, cerca de 76 milhões<sup>23</sup> de brasileiros acessavam a rede social, configurando-se o *Facebook*, dessa forma, a maior rede social *online*. O uso que brasileiros fazem dessa rede se dá, principalmente, pela proximidade com amigos, parentes e conhecidos, além do uso da plataforma para relacionamentos amorosos, questões profissionais e entretenimento. Assim, o *Facebook* é compreendido como um site de rede social<sup>24</sup> que abriga inúmeras redes sociais<sup>25</sup>.

Ademais, é importante ressaltar que o estudo das redes sociais *online* faz parte da trajetória da pesquisadora desde a sua monografia, na qual estudou os comentários de fãs em um *blog* sobre telenovela. Portanto, a escolha de estudar grupos do *Facebook* vem dessa trajetória, e tal escolha partiu de uma observação exploratória e de delimitação do objeto de pesquisa, não sendo realizada, portanto, de forma casual. Esse ponto será melhor explorado no capítulo sobre metodologia.

<sup>19</sup> Folha de São Paulo. Internet já tem quase 3 bilhões de usuários no mundo, diz ONU. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/tec/2014/11/1553088-internet-ja-tem-quase-3-bilhoes-de-usuarios-no-mundo-diz-onu.shtml>. Acessado em: 02/06/15. COLOCAR NAS REF

<sup>20</sup> Mede a proporção de pessoas e residências com acesso à internet, telefonia fixa e móvel, mais alfabetização e nível educacional – uma forma indireta de medir se as pessoas sabem mesmo usar esses serviços (Felipe Ventura – Portal Uol). Disponível em: <http://gizmodo.uol.com.br/internet-3-bilhoes/>. Acessado em: 02/06/15.

<sup>21</sup> BBC. Brasil deve fechar 2014 como 4º país com mais acesso à internet, diz consultoria. Disponível em: [http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2014/11/141124\\_brasil\\_internet\\_pai](http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2014/11/141124_brasil_internet_pai). Acessado em: 02/06/15.

<sup>22</sup> Uol Notícia. Internet chega a 35% da população global, metade dos brasileiros tem acesso. Disponível em: <http://tecnologia.uol.com.br/noticias/redacao/2014/07/24/internet-chega-a-35-da-populacao-global-metade-dos-brasileiros-tem-acesso.htm>. Acessado em: 02/10/14.

<sup>23</sup> Folha de São Paulo. Brasil chega a 76 milhões de usuários no Facebook, mais da metade acessa do celular. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/tec/2013/08/1326267-brasil-chega-a-76-milhoes-de-usuarios-no-facebook-mais-da-metade-acessa-do-celular.shtml>. Acessado em: 02/10/14.

<sup>24</sup> Sites de redes sociais são como aqueles sistemas que permitem: 1) a construção de uma persona através de um perfil ou página pessoal; 2) a interação através de comentários; e 3) a exposição pública da rede social de cada ator (RECUERO, 2011, p. 102).

<sup>25</sup> É uma rede de pessoas, de amigos, de relacionamentos que estão em contato de forma não estruturada e não hierárquica, que tem por objetivo compartilharem informações, valores e objetivos em comum.

Quanto à escolha da Suécia, deveu-se a uma motivação pessoal da pesquisadora no momento da construção do projeto para a seleção de mestrado. Ao se deparar com as Políticas Públicas de Gênero, mais especificamente, com as questões de neutralidade de gênero no país, pretendeu-se investigar como essas questões eram debatidas por brasileiros em sites, *blogs* e demais páginas digitais, de modo comparativo ao entendimento dessas políticas por brasileiros migrantes na Suécia. Posteriormente ao ingresso no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFSM, à participação no grupo de pesquisa “Comunicação em Rede, Identidades e Cidadania” e à participação em dois grupos no *Facebook* de migrantes brasileiros na Suécia, a proposta de estudo se redesenhou e, a partir disso, visualizou-se uma oportunidade de pesquisa, uma vez que estudar as Políticas de Gênero na Suécia requeria uma observação *in locu* que, para fins de mestrado, não seria viável.

Diante desse novo cenário de pesquisa, observou-se que outro fator que contribuiu, para a escolha do tema, foi o fato de a Suécia possuir um grande número de migrantes, principalmente brasileiros, em seu território. No ano de 2010, segundo o Banco Mundial, 4.877 brasileiros viviam na Suécia<sup>26</sup>. Segundo dados do Ministério das Relações Exteriores, em 2011, o número chegou a 6.462. Observa-se, portanto, um aumento de 1.585 brasileiros de um ano para outro<sup>27</sup>. A procura pela Suécia também se dá pela facilidade de acesso ao país, pois ele faz parte, desde março de 2001, do espaço *Schengen*<sup>28</sup>, o que contribuiu para que cidadãos brasileiros não precisem de visto para viajar dentro dos países membros deste espaço, podendo ficar até 90 dias sem nenhum

<sup>26</sup> Esse dado foi publicado pelo Banco Mundial em 2010. Disponível em: <http://www.iom.int/cms/en/sites/iom/home/about-migration/world-migration.html>. Acessado em: 23/08/14.

<sup>27</sup> Ao entrar em contato, por e-mail, com a Embaixada do Brasil - Maria Célia Baptista: [celia.baptista@itamaraty.gov.br](mailto:celia.baptista@itamaraty.gov.br) - e com o setor consular em Estocolmo - [consular.estocolmo@itamaraty.gov.br](mailto:consular.estocolmo@itamaraty.gov.br) - ambos passaram a informação de que aproximadamente 6 mil brasileiros e seus descendentes moravam na Suécia em 2010. Essa informação não representa a totalidade exata do número de migrantes no país nesse período, uma vez que os migrantes não são obrigados a se cadastrarem no consulado.

<sup>28</sup> “O Visto Schengen é uma autorização emitida por um Estado Membro com a finalidade de escala aeroportuária, trânsito ou intenção de estadia de curta duração no território de um ou mais Estados Membros, permitindo que o seu portador se apresente na fronteira externa, não garantindo, contudo, a respectiva entrada, que será decidida pelas autoridades fronteiriças à sua chegada”. (Portal das Comunidades Portuguesas Vistos. Disponível em: [http://www.secomunidades.pt/VISTOS/index.php?option=com\\_content&view=article&id=153&Itemid=97&lang=pt](http://www.secomunidades.pt/VISTOS/index.php?option=com_content&view=article&id=153&Itemid=97&lang=pt). Acessado em: 15/09/14). Esse espaço compreende “22 Estados-membros da União Europeia (UE) e quatro países associados: a Islândia, a Noruega, a Suíça e o Liechtenstein” (France.fr. O que é o espaço Schengen?. Disponível em: <http://www.france.fr/pt/vir-para-franca/o-que-e-o-espaco-schengen.html>. Acessado em: 15/09/14).

pagamento de taxas<sup>29</sup>. As motivações que os levam a morar na Suécia são diversas, mas as mais recorrentes são: oportunidade de emprego, intercâmbio para aprimorar os estudos (mestrado/doutorado) e até mesmo relações afetivas.

Mediante o estado da arte que vem a contribuir para justificar a importância do estudo dos usos sociais desses migrantes nesses grupos, percebemos que há poucos estudos no contexto das pesquisas de língua brasileira sobre essa temática e que, muitas vezes, as pesquisas sobre migrações acabam sendo objeto de estudo das áreas das Ciências Sociais, Geografia e História. Além disso, as redes sociais são trabalhadas sob o viés dos relacionamentos presenciais, como redes de relacionamentos, e a questão da internet acaba não sendo abordada nas pesquisas. O estado da arte e seus desdobramentos serão apresentados na metodologia.

Em relação à estruturação dos capítulos, no primeiro, procuramos discutir teoricamente os conceitos de usos sociais das mídias e da internet, discorrer a respeito do conceito de redes sociais *online* e explanar questões acerca da cultura participativa e da interatividade. Esse capítulo está estruturado com base em Martín-Barbero, Jacks, Escosteguy, Cogo, Itânia Gomes, Jenkins, Primo, Recuero, entre outros.

No capítulo seguinte, procuramos abordar as migrações transnacionais, a identidade migrante e as questões de diferença, além de tratarmos do entendimento de interculturalidade, tomando como base autores como Grimson, Woodward, Canclini, Semprini, Retis, Blanco, entre outros.

No capítulo metodológico, procuramos discutir a respeito dos procedimentos que envolveram a pesquisa qualitativa na internet. Além disso, procuramos discorrer sobre os processos desenvolvidos no campo de pesquisa, além das ferramentas de coleta de dados que auxiliaram no trabalho. No último capítulo, procuramos trazer, de forma articulada, os resultados encontrados ao longo da pesquisa e na análise dos dados empíricos.

---

<sup>29</sup>Brasileiros em Estocolmo. Documentação Necessária para entrar na Suécia. Disponível em: <http://www.brasileirosemestocolmo.com/informa%C3%A7%C3%B5es/>. Acessado em: 15/09/14.



## 1. USOS SOCIAIS DA INTERNET E REDES SOCIAIS *ONLINE*

Neste capítulo, abordaremos a trajetória dos estudos de recepção e a perspectiva dos usos sociais das mídias. Para tal, partimos da compreensão de que, antes mesmo das telas e da internet, sempre fomos sujeitos participativos e interativos em relação aos meios de comunicação. Diante disso, ao pensar na internet e nos seus usos, discutimos como se dá essa relação com as telas, a participação e as interações entre os sujeitos na internet.

Com isso, passamos a discutir o entendimento que se tem do que são redes sociais e como elas atualmente se refletem nos sites de redes sociais *online*, a exemplo do *Facebook*. A partir disso, refletiremos, no capítulo seguinte, a importância dos usos desses sites na construção da trajetória dos migrantes, bem como nas suas construções identitárias.

### 1.1. *Os estudos de recepção na América Latina*

Os estudos culturais<sup>30</sup> enfatizam o contexto em que o processo comunicativo é realizado. Na medida em que existem negociações dos sentidos interpretados por parte dos sujeitos, há a possibilidade de se equilibrarem os poderes e a “capacidade de resistir, criticar e apropriar-se criticamente dos significados dominantes imbuídos nos produtos de troca” (OROZCO, 2010, p. 19). Essa perspectiva teórica possui diversas abordagens que assumiram seus próprios pressupostos, conforme a tradição cultural e teórica do contexto mundial em que se inserem (JACKS; ESCOSTEGUY, 2005, p. 28).

Ao nos referirmos à cultura como elemento que constitui o nosso dia-a-dia e o contato com pessoas, lugares, costumes, crenças, etc., passamos a construir significados desses elementos que fazem com que modifiquemos ou sedimentemos nossas práticas cotidianas. Por isso, a “cultura alude a nuestras prácticas, creencias y significados rutinarios, fuertemente sedimentados, mientras la identidad se refiere a nuestros sentimientos de pertenencia a un colectivo” (GRIMSON, 2010, p. 3).

---

<sup>30</sup> Os Estudos Culturais surgiram no fim dos anos 50 no *Centre for Contemporary Cultural Studies* (CCCS), na Universidade de Birmingham na Inglaterra. Os principais pesquisadores que contribuíram, na primeira fase, para pesquisas na área foram Richard Hoggart, Edward P. Thompson e Raymond Williams. Posteriormente, foi incorporado ao centro o pesquisador Stuart Hall (ESCOSTEGUY, 2010, p. 27) (JACKS; ESCOSTEGUY, 2005, p. 37-38). Assim, Stuart Hall enfatizou em seus estudos a codificação e a decodificação das leituras da mídia, e David Morley acrescentou a questão da “ideologia e da classe social e investigou as diversas formas de negociação e resistência” (RINCÓN, 2008, p. 93).



Segundo Sodré (1999, p. 46), a cultura compreende as mediações simbólicas que caracterizam os modos de abordagem ou de relacionamento com o real. Tais mediações são: a língua, as leis, as regras, os mitos, as ideologias e as obras de expressão entre o sujeito e o mundo. Sodré (1999), referindo-se a uma “unidade de identificações” ao falar da cultura, compreende que a igualdade e a diferença existem concomitantemente, sendo que é nessa unidade que os discursos e os repertórios se entrecruzam. Entende-se “unidade” não como algo estanque, mas fluido, intercambiável e mutável. Ao entrarmos em contato com outras culturas, vamos nos identificando com elas e nelas nos apropriando, formando uma unidade cultural que está sempre em transformação (SODRÉ, 1999, p. 47).

Entre as correntes<sup>31</sup> que estudam a comunicação com base na cultura, tem-se a de Jesús Martín-Barbero, que, com o uso social dos meios de comunicação, pensa a recepção a partir do sujeito e, conseqüentemente, na atividade do receptor frente aos meios de comunicação (GOMES, 2004, p. 203-204). Essa é uma perspectiva da qual nos aproximamos para refletir sobre os usos que os sujeitos migrantes estão fazendo dos grupos do *Facebook*.

A recepção, sob uma perspectiva teórico-metodológica dos estudos culturais, é considerada um meio para pensar a relação entre a cultura, a comunicação e a identidade. As diversas abordagens teórico-metodológicas dos estudos latino-americanos que tratam da recepção são marcadas pela visão cultural que os estudos culturais possibilitam a respeito dos meios de comunicação (GOMES, 2004, p. 203). A compreensão da recepção se dá a partir da análise da mensagem dos meios e/ou das audiências: a primeira é considerada uma forma cultural que comporta diversas decodificações; a segunda é definida por agentes produtores de sentidos. Na análise da recepção, a audiência é composta por sujeitos ativos que podem se apropriar dos meios de comunicação e utilizá-los de variadas maneiras (JACKS; ESCOSTEGUY, 2005, p. 42). Nesta dissertação, portanto, filiamo-nos à corrente latino-americana de recepção, segundo a qual compreendemos a audiência como produtora de sentidos na internet.

Os estudos de recepção<sup>32</sup> têm contribuído para pensarmos a comunicação no seu processo cultural. A cultura, enquanto um processo diverso, intensifica-se no cotidiano.

---

<sup>31</sup> Entre as correntes destacam-se: *Frentes culturais*, por Jorge Gonzalez; *Recepção ativa*, por Valerio Fuenzalida e Maria Elena Hermosilla; *Consumo cultural*, por Néstor García Canclini; e *Enfoque integral da audiência*, por Guillermo Orozco Gómez.

<sup>32</sup> “emergem na América Latina em meados dos anos 1980 e nascem como um movimento que pretendia apresentar uma reflexão alternativa as análises de inspiração funcionalista ou frankfurtiana que até então

Assim, os estudos de recepção se apresentam como uma estratégia para superar a ideia reducionista que considera a comunicação como meros “canais, códigos, mensagem e informação”, possibilitando compreendê-la como um modo de se inserir “no meio ambiente cultural a partir de elementos e valores ligados à vida cotidiana” (COGO, 2007, p. 3). Esses estudos também servem para pensarmos nos modos de abordagem das pesquisas sobre recepção, cuja atenção é voltada “à análise da recepção dos meios de comunicação ou às práticas de recepção midiática” (COGO, 2007, p. 2). Ou seja, ajudam-nos a pensar que os meios de comunicação não estão necessariamente implicados, voltando nossa atenção para “as pesquisas que buscam estudar a recepção a partir de processos socioculturais e comunicacionais” (COGO, 2007, p. 2).

Diante desse contexto, a análise da recepção, definida como “análise da audiência com análise de conteúdo”, de dupla natureza - qualitativa e empírica -, é interpretativa no que diz respeito aos usos dos conteúdos dos meios. Caracteriza-se, portanto, por seus procedimentos comparativos entre “o discurso dos meios e o da audiência, e entre a estrutura do conteúdo e a estrutura da resposta da audiência em relação a este conteúdo” (ESCOSTEGUY; JACKS, 2005, p. 42 - adaptado). Portanto, a análise da recepção surge como uma tentativa de produzir, segundo Martín-Barbero (1999)

una teoría de comunicación que tuviera como ejes las culturas y las prácticas comunicativas propias de América Latina, la historia de su dominación, y por lo tanto los conflictos sociales, los desequilibrios de la información en unas sociedades como las nuestras configurados tanto por los intereses privados de los medios como por las injerencias de las instituciones políticas (MARTÍN-BARBERO, 1999: s/pg).

Essas propostas teóricas de entender os processos comunicativos na recepção, segundo Gomes (2004), “apresentam um largo passo de superação na concepção dos processos comunicativos, na compreensão dos meios de comunicação no interior da sociedade, na medida em que procuram entender a recepção dos meios” (GOMES, 2004, p. 205).

A recepção dos meios é pensada a partir de “uma teoria que pretende compreender a complexidade e as contradições da experiência cultural nas sociedades contemporâneas olhando os meios de comunicação não como um aparato ou

---

predominavam. Recorre-se, então, ao pensamento de Gramsci no que ele pode significar um desbloqueio, desde o marxismo, da questão cultural e da dimensão de classe na cultura popular e possibilitar, a partir daí, uma reflexão alternativa dos problemas comunicacionais” (GOMES, 2004, p. 203).

instrumento, mas como constitutivos das próprias práticas sociais” (GOMES, 2004, p. 205). Isso se dá uma vez que a recepção não é indiferente ao lugar do receptor como sujeito ativo no processo comunicativo, sendo esse receptor determinado socioculturalmente (GOMES, 2004, p. 204).

Ao pensarmos nas investigações que, desde os anos 1990, têm se intensificado, percebemos que a questão das audiências, ou da recepção, e do consumo de meios correspondem a uma “investigação que excede os paradigmas tanto da transmissão quanto dos efeitos, exigindo uma aproximação transdisciplinar capaz de assumir sua envergadura histórica e antropológica” (MARTÍN-BARBERO, 2014, p. 11). Portanto, “do ponto de vista conceitual o que mobiliza o estudo são análises das mediações – socioeconômicas, político-culturais e técnicas – que regulam as formas de consumo e as modalidades de recepção” (MARTÍN-BARBERO, 2014, p. 11).

As quatro mediações propostas por Martín-Barbero (2009) referem-se a dois eixos centrais<sup>33</sup> para se pensar a comunicação, a cultura e a política na sociedade. A primeira mediação é a institucionalidade, a qual afeta a regulação dos discursos, nos quais há jogos de poderes e interesses. A segunda mediação corresponde à sociabilidade, que se remete às formas de relações sociais no âmbito cultural e seu reconhecimento na sociedade. A tecnicidade, terceira mediação proposta por Martín-Barbero, corresponde mais a operadores perceptivos e destrezas discursivas do que a aparatos tecnológicos. Por fim, a mediação denominada ritualidade tem sua ancoragem nos modos de ver que “regulam a interação entre os espaços e tempos da vida cotidiana” (MARTÍN-BARBERO, 2009, p. 19). Com esse mapa das mediações, Martín-Barbero (2009) tem por objetivo reconhecer que os meios de comunicação constituem importantes e múltiplas redes de poder e de produção cultural, além de reconhecer que a tecnologia medeia, não só as relações entre as pessoas e o mundo, mas também a transformação da sociedade (MARTÍN-BARBERO, 2009, p. 20).

Diante disso, as tecnologias de hoje, a exemplo do computador e da internet, levam-nos a repensar o tradicional modelo “produção-mensagem-recepção”, por tornar o processo comunicacional reduzido à ideia de “emissor-mensagem-receptor”. Essas questões conflitivas e difusas, entre as fronteiras dos emissores e dos receptores,

---

<sup>33</sup> O primeiro eixo corresponde às Matrizes Culturais e aos Formatos Industriais; o segundo, às Lógicas de Produção e às Competências de Recepção ou Consumo. A relação entre as Matrizes Culturais e os Formatos Industriais refere-se às mudanças nos “modos de produção do público que agenciam as formas hegemônicas de comunicação coletiva” (MARTÍN-BARBERO, 2009, p. 16). As Matrizes Culturais, as Competências de Recepção ou Consumo e as Lógicas de Produção são “mediadas pela sociabilidade e pelas mudanças na institucionalidade” (MARTÍN-BARBERO, 2009, p. 16).

contribuem para questionarmos “as abordagens metodológicas que possam colaborar para o entendimento de como e de que forma ocorre a recepção” (COGO, 2007, p. 8). Além disso, buscamos compreender como se dão suas inter-relações.

Ao pensarmos nas possibilidades teórico-metodológicas das pesquisas de recepção na internet, verificamos, segundo o panorama de Pieniz e Wottrich (2014)<sup>34</sup>, as investigações que tematizam a internet nos estudos de recepção, contribuições e limitações de tais possibilidades para avançarmos na área. Diante disso, as autoras observam que as pesquisas de recepção dos anos 2000 revelam mudanças nos trabalhos que ora fazem referência “a um cenário midiático tradicional, com fronteiras bem determinadas entre emissores e receptores, ora com trabalhos referentes a um cenário midiático em reconfiguração, com análises de espaços empíricos da Internet” (PIENIZ; WOTTRICH, 2014, p. 74). A maioria desses trabalhos concentra-se nas regiões sudeste e sul do Brasil, uma vez que essas regiões possuem os maiores contingentes de acesso à internet, o que não só influencia as pesquisas, como também implica “diferentes usos, práticas e fluxos, que carecem de aprofundamento através das pesquisas de recepção” (PIENIZ; WOTTRICH, 2014, p. 75-76). Do total das pesquisas apresentadas pelas autoras (31), selecionamos algumas que ajudam a pensar o trabalho que desenvolvemos.

Alguns trabalhos versam sobre a temática dos usos da internet e suas diferentes perspectivas, “enfocando a postura dos receptores na apropriação da tecnologia relacionada a múltiplos objetos de estudo” (PIENIZ; WOTTRICH, 2014, p. 77). Eles também versam sobre a participação dos sujeitos na internet (PIENIZ; WOTTRICH, 2014, p. 78), sendo os usos da internet um tema bastante recorrente nas pesquisas da década de 2000 (PIENIZ; WOTTRICH, 2014, p. 80). Quanto às questões teórico-metodológicas, a *netnografia* é utilizada a partir de entrevistas e observações (PIENIZ; WOTTRICH, 2014, p. 82). Uma das críticas apresentadas pelas autoras em relação aos trabalhos, de modo geral, é que eles “delimitam a seleção dos comentários mais com base na exploração empírica do que em orientações teórico-metodológicas, visto a escassez de estudos no campo que empreendam uma reflexão na perspectiva do receptor em relação à Internet” (PIENIZ; WOTTRICH, 2014, p. 84).

A partir de diversas teorias, outras metodologias, como a etnografia virtual, vêm sendo utilizadas, a fim de se pensar o contexto da internet. Além disso, conceitos como

---

<sup>34</sup> “Enfoca a análise na área da recepção, mas ultrapassa suas fronteiras ao inserir no *corpus* estudos de outros eixos da Comunicação, também dedicados a análise da interação entre sujeitos e Internet” (PIENIZ; WOTTRICH, 2014, p. 73).

a mediação tecnológica dão suporte a pesquisas que utilizam a internet como objeto de investigação.

Essa noção de abrangência metodológica dos estudos de recepção se deu a partir dos anos 1980, quando diversos autores passaram dedicar atenção aos estudos voltados ao cotidiano dos sujeitos e suas relações com a mídia. Para isso, foi necessário o emprego de métodos, teorias e epistemologias que dessem conta do assunto, como a etnografia e, posteriormente, sua adaptação para a internet, denominada etnografia virtual. Portanto, consideramos dialética a relação do sujeito com a mídia, pois esses estudos pretendem entender de que maneira a mídia influencia a vida dos sujeitos, e vice-versa.

A pesquisa qualitativa utilizada nesta pesquisa é compreendida como uma abordagem que contribui no âmbito dos estudos de recepção e dos usos sociais das mídias, como um elemento de análise que ajuda a compreender quais identidades, diferenças e interculturalidades circulam nesses espaços dos grupos e atribuem sentido aos usos sociais do *Facebook*.

Diante desse panorama, evidencia-se a importância dos estudos que considerem os usos sociais dos receptores na internet, uma vez que as Tecnologias de Informação e Comunicação (TICS) e os seus processos de “estruturação, gestão, produção e circulação” estão cada vez mais interconectados e “transnacionalizados”, o que é evidente nos usos realizados por parte dos receptores e nas suas formas de consumo. Atualmente, somos audiências expostas a fluxos contínuos, nos quais construímos, cada vez mais, espaços híbridos de comunicação. Somos, portanto, sujeitos transnacionais, pertencentes a diferentes territórios físicos e simbólicos (COGO, 2007, p. 8).

## 1.2. *Usos sociais das mídias e a mediação tecnológica*

A hipótese a que Martín-Barbero se refere, a “propósito das matrizes culturais da massmediação”, sobre o consumo desses produtos culturais e do espaço social e cultural que “são consumidos, olhados ou lidos” (MARTÍN-BARBERO, 2004, p. 179), consiste na maneira pela qual acessamos e consumimos as tecnologias da informação e da comunicação. O autor refere-se, também, a uma outra hipótese, segundo a qual, na América Latina, “a imposição acelerada dessas tecnologias aprofunda o processo de esquizofrenia entre a máscara de modernização que a pressão dos interesses

transnacionais realiza e as possibilidades reais de apropriação e identificação cultural” (MARTÍN-BARBERO, 2004, p. 179).

As TICS transformam nossos usos e apropriações. Diante disso, Martín-Barbero (2004) sugere duas formas por meio das quais essas tecnologias nos formulam:

Tanto na racionalidade que materializam como no seu modo de operação, essas tecnologias põem em crise a “ficção de identidade” que na maioria de nossos países é a cultura nacional. Tal como funcionam na América Latina, qualquer uma dessas tecnologias – satélites, bancos de dados, redes computadorizadas de informação etc. – ultrapassam o nível do nacional, das possibilidades de decisão econômicas e políticas de sua compra e de sua colocação em marcha. Trata-se do início de uma nova configuração cultural, da articulação das identidades a partir de uma racionalização tecnológica que se constitui em motor de um projeto de nova sociedade (MARTÍN-BARBERO, 2004, p. 181).

Há infinitos câmbios culturais, sociais, econômicos e políticos articulados à nossa configuração identitária. Portanto, a nossa identidade é posta em jogo com a racionalização tecnológica.

A segunda formulação é de que

...as novas tecnologias de comunicação [...] fazem visível o resto não-digerível, não-simulável, que desde a alteridade cultural resiste à homogeneização generalizada. Ao pretender varrer toda a diferença não-serIALIZÁVEL, a racionalidade tecnológica movimenta resistências que não se esgotam na dissidência da contracultura ou na disfuncionalidade ao modelo, já que essas resistências configuram e prefiguram um modo de sociabilidade e de sociedade outro (MARTÍN-BARBERO, 2004, p. 183).

As diferenças, antes dissimuladas e agora colocadas em pauta, ganham forma a partir das tecnologias da informação e da comunicação, juntamente com o contexto cultural e social em que os sujeitos estão inseridos. Isso significa dizer que a racionalidade tecnológica ajuda a movimentar resistências. Essas tecnologias nos fazem questionar e analisar as diferentes formas de remodelar as identidades culturais (MARTÍN-BARBERO, 2004, p. 184).

Não há um esgotamento da pluralidade das lógicas dos usos na diferença social das classes, mas sim a articulação de outras diferenças por parte de suas lógicas. “Os *habitus de classe* atravessam os usos da televisão, os modos de ver, e se manifestam na organização do tempo e dos espaços cotidianos” (MARTÍN-BARBERO, 2009, p. 302). Entretanto, não é somente o consumo da televisão, mas também o da internet, que contribui para organizar os modos de ver e ser audiência nos dias de hoje.

A variedade de usos que nós, enquanto sujeitos, fazemos não está necessariamente vinculada à quantidade de tempo em que nos dedicamos à determinada

mídia, mas sim com a qualidade do tempo, com o seu significado social e “com o tipo de demanda que as diferentes classes sociais fazem à televisão” (MARTÍN-BARBERO, 2009, p. 302). Se pensarmos novamente na internet, essas questões também podem ser aplicadas, pois o tempo dedicado não tem necessariamente a ver com a qualidade e com os usos sociais que são feitos pelos sujeitos. Assim, “as novas tecnologias de comunicação estão alterando a economia do tempo” (MARTÍN-BARBERO, 2004, p. 199-200). Vivemos em uma época em que as mudanças aceleradas transformam a instantaneidade da informação e as relações pessoais e sociais. Um tempo acelerado que desvaloriza qualquer outro tempo (MARTÍN-BARBERO, 2004, p. 199-200).

As TICS, além de trazerem uma nova economia do tempo, trazem-nos uma reconsideração dos estudos, ou seja, elas devem ser estudadas “em relação ao movimento social e não apenas a inovação tecnológica” (MARTÍN-BARBERO, 2004, p. 199-199). Devemos estudar as relações sociais que ocorrem e seus usos frente à inovação tecnológica. Os questionamentos, para não acabarmos num otimismo vazio ou em uma paranoia, devem ser feitos “em relação às virtualidades da tecnologia com seus usos sociais” para sabermos os hábitos e as tendências da nossa sociedade (MARTÍN-BARBERO, 2004, p. 201).

O caráter transversal das TICS se inscreve na cotidianidade, que afeta o funcionamento da sociedade civil (MARTÍN-BARBERO, 2004, p. 203), e nos usos sociais por parte dos receptores que ora acompanham a programação, ora subvertem o uso tradicional das mídias. Nessa perspectiva de fragmentação cultural proporcionada pelas tecnologias, cabe-nos repensar o tradicional e, talvez, “velho” modelo de comunicação de massa e suas críticas, no qual homogeneizava os gostos (MARTÍN-BARBERO, 2004, p. 205) e que, agora, passa a dar lugar a um modelo mais participativo e heterogêneo.

A tecnologia digital afeta os nossos modos de estar no mundo e de nos relacionarmos socialmente (MARTÍN-BARBERO, 2010, p. 148). As redes digitais são espaços de experimentação, de criação de sentidos e de resistências, passando pelas diversas ativações das sensibilidades e das sociabilidades dos sujeitos, considerados, antes, incapazes de atuar, criar e de interagir com a técnica (MARTÍN-BARBERO, 2010, p. 160-161). No entanto, hoje, o receptor também é considerado um produtor de sentidos, pois a comunicação assume o sentido de práticas sociais (JACKS; ESCOSTEGUY, 2005, p. 66).

Diante disso, as mídias tradicionais, assim como a internet, geram impacto nos usos sociais dos sujeitos que estão ligados a uma situação sociocultural que contribui para “reelaborarem, ressignificarem e ressemantizarem” os conteúdos massivos que recebem. Ou seja: de acordo com sua experiência cultural, que suporta, orienta os meios de apropriações e de sentidos produzidos por esses sujeitos (JACKS; ESCOSTEGUY, 2005, p. 66), eles também são produtores.

É nesse trânsito comunicacional das audiências que os receptores tornam-se, nesse novo contexto da internet, comunicantes. “Potencializam tanto a circulação dos conteúdos midiáticos como sua complexificação ao se tornarem também produtores de conteúdo” (PIENIZ; WOTTRICH, p. 74, 2014). Assim, o espaço das redes sociais *online*, por exemplo, abre as fronteiras para que receptores e produtores possam interagir. Reconfigura-se, dessa forma, a lógica tradicional de emissão e recepção, na qual os receptores “adquirem a possibilidade de estreitar contatos, aproximar distâncias e travar mais diálogos, ampliando a percepção sobre o recebido” (PIENIZ; WOTTRICH, p. 74, 2014). Reconfiguram-se, também, os usos, os quais passam a ser dinâmicos e mutáveis de acordo com o dispositivo pelo qual a audiência se conecta às redes.

Essa transformação nos modos de ser audiência e de usar a tecnologia, mostra-nos “que o que antes era circunscrito a um ambiente *off-line* e restrito aos contatos com a vizinhança e colegas de trabalho, hoje está ampliado para o círculo de contatos *on-line*” (PIENIZ; WOTTRICH, 2014, p. 74). Ou seja, estamos assistindo à televisão e ao mesmo tempo comentando a programação nas redes. Antes, esses comentários ficavam restritos a uma conversa com aqueles que estavam assistindo à televisão no mesmo ambiente físico.

[...] a televisão aberta brasileira vive um momento de profundas transformações provocadas pela convergência dos meios e pela simbiose cada vez maior entre telecomunicações, TV e informática. [...]. A Internet tem se firmado como uma plataforma estratégica de distribuição de produtos audiovisuais, inclusive conteúdos televisivos (LOPES, 2011, p. 17).

Com as transformações tecnológicas, as potencialidades ampliam-se e, com isso, adaptamo-nos a elas e aprendemos a utilizá-las conforme os nossos interesses. Com isso, “esse cenário tem produzido audiências mais instáveis, que não se mantêm mais fiéis nem a uma emissora de televisão nem ao próprio meio” (LOPES, 2011, p. 17).



As motivações nas redes são inúmeras, dentre elas a vontade de estar junto com aqueles que possuem interesses em comum e a vontade de compartilhar informações e experiências. Os sujeitos migrantes, por exemplo, compartilham experiências de identidade. Portanto, os usos sociais da internet impactam na maneira que esses sujeitos constroem as diferentes posições identitárias. Os “usos da internet são percebidos como responsáveis por um modo de atuação social, de busca de informações, de lógica de interação, de visibilidade de demandas, de organização em redes de relações que podem ser entendidos como uma renovada forma de cidadania” (BRIGNOL, 2010, p. 16) (BRIGNOL, 2012, p. 125-126).

Os meios pelos quais as pessoas têm se apropriado de relações com as redes de informação, a partir de diversas culturas ou comunidades fazem com que essas relações sejam selecionadas e desenvolvidas de modo que acabem por transformar os seus usos na vida coletiva e os novos recursos técnicos e humanos, para, assim, tornarem as relações socialmente criativas e produtivas. Isso se explica pelo fato de as TICs produzirem um “desencaixe das culturas territoriais e sua inserção nos ritmos e virtualidades do ciberespaço” (MARTÍN-BARBERO, 2010, p. 159). Os desenvolvimentos sociais proporcionados pelas TICs, assim como os dispositivos tecnológicos, têm transformado a comunicação midiática e os usos sociais.

A discursividade nas práticas sociais e suas inovações são articuladas por meio do “organizador perceptivo”, que é a tecnicidade, uma das mediações propostas por Martín-Barbero (2001; 2002; 2006), “cuja dinâmica tem materialidade histórica”. A técnica transforma as práticas sociais que dão origem a novas sociabilidades (JACKS; ESCOSTEGUY, 2005, p. 67). Por meio da noção de tecnicidade, é possível entender a técnica e, dessa forma, entender que essa categoria não se dá na ideia de *techné*, expressão grega que tem o sentido de destreza, “habilidade de fazer, mas também de argumentar, de expressar, de criar e de comunicar” (MARTÍN-BARBERO; REY, 2004, p. 11). Contudo, passa-se a usar a noção de técnica como aparato, objetivando-se, nesse sentido, a *techné* nas máquinas ou nos produtos. Diante disso, nenhuma das noções parece dar conta do que a tecnicidade representa hoje, porque “na técnica há novos modos de perceber, ver, ouvir, ler, aprender novas linguagens, novas formas de expressão, de textualidade e escrita” (MARTÍN-BARBERO; REY, 2004, p. 12).

Por fim, entendemos que a tecnicidade reformula as práticas sociais e culturais por meio da tecnologia. Muito mais que aparatos técnicos, a tecnicidade consiste em diferentes linguagens e escritas midiáticas. Segundo Ronsini (2010),

...a tecnicidade nos remete à construção de novas práticas através das diferentes linguagens midiáticas. Pensar em termos de tecnicidade significa um esforço em compreender a complexidade dos discursos (das relações de poder e do contexto histórico que os constituem). Além disso, a tecnicidade aponta para os modos como a tecnologia vai moldar a cultura e as práticas sociais (RONSINI, 2010, p. 9).

A revolução tecnológica não introduziu apenas uma quantidade de novas máquinas, mas um novo modo de se relacionar simbolicamente com os processos culturais e com a forma de produção e distribuição dos bens e dos serviços. Não há, diante disso, uma nova forma de comunicar. Pelo contrário, há uma transformação do conhecimento numa força produtiva (MARTÍN-BARBERO, 2006, p. 54). Assim, a cultura ganha espaço em nossa sociedade e passa por mudanças quando “a mediação tecnológica da comunicação transforma-se de meramente instrumental para ganhar corpo, solidez e tornar-se estrutural” (MARTÍN-BARBERO, 2006, p. 54) (MARTÍN-BARBERO, 2010, p. 149-150). A tecnologia, hoje, remete-se “a novos modos de percepção da linguagem, a novas sensibilidades e escritas” (MARTÍN-BARBERO, 2006, p. 54) (MARTÍN-BARBERO, 2010, p. 149-150).

O futuro impreciso da internet é tecido pelos imaginários da virtualidade e da velocidade, em que “a convergência da globalização e da revolução tecnológica configura um novo ecossistema de linguagens e escritas” (MARTÍN-BARBERO, 2006, p. 70). Frente ao computador, estamos interagindo com uma tecnicidade diferenciadora, ou seja: não estamos apenas frente a uma máquina, mas frente a toda uma relação que se estabelece com ela e com a rede do hipertexto - sua linguagem, sua escrita ou sua multimídia - que nos ajuda a compreender a vinculação direta entre cérebro e informação. Ao pensarmos a técnica, não podemos desvinculá-la dos movimentos que ocorrem “de integração e de exclusão, de desterritorialização e realocização, nicho no qual interagem e se misturam lógicas e temporalidades tão diversas” (OROZCO, 2006, p. 82-83).

Os processos de revitalização das identidades e a revolução das tecnicidades estão transformando o lugar da cultura em nossa sociedade (MARTÍN-BARBERO, 2006, p. 54). A rapidez com que se dá o desenvolvimento tecnológico faz com que não haja um acompanhamento da assimilação cultural, pois as mudanças na temporalidade da cultura e das tecnologias ocorrem de forma diferenciada: as TICS definem a adaptação dos atores sociais e “contextualizam sua vinculação a outros processos sociais e à produção da cultura” (OROZCO, 2006, p. 86).

A mediação tecnológica consiste nas formas em que a mídia transforma as práticas sociais e culturais e seus discursos. Nesse jogo de poder, a mídia nos proporciona formas de comunicação e informação. Ao falarmos de tecnicidades, cabe ressaltar as transformações das temporalidades, ou seja, da nossa percepção de tempo ao usarmos os aparatos técnicos, ainda mais se pensarmos no computador e, logo, nas possibilidades e limitações que as plataformas na internet nos proporcionam gozar para nos comunicarmos e nos informarmos. Diante disso, as plataformas na internet possuem um arsenal de ferramentas técnicas que nos permitem interagir e participar. Entretanto, sempre haverá limitações da técnica, sejam elas da própria plataforma ou dos sujeitos e de sua competência tecnológica para manusear determinados comandos.

As ferramentas de comunicação, como o *Facebook*, foram criadas com um propósito. Porém, sabemos que os usos sociais que os sujeitos fazem dessas ferramentas variam. Isto é: os sujeitos não se “comportam exatamente como os criadores do sistema esperam ou desejam” (SHIRKY, 2011, p. 169), subvertendo o uso tradicional programado pelos criadores do sistema e os “observadores têm o desejo de dominar a complexidade criando uma receita para a formação de comunidades bem-sucedidas” (SHIRKY, 2011, p. 169). Nisso, deseja-se dominar as técnicas e aprimorar cada vez mais as formas de uso do sistema.

### 1.3 *Cultura participativa e interatividade*

A condição comunicacional de nosso tempo (OROZCO, 2009) consiste em recolocar o comunicativo no centro, a fim de que se entendam as sociedades. Isso também consiste em uma mudança das audiências, em que, nas sociedades atuais, vão deixando de ser reconhecidas em virtude de status e de processos de recepção anônima, massiva, autoritária e desempoderada. Tais audiências eram caracterizadas por sua pouca atividade, mas começaram a ser reconhecidas como audiências ativas, cada vez mais criativas, tanto na produção, como na emissão de formas de comunicação (OROZCO, 2010, p. 16) (OROZCO, 2011, p. 388 -389).

Esse tipo de comunicação, considerada massiva, longe de contrapor uma comunicação até o momento dominante, dá espaço a um outro tipo emergente de comunicação, em que são abarcados todos os meios comunicativos, os dispositivos tecnológicos existentes e as interações das audiências com esses meios e dispositivos (OROZCO, 2011, p. 394).

Assim como todas as dimensões imagináveis, desde a mais massiva, controlada por outros, até a mais pessoal, autorregulada e personalizada pelos próprios comunicantes participantes das redes sociais. Temos que considerar que os processos de comunicação se forjam tanto pelos mesmos meios, como enfatiza Scolari (2009), como pelas audiências, cada vez mais participativas, como sustenta Alves (2010) (OROZCO, 2011, p. 394).

Essa condição permite que os participantes, nos processos interativos mediados pelas telas, desconstruam os objetos e seus referentes, não só de forma a reinterpretá-los, ressemantizá-los ou desconstruí-los simbolicamente, mas também na sua troca comunicativa. Ademais, isso modifica as “possibilidades de transformação, de criação e de participação real possível (e desejável) dos sujeitos audiência a partir de suas interações com as telas” (OROZCO, 2010, p. 16). É nessa mudança de status das audiências que acontece esse trânsito de audiências-receptivas a audiências-usuários, ou como, chamou Orozco (2010), com base em outros autores, os “prosumidores”, em que as novas telas permitem uma interatividade que transcende a mera interação simbólica com elas. Esse trânsito de audiências receptivas nos mostra que ainda que não sejam passivas, as audiências produtoras tampouco são, necessariamente, criativas ou críticas (OROZCO, 2010, p. 16) (OROZCO, 2011, p. 389).

A condição comunicacional, vista como “trânsito de ser audiências caracterizadas por atividades de recepção, a ser audiências definidas cada vez mais pelas características de criação, produção e emissão”, é tomada como um processo inclusivo e não excludente, em que as suas dimensões e seus graus completam-se. Assim, essa condição atual não anula outras dimensões nesse “*continuum*”, mas as incorpora, tornando realidade cada processo, cada dimensão, sem contraporem-se. Adiciona-se, assim, uma possibilidade dentro do comunicativo (OROZCO, 2011, p. 391).

Esse fenômeno de transformar receptores em produtores e emissores é uma das mudanças sociais mais significativas na atualidade, uma vez que se solidifica cada vez mais, sendo considerado o centro de outras mudanças em relação ao “‘estar como espectadores’, na conformação e na negociação de identidades e na produção informativa e cultural, no que se considera, portanto, como uma cultura da participação” (OROZCO, 2011, p. 389). Como veremos mais adiante com Jenkins acerca da cultura participativa e suas implicações nas audiências.

O sentido de estar no papel de audiência tem mudado de maneira significativa, não se esgotando com as novas telas, nem com outras formas de estar conectado aos

dispositivos tecnológicos. Ainda, os “antigos” meios de comunicação não se tornam obsoletos com a era digital, pois eles coexistem em uma época de interatividades e convergências. Portanto, *ser* audiência também pode mudar, mesmo que essa mudança esteja ligada à de *estar como* audiência. Esse *estar como* audiência tem se ampliado territorialmente, devido à mobilidade, à portabilidade das telas e à grande convergência em seus múltiplos sentidos (OROZCO, 2010, p. 23) (OROZCO, 2011, p. 379). Dessa maneira, não é mais necessário dividir o mesmo espaço físico para se comunicar, para assistir à televisão e para compartilhar os mesmos gostos: as novas telas facilitaram a mobilidade de contato e de comunicação. Essa onipresença das audiências incide diretamente na possibilidade de estar sempre em contato ou sempre conectado, como participantes pertencentes a uma ou a várias redes e canais ao mesmo tempo (OROZCO, 2010, p. 23).

O estar sendo audiência transforma “os limites espaço-temporais do intercâmbio societário e deslocaliza, ao mesmo tempo, a participação real dos atores” (OROZCO, 2006, p. 92). Sem saberem exatamente em que lugar se encontram no espaço e no tempo, as “diásporas e os nomadismos das audiências encontram sossegos precários nas gratificações midiáticas e tecnológicas que, não obstante sua precariedade, podem ser reconfortantes e conciliatórios com seus ímpetus legítimos de se manifestarem como cidadãos além da sala de TV e do quarto onde está o computador” (OROZCO, 2006, p. 92). Entretanto, hoje, o estar sendo audiência proporciona aos atores sociais diversos modos de interação, desde uma interação sem manifestação, até uma interação explícita, o que não necessariamente coloca essas audiências ao lado de emissores e produtores (OROZCO, 2011, p. 380). Portanto, o “eterno sujeito receptor” e as “sempre audiências” vão se tornando visíveis, vão transmitindo, tomando forma e presença amplificada e diversificada em diversas manifestações, podendo se reconhecerem como tais em seus diferentes processos, perfis e nos seus novos, velhos e reciclados papéis (OROZCO, 2011, p. 378). Logo, seguimos sendo audiências e mudando papéis; entretanto, sempre em relação às telas (OROZCO, 2011, p. 390).

Atualmente, ser audiência consiste em começar a ser rede amanhã. No entanto, os migrantes na Suécia já são rede. Ser rede significa, para os atores sociais, uma transformação na sua coesão e divisão estatutária tradicional (gênero, idade, classe social e etnia), ou nos seus critérios situacionais (trabalho, nível educacional, orientação política ou religiosa). Esses aspectos acabam por definir, cada vez mais, dentro de uma variedade de mediações, o critério transversal de segmentação midiática [“diga-me o

que vê e escutas e te direi o que gostas e sente” (OROZCO, 2006, p. 90)] e o da segmentação tecnológica [“diga-me onde navegas e com quem conversas e saberei como estás e quem és” (OROZCO, 2006, p. 91)]. Esses critérios, ao mesmo tempo em que inauguram e diferenciam segmentos a partir de interações midiáticas e informacionais específicas, enfatizam o jogo de subjetividades e de modos de percepção e reconhecimento, localizados no âmbito do simbólico, que é sempre tecnificado (OROZCO, 2006, p. 90-91).

Ser audiência também modifica os vínculos entre os atores sociais. Modifica os vínculos com o seu ambiente, com os acontecimentos, com as fontes tradicionais de informação - bairro, amigos, família, companheiros de trabalho ou de jogo - e com as fontes institucionalizadas - o governo ou a iniciativa privada. Os lugares públicos de encontro dão lugar aos espaços virtuais, e os encontros pessoais diminuem e “aumentam os contatos virtuais e as experiências vicárias (através das telas e tecnologia)” (OROZCO, 2006, p. 91).

Os modos de ser audiência, sem dúvida, variam conforme a diversidade das telas e a interatividade que ocorre por elas, isto é, “não serão resultados automáticos de estar como audiências” (OROZCO, 2010, p. 25) (OROZCO, 2011, p. 393-394). Além disso, eles também variam segundo a diversidade das culturas e das posições específicas que cada sujeito social exerce dentro dessas culturas. Portanto, ser audiência hoje é muita coisa ao mesmo tempo, pois compreende diferentes modos de estar como audiência: seja a mudança de passar de “um mero estar contemplativo, de espectadores ou receptores passivos, para receptores ativos ou hiperativos, para usuários interativos, criadores e emissores” (OROZCO, 2010, p. 25) (OROZCO, 2011, p. 393-394). Devemos reconhecer também que a tendência é deixarmos de ser audiências definidas pelos modos de estar como receptores na comunicação, para sermos audiências em função dos modos de atuar como usuários e emissores, na produção comunicativa, onde a criação e a interatividade predominam. É isso que constitui a nova “cultura da participação” (OROZCO, 2010; 2011).

De forma a atualizar a questão de ser audiência hoje, Orozco (2012) afirma que isso significava e significa “ser sempre um ‘comunicante’ mediado pela tecnologia, mais especificamente pelas telas, nas trocas sociais”. Ou seja, seremos sempre comunicantes, independentemente do tamanho das telas, “se esta é massiva ou não, se são analógicas ou digitais, se admitem uma interação somente simbólica ou material” (OROZCO, 2012, p. 42-43).

Orozco (2011) nos faz pensar a respeito dos desafios investigativos diante desses processos “com setores específicos de audiência, nos quais se poderiam evidenciar algumas das formas que adquirem as trocas de status das audiências frente às telas e às eventuais constituições em outras maneiras de ser a partir delas” (OROZCO, 2011, p. 391). Diante do ser audiência hoje, devemos dar importância, nas nossas investigações, às variadas maneiras pelas quais as audiências estão se encaminhando para uma cultura de participação (OROZCO, 2010, p. 27), “moldada pelos protocolos culturais e sociais. A participação é mais ilimitada, menos controlada pelos produtores de mídia e mais controlada pelos consumidores de mídia” (JENKINS, 2008, p. 190). Por isso, ser audiência consiste em uma reflexão para a participação. Para ser participativa, é preciso mais do que estar como audiência: é preciso ser audiência. Portanto, compreendemos a participação como um compartilhamento de ideias, informações e experiências de forma interativa.

As nossas experiências, enquanto audiências múltiplas, vão ao encontro das escolhas que realizamos em relação à redução do consumo tradicional de determinado meio de comunicação. Isso ocorre, quando, por exemplo, passa-se a consumir menos televisão em função de um aumento do consumo da internet, ou quando se dá um consumo concomitante de ambas. Segundo Shirky (2011), as escolhas infinitas são individuais, ou seja: quando “alguém simplesmente decide passar a hora seguinte falando com os amigos, jogando ou criando algo em vez de apenas” (SHIRKY, 2011, p. 16) utilizar aquele meio. No entanto, as escolhas enormes são coletivas, em que há “um somatório daquelas escolhas ínfimas feitas por milhões de pessoas”, quando “o deslocamento cumulativo de toda uma população em direção à participação permite a criação” de um site colaborativo, a exemplo do *Wikipedia* (SHIRKY, 2011, p. 16).

Estamos vivenciando, na indústria midiática, um fenômeno em que os sujeitos, sobretudo os jovens, buscam usos alternativos do seu tempo livre, “porque a noção de que ver TV era o melhor emprego do tempo livre, ratificada pelos telespectadores, foi uma característica estável da sociedade por muito tempo” (SHIRKY, 2011, p. 16). Diante disso, tornou-se um equívoco pensar que a antiga estabilidade desse comportamento permaneceria estável no futuro (SHIRKY, 2011, p. 16). As regras estão sendo reescritas e os relacionamentos entre produtores e seus públicos estão em fluxo. Assim, as indústrias da mídia compreendem que a cultura está se tornando mais participativa (JENKINS; FORD; GREEN, 2014, p. 63).

A vida social do século XX, marcada por uma instabilidade nas relações, pela dedicação prolongada a determinadas atividades, como assistir à televisão, contribuiu para um afastamento da “cultura participativa”. Agora que estamos nos tornando participativos em uma outra esfera social, precisamos voltar à expressão e ao conceito de “cultura participativa”. Mas vale lembrar que sempre houve uma determinada parcela da cultura que era participativa, como “encontros locais, eventos e performances”; do contrário, não teríamos cultura. Em determinados lugares, a cultura é mais “participativa agora do que quando vigoravam os regimes antigos do poder da mídia”. No entanto, “ainda estamos longe de alcançar algo que se assemelhe a uma participação plena” (JENKINS; FORD; GREEN, 2014, p. 64). Criarmos algo coletivamente e compartilhá-lo é uma forma antiga de cultura que ganhou uma nova mediação: a tecnologia. Isso significa dizer que a participação coletiva sempre fez parte da cultura, muito antes de a tecnologia potencializar as relações de criação e compartilhamento (SHIRKY, 2011, p. 23). O formato que a nossa cultura assumirá nas próximas décadas é um assunto que tem gerado muitas discussões, pois nesse processo intenso vemos que muitos têm enfrentado essas mudanças de maneiras e por meio de recursos desiguais (JENKINS; FORD; GREEN, 2014, p. 64).

Dentro dessa cultura da participação, os sujeitos participantes são diferentes entre si: cada um disponibiliza o seu tempo livre para participar coletivamente de variadas formas e em graus diversos, pois participar é agir de modo que a presença seja importante, “como se, quando você vê ou ouve algo, sua resposta fizesse parte do evento” (SHIRKY, 2011, p. 25). É por essa razão que em uma sociedade diversa e heterogênea não haverá plena participação dos sujeitos (JENKINS; FORD; GREEN, 2014, p. 241). Contudo, coletivamente não somos apenas sujeitos com tempo livre, somos sujeitos que determinam o seu tempo e o que é feito dele: o tempo livre é determinado “por nossa participação e pelas coisas que esperamos uns dos outros quando nos envolvemos em nossa nova conectividade” (SHIRKY, 2011, p. 31).

Diversas são as motivações que nos levam a usar o tempo livre para participarmos coletivamente em rede. Uma delas, segundo Shirky (2011), remete às motivações sociais, que só existem quando somos parte de um grupo e que reforçam as motivações pessoais. Assim, as “nossas novas redes de comunicação encorajam a participação em comunidades e o compartilhamento” (SHIRKY, 2011, p. 74). Sejam quais forem os motivos da audiência para participar, ela pode descobrir alternativas de produção e circulação de conteúdo. Em alguns casos, esses resultados de participação



“são o objeto direto da cultura participativa; em outros, são uma decorrência” (JENKINS; FORD; GREEN, 2014, p. 63).

O “advento da computação ligada em rede e a maneira como seus componentes vêm sendo absorvidos pela cultura participativa e distribuídos pelos sites de redes sociais representam uma nova configuração de práticas que já existem há muito tempo” (JENKINS; FORD; GREEN, 2014, p. 65). Práticas que consistem nas escolhas que fazemos e que determinam os nossos usos frente a essas tecnologias. Portanto, diferentes escolhas tecnológicas podem definir o uso que os sujeitos fazem dos conteúdos da mídia, “facilitando alguns e limitando outros, mas as tecnologias nunca poderão ser projetadas para controlar de maneira absoluta como o material é distribuído dentro de determinado contexto social e cultural” (JENKINS; FORD; GREEN, 2014, p. 66-67).

As plataformas digitais, como sistemas de comunicação, “oferecem oportunidades divergentes de participação, preservação e mobilidade” (JENKINS; FORD; GREEN, 2014, p. 68), que sustentam relações diferentes entre produtores e cidadãos. Diante dessas plataformas, qualquer um de nós pode encontrar sujeitos que possuem interesses em comum, pois os meios para direcionar o nosso tempo livre “são agora as novas ferramentas que recebemos, mecanismos que tanto possibilitam quanto recompensam a participação” (SHIRKY, 2011, p. 89). As motivações que nos levam a usar essas ferramentas, anteriormente mantidas na esfera privada, são antigas e próprias de cada sujeito. Agora, porém, esse potencial rompeu as barreiras e tornou-se público, pois a internet oportunizou esse deslocamento do privado para o público (SHIRKY, 2011, p. 89).

Em função dos novos meios, nossas motivações intrínsecas passaram a dispor de ferramentas que facilitam nossa comunicação e o compartilhamento de ideias. Contudo, não basta que tenhamos meios e vontade de usar o nosso tempo livre, precisamos de oportunidades, as quais são entendidas como “maneiras reais de tirar proveito de nossa capacidade de participar em conjunto do que antes consumíamos sozinhos” (SHIRKY, 2011, p. 90). Diante disso, as mudanças na forma como estamos utilizando o nosso tempo livre é evidente e nos mostra que as “redes digitais barateiam o compartilhamento e tornam a participação potencial quase universal” (SHIRKY, 2011, p. 102).

Nesse modelo mais participativo da cultura, os sujeitos deixam de ser compreendidos meramente como um grupo de consumidores de mensagens pré-

construídas e passam a ser compreendidos como sujeitos que “estão moldando, compartilhando, reconfigurando e remixando conteúdos de mídia de maneiras que não poderiam ter sido imaginadas antes” (JENKINS; FORD; GREEN, 2014, p. 24). Esses sujeitos estão participando não de forma isolada, mas de forma a fazerem parte de “comunidades mais amplas e de redes que lhes permitem propagar conteúdos muito além de sua vizinhança geográfica” (JENKINS; FORD; GREEN, 2014, p. 24).

O termo “cultura participativa”, cunhado por Henry Jenkins (1992), descreve “a produção cultural e as interações sociais de comunidades de fãs de outras modalidades de espectador”. Contudo, o conceito evoluiu e ganhou outras dimensões, referindo-se

...a uma variedade de grupos que funcionam na produção e distribuição de mídia para atender a seus interesses coletivos, de modo que diversos especialistas interligaram sua análise do fandom num discurso mais abrangente sobre a participação na mídia e por meio dela (JENKINS; FORD; GREEN, 2014, p. 24).

Diante disso, é preciso revisarmos o conceito de cultura participativa, de modo que reflitamos a realidade atual em que vivemos de um ambiente midiático modificado e em transformação:

Estamos passando de um foco inicial do fandom como uma subcultura particular para um modelo mais amplo que engloba muitos grupos que estão adquirindo maior capacidade de comunicação dentro de uma cultura em rede, e rumo a um contexto em que a produção cultural de nicho está cada vez mais influenciando o formato e a direção da mídia mainstream. Estamos passando do foco sobre o relacionamento de oposição entre fãs e produtores como forma de resistência cultural para entender como esses papéis estão cada vez mais complexamente entrelaçados. Estamos passando da celebração do crescimento de oportunidades de participação para uma perspectiva ponderada pela atenção aos obstáculos que impedem muitas pessoas de exercer uma participação significativa (JENKINS; FORD; GREEN, 2014, p. 64-65).

É preciso englobar, nessa percepção de cultura participativa, formas alternativas de sermos participativos na rede - não necessariamente considerando isso como um produto midiático ou como fãs produtores. Precisamos incluir no debate os obstáculos dessa participação significativa pelos sujeitos, além de ser necessário ampliar os nossos olhares ao que já tem sido pesquisado dentro desse viés. Ademais, precisamos avançar e pensar acerca da participação que é proposta neste trabalho, em que sujeitos migrantes estão construindo formas de participação na rede.

Conforme se tem discutido sobre a natureza da participação na era digital, conclui-se que este é um assunto complicado devido às suas complexidades, principalmente no que se refere a “questões ligadas a quem detém a propriedade das

plataformas através das quais ocorre a comunicação e como as suas agendas definem a forma como tais ferramentas podem ser empregadas”. Mesmo assim, isso faz com que concordemos com as atuais condições das comunicações ligadas em rede, “ainda que as oportunidades expandidas de participação nos deem motivos de esperança e otimismo” (JENKINS; FORD; GREEN, 2014, p.241). Por essa razão, é preciso continuar o debate por uma cultura mais participativa.

O atual modo de consumo, dentro de uma cultura participativa em busca de livre expressão, como diz Orozco (2011), serve mais do que para pensar: serve “para criar, para produzir, para situar-se como audiência na dimensão de interlocução com maior liderança, onde a criação própria seja detonante de outras comunicações em uma espiral ascendente de criatividade e empoderamento” (p. 381). Diante disso, é necessário “investigar opções e estratégias para fortalecer e ampliar uma cultura de participação cada vez mais substantiva com velhas e novas telas, dentro de redes” (OROZCO, 2011, p. 395-396).

Nesse contexto, o poder é o eixo de toda a relação comunicativa, já que é mediante a construção de significado e de seus discursos que se conquista e se exerce o poder, pois as relações de poder pressupõem a dominação e estão marcadas por ela: “é o poder que reside nas instituições da sociedade” (CASTELLS, 2009, p. 33). É na construção, no exercício e na manutenção do poder que os processos sociais acontecem. Martín-Barbero (1987), em um dos primeiros congressos latino-americanos sobre comunicação, alerta para o deslumbramento em relação aos meios e ao seu potencial tecnológico-comunicativo e afirma que o comunicativo serviria para o desenvolvimento da democracia. Porém, os meios e a comunicação, na verdade, serviriam para construir e manter a hegemonia e a manutenção daqueles que detêm o poder e os meios de produção (apud OROZCO, 2011, p. 38). Apesar de a internet e de as redes sociais *online* apresentarem uma oportunidade para uma participação mais livre e menos hegemônica, sabemos que nem todos têm acesso a essa participação, havendo ainda aqueles que detêm o controle sobre a produção, mesmo que, aparentemente, o conteúdo e as formas de participar na internet pareçam colaborativas e não hierárquicas.

Entretanto, o que marca as diferenças, os problemas que ocasionam o acesso global às telas – instrumental, cultural e epistemológico e o “despoder” ou o empoderamento - e o nosso estar e ser sujeitos sociais é o comunicativo e sua lógica de troca reativa ou não, implícita na maior parte de “nossas interações sociais, mesmo que

tenhamos ou não acesso sistemático e adequado a todas essas telas” (OROZCO, 2011, p. 388) (OROZCO, 2010, p. 15).

Todos os dias experimentamos “formas de interação ao mesmo tempo técnicas e sociais. Nossa relação com o mundo é uma relação interativa onde as ações variadas correspondem a retroações das mais diversas. Esta interação funda toda a vida em sociedade” (LEMOS, 2004, p. 112). Contudo, a interação social que corresponde às trocas relacionais cotidianas entre os sujeitos não é nosso foco. Interessa-nos a interatividade relacionada às novas mídias, embora a interatividade digital esteja sempre ligada à interação social, pois isso “pressupõe delimitar a interatividade como uma ação dialógica entre o homem e os objetos tecnológicos” (LEMOS, 2004, p. 112).

A tecnologia não está dissociada do social: ela é e sempre foi parte do social, pois “é constitutiva do homem e de toda a vida em sociedade. A interação homem-tecnologia é uma atividade tecno-social presente em todas as etapas da civilização” (LEMOS, 2004, p. 112). Com as tecnologias digitais, não ocorre à criação da interatividade, mas de “processos baseados em manipulações de informações binárias” (LEMOS, 2004, p. 112). Portanto, conclui-se que a interatividade constitui-se como uma interação, concomitantemente, técnica e social. A compreensão que temos hoje de interatividade é baseada na nova roupagem da interação técnica, “de cunho eletrônico-digital, diferente da interação analógica que caracterizou os *media* tradicionais” (LEMOS, 2004, p. 112-113).

Nesse complexo contexto de comunicação, percebemos que o computador e o seu usuário são agentes e que a evolução dessa relação homem-tecnologia se dá no sentido de uma maior valorização da interação social, em detrimento da interação técnica e do seu desaparecimento progressivo (LEMOS, 2004, p. 113). Nessa mesma perspectiva, Lemos (2004) acredita que a “interatividade digital caminha para a superação das barreiras físicas entre os agentes (homens e máquinas) e para uma interação cada vez maior do usuário com as informações, e não com os objetos” (p. 115).

Diante disso, a interatividade estrutura as relações sociais na contemporaneidade, sendo que essa interatividade, digital ou analógica, é simbólica e imaginária.

A interatividade, seja ela analógica ou digital, é baseada numa ordem mental, simbólica e imaginária, que estrutura a própria relação do homem com o mundo. O imaginário alimenta a nossa relação com a técnica e vai impregnar a própria forma de concepção das interfaces e da interatividade. Daí a utilização de metáforas como forma de interface. É a interface que possibilita

a interatividade, sendo uma “*superfície onde troca-se informações, mas também estrutura profunda onde se organizam os fluxos de informação que entram e saem*” (LEMOS, 2004, p. 115).

Desse modo, interagir não é algo que os sujeitos fazem sozinhos: eles precisam estar engajados no processo. Isso porque a interação não acontece em um vácuo, pois comunicar não é sinônimo de transmitir, e aprender não é receber. A interação é um processo no qual o sujeito se engaja em uma relação dinâmica, “desenvolvida entre os interagentes e tem por característica transformadora a recursividade” (PRIMO, 2011, p. 72).

A convergência, dentro da dimensão de interatividade, não é somente tecnológica, mas também cultural, cognitiva, linguística, situacional e estética, que ocorre não somente na confluência dos dispositivos materiais ou tecnológico-digitais, mas desde a recepção e das diferentes emissões-recepções entre os diferentes usuários envolvidos (OROZCO, 2010, p. 24-25).

Orozco (2013) apresenta pesquisas relacionadas a três níveis de interatividade, os quais consistem em: a) observação da recepção transmidiática, definida como interatividade passiva; b) interatividade ativa; e c) interatividade criativa. O primeiro nível de interatividade, a passiva, se dá quando o usuário consome os conteúdos das plataformas nas quais navega sem fazer trocas com outros usuários na rede, como se a sua presença não fosse notada, configurando-se como uma interação reativa quanto ao conteúdo de forma que não o modifica, pois apenas utiliza a plataforma de maneira “silenciosa” (OROZCO, 2013, p. 26).

O segundo nível de interatividade é a ativa, quando o usuário responde a um estímulo dado apenas dentro das próprias condições oferecidas pelo emissor, ou seja, é uma interação propositiva e crítica em relação ao conteúdo de forma a apresentar uma resposta ao estímulo dado (OROZCO, p. 26-27, 2013). Nessa mesma perspectiva, Primo (2000; 2007; 2011) a chama de sistemas interativos reativos em que o interagente efetua apenas uma resposta ao estímulo dado, um par *estímulo-resposta, ação-reação* (PRIMO, 2000, p. 87), limitando-se ao que a plataforma apresenta como incentivo de participação do usuário na rede. Ainda contextualizando os tipos de interatividade, Primo (2000; 2007; 2011) explana os sistemas interativos mútuos, os quais ocorrem pela negociação dos interagentes em rede e nos quais cada sujeito, ativo e criativo, influencia o comportamento do outro, numa troca relacional (PRIMO, 2000, p. 87).

O último nível de interatividade proposto por Orozco (2013) corresponde à criativa, a qual ocorre quando o usuário converte-se em produtor de conteúdos, de modo a criar algo a partir do que foi proposto inicialmente. O sujeito torna-se mais que um receptor na rede: ele passa a ser um produtor (OROZCO, p. 27, 2013). Essa mesma linha de pensamento é o que Jenkins (2008; 2014) denomina *cultura participativa*.

Diante desse panorama de tipos, níveis ou sistemas interativos, compreendemos que a interatividade é tanto técnica como social, ou seja, a interação digital não ocorre sem a interação social (LEMOS, 2004). Portanto, a interatividade entre os sujeitos conectados em rede ocorre participativa e colaborativamente, ou fisicamente (OROZCO, 2013).

Assim, com a internet, o sujeito tem mais recursos disponíveis para criar seu próprio percurso cognitivo de “adicionar materiais, interromper e selecionar, ir e vir” (CANCLINI, 2007, p. 75). Isso porque essa comunicação *online* modifica as formas de consumo e interatividade, não de modo a separá-las, mas de combiná-las em um mesmo dispositivo, a exemplo do celular que, como outras formas de conexão, possibilita organizar encontros presenciais, enviar mensagens, *e-mails*, ler, escutar, informar-se, entreter-se, armazenar ou descartar textos, imagens e qualquer tipo de conteúdo (CANCLINI, 2007, p. 75-76).

Diante disso, Jenkins (2008) compreende a interatividade como uma forma planejada das novas tecnologias de comunicação (como responder ao *feedback* do consumidor), sendo essa interatividade realizada em diferentes graus. Portanto, essas relações não são fixas e as “restrições da interatividade são tecnológicas” (JENKINS, 2008, p. 189-190). Ou seja: as relações dependem do que as plataformas oferecem ou restringem para que haja interação entre os sujeitos.

Compreendemos que os termos interação e interatividade não são sinônimos: enquanto o primeiro se refere às relações sociais que acontecem também no *off-line*, o segundo compreende as relações sociais mediadas por um aparato técnico. Além disso, a interatividade compreende questões próprias da internet, cujas plataformas podem fornecer mecanismos interativos como recursos técnicos para seus usuários na rede. Ressaltamos: a interatividade em si, além de ser técnica, é social.

Conclui-se, diante disso, que é a dimensão da interatividade que modifica o estar como audiência (OROZCO, 2010, p. 24) (OROZCO, 2011, p. 393), que se reverte em comunicante. Isso nos faz pensar que as futuras pesquisas sobre as interações com as telas deveriam “explorar, mostrar e compreender como estas novas opções de estar e ser

audiência repercutem e transformam também os modos de conhecer, aprender e transcender na sociedade rede” (OROZCO, 2011, p. 391). Por isso, procuramos explorar, mostrar e compreender como os sujeitos migrantes, enquanto comunicantes, estão transcendendo na sociedade rede por meio dos seus usos sociais no *Facebook*.

#### 1.4 *Redes sociais e redes sociais online*

Nesta dissertação, utilizamos o termo “redes sociais” como uma conexão de atores sociais dada de maneira desestruturada e menos hierárquica, visando ao compartilhamento de informações, valores e objetivos comuns, por entendermos que os sujeitos constroem relações sociais que vão além das conexões estabelecidas pelos sites de redes sociais na internet. Segundo Recuero (2011), uma rede social é definida como um conjunto de atores (que podem ser pessoas, instituições ou grupos) chamados “nós da rede e suas conexões”, que são as interações ou os laços sociais. Portanto, a rede social tem como característica principal a estrutura social, na qual não é possível isolar os atores sociais, nem suas conexões (RECUERO, 2011, p. 24). Compreendemos, assim, que os sujeitos em conjunto, dentro ou fora de um contexto de uma plataforma na internet, constituem uma rede social. Assim, a partir dos grupos estudados nesta dissertação, percebemos o *Facebook* como um espaço que possibilita que pessoas com objetivos em comum se conectem de forma menos hierárquica, compartilhando suas experiências de migração.

Uma rede, segundo Molina (2004), é um conjunto de relações - linhas, vínculos ou laços - entre uma série definida de elementos – nós –, e cada relação equivale a uma rede diferente (MOLINA, 2004, p. 36). Para Castells (1999), rede é um conjunto de nós conectados, em que um nó equivale a um “ponto no qual uma curva se entrecorta” e depende de tipos de redes concretas, segundo as quais a “topologia definida por redes determina que a distância (ou intensidade e frequência de interação) entre dois pontos (ou posições sociais) é menor (ou mais intensa) se ambos os pontos forem nós de uma rede do que se não pertencerem à mesma rede” (CASTELLS, 1999, p. 566). Portanto, redes “são estruturas abertas capazes de expandir de forma ilimitada, integrando novos nós desde que consigam comunicar-se dentro da rede, ou seja, desde que compartilhem os mesmos códigos de comunicação” (CASTELLS, 1999, p. 566).

Ao definirmos o que é uma rede, precisamos entender que “estamos como sociedades e como indivíduos em um cenário comunicativo múltiplo e permanente”

(OROZCO, 2010, p. 15), em que as dimensões “massiva, interativa-digital (redes sociais), interpessoal-digital (correio eletrônico) e interpessoal analógica (telefone)” (OROZCO, 2010, p. 15 - adaptado) convergem. Ou seja: essas dimensões não estão isoladas umas das outras, nem são excludentes, pois somos considerados, segundo Orozco (2010), “sociedades da comunicação”. Diante disso, as audiências determinam onde se encontram frente aos meios de comunicação, pois alguns “se localizam mais em uma dimensão que nas outras, outros se localizam em todas”. Assim, levam-se em conta as circunstâncias e as oportunidades técnicas, econômicas, culturais, políticas, de gênero e de idade, para que ocorra essa localização ou resistência de estar em contato com todos, alguns ou apenas um meio, pois nem todos buscam as dimensões mais interativas (OROZCO, 2010, p. 15).

Ugarte (2005) reflete sobre os novos fenômenos sociais e políticos para entendermos a diferença entre as redes em um mundo no qual a informação e o poder se distribuem em uma rede descentralizada e o que acontece em uma rede distribuída (UGARTE, 2005, p. 28). Entende-se que, em uma rede distribuída, todo ator individual “decide sobre si mesmo, mas carece da capacidade e da oportunidade para decidir sobre qualquer dos demais atores”. Ou seja: uma rede distribuída é composta por uma rede de iguais, embora haja nós mais conectados que outros e a tomada de decisões não aconteça de forma binária (UGARTE, 2005, p. 42). Portanto, pode-se afirmar que a informação e o poder fluem nas redes distribuídas, ao passo que aproveitar essas redes para proporcionar abundância de ideias torna-se impossível, no sentido de conter a proliferação dessa responsabilidade intuitiva que as redes sociais distribuídas apresentam. Assim, ainda há uma maneira inteligente de comunicar, em que a proliferação de conexões entre as pessoas torna-se cada vez mais certa, assim como a vantagem epistêmica da rede distribuída, entendendo-as como filtros de ideias inovadoras (UGARTE, 2005, p. 15).

Nesse sentido, assim como as redes sociais, as mensagens que são transmitidas no conjunto social são, em sua essência, dinâmicas e as relações estabelecidas mudam e se desenvolvem (UGARTE, 2005, p. 4). Porém, os sujeitos necessitam associar a sua individualização à conversão dessa identidade do grupo ou comunidade em identidade individual ou coletiva (UGARTE, 2005, p. 16).

A partir disso, percebemos que há mudanças nos formatos e nas narrativas das redes sociais. Tais mudanças desempenham impactos nas audiências-usuários, pois é nas interlocuções realizadas nas redes sociais que os participantes constroem seus



discursos e dão significado à sua participação. O que se torna um desafio “é fazer algum sentido dessa imensidade de interlocuções que a conectividade atual permite frente e a partir das diversas telas” (OROZCO, 2010, p. 27-28). O que possibilita essas interlocuções é a condição tecnológica que o comunicativo acarreta, seja de meios, de canais ou de interfaces, fatores que possibilitam a conectividade atual. Há também as condições culturais, políticas e econômicas. A condição cultural é a aquela que produz sentido e significado a partir do *estar* em determinada estrutura de rede em múltiplas convergências e dela se utilizar. As condições política e econômica são aquelas que correspondem às decisões estruturais sobre as dimensões, proporções e desenvolvimento do mundo, o que disso permanece ou não e que determinam a conectividade atual e o desenvolvimento futuro do digital em diversos países (OROZCO, 2010, p. 16).

A inovação tecnológica é como os utilizadores escolheram se apropriar socialmente dos instrumentos de mediação, contribuindo para essa mudança nas mídias e, conseqüentemente, construindo novos processos de mediação (CARDOSO, 2014, p. 1). Segundo Cardoso (2014) “ultrapassamos o modelo de comunicação baseado na comunicação em massa e encontramos-nos num modelo baseado na comunicação em rede” (CARDOSO, 2014, p. 1). Porém, para alterar o sistema midiático, é preciso mais do que a mudança tecnológica, pois aqueles que usam as mídias “moldam as suas dietas e matrizes” nos processos de mediação privado, público ou de trabalho (CARDOSO, 2014, p. 1).

O atual sistema de mídia é organizado em rede, não tanto como uma convergência tecnológica, mas como uma organização que ocorre desde a dimensão tecnológica até a organização econômica e a apropriação social. Além disso, a organização e o desenvolvimento desse sistema também dependerão de como nos utilizamos e nos apropriamos socialmente das mídias, e não simplesmente como o Estado e as empresas de mídia organizam a comunicação dada a nós (CARDOSO, 2014, p. 2).

O modelo comunicacional dominante em nossa sociedade é baseado na globalização da comunicação mundial, na articulação em rede das mídias de massa e das mídias interpessoais, na mediação em rede e nos diferentes usos da interatividade que as mídias atuais permitem (CARDOSO, 2014, p. 3; p. 9). Portanto, as ferramentas tecnológicas e suas diversidades permitem que os sujeitos escolham de que forma pretendem se comunicar, articulando uma “rede de aparelhos, conteúdos e usos”.

Estamos diariamente em contato com essa articulação em rede das mídias e seus usos, seja na rua ou em casa (CARDOSO, 2014, p. 3).

Nesse sentido, fala-se que há uma correlação entre os modelos comunicacionais e sociais, em que é levada em conta a interação entre mídia e sociedade em um processo reflexivo e interdependente. É por isso que a mediação em rede é um elemento importante para que os sujeitos atinjam os seus objetivos individuais ou coletivos de comunicação na busca por informação ou por entretenimento (CARDOSO, 2014, p. 5).

Castells (1999) discute a formação da grande mídia e sua interação com a cultura e com o comportamento social. A nova interação reúne máquinas e contextos sociais e, assim, a comunicação molda a cultura: “o surgimento de um novo sistema eletrônico de comunicação caracterizado pelo seu alcance global, integração de todos os meios de comunicação e interatividade potencial está mudando e mudará para sempre nossa cultura” (CASTELLS, 1999, p. 414).

Assim, percebemos que o modelo comunicacional das sociedades informacionais, no qual a organização social prevalece, é o da comunicação em rede. É um modelo que não substitui os anteriores, mas os articula e os integra. Nele também são produzidos novos formatos de comunicação que permitem um empoderamento dos sujeitos e uma autonomia comunicativa (CARDOSO, 2014, p. 9). Ao entendermos essa condição comunicativa contemporânea, percebemos que os antigos meios se adaptam às novas circunstâncias no momento que elas modificam seus formatos, suas programações e suas formas de se apresentarem para a audiência, acercando-se delas (OROZCO, 2010, p. 15).

Para Castells (1999), a comunicação mediada por computador não substitui os “meios de comunicação nem cria novas redes: reforça os padrões sociais pré-existentes” (CASTELLS, 1999, p. 449). Pois, como seres sociais que somos, não usamos apenas um único meio como “fonte de comunicação, informação, ação e entretenimento”; pelo contrário: usamos os meios em rede, combinando-os (CARDOSO, 2014, p. 3). Ou seja, o sistema de mídia está estruturado cada vez mais em rede, em que os sujeitos podem comunicar-se entre si, combinando várias tecnologias de comunicação, informação e entretenimento.

Diante desse contexto, ocorreram mudanças nas telecomunicações para que as redes de relacionamentos passassem para uma outra esfera social: as relações mediadas pelas TICS. Essa revolução ocorreu nos séculos XIX e XX, em que a configuração do

Estado moderno foi mudada, passando de centralizada e nacional, para descentralizada e internacional (UGARTE, p. 33, 2005).

A criação e o desenvolvimento da Internet nas três últimas décadas do século XX foram consequência de uma fusão singular de estratégia militar, isto é, com o intuito de criar um sistema de comunicação vulnerável contra ataques nucleares, com grande cooperação científica, iniciativa tecnológica e inovação contracultural (CASTELLS, 1999, p. 82).

Esse novo sistema alternativo de produção de conhecimento necessita de uma apropriação de “ferramentas pessoais de computação e uma rede global distribuída de comunicações entre elas”: tais ferramentas são o computador e a internet (UGARTE, p. 36, 2005). No final da década de 1990, houve outra mudança tecnológica na comunicação pela internet, juntamente com os novos progressos nas telecomunicações e na computação. Tal mudança acarretou a saída dos “microcomputadores e dos *mainframes* descentralizados e autônomos à computação universal por meio da interconexão de dispositivos de processamento de dados, existentes em diversos formatos” (CASTELLS, 1999, p. 89). O novo sistema tecnológico tornou possível uma rede computadorizada em torno “de servidores da *web* que usam os mesmos protocolos da Internet, e equipados com capacidade de acesso a servidores em megacomputadores” (CASTELLS, 1999, p. 89). Percebe-se que as redes interativas de computadores estão dando espaço a novas formas e canais de comunicação, moldando a vida dos sujeitos, ao mesmo tempo em que os sujeitos são moldados por essas redes (CASTELLS, 1999, p. 40).

Portanto, o aparecimento da internet permitiu a migração das mídias tradicionais analógicas para as digitais, ao mesmo tempo em que interligou as antigas e as novas mídias, analógicas ou digitais, sendo apropriadas pelos sujeitos que moldam suas formas de interação e uso das mídias em que constroem “outros tempos e lugares de escuta, ao colocar em rede usos preexistentes” (CARDOSO, 2014, p. 2).

A comunicação global horizontal que temos atualmente se deve à universalidade da linguagem digital e da lógica do sistema de comunicação em rede, em que a tecnologia digital permitiu que as mensagens de som, as imagens e os dados fossem armazenados em “uma rede capaz de comunicar seus nós sem usar centros de controle” (CASTELLS, 1999, p. 82). Diante desse contexto, o surgimento de uma sociedade em rede é resultado da interação do “desenvolvimento de novas tecnologias e a tentativa da sociedade de reaparelhar-se com o uso do poder da tecnologia para servir a tecnologia

do poder” (CASTELLS, 1999, p. 98). Surge, também, para dar conta das trocas sociais contemporânea (OROZCO, 2010, p. 14).

A sociedade-rede [que] não é um puro fenômeno de conexões tecnológicas, mas, sim, a separação sistêmica do global e do local, do público-formal e do privado-real (Appadurai), mediante a fratura de seus marcos temporais e experiência e de poder: frente a elite que habita o espaço atemporal das redes e dos fluxos globais, as maiorias em nossos países habitam o deslocamento espaço/tempo local de suas culturas, e diante da lógica do poder global se refugiam na lógica do poder que produz a identidade (MARTÍN-BARBERO, 2006, p. 60).

Segundo Brignol (2010), com base em Castells (1999), a sociedade rede possui um caráter não homogêneo, tendo apenas uma parcela da população mundial correspondente àquelas plenamente integradas, “mas que os aspectos essenciais da constituição dessa organização social condicionam ou impactam de alguma forma dimensões tão diversas quanto à economia, o conhecimento, o poder, a comunicação e a tecnologia”. Sendo assim, a sociedade rede é estrutural, social e dominante (BRIGNOL, 2010, p. 65).

Nesse fenômeno das sociedades rede, segundo Orozco (2011), com esse intenso fluxo informativo, “o significado” já não consegue por si só explicar os processos comunicativos, pois eles já não dependem apenas das trocas ou das negociações “do significado”. Para o autor, há outros elementos não semióticos – “a materialidade e a presença dos dispositivos comunicativos (Gumprecht, 2004) ou a intensidade do fluxo de comunicação multisentido” (OROZCO, 2011, p. 402) - que provocam sensações e experiências instantâneas, “sem memória e, portanto sem transcendência, que são os elementos que acabam perfilando as interações com as telas e suas ofertas de conteúdo” (OROZCO, 2011, p. 402). O autor ainda acrescenta, mais adiante, que os acessos sempre são plurais na sociedade rede e “suas diversas brechas requerem um esforço múltiplo” para a compreensão das desigualdades dos diferentes setores sociais no acesso à participação e às telas, para, posteriormente, poderem usufruir do digital e do participativo, tão mencionados hoje em dia (OROZCO, 2011, p. 404).

Com as mudanças tecnológicas, percebe-se que não é a sociabilidade que está sendo afetada, pelo contrário: adquirem-se novas formas, cores e estilos, e os serviços *online* implicam novas dependências dos usuários. Estes, para que possam exercer com maior liberdade suas diversas “interatividades”, precisam se “conectar às grandes redes e infraestruturas, as quais não administram nem controlam, nem tampouco criam” (OROZCO, 2006, p. 87-88,).

Para Castells (1999), “a lógica do funcionamento de redes, cujo símbolo é a Internet, tornou-se aplicável a todos os tipos de atividades, a todos os contextos e a todos os locais que pudessem ser conectados eletronicamente” nessa sociedade em rede que vivemos atualmente (CASTELLS, 1999, p. 89). Portanto, a internet potencializou o fato de os usuários se associarem a redes ou grupos *online* com interesses e valores em comum: assim como nas relações físicas, em que têm “interesses multidimensionais, também os terão suas afiliações *on-line*” (CASTELLS, 1999, p. 444). O uso da comunicação mediada por computador já adentrou as atividades sociais dos sujeitos, não somente na interação social casual, mas também na formação de conexões virtuais (CASTELLS, 1999, p. 447).

Desta maneira, as redes sociais *online* – ou os sites de redes sociais – tornaram-se possíveis quando a internet facilitou a propagação das redes sociais por meio de plataformas como *Facebook*, *Linkedin*, *fotolog*, *Twitter*, entre outros, que só existem mediante a criação da internet e pelas redes de contatos dos sujeitos que encontraram um meio de interagir, levando as relações presenciais para esses sites. Portanto, como diz Recuero (2011), “são ferramentas que não são atores sociais, mas representações dos atores sociais. São espaços de interação, lugares de fala, construídos pelos atores de forma a expressar elementos de sua personalidade ou individualidade” (RECUERO, 2011, p. 25-26).

Segundo Recuero (2011), a interação mediada pelo computador, ao mesmo tempo em que é causa, também mantém as relações complexas e os “tipos de valores que constroem e mantêm as redes sociais na Internet”, na qual as redes sociais são potencializadas, criando laços sociais (RECUERO, 2011, p. 36). Diante disso, os sistemas sociais e as redes sociais estão em constante mudança, o que implica o aparecimento de novos padrões estruturais. A mediação feita pelo computador é um exemplo de como se estabelecem novas formas de relações sociais entre os sujeitos, em que são criados novos padrões de interação, sociabilidade e organizações sociais. As interações, antes no espaço físico, foram transpostas para um novo espaço, o ciberespaço, em que novas estruturas sociais surgem (RECUERO, 2011, p. 88-89).

Compreendemos que os sites de redes sociais são sistemas interativos e o tipo de interação que se estabelece entre os sujeitos vai depender das ferramentas disponíveis pelas plataformas e como elas são utilizadas pelos sujeitos. Portanto, os “sites de redes sociais são os espaços utilizados para a expressão” dos sujeitos comunicantes em plataformas por meio das suas redes sociais na internet (RECUERO, 2011, p. 102). Ou

seja: esses sites são constituídos por várias redes sociais, representadas pelos sujeitos e por sua rede de contatos, que nessas plataformas interagem uns com os outros de forma a constituírem uma rede. Segundo Boyd e Ellison (2007), os sites de redes sociais são sistemas que permitem a construção de uma persona através de um perfil ou página pessoal; a interação através de comentários; e, por fim, a exposição pública da rede social de cada ator. Os sites de redes sociais seriam, segundo Recuero (2011), “uma categoria do grupo de *softwares sociais*, que seriam *softwares* com aplicação direta para a comunicação mediada por computador” (p. 102).

O funcionamento da rede social *Facebook* se dá por meio da criação de perfis ou páginas. Cada perfil tem inúmeras possibilidades de acrescentar outras ferramentas, criar comunidades, páginas ou até mesmo grupos, além de possibilitar que os internautas (com perfil ativo) interajam por meio de comentários, curtidas e compartilhamento de informações e conteúdos (vídeo, fotos, textos). O *Faceook* é considerado um sistema fechado ou privado, pois permite que apenas usuários *logados*<sup>35</sup> na plataforma tenham acesso a determinadas informações de outros perfis/usuários. Além disso, no *Facebook*, é possível restringir as publicações e demais informações para determinadas pessoas da rede de contatos. Ou seja: quem não faz parte da rede social, ou da rede de interesse no *Facebook*, não terá acesso àquilo que for postado de forma privativa ou restritiva pelo usuário. “O sistema é muitas vezes percebido como mais privado que outros sites de redes sociais, pois apenas usuários que fazem parte da mesma rede podem ver o perfil uns dos outros” (RECUERO, 2011, p. 184). Dessa forma, o *Facebook* é uma plataforma que abriga diversas redes sociais.

Como nos coloca Brignol (2010), devemos pensar também nas possibilidades que as mudanças tecnológicas implicam na vida dos sujeitos, não somente naquilo que lhes é negado ou negligenciado. Devemos pensar quais tipos de usos são feitos quando esses sujeitos em rede se apropriam da tecnologia e produzem conhecimento sobre os diversos tipos de conteúdo.

Independente dessas definições, importa refletir sobre as possibilidades de constituição múltiplas das redes sociais, que podem articular questões subjetivas e demandas sociais, indivíduos e coletivos, em dinâmicas mais institucionais ou livres associações, além de terem suas possibilidades ampliadas pela mediação tecnológica, sobretudo pelos usos da internet, em uma aproximação entre a lógica de redes das interações face a face e a sua vivência estendida e/ou transformada tecnologicamente (BRIGNOL, 2010, p. 69-70).

---

<sup>35</sup> Usuários que estão conectados ao servidor da plataforma da rede social *Facebook*. Para o acesso à plataforma é preciso cadastrar um endereço de e-mail e uma senha para *logar*.

A partir dessa explanação teórica, podemos pensar no contexto dos grupos no *Facebook* de migrantes brasileiros na Suécia, nas formas em que a tecnologia medeia às relações sociais, dentro e fora da internet, e nos usos que os migrantes fazem dessa tecnologia para construir sentidos enquanto sujeitos brasileiros e migrantes.

## 2. MIGRAÇÃO, IDENTIDADES E DIFERENÇAS

Este capítulo destina-se à discussão acerca das migrações transnacionais, pensando as questões teoricamente relacionadas à identidade e à diferença, a fim de entender quais identidades estão sendo construídas nesses espaços comunicacionais dos grupos no *Facebook*. Além disso, procura-se problematizar quais questões são tensionadas a respeito da multiculturalidade e interculturalidade, para, posteriormente, interpretarmos essas questões empiricamente.

### 2.1 *Identidade e diferença: uma aproximação conceitual*

Na atualidade, “a produção de identidades passa, necessariamente, pelas telas”, em um ciclo em que ora as telas influenciam essa produção, ora as identidades influenciam os usos que fazemos das telas, porque essas telas não são tomadas esporadicamente como ferramenta de informação ou entretenimento (OROZCO, 2010, p. 24). Mas, na medida em que os usos das telas excedem a mera soma de possibilidades, há uma produção a partir da interação com as telas: a identidade. Uma identidade “amalgamadora”, não tão essencialista; porém, uma identidade durável o suficiente para ser reconhecida, e flexível o suficiente para ser reproduzida repetidas vezes, modificada, trocada ou negociada (OROZCO, 2011, p. 392).

Como nos coloca Martín-Barbero (2004), em toda identidade há um contraponto,

[...] o da diferença. Isso significa as tecnologias enquanto prolongamento do que Muniz Sodré chama de “operação antropológica”, mediante a qual a verdade profunda da outra cultura residiria no que aquela tem em comum com a nossa, já que o outro é sempre um avatar de o mesmo, ou seja, da razão do antropólogo. E isso por dois caminhos: prolongando até hoje uma concepção evolucionista da diferença cultural segundo a qual o outro não pode ser mais que o atrasado em relação ao moderno, que é o que vai na linha do progresso condensado na racionalidade ocidental, ou aceitando uma “lógica da diferença” segundo a qual o desenvolvimento nada tem a ver com o subdesenvolvimento. [...] é a transformação da diferença em “distinção” do étnico no típico. E por esse caminho as outras culturas acabam sendo reduzidas a uma identidade refletida: culturas que só valem enquanto valorizam a Cultura com maiúscula: aquilo que nos constitui é precisamente o que nos falta. E o que nos falta hoje, e sem o qual não haverá desenvolvimento, é precisamente Tecnologia (MARTÍN-BARBERO, 2004, p. 185-186).

Com a globalização, as identidades e as culturas estão sempre em fluxo, constantemente em atualização. Por isso que “falar de identidades hoje implica também



falar de migrações e mobilidades, de rede de fluxos, de instantaneidade e fluidez” (MARTÍN-BARBERO, 2006, p. 61). Os sujeitos podem assim pertencer, ao mesmo tempo, a vários grupos ou subgrupos, sem que a sua identidade entre em conflito, pois as nossas associações, enquanto sujeitos dotados de vontade, se dão de acordo com as necessidades individuais de pertencimento profissional e pessoal.

Ao pertencermos a um determinado grupo, por compartilharmos certos códigos, nos diferenciamos de outros, isto é: aproximamo-nos daqueles que são iguais a nós e nos afastamos dos demais. Nessa dicotomia de inclusão e exclusão, as identidades são marcadas pela diferença, o que o outro é, eu não sou. No momento em que nos identificamos com determinados elementos de um grupo, de uma cultura, com seus gostos, suas experiências e suas apreciações, passamos a pertencer a esse coletivo; ao passo que, ao não compartilharmos esses elementos com os outros coletivos, nos diferenciamos. Portanto, uma identidade é sempre produzida em relação à outra – é na marcação das diferenças que as identidades são produzidas. A identidade “ocorre tanto por meio de sistemas *simbólicos* de representação quanto por meio de formas de exclusão *social*” (WOODWARD, 1999, p. 39), pois, “a diferença é aquilo que separa uma identidade da outra, estabelecendo distinções, frequentemente na forma de oposições” (WOODWARD, 1999, p. 39).

A representação atua simbolicamente para classificar o mundo e nossas relações nele. A identidade relacional é marcada pela diferença, sendo a diferença sustentada pela exclusão. Assim, sua marcação se dá por meio de símbolos. (WOODWARD, 1999, p. 8-10). A produção de uma identidade depende de um sujeito individual ou coletivo e se dá no reconhecimento dos outros. No momento em que o sujeito reconhece o outro como diferente de si, ele passa a se reconhecer, construindo, dessa forma, a sua própria identidade única ou coletiva baseada em escolhas, no diálogo e no intercâmbio com as demais identidades, aproximando-se daquelas com as quais se reconhece e afastando-se das outras em que há um estranhamento. Diante disso, “a identidade depende de um sujeito individual ou coletivo, e, portanto, vive do reconhecimento dos outros” (MARTÍN-BARBERO, 2006, p. 65-66).

As identidades são fluidas e intercambiáveis e estão em constante construção ao longo das nossas histórias de vida, baseadas no sentimento de pertencimento que se constitui na dicotomia inclusão – exclusão.

Toda e qualquer identidade é construída. [...] A construção de identidades vale-se da matéria-prima fornecida pela história, geografia, ciência, biologia, instituições produtivas e reprodutivas, pela memória coletiva e por fantasias pessoais, pelos aparatos de poder e revelações de cunho religioso. Porém, todos esses materiais são processados pelos indivíduos, grupos sociais e sociedades, que reorganizam seu significado em função de tendências sociais e projetos culturais enraizados em sua estrutura social. Bem como sua visão de tempo/espço. Avento aqui a hipótese de que, em linhas gerais, quem constrói a identidade coletiva, e para que essa identidade é construída, são em grande medida os determinantes do conteúdo simbólico dessa identidade, bem como de seu significado para aqueles que com ela se identificam ou dela se excluem. Uma vez que a construção social da identidade sempre ocorre em um contexto marcado por relações de poder (CASTELLS, 1999, p. 23-24).

A identidade e a diferença são resultados de um processo de produção simbólica e discursiva, razão pela qual, ao assumirmos aquilo que somos como sujeitos identitários, descrevemos e avaliamos aquilo que não somos. Por exemplo: ao dizer que “sou brasileiro”, digo que não “sou argentino”, ou que não “sou sueco”. Assim, digo que não sou inúmeras outras coisas que não entram no círculo daquilo que sou ou a que pertença. As relações de poder também entram nesse jogo de identidades e diferenças, pois elas não são inocentes e carregam consigo marcações de dominação e poder, quando incluímos e excluimos ou demarcamos fronteiras ou até mesmo classificamos determinadas identidades e diferenças em detrimento de outras. Diante disso, selecionamos “quem pertence e quem não pertence”, demarcamos fronteiras “do que fica fora e do que fica dentro”; nesse jogo de relações de poder fazemos separações e distinções identitárias (SILVA, 1999).

Nem toda a diferença é compreendida como negativa: ela pode ser demarcada por diversidade, heterogeneidade e hibridismo, de forma a enriquecer as identidades (WOODWARD, 1999, p. 49-50). Isso se dá, por exemplo, nos casos em que a identidade é marcada por algumas diferenças que, a exemplo de grupos étnicos, são vistas entre si “como mais importantes que outras, especialmente em lugares particulares e em momentos particulares” (WOODWARD, 1999, p. 11).

Precisamos entender que as nossas identidades individuais são construídas por meio das identidades coletivas, dos grupos aos quais pertencemos, das identidades culturais e das identidades nacionais. Isto é: somos “sujeitos fragmentados” em busca de representatividade e reconhecimento na sociedade, constituídos por identidades culturais, enquanto “as culturas nacionais em que nascemos se constituem em uma das principais fontes de identidade cultural” (HALL, 1999, p. 47). As identidades, nesse sentido, são construídas por meio das culturas nacionais, que produzem, sobre a nação, sentidos com os quais podemos nos reconhecer. As identidades não são únicas e nem

constituem uma única coisa. A negociação identitária ocorre quando há contradições no seu interior. As discrepâncias podem surgir no nível coletivo ou individual, assim como as demandas coletivas da identidade nacional (WOODWARD, 1999, p. 14-15).

O discurso da cultura nacional constrói identidades que são postas, difusamente, entre o passado e o futuro, num constante equilibrar entre os tempos. (HALL, 1999, p. 56). Nessa ambiguidade construída pela cultura nacional, a “comunidade imaginada” (BENEDICT ANDERSON, 1993) vive com as memórias do passado, com o desejo de se viver em conjunto e com a perpetuação da herança (aquilo que traz consigo na memória) (HALL, 1999, p. 58).

Hall (2003) faz uma crítica da qual se presumia que a identidade cultural era fixada no nascimento, sendo “parte da natureza, impressa através do parentesco e da linhagem dos genes, seja constitutiva de nosso eu mais interior” (HALL, 2003, p. 28). Outrossim, a migração, a dispersão de pessoas, era entendida como uma forma de os sujeitos superarem a situação de pobreza, subdesenvolvimento e falta de oportunidades (HALL, 2003, p. 28). Trata-se, assim, de uma concepção fechada de “tribo”, diáspora e pátria, em que possuir uma identidade cultural e estar em contato com um núcleo “imutável e atemporal” é ligar o passado ao futuro pelo presente, numa linha contínua (HALL, 2003, p. 29). No entanto, sabemos que a identidade não é imutável e a atemporal, mas está em constante fluxo e transformação.

Cuche (2002) relata que havia aqueles que acreditavam que a identidade era herdada e da qual não podíamos escapar, entendendo a identidade como algo dado que definiria o indivíduo e que o marcaria de maneira quase permanente. “Nesta perspectiva, a identidade cultural remeteria necessariamente ao grupo original de vinculação do indivíduo. A origem, as ‘raízes’ segundo a imagem comum, seriam o fundamento de toda identidade cultural, isto é, aquilo que definiria o indivíduo de maneira autêntica” (CUCHE, 2002, p. 178).

Essa representação quase genética da identidade seria preexistente ao indivíduo, o qual não teria alternativa de não aderir a ela, sob o risco de se tornar um desenraizado. Portanto, a identidade era considerada uma essência, intrínseca e impossível de se fazer evoluir, sobre a qual o indivíduo ou o grupo não teria nenhuma influência, sendo considerada estática e eterna (CUCHE, 2002, p. 178).

Diante disso, assumir as identidades como um fenômeno estático, hereditário ou até mesmo genético, que remete a uma coletividade definida de maneira invariável, é não considerarmos o que atualmente tem se estudado e compreendido acerca das

identidades, que considera as representações que os sujeitos fazem da realidade social e de suas divisões (CUCHE, 2002, p. 180-181). Sabemos que as identidades não são fixas e muito menos essencialistas, como algumas correntes acreditavam, assim como sabemos que nossas características identitárias não são herdadas, são construídas. Contudo, hoje compreendemos as identidades de forma ampla, social, simbólica e psíquica. Com o tempo, padrões culturais e étnicos vão se reconfigurando e, com eles, as identidades. Woodward (1999) traz um exemplo de como podemos entender essa noção de identidades essencialistas:

Uma definição essencialista da identidade “sérvia” sugeriria que existe um conjunto cristalino, autêntico, de características que todos os sérvios partilham e que não se altera ao longo do tempo. Uma definição não essencialista focalizaria as diferenças, assim como as características comuns ou partilhadas, tanto entre os próprios sérvios quanto entre os sérvios e outros grupos étnicos. Uma definição não essencialista prestaria atenção também às formas pelas quais a definição daquilo que significa ser um “sérvio” têm mudado ao longo dos séculos. Ao afirmar a primazia de uma identidade (WOODWARD, 1999, p. 12).

Portanto, as identidades são fluidas: não são essências fixas, não estão ancoradas nas diferenças que seriam permanentes e estariam presentes em todas as épocas (WOODWARD, 1999, p. 35).

Nos contextos global, local, pessoal e político, poderíamos sugerir, com base em Woodward (1999), que as identidades estariam em crise, uma vez que os processos históricos que sustentavam uma suposta fixação das identidades, “estão entrando em colapso e novas identidades estão sendo forjadas, muitas vezes por meio da luta e da contestação política” (WOODWARD, 1999, p. 39). Portanto, precisamos compreender que as identidades são produzidas em momentos particulares no tempo (WOODWARD, 1999, p. 38), envolvendo uma historicidade e refletidas no momento atual da sociedade.

A história de cada país ajuda na construção dessa identidade nacional e das diversas identidades, assim como o que é incluído e excluído nesse jogo de poder. Para Woodward (1999), “a afirmação das identidades nacionais é historicamente específica. [...]. Uma das formas pelas quais as identidades estabelecem suas reivindicações é por meio do apelo a antecedentes históricos” (WOODWARD, 1999, p. 11-12). Assim, essa construção identitária não é livre de conflito, de contestação e de uma possível crise.

Para entendermos como se dão essas relações, é preciso contextualizá-las, a fim de que possamos compreender como a identidade funciona e percebermos que, por mais fluida e construída que as identidades sejam, ainda existem “reivindicações

essencialistas sobre quem pertence e quem não pertence a um determinado grupo identitário, nas quais a identidade é vista como fixa e imutável” (WOODWARD, 1999, p. 13). Isso se dá principalmente quando são envolvidas relações de poder, as quais, muitas vezes, “estão baseadas em alguma versão essencialista da história e do passado, na qual a história é construída ou representada como uma verdade imutável” (WOODWARD, 1999, p. 13-14).

Assim como Woodward (1999), acreditamos que as condições sociais e materiais marcam as diferenças simbolicamente estabelecidas entre diversos grupos. Mesmo que saibamos que o social e o simbólico são processos diferentes, é necessário que estejam juntos para a construção e para a manutenção das identidades. Toda a prática social é simbolicamente marcada. “As identidades são diversas e cambiantes, tanto nos contextos sociais, nos quais elas são vividas, quanto nos sistemas simbólicos por meio dos quais damos sentido as nossas próprias posições” (WOODWARD, 1999, p. 33). A marcação da diferença é crucial no processo de construção das posições de identidade, em que essa diferença é reproduzida por meio de sistemas simbólicos e central nos sistemas classificatórios pelos quais os significados são produzidos. Nesse sentido, os sujeitos ganham sentido por meio da atribuição de diferentes posições em um sistema classificatório (WOODWARD, 1999).

O exame dos sistemas classificatórios contribui para conceituar a identidade, em que esses sistemas mostram de que maneira as relações sociais são organizadas e divididas. Os sistemas de classificação dão ordem à vida social e são consolidados nas falas e nos rituais e construídos pela diferença e pela forma como são marcadas (WOODWARD, 1999). A demarcação de algumas diferenças podem, nesse processo, ser ocultadas, a exemplo de que a “afirmação da identidade nacional pode omitir diferenças de classe e diferenças de gênero” (WOODWARD, 1999, p. 14).

Esses elementos contribuem para explicar como as identidades são formadas e mantidas (WOODWARD, 1999, p. 15), que os sistemas simbólicos contribuem para dar sentido à experiência (WOODWARD, 1999, p. 19).

A complexidade da vida moderna exige que assumamos diferentes identidades, mas essas diferentes identidades podem estar em conflito. Podemos viver, em nossas vidas pessoais, tensões entre nossas diferentes identidades quando aquilo que é exigido por uma identidade interfere com as exigências de uma outra (WOODWARD, 1999, p. 31-32).

Ao possuímos diferentes identidades, elas podem estar em conflito quando uma

passa a interferir na outra, gerando um choque e tensões entre nossas diferentes identidades. Os conflitos surgem das tensões entre as expectativas e as normas sociais.

A compreensão dos significados envolvidos nos sistemas de representação se dá por meio das práticas de significação e dos “sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-nos como sujeito” (WOODWARD, 1999, p. 17). É por meio desses sistemas que damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos. A representação, compreendida como um processo cultural, estabelece identidades individuais e coletivas (WOODWARD, 1999, p. 17). As formas pelas quais a cultura estabelece fronteiras e distingue a diferença são cruciais para que se compreendam as identidades, em que a cultura possui suas próprias e distintivas formas de classificar o mundo (WOODWARD, 1999, p. 41):

É pela construção de sistemas classificatórios que a cultura nos propicia os meios pelos quais podemos dar sentido ao mundo social e construir significados. Há, entre os membros de uma sociedade, um certo grau de consenso sobre como classificar as coisas a fim de manter alguma ordem social. Esses sistemas partilhados de significação são, na verdade, o que se entende por “cultura” (WOODWARD, 1999, p. 41).

Dessa forma, a classificação simbólica está intimamente relacionada à ordem social, a qual envolve um comportamento social repetido ou ritualizado, isto é, um conjunto de práticas simbólicas partilhadas (WOODWARD, 1999, p. 46).

Nesta dissertação, percebemos que os migrantes brasileiros possuem diversas identidades – relacionadas a etnia, a região, a gênero e a migração – entre as quais há tensões e negociações do que é incluído e excluído de cada uma delas na situação de migração. Ademais, esses migrantes serão sempre vistos como “o outro” em relação aos suecos, da mesma forma que eles também têm a mesma compreensão do lugar que ocupam nessa sociedade: eles não chegarão a ser suecos, mesmo que eles estejam imbuídos da cultura e da vida do país.

## *2.2 Interculturalidade, migrações transnacionais e identidade migrante*

Nesta seção, discutiremos os conceitos de migrações transnacionais, na qual faremos uma breve elucidação acerca do que compreendemos por nação, para, então, chegarmos à noção de transnacionalismo e, por fim, às migrações atuais.

A questão de nação só pode ser abordada a partir do conceito de caráter nacional, o qual é mutável. “Os membros de uma nação ligam-se por uma comunhão do

caráter num período definido; de modo algum a nação de nossa época está ligada a seus ancestrais de dois ou três milênios atrás” (BAUER, 2000, p. 46).

O caráter nacional não é explicado pelo modo que cada sujeito se comporta individualmente, mas pela “relativa semelhança de comportamento dos compatriotas num período de tempo definido” (BAUER, 2000, p. 48). No sentido das semelhanças, está a importância da língua para uma nação, entendendo-se que uma língua comum permite uma comunicação mais estreita (BAUER, 2000, p. 58).

Uma nação sem história e sem língua não existiria, pois hoje a história não pode ser mais contida dentro das “nações” e “Estados-nações”, tais como estes eram definidos política, econômica, cultural e linguisticamente. Porém, isso não significa que a história e as culturas nacionais não têm importância ou que não tiveram importância, pois continuam a ter um significado simbólico e social dentro de uma sociedade (HOBSBAWN, 1990, p. 214-215).

Segundo Hobsbawn (1990), o nacionalismo, ou qualquer que seja o sentido de fazer parte de uma “comunidade imaginada” (BENEDICT ANDERSON, 1993), não ocorre “sem a criação de Estados-nações, e um mundo de tais Estados, adequando-se aos atuais critérios de nacionalidade étnico-linguísticos, não é, hoje em dia, uma probabilidade viável” (HOBSBAWN, 1990, p. 210). Isso não quer dizer que atualmente o nacionalismo não seja evidente na política ou que haja menos nacionalismo do que antes. O que acontece, na verdade, é que apesar de sua evidência, o nacionalismo “não é mais, como antes, um programa político global, como se poderia dizer que foi no século XIX e início do século XX” (HOBSBAWN, 1990, p. 214). A mobilidade de amplas massas de população tem se intensificado, e parte desse fluxo e dessa desorientação nas sociedades, “assim como acontece com as mudanças econômicas, [...] não estão desligadas da emergência do nacionalismo local” (HOBSBAWN, 1990, p. 199). Onde quer que vivamos em uma sociedade urbanizada, encontramos estrangeiros que nos trazem à lembrança e à fragilidade de nossas próprias raízes familiares (HOBSBAWN, 1990, p. 199).

Diante desse contexto de fragilidade de nossas próprias raízes, a globalização pode contribuir para manter essa situação ou superá-la, uma vez que a globalização é posta a nós sob dois vieses<sup>36</sup>. Um deles é que a globalização acarreta um processo que domina o mercado, uniformiza os países e aprofunda as diferenças locais,

---

<sup>36</sup> O mesmo é abordado por Milton Santos, na obra “Por uma outra globalização”.

marginalizando-os cada vez mais. Essa marginalização implica uma desigualdade sistêmica que gera o aumento da pobreza, do desemprego crônico, de enfermidades (MARTÍN-BARBERO, 2014, p. 17-18), entre outras situações que geram essa marginalização que assola as diferenças nos países em função da globalização.

Por outro lado, a globalização não acarreta somente desigualdades, mas um conjunto de possibilidades, em mudanças possíveis em diversos setores sociais e culturais, como:

uma enorme e densa mistura de povos, raças, culturas e gostos que acontece hoje – embora com grandes diferenças e assimetrias – em todos os continentes, uma mistura somente possível na medida em que outras cosmovisões emergem com grande força, pondo em crise a hegemonia do racionalismo ocidental (MARTÍN-BARBERO, 2014, p. 19).

A globalização e os seus processos têm posto em evidência a questão das identidades culturais (étnicas, raciais e regionais),

a ponto de convertê-las em protagonistas de grande parte dos conflitos internacionais mais violentos e complexos dos últimos anos, ao mesmo tempo em que as identidades, incluindo as de gênero e idade, reconfiguram a força e o sentido dos laços sociais e as possibilidades de convivência no nacional e no local (MARTÍN-BARBERO, 2014, p. 23-24) (MARTÍN-BARBERO, 2010, p. 147-148).

A globalização enquanto um processo que inclui, também exclui, convertendo a cultura em um “espaço estratégico de compressão das tensões que rompem e recompõem o *estar juntos* e, também, um ponto de encontro de todas suas crises políticas, econômicas, religiosas, étnicas, estéticas e sexuais” (MARTÍN-BARBERO, 2014, p. 23-24) (MARTÍN-BARBERO, 2010, p. 147-148). Portanto, é a partir da diversidade cultural das histórias e dos territórios, das experiências e das memórias, em que não há somente resistência frente a globalização, mas também a negociação e a interação com ela, que se acabará por transformar essa globalização. Isso porque o que hoje move as identidades em prol de uma luta é a demanda de reconhecimento e de sentido, conferidos no “próprio núcleo da cultura enquanto mundo do *pertencer a* e do *compartilhar com*” (MARTÍN-BARBERO, 2014, p. 23-24) (MARTÍN-BARBERO, 2010, p. 147-148). Diante disso, atualmente, a identidade é a única capaz de atribuir força e de introduzir contradições na hegemonia instrumental (MARTÍN-BARBERO, 2014, p. 23-24) (MARTÍN-BARBERO, 2010, p. 147-148).



Diante dessas questões que a globalização nos apresenta, que até mesmo o pensamento mais otimista a respeito das possibilidades que ela enseja, de uma mistura de povos, culturas, raças e gostos, não está livre de acarretar uma desigualdade que muitas vezes é estrutural e sistêmica. É por isso que ambos os vieses sobre a globalização se dão concomitantemente e que a situação e o desenrolar dessas questões vão depender de uma organização sócio-política de cada país. Dessa forma, cabe-nos pensar que o multiculturalismo nos ajuda a pensar na problematização do assunto, uma vez que o termo - "multiculturalismo"- é utilizado, hoje, universalmente; no entanto, “sua proliferação não contribuiu para estabilizar ou esclarecer seu significado” (HALL, 2003, p. 49).

Faz-se necessária uma distinção entre os termos "multicultural" e "multiculturalismo". O primeiro refere-se às “características sociais e aos problemas de governabilidade apresentados por qualquer sociedade, na qual diferentes comunidades culturais convivem e tentam construir uma vida em comum, ao mesmo tempo em que retém algo de sua identidade ‘original’”. Já segundo refere-se às “estratégias e políticas adotadas para governar ou administrar problemas de diversidade e multiplicidade gerados pelas sociedades multiculturais” (HALL, 2003, p. 50-51). Contudo, ambos os termos são interdependentes.

O multiculturalismo coloca em pauta a questão da diferença, problematizando o lugar e os direitos das minorias em relação à maioria. Discute, também, acerca da identidade e do seu reconhecimento, em que suas especificidades encontram-se atreladas a negociações. O multiculturalismo centra-se nos problemas identitários, que implicam, muitas vezes, a concessão de direitos ou privilégios especiais ou, até mesmo, de autonomia política e governamental (SEMPRINI, 1999). Tais questões são atreladas ao convívio dentro de um Estado-nação, ou seja, aos países que possuem diversidade cultural, étnica e religiosa e que precisam lidar com as diferenças postas em pauta. Semprini (1999) distingue dois tipos de interpretação do multiculturalismo: o político e o culturalista.

O primeiro centra-se nas reivindicações das minorias na busca pelos “direitos sociais e/ou políticos específicos dentro de um Estado nacional” (SEMPRINI, 1999, p. 44). Referindo-se às diferenças entre os grupos étnicos e às minorias nacionais, com base em Will Kymlicka, Semprini (1999) afirma:

As minorias nacionais – como índios nos EUA ou os catalães na Espanha – surgem por um processo de conquista ou incorporação. Para essas minorias, o autor defende uma ampla autonomia político-administrativa, podendo até chegar a autodeterminação. Os grupos étnicos, em compensação, são resultado de um processo de imigração e constituem comunidades mais ou menos homogêneas, com base em critérios geográficos, étnicos ou religiosos. Para esses grupos, apenas um reconhecimento cultural e identitário, mas nenhum direito especial, deveria ser previsto (SEMPRINI, 1999, p. 44).

A segunda interpretação, voltada para a dimensão cultural, concentra-se nas “reivindicações de grupos que não têm necessariamente uma base ‘objetivamente’ étnica, política ou nacional” (SEMPRINI, 1999, p. 44). Definidos mais como movimentos sociais,

estruturados em torno de um sistema de valores comuns, de um estilo de vida homogêneo, de um sentimento de identidade ou pertença coletivos, ou mesmo de uma experiência de marginalização. Com frequência é esse sentimento de exclusão que leva os indivíduos a se reconhecerem, ao contrário, como possuidores de valores comuns e a se perceberem como um grupo à parte (SEMPRINI, 1999, p. 44).

As reivindicações identitárias normalmente visam a uma maior integração à comunidade nacional, e não ao distanciamento (SEMPRINI, 1999, p. 58).

Nesta pesquisa, entendemos que os migrantes brasileiros na Suécia compõem o primeiro tipo de interpretação – a política –, pois correspondem a uma base em comum: possuem a nacionalidade brasileira. Nesse caso, o multiculturalismo se dá em função de um grupo étnico nacional – brasileiros – em relação um estado nacional – a Suécia.

No entanto, as sociedades multiculturais não são algo novo, pois antes mesmo da expansão europeia, as migrações e os constantes deslocamentos dos povos têm se intensificado produzindo sociedades étnicas ou culturalmente “mistas”. Assim, o multiculturalismo não só tem se alterado, como também se intensificado. “Tornou-se mais evidente e tem ocupado um lugar central no campo da contestação política” (HALL, 2003, p. 53).

Diante disso, sabe-se que o multiculturalismo é uma ideia profundamente questionada, pois “não é a terra prometida” (HALL, 2003, p. 51-52). O multiculturalismo muitas vezes é incompreendido e julgado por comprometer ou por subverter a unidade social e política, a dinâmica de integração e por “levar os indivíduos a se fechar [em] no interior do seu grupo-étnico, religioso, racial, sexual, cultural – de pertença” (SEMPRINI, 1999, p. 129).

No entanto, a questão é mais complexa e a coesão social, dentro de um espaço multicultural, não pode ser reduzida a lógicas binárias, do tipo coesão/balcanização, ou unidade/caos. Além disso, é preciso continuar buscando formas de manifestar publicamente a importância da diversidade cultural e de integrar as contribuições dos sujeitos na sociedade (HALL, 2003, p. 52). Hall (2003) descreve uma série de processos e estratégias políticas inacabadas, pois existem distintas sociedades, multiculturais, acarretando, assim, em multiculturalismos diversos<sup>37</sup>. Diante disso, tentou-se, a partir de uma base teórica, desenvolver diversos modelos multiculturais<sup>38</sup>, em que cada um oferece uma perspectiva diferente sobre o problema da coesão (SEMPRINI, 1999, p. 134-135).

Contudo, nenhum desses modelos atuais parece ter condições de prever um espaço multicultural, levando, muitas vezes, ao seguinte questionamento: “É possível existir um espaço autenticamente multicultural?” (SEMPRINI, 1999, p. 145). Ainda não se tem uma resposta determinada para tal pergunta, mas é possível chegar a ela com base em cinco condições para formar a construção de um espaço autenticamente multicultural (SEMPRINI, 1999, p. 146).

As cinco condições apresentadas por Semprini (1999) nos indicam que é preciso haver um gerenciamento da diferença e que ela não é um problema a ser administrado, exclusivamente, na atualidade ou nos países ocidentais. A história tem nos revelado que desde as comunidades pré-industriais, “as sociedades de caráter étnico e a força das diferentes formas de totalitarismo” (SEMPRINI, 1999, p. 157), tem-se tentado lidar com a dificuldade de aceitar as diferenças. Porém, esse problema encontra mais evidência nas democracias liberais, “onde o respeito à diferença é uma das balizas constitucionais e fizeram de sua capacidade de integrá-lo um dos fundamentos de sua legitimidade e um dos principais argumentos de sua ‘superioridade’ civil e moral” (SEMPRINI, 1999, p. 157).

---

<sup>37</sup> *Multiculturalismo conservador; Multiculturalismo liberal; Multiculturalismo pluralista, Multiculturalismo comercial; Multiculturalismo corporativo* (público ou privado); *Multiculturalismo crítico ou "revolucionário"* (HALL, 2003, p. 50-51).

<sup>38</sup> O modelo *político liberal clássico*; Modelo *liberal multicultural*; Modelo *multicultural "maximalista"*; Modelo do *Multiculturalismo Combinado* – Os quatro modelos apresentados não esgotam todas as configurações possíveis de um espaço multicultural. Eles mostram, todavia, a dificuldade de conceber um espaço *autenticamente* multicultural, onde os diferentes grupos poderiam ver atendidas suas reivindicações de reconhecimento e identidade, preservando ao mesmo tempo a possibilidade de existência de uma dimensão coletiva – ultrapassando os horizontes da etnia – e de instituições igualitárias e democráticas. Nenhum modelo oferece uma solução que satisfaça estas três condições (SEMPRINI, 1999, p. 145).

A importância e a legitimidade que a noção de diferença adquiriu na cultura ocidental torna a questão multicultural difícil de ser entendida pela sociedade que tenta ou não praticá-la.

Ao mesmo tempo, as instituições políticas oriundas dessa mesma cultura não parecem estar em condições de integrar a[s] diferenças em suas atividades. Sua ideologia universalista as leva a transformar a diferença seja num estágio transitório rumo a uma ordem de coisas superior, seja num fato pessoal e privado, além do alcance de suas preocupações. Fundamentada na ideologia da igualdade, a cultura política ocidental enxerga a diferença como uma ameaça, uma antinomia, arriscando a afundá-la numa crise de identidade (SEMPRINI, 1999, p. 159).

O multiculturalismo pode, em muitos casos, mostrar a profunda crise de legitimidade, de eficácia e de perspectiva que se esconde por trás de paradigmas políticos nas sociedades ocidentais (SEMPRINI, 1999, p. 159).

Percebemos, portanto, que o multiculturalismo é um dos fatores da crise da modernidade, embora não se limite em explicar as contradições dos ideais propostos pela modernidade.

Através de certas reivindicações multiculturais, vêm-se despontando novas propostas que, bem menos estruturadas e menos coerentes, poderiam constituir a parte construtiva que o multiculturalismo oferece em troca de sua crítica de modernidade. A chave desta mutação é a transição de um paradigma político para um paradigma *ético*. A modernidade havia separado rigidamente as duas dimensões e justificado em nome de uma liberdade individual que somente poderia ser garantida se fosse distinta de uma igualdade política. Como resposta a crise desse discurso, a Ética exerce atualmente maior pressão sobre as representações coletivas e perpassa profundamente a esfera política (SEMPRINI, 1999, p. 161-162).

O multiculturalismo nos coloca questões relativas à capacidade de um sistema social integrar as diferenças, pois a experiência de viver a diferença gera tensões e resistências sob uma perspectiva sociopolítica. Percebemos, ainda, que os espaços sociais multiculturais encontram-se limitados no que diz respeito à integralização da diferença, propondo, muitas vezes, o deslocamento do problema e não a sua solução (SEMPRINI, 1999, p. 172).

Para pensarmos nessas questões de integração cultural de forma dialógica entre os dois lados envolvidos, vemos o caso do presente estudo, a relação entre os migrantes brasileiros e os suecos e suas culturas, de forma simétrica, propomo-nos pensar na ideia de interculturalidade.

A interculturalidade é uma espécie de convergência cultural que compreende a diversidade cultural a partir do processo de intercâmbio entre as diversas culturas que configuram uma rede para além das fronteiras geopolíticas nacionais.

que manobra la imposibilidad de una diversidad cultural comprendida desde arriba, esto es deseada o regulada al margen de los procesos de intercambio entre las diversas culturas, intercambio cuya caracterización más profunda ha sido propuesta Paul Ricouer al nombrarla como “entrecruce de irradiaciones” entre culturas, que se configuran en redes. Para comprender la complejidad de esa irradiación cultural. Ricour se apoya en el concepto de traducción. Pues la interculturalidad halla en la traducción su paradigma tanto histórico como modelador, ya que en ella se hacen patentes la posibilidad de una mediación entre lenguas donde hemos aprendido las verdaderas posibilidades y también los límites de todo intercambio entre culturas (MARTÍN-BARBERO, 2010, p. 142).

Diante disso, poderíamos pensar a interculturalidade sob uma noção, ainda em construção, de sustentabilidade cultural. Como uma ideia ecologista que entende a cultura sob uma perspectiva que percebe a densidade das relações entre diferentes culturas e desigualdades sociais, além do desenvolvimento proveniente dessas questões sociais e culturais (MARTÍN-BARBERO, 2014, p. 21). (MARTÍN-BARBERO, 2010, p. 144).

Segundo Canclini (1997), o "multiculturalismo" se refere ao reconhecimento da existência das diferenças culturais e identitárias e ao pluralismo que existe em meio à sociedade globalizada. No entanto, esse multiculturalismo não passa de um reconhecimento dessa diversidade, enquanto que o “interculturalismo” se refere a um diálogo com essas diferenças, compreendendo o outro e transformando seu próprio ambiente cultural e identitário (CANCLINI, 1997, p. 77-93).

Nessa fragilidade de nossas raízes, as identidades se tornam múltiplas na situação de diáspora, em que uma identidade nacional compartilha com os outros migrantes o que é pertencer a determinada cultura (HALL, 2003, p. 26-27). Além disso, encontram-se, muitas vezes, uma rescisão da integração cultural, um apagamento das diferenças e um não diálogo entre as identidades culturais.

Segundo Hall (2003) o conceito de migrações é atualmente utilizado para referir-se à saída de pessoas de um determinado território, o que pode se dar por diversas razões. Nesse contexto, possuir uma identidade cultural e étnica e ser migrante é estar em constante contato com uma origem “imutável e atemporal”, que liga o passado ao futuro e ao presente continuamente (HALL, 2003, p. 28-29). Assim, ainda hoje é possível perceber, por meio dos grupos pesquisados nesta dissertação, que ser um

migrante brasileiro é estar em constante contato com o país de nascimento, em que o passado e o futuro encontram-se ligados por um presente que tensiona essas múltiplas e concomitantes identidades que estão em jogo.

Esse constante contato entre a “origem” e o “destino”, o passado e o presente, deve-se aos avanços tecnológicos dos últimos tempos, os quais têm possibilitado uma facilidade na comunicação e no deslocamento dos sujeitos pelos territórios nacionais e internacionais, fazendo com que seja possível estar perto do resto do mundo. Dessa forma, as distâncias físicas diminuem, os movimentos se multiplicam e o contato virtual acontece com qualquer parte do mundo. Essas questões tendem a impactar não somente a quantidade de mobilidade dos sujeitos entre as atuais fronteiras, mas também as características das migrações e das relações da população de migrantes e os conceitos de “origem” e de “destino” (BLANCO, 2006, p. 20). Portanto, essas possibilidades têm contribuído para o aparecimento do fenômeno transnacional, que é compreendido pela possibilidade dos migrantes estarem em contato com aqueles que ficaram no seu país de nascimento, como por exemplo, por meio do envio de remessas ou pela comunicação com a família e amigos.

Os movimentos migratórios constituem a base do transnacionalismo, no entanto, a migração não é sinônima de transnacionalismo, pois ele compreende uma maneira particular de migrar, o que não significa que seja um fenômeno universal, e nem necessariamente da atualidade, porque nem todos os migrantes são “transmigrantes” (BLANCO, 2006). Transmigrantes são aqueles que mantêm relações próximas entre o país de nascimento e o país receptor, em que há uma polarização de suas vidas. Nesse sentido, a prática do envio das remessas para as famílias que ficaram ou as viagens para o país de origem, não constituem por si só uma característica de transnacionalismo. Para tal, é necessário que haja uma regularidade dessas práticas e que elas se mantenham constantes para que tenham efeitos reais sobre os sujeitos migrantes e sobre as sociedades de “origem” e “destino”, constituindo, assim, verdadeiras comunidades transnacionais. Portanto, as atividades (econômica, envio de remessas, políticas, culturais, comunicativas, financeiras, etc.), que os migrantes realizam entre o seu país de origem e o país receptor, só adquirem um caráter transnacional quando são práticas regulares e sistemáticas (BLANCO, 2006, p. 22). O transnacionalismo, então, é compreendido como uma eterna circulação; pode-se estar fisicamente em um lugar, mas simbolicamente pode-se estar transitando em um outro

lugar ou em vários lugares, onde identidades locais e identidades globais convivem em um mesmo território.

Os migrantes transnacionais são compreendidos como aquelas “pessoas bilíngues que se movem com facilidade entre diferentes culturas, frequentemente mantêm casas em dois países e perseguem interesses econômicos, políticos e culturais que requerem sua presença em ambos” (BLANCO, 2006, p. 21). Porém, nem todos se configuram como bilíngues e com facilidade de se movimentar entre diferentes culturas.

O transnacionalismo tem recebido inúmeras críticas e está sendo objeto de intensos debates, os quais incluem a existência do transnacionalismo como um novo fenômeno social, quando avança nas possíveis consequências sobre as sociedades atuais e na ordem social contemporânea. Portanto, alguns pesquisadores consideram que as atividades transnacionais se localizam em um “terceiro espaço” desterritorializado, outros que “as localidades e as nações preexistentes e, portanto, com capacidade para corroer e derrubar ao atual sistema do Estado-nação, ao qual transcendem” (BLANCO, 2006, p. 23).

Segundo alguns autores, a manutenção e a perpetuação da identidade de “origem” se dão devido uma suposta ausência, a nível local, das referências sociais específicas dos “transmigrantes”. Já segundo outros autores, são motivos importantes para entender a falta de integração dos migrantes nas sociedades receptoras (BLANCO, 2006, p.23-24). Talvez aí esteja um indicativo para se pensar na integração cultural desses migrantes, não só na Suécia, mas no mundo, uma vez que percebemos que questões como a língua e os costumes culturais são barreiras que, muitas vezes, impedem um diálogo maior entre a cultura dos migrantes e da sociedade que os recebeu.

*Esta sensación es especialmente intensa en el contexto norteamericano, en donde el proceso de asimilación es entendido por muchos como el único verdaderamente eficaz para eliminar la discriminación racial y la exclusión social. Los inmigrantes inmersos en redes y actividades transnacionales, en continuo contacto referencial y práctico con sus comunidades de origen, tendrían verdaderas dificultades para asimilarse en las sociedades receptoras (BLANCO, 2006, p.23-24).*

Outros pesquisadores, no entanto, se posicionam de forma contrária, considerando que as atividades transnacionais não se realizam fora das limitações e oportunidades das localidades e/ou nações de “origem” e “destino” e nem podem evitar as normas que organizam a vida desses sujeitos. Os migrantes transnacionais, em muitos casos, longe de infringir as normas econômicas, legais, de dominação, etc.

existentes, o que fazem, na verdade, é perpetuá-las sobre novas formas e condições (BLANCO, 2006, p. 24).

Segundo a *Wenner-Gren Foundation Conference*<sup>39</sup>, a necessidade de uma visão mais crítica e compreensiva a respeito dos deslocamentos migratórios na atualidade deu origem a novas aproximações sociológicas. Assim, quase a totalidade dos participantes da *Wenner-Gren Foundation Conference* concordaram que o transnacional é incorporado ao local, reconhecendo “a importância de se concentrar sobre as pessoas e suas relações”. Além disso, devido à atual conjuntura do capitalismo global, os espaços transnacionais recém-criados são os locais em que novas e múltiplas identidades interagem e que uma variedade de novas e velhas formas de poder ou dominação exercidas atuam (GLICK SCHILLER et al, 1995, p. 684).

Nessa lógica, o capitalismo exige esse constante fluxo de pessoas, no qual migrantes vivem suas vidas nas fronteiras de um Estado-Nação, mas respondem por um ou mais Estados-Nação. Por isso, em alguns casos, o migrante continua se sentindo parte do lugar do qual havia migrado. Portanto, o transnacionalismo se configura como experiências vividas nas pessoas, entre pessoas e nas famílias.

Para isso, é preciso pensar como a prática de um transnacionalismo, quando ocorre, assim como as TICs, tem impactado a vida dos migrantes, contribuindo para a construção de suas identidades. Diante disso, também é preciso pensar nas transformações sociais e culturais que as sociedades vêm sofrendo ao longo dos anos. A sociedade latino-americana, ao longo do tempo, tem se tornado estruturalmente fragmentada, na qual, concomitantemente, as comunidades culturais – desde as indígenas às juvenis urbanas, passando por algumas de suas pequenas e médias indústrias culturais – “estão se convertendo em um âmbito crucial de recriação do sentido das coletividades, de reinvenção de suas identidades, de renovação dos usos de seus patrimônios, de sua reconversão em espaço de articulação produtiva entre o local e o global” (MARTÍN-BARBERO, 2014, p. 19).

A identidade cultural, relacionada às TICs, passa por uma reinserção múltipla, na América Latina. Primeiramente, refere-se a uma questão imbricada nas questões do nacional, cuja reinserção está associada ao questionamento proveniente do transnacional (formatos e tecnologias) e do “regional” (das culturas populares). Em segundo em lugar,

---

<sup>39</sup> Organizada por Cristina Szanton Blanc, Linda Basch, e Nina Glick Schiller explorou a relação entre transnacionalismo, a rearticulação do capitalismo global, o exercício do poder do Estado, e a construção e reformulação da cultura (GLICK SCHILLER et al, 1995).



“o popular não pode significar a este respeito nenhum ranço da nostalgia nem de transparência do sentido”. Isso porque, segundo Martín-Barbero (2004), as tecnologias “não são meras ferramentas dóceis e transparentes, e não se deixam usar de qualquer modo” (MARTÍN-BARBERO, 2004, p. 191-192). As tecnologias são, em última instância, a realização de uma cultura e a dominação das relações culturais (MARTÍN-BARBERO, 2004, p. 191-192).

A relação entre cultura e comunicação aumenta e ganha densidade quando algumas das transformações culturais provêm das mutações oriundas da trama tecnológica da comunicação, em que acaba por afetar “a percepção que as comunidades culturais têm de si mesmas e seus modos de construir as identidades” (MARTÍN-BARBERO, 2014, p. 24-25) (MARTÍN-BARBERO, 2010, p. 149). Assim, a comunicação na cultura deixa de “desempenhar a figura de intermediário entre criadores e consumidores” (MARTÍN-BARBERO, 2014, p. 23) (MARTÍN-BARBERO, 2010, p. 147), para, então, dissipar essa barreira social e simbólica que existe, de maneira a descentralizar e desterritorializar “as próprias possibilidades da produção cultural e de seus dispositivos” (MARTÍN-BARBERO, 2014, p. 23) (MARTÍN-BARBERO, 2010, p. 147).

Sendo assim, se a revolução das TICs aumenta as desigualdades entre setores sociais, entre culturas e países, ela também movimenta a imaginação social das coletividades, “potencializando suas capacidades de sobrevivência e de associação, de protesto e de participação democrática, de defesa de seus direitos sociopolíticos e culturais e de ativação de sua criatividade expressiva” (MARTÍN-BARBERO, 2014, p. 19). Pois é o sentido cultural das TICs que remete à aparição, na cena social, das massas urbanas, “já que essas massas são o conteúdo no novo sujeito social que é o nacional” (MARTÍN-BARBERO, 2004, p. 195).

Diante das TICs, não podemos definir as identidades, a não ser que seja a partir dos usos que os sujeitos fazem das tecnologias que articulam memória e experiência “desde a posição relacional enquanto articulação histórica de diferença e de conflito” (MARTÍN-BARBERO, 2004, p. 185). As mediações, principalmente midiática e tecnológica, têm impactado e desgastado as identidades tradicionais:

Se na pré-modernidade as identidades se definiam mais por aspectos físicos e materiais, aliás naturais, e posteriormente, na modernidade, pelo acréscimo de certos atributos menos tangíveis ou naturais, no trânsito para esse “terceiro entorno” que Echeverría (1999) nos narra as identidades [que] são menos essencialistas e mais amalgamadoras (Martín-Barbero, 1996) e vão sendo

constituídas de mestiçagens e hibridações sedimentadas em manifestações e representações, sobretudo visuais (OROZCO, 2006, p. 93).

Embora as identidades guardem “remanescentes próprios de outras etapas e modelos identitários, os gostos e as sensações que a visualidade tecnicizada proporciona às gratificações midiáticas e tecnológicas obtidas pelos atores, vão enquadrando e prefigurando suas identidades emergentes” (OROZCO, 2006, p. 93).

A centralidade no reconhecimento e, conseqüentemente, na dependência cada vez maior das identidades, tem marcado este fenômeno identitário nessa mudança de épocas. Muito mais que a fragmentação e a volatilidade das identidades, o reconhecimento, possível somente a partir da tecnologia midiática que permite e proporciona visibilidade por meio de telas e que, cada vez mais, se torna sinônimo dessa tecnologia (OROZCO, 2006, p. 93), tem modificado as identidades pessoais e coletivas.

Enquanto a identidade pessoal está na fase embrionária de formação, a migração abre novas perspectivas e possibilidades de escolha que, em muitas ocasiões, diferem claramente da cultura do país de nascimento. Isso pode proceder em problemas de ordem moral e psicológica (BAILÉN, 2012, p. 303) por parte dos migrantes que precisam lidar com a volatilidade e com as mudanças identitárias que estão ocorrendo nesse processo.

Articulamos com Bailén (2012) o pensamento de alguns autores acerca do entendimento das questões identitárias na situação de migração, entendendo de que forma essas contribuições ajudam a descrever e formar uma compreensão dessa identidade migrante que se projeta na atualidade.

Kymlicka (1996), ao tentar quantificar o suposto esforço de integração dos migrantes, ressalta que os problemas aparecem quando culturas não liberais entram em contato em contextos liberais (BAILÉN, 2012, p. 303). Nesse sentido, podemos observar que no caso dos refugiados na Suécia, principalmente aqueles de origem islâmica, encontram o embate religioso e cultural, originários de uma cultura não liberal, frente a um contexto liberal na Suécia, principalmente no que tange às questões ligadas aos direitos humanos, das mulheres e dos LGBTs. Para Giddens (2007), a questão está na formação do “eu”, no qual “o local” e “o global” confluem (BAILÉN, 2012, p. 303).

Faist (2010) fala sobre “selfethnicization” para referir-se como o migrante se identifica quando pode escolher entre diferentes culturas. Para isso, Sharabany & Etziona Israeli (2008) utilizam o conceito de “processo dual”. Bailén (2012), entretanto,

acredita na “formação da identidade na medida em que ela influi nos processos de sociabilidade – e deles se retroalimenta – e que o número de culturas que entram em convivência não tem porquê reduzir-se” na formação identitária dos sujeitos. Ao contrário, segundo Gualda Caballero (2008), parece que o que ocorre é um “processo de reconstrução identitária” (BAILÉN, 2012, p. 303).

Nesse processo de construção das identidades em contextos multiculturais, o conceito mais desenvolvido é o de “identidade híbrida”. Porém, é necessário refletir acerca da noção, de forma que o significado atenda ou priorize somente a interculturalidade. Será que a condição de migrante é o único elemento que determina a identidade pessoal da população estrangeira residente em um país? Ademais, quando o novo contexto cultural de sobrevivência resulta totalmente estranho, não nos atreveríamos a dizer que sempre seja o elemento mais importante (BAILÉN, 2012, p. 305), por isso é importante atentar para outros fatores que os sujeitos carregam consigo ao migrar, como a cultura do país de nascimento.

Desse modo, Bailén (2012) reflete sobre os estudos que abordam a integração social e a questão do cidadão nativo ou migrante no processo migratório, o que nos ajuda a entender que a identidade pessoal do migrante não se constrói apenas e a partir do contexto cultural do país receptor, mas que ela é construída a partir de um conjunto de elementos que fomentam essa construção identitária que está sempre em transformação (BAILÉN, 2012, p. 305).

Torna-se relevante destacar que “o processo de adaptação a um novo entorno sociocultural não é igual para o homem e para a mulher, não é igual para uma pessoa com alto poder aquisitivo e para alguém que vive na pobreza, tampouco é o mesmo pertencer a uma afiliação religiosa majoritária e a uma minoritária” (BAILÉN, 2012, p. 306). Assim, de modo geral, o migrante encontra-se, nesse novo entorno sociocultural, frente a uma “acumulação de desvantagens sociais” (BAILÉN, 2012, p. 306).

...as circunstâncias migratórias são extremamente diversas (motivos e contextos de emigração diferentes, disponibilidade – ou não – de uma rede de amizades/familiares de apoio, os vínculos com os familiares que permanecem no país natal podem ser mais ou menos fortes, o migrante pode haver estado em diferente países/cidades,...) e, ao mesmo tempo, que o gênero, a classe social e a afiliação religiosa também marcam diferenças identitárias (BAILÉN, 2012, p. 306).

Os trabalhos desenvolvidos sobre a população migrante centram suas análises em segmentos sociais com baixo poder aquisitivo, como se a migração, de modo geral,

estivesse sempre associada a uma população com escassos recursos econômicos. Ainda, “no que concerne à afiliação religiosa, os estudos frequentemente desenvolvem um olhar segregacionista das religiões” (BAILÉN, 2012, p. 306). A discussão, sob esse ponto de vista, está no fato de alertar que, ao priorizar essas questões nos trabalhos, acaba-se dando mais visibilidade às diferenças, contribuindo, para a formação de estereótipos, ao evidenciar as semelhanças entre cidadãos (BAILÉN, 2012, p. 306).

Para compreendermos essa realidade mais ampla do migrante, é preciso entender que ela é diversa e singular, pois cada sujeito terá sua assimilação desse contexto migratório, mesmo que haja similaridades entre o conjunto. Por isso, que as identidades e as diferenças nos ajudam a construir e desconstruir essa realidade baseada nessa identidade migrante.

Compreendemos que na relação entre a identidade e a diferença existe dependência, o que nos leva a entender que uma não funciona sem a outra. Pois na construção da identidade migrante, por exemplo, quando afirmamos que um sujeito “é brasileiro”, estamos nos referindo a uma ampla referência identitária que não se esgota em si mesma, mas o imperativo de “ser brasileiro” implica que nessa utilização linguística estamos, subjetivamente, referindo-nos aos demais elementos e sujeitos existentes que não correspondem ao “ser brasileiro”. Do contrário, não precisamos afirmar que “somos humanos”, mas é necessário usar da linguagem e do discurso para nos posicionarmos enquanto sujeitos pertencentes à determinada identidade, seja ela brasileira ou quaisquer outras identidades que podemos carregar conosco ao longo da vida. Segundo Silva (1999), “em um mundo imaginário totalmente homogêneo, no qual todas as pessoas partilhassem a mesma identidade, as afirmações de identidade não fariam sentido. De certa forma, é exatamente isto que ocorre com nossa identidade de ‘humanos’” (SILVA, 1999, p. 74-75).

Assim, a identidade e a diferença são resultados de um processo de produção simbólico e discursivo, razão pela qual, ao assumirmos aquilo que somos como sujeitos identitários, descrevemos e avaliamos aquilo que não somos, ou seja, não sou inúmeras outras coisas que não entram no círculo daquilo que sou ou pertencço.

Diante da questão de pertencimento, percebemos que a viagem, a saída do país de nascimento, faz com que o viajante sinta-se um “estrangeiro”, posicionando-o, ainda que temporariamente, como o “outro”. Esse deslocar-se proporciona a experiência do “não sentir-se em casa” que, “na perspectiva da teia cultural contemporânea, caracteriza, na verdade, toda identidade cultural.” (SILVA, 1999, p. 88). Nessa situação de

estrangeiro, viajante ou outro, experimentamos as inseguranças e as vantagens da instabilidade e da precariedade das identidades. É no movimento entre fronteiras que a instabilidade das identidades é posta em evidência, pois é no seu limite, na fronteira, que a precariedade identitária se torna mais visível (SILVA, 1999, p. 88-89).

Portanto, ao quisermos considerar a identidade como algo estanque ou monolítico, não compreenderemos que é um fenômeno misto em toda a sociedade. Assim, também os migrantes possuem essa identidade mista, nesse misto cultural que se encontram, em que essas identidades não são conflitivas, mas agregadoras, transformando o sujeito naquilo que são. Segundo Cuche (2002), “cada um faz a partir de suas diversas vinculações sociais (de sexo, de idade, de classe social, de grupo cultural...), o indivíduo que faz parte de várias culturas fabrica sua própria identidade fazendo uma síntese original a partir destes diferentes materiais” (CUCHE, 2002, p. 192-193), compondo, assim, uma identidade sincrética, misturada. Portanto, “as migrações internacionais multiplicaram esses fenômenos de identidade sincrética, cujo resultado desafia as expectativas, sobretudo quando elas são baseadas em uma concepção exclusiva da identidade” (CUCHE, 2002, p. 192-193).

Cogo (2006) descreve o que compreendemos por essa identidade migrante transmutável entre os tempos, os espaços e as culturas.

Essa complexa teia de relações interculturais repercute na formação dos processos identitários a partir da constituição, pelos migrantes, de múltiplas e fluidas identidades fundamentadas ao mesmo tempo nas sociedades de origem e nas “adotivas”. Enquanto alguns migrantes identificam-se mais com uma sociedade do que com a outra, a maioria parece desenvolver várias identidades, relacionando-se simultaneamente com mais de uma nação. Ao manter muitas e diferentes identidades raciais, nacionais e étnicas, segundo Ianni, “os transmigrantes tornam-se aptos para expressar as suas resistências às situações econômicas e políticas globais que os envolvem, bem como para se ajustarem às condições de vida marcadas pela vulnerabilidade e a insegurança” (COGO, 2006, p. 14).

Assim, podemos afirmar que a identidade é composta pelas diferenças daquilo a que não pertencemos ou fazemos parte, compreendendo, nesse sentido, uma variedade de significações e agregações do que os sujeitos são e carregam consigo, numa constante transformação desse “ser”. As identidades são complexas e estão sempre em intercâmbio, por isso não são fixas. Diante disso, a identidade migrante compreende essa flexibilidade, essa mutação e essa assimilação da cultura por onde o migrante circula. Carregam em sua bagagem identitária um misto de experiências,

pertencimentos, discursos, linguagens, sentidos e apropriações do universo migratório, da interculturalidade e do transnacionalismo.

Portanto, ser migrante, hoje, é ser um sujeito que está aqui e lá ao mesmo tempo, em que se assumem múltiplas vinculações e posicionamentos físicos, simbólicos, sociais e culturais. O migrante atual é híbrido, pertencente a diferentes territórios geográficos e simbólicos.

### 3. PERCURSO METODOLÓGICO: PESQUISA QUALITATIVA COM MÚLTIPLOS PROCEDIMENTOS

Neste capítulo, partimos do estado da arte para compreendermos de que forma as questões sobre migrações e redes sociais estão sendo trabalhadas e de que forma esses trabalhos ajudam a pensar a metodologia empregada nesta dissertação. Também neste capítulo, abordaremos o percurso metodológico, que combina diversos procedimentos no ambiente *online* que dá suporte para o desenvolvimento desta pesquisa.

#### 3.1 Estado da Arte

O estado da arte contribuiu para verificarmos os trabalhos que abordam a temática das redes sociais e migrações, além de suas limitações, para que possamos avançar nessas questões. Os trabalhos selecionados ajudaram na construção do projeto de dissertação e na sua construção metodológica.

A pesquisa do estado da arte foi realizada nas seguintes bases de dados: Intercom Nacional<sup>40</sup> (2009, 2010, 2011, 2012 e 2013) [2014 busca indisponível], Compós<sup>41</sup>, Biblioteca Nacional Digital Brasil<sup>42</sup>, Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações<sup>43</sup>, Periódicos Capes<sup>44</sup> e Google, durante os meses de setembro e outubro de 2014. Foram utilizadas as seguintes palavras-chave, cruzadas entre si: recepção, *Facebook*, internet, redes sociais, migrações/migrante(s); usos sociais; Suécia/sueco/sueca; estrangeiro(s); e exterior. A partir dessas palavras-chave, obtiveram-se, em média, 76 resultados selecionados, dos quais 19 apresentam discussões relevantes para a pesquisa. É importante salientar que a pesquisa do estado da arte se ateve a textos em língua portuguesa.

Dos trabalhos com resultados de pesquisa completos, sete são teses e 21 são dissertações, dos quais, uma tese e quatro dissertações são consideradas pertinentes ao objeto de pesquisa. A tese de Brignol (2010) é considerada relevante por abordar os usos sociais que os migrantes latino-americanos fazem da internet. Como metodologia, baseia-se na etnografia apoiada em técnicas como história de vida, pesquisa documental e entrevistas em profundidade.

---

<sup>40</sup>[http://www.portalintercom.org.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=1081&Itemid=134](http://www.portalintercom.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=1081&Itemid=134)

<sup>41</sup><http://www.compos.org.br/biblioteca.php>

<sup>42</sup><http://bndigital.bn.br/>

<sup>43</sup><http://bdt.d.ibict.br/>

<sup>44</sup>[http://periodicos.capes.gov.br/index.php?option=com\\_pmetabusca&mn=70&smn=78&sfx=find-ej-1&type=p&sfx=buscaRapida&Itemid=120](http://periodicos.capes.gov.br/index.php?option=com_pmetabusca&mn=70&smn=78&sfx=find-ej-1&type=p&sfx=buscaRapida&Itemid=120)

A dissertação de Silveira Junior (2012) discute o uso do *Orkut* e do *Facebook* por migrantes brasileiros nos Estados Unidos. Metodologicamente, utiliza uma observação diária das conversas e das postagens, a partir da análise dos perfis dos internautas em ambas as redes sociais. Barth (2009) discute os usos da internet nas experiências de construção e manutenção de redes sociais de migrantes brasileiros na Espanha. Quanto à questão da escolha metodológica, seu trabalho está centrado na etnografia, combinando métodos de observação e entrevistas presenciais com os internautas, os quais foram recrutados em salas de bate-papo e em fóruns de brasileiros no exterior.

A dissertação de Saturnino (2009) analisa, descritivamente, a funcionalidade das comunidades virtuais que se constituem na rede social da internet *Orkut*, utilizadas por imigrantes brasileiros residentes em Portugal. Utiliza como metodologia a etnografia virtual da observação participante e a análise de conteúdo. Por fim, a dissertação de Bechelloni (2006) trata das características da diáspora italiana e suas contribuições à identidade brasileira. A análise se dá por meio da técnica da história oral e de vida e da utilização do recurso fotográfico como documento histórico de registro.

Os demais trabalhos não se encaixam na nossa proposta, pelo fato de discutirem migrações em contextos fora da internet. A exclusão dos que trabalham sobre usos sociais (CRUZ, 2007; PRADO, 2006; SUGUIURA, 2009; WEBER, 2002; VETTORASSI, 2010) é no sentido de tratarem relações sociais no contexto fora da internet, e por versarem sobre assentamentos de refugiados (CRUZ, 2008), política (TEIXEIRA, 2009; SICILIANO, 2013; RIBEIRO, 2007; SOUZA, 2013), genética (GODINHO, 2008) e religião (VALÉRIO, 2013). Alguns abordam as migrações em relação a questões étnico-raciais específicas (GASPAR, 2010; MONTEIRO, 2012; REIS, 2012; RODRIGUES, 2014) ou também sobre comparativos étnicos (MAKINO, 2010; SILVA, 2010). Contando ainda com trabalhos que abordam as trajetórias, os fluxos, as permanências e as inconstâncias das migrações contemporâneas, além das novas reconfigurações dos migrantes (SANTOS, 2010; MARTINS JUNIOR, 2012; KANAAN, 2008; ARRUDA, 2007; SIQUEIRA, 2010; SHISHITO, 2012). Por fim, observa-se que a maioria dos trabalhos é da área das Ciências Sociais, da História ou da Geografia. Observamos, portanto, que são poucas teses e dissertações da área da Comunicação Social que tratam sobre migrações.

Dos 48 artigos selecionados, 34 são interessantes e 14 se tornam relevantes para o estudo por tratarem sobre as redes sociais na internet e as migrações. Saturnino (2011)



fez um recorte da sua dissertação e, nesse artigo, propõe trabalhar com o imaginário e com a imigração nas redes sociais da internet de brasileiros em Portugal, na construção e na reconstrução da suas identidades enquanto brasileiros. Corrêa (2009) investigou como o Brasil poderia ser imaginado no *Orkut* a partir de tribos virtuais criadas para reunir os brasileiros residentes no exterior. Bailén (2012) investiga sobre em que medida a “endogamia” e a assimetria – características presentes em contexto multiculturais - se reproduzem no contexto digital. Brignol (2012) parte de um recorte da sua tese para construir o artigo, no qual realiza um mapeamento de usos sociais da internet por migrantes latino-americanos no contexto de Porto Alegre e Barcelona. Esses dois últimos artigos estão em uma coletânea do livro *Diásporas, migrações, tecnologias da comunicação e identidades transnacionais*, organizado por Cogo, ElHajji e Huertas (2012).

Barth e Cogo (2009) fazem um recorte da dissertação para abordarem os usos da internet nas construções e manutenções das experiências das redes de relacionamentos dos migrantes brasileiros na Espanha. ElHajji (2011) associou o fenômeno migratório e a questão identitária ao processo de globalização e às TICS. Escudeiro (2013) propõe discutir um novo conceito de *webdiáspora*, a partir de uma revisão bibliográfica.

Aranguiz, Costa, Silva e Brignol (2011) buscaram compreender de que forma a internet está sendo utilizada, a fim de experienciar essas *webdiásporas*, no contexto das migrações contemporâneas. Brignol e Brum (2013) analisaram páginas da *web* construídas a partir da experiência das migrações contemporâneas. Cogo e Brignol (2008; 2010) refletem sobre as redes sociais como ambiência mediada, buscando indicar e compreender suas incidências nos estudos de recepção na internet. Já em trabalhos referentes ao ano de 2010, do congresso Intercom<sup>45</sup>, Brignol descreve um mapeamento das apropriações da internet por migrantes latino-americanos e discute os sentidos construídos na internet por meio dos usos relacionados à experiência migratória. Também em 2010, para a revista *Ciberlegenda*, buscou explorar as narrativas identitárias construídas a partir da experiência de deslocamento de migrantes latino-americanos residentes em Barcelona e Porto Alegre. Em 2011, estudou as relações entre produção e consumo na internet, a fim de discutir o novo lugar do sujeito no processo comunicacional a partir da análise de usos sociais de páginas digitais.

---

<sup>45</sup> XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

Os demais artigos não contemplam a pesquisa, mas trazem leituras importantes para compreender o cenário mais amplo das migrações e das redes sociais. Usam o termo rede social no contexto de relações entre indivíduos no *off-line*, ou seja, fora de redes sociais *online* (MONDARDO, 2010; GALLO; MARANDOLA, 2008; SOARES, 2004; CARLEIAL, 2004; PEREIRA; BRUMES, 2010; SOARES; RODRIGUES, 2005). Ademais, tratam as questões dos usos sociais e apropriações da internet sem estarem vinculadas, especificamente, às migrações (BRAGA, 2008; GARCIA; SILVA; MAZIVIERO; LACERDA, 2011; LACERDA; MAZIVIERO, 2011; SILVA, 2009); das migrações relacionadas às questões de cidadania, como foco da discussão (LOPES, 2011; BRIGNOL, 2012; 2006; RETIS, 2014); das migrações relacionadas à análise de filmes (DALPIAZ, 2010), de revistas (AYALA, 2011) e da teledramaturgia (STEINBERGER, 2010); ou tendo como foco as questões comunicacionais, midiáticas e midiaticizadas das migrações ou dos migrantes (RUSSI, 2014; DUARTE; COGO, 2006; PEREIRA, 2013).

Diante desse cenário de pesquisas, as que julgamos pertinentes e que requerem uma maior explicitação, por se encaixarem nos critérios de aproximação com o tema da presente pesquisa, ou por apresentarem aspectos não explorados em outros trabalhos aqui citados, são uma tese, três dissertações e um artigo.

A tese de Brignol (2010) buscou, de forma geral, “compreender as dinâmicas dos usos sociais da internet por migrantes latino-americanos”. A reflexão se deu em torno dos modos como as questões identitárias atravessam os usos da internet e a maneira como essas apropriações configuram estratégias de acesso a diferentes formas de cidadania por esses migrantes. Diante disso, apoiou-se em três autores dos Estudos Culturais – Stuart Hall, Néstor García Canclini e Jesús Martín-Barbero – que ajudaram na compreensão das dinâmicas migratórias – ou das diásporas –, da concepção de cultura, das relações de identidade, dos usos sociais da mídia e da mediação tecnológica. Um dado importante da pesquisa é que ela não visa ao quantitativo e à comparação do cenário encontrado, pois a intenção da autora é entender o contexto dos usos da internet por migrantes latino-americanos por meio de uma análise qualitativa.

Os resultados a que chegou foram de que o migrante vive de forma mais intensa a experiência de estar em vários territórios, onde as suas relações sociais, expandidas pela mediação tecnológica, encontram-se em contato com suas dimensões sociais, culturais, geográficas e simbólicas. Os migrantes assumem o protagonismo da produção na internet, meio em que é possível opinar, interagir, construir narrativas identitárias,

entre tantas outras possibilidades. A internet possibilitou que esses migrantes dessem visibilidade às suas questões de cidadania. Suas experiências estão vinculadas a serem reconhecidos como latino-americanos em sua dimensão cultural, política, social, afetiva e de memória.

Torna-se interessante observar os usos que esses migrantes latino-americanos fazem da internet, pois essa é uma questão que interessa para a presente dissertação, uma vez que os migrantes brasileiros na Suécia constituem, nos grupos do *Facebook*, formas de se apropriar da mediação tecnológica que os levam a suscitar diversas questões, podendo ser meios para se reconhecerem como brasileiros ou não. Portanto, essas são questões que procuramos reconhecer ao longo da pesquisa empírica.

Quanto às dissertações, cada uma delas contribui para pensar um ou mais aspectos, como a metodologia utilizada ou os resultados encontrados, por exemplo.

Barth (2009), em sua pesquisa sobre usos do *MSN*, do *Skype* e do chat Uol feitos por migrantes brasileiros na Espanha, chegou aos resultados de que os usos da internet na constituição das relações familiares transnacionais configuram-se como elemento importante no fortalecimento e na manutenção dos vínculos afetivos com os parentes deixados no país de nascimento, assim como se configuram na (re)atualização de contatos desses migrantes com o país de nascimento. Nesse contexto, encontram-se os amigos, em que a distância geográfica e os limites da mediação tecnológica não significam uma diminuição dos vínculos, pois eles continuam sendo mantidos e intensificados. Tais usos também foram estudados no que diz respeito à vivência com outros migrantes e com espanhóis nativos, que configuram relações não tão mediadas, principalmente com migrantes de outras nacionalidades. Por fim, esses usos da internet também se configuram na constituição de espaços sociais organizativos e coletivos de apoio às migrações transnacionais, as chamadas associações de migrantes na Espanha, que fornecem auxílio aos migrantes.

Este trabalho torna-se interessante pelos resultados encontrados, principalmente no que diz respeito aos aspectos dos espaços sociais organizativos e coletivos e à vivência com migrantes e com não migrantes no país de migração. Isso porque os grupos no *Facebook* podem ser entendimentos como uma espécie de associação de apoio aos migrantes, uma vez que nesses ambientes há um auxílio àqueles que pretendem migrar e àqueles que já estão no país. As relações entre migrantes e não migrantes não se dão por meio das TICS, mas também no *off-line*.

Silveira Junior (2012), em sua dissertação, discutiu o uso de sites de redes sociais na internet – *Orkut* e *Facebook* – por parte de migrantes brasileiros, naturais de Botelhos (MG), que residem nos EUA. O autor pretendeu comparar o nível de sociabilidade que os migrantes e suas redes relacionais constroem em seus perfis dos sites *Facebook* e *Orkut*. Como resultado, obteve que os *softwares* interferem nas formas de sociabilidade desses migrantes, uma vez que eles possuem dinâmicas diferentes uma da outra: a sociabilidade do *Orkut* é menos intensa do que a do *Facebook*, pois no primeiro a sociabilidade fica limitada ao uso de depoimentos e fotografias, enquanto que o segundo possui mais recursos de sociabilidade que permitem não apenas a observação das publicações, mas também a participação, por meio da opção “curtir”. A dissertação ainda traz assuntos abordados nas publicações desses migrantes como a questão da saudade, o desejo de voltar e as dificuldades encontradas no cotidiano dos EUA. A religiosidade é bastante presente nas postagens, enquanto há uma exclusão da esfera do trabalho no conteúdo postado. Porém, nas mensagens trocadas pelos migrantes com a sua rede, o trabalho é exaltado e valorizado - principalmente o trabalho no Brasil. Dessa forma, a sociabilidade é estimulada nas postagens, uma vez que elas são intencionais.

Esse trabalho de Silveira Junior faz pensar a respeito das possibilidades de interação que ocorrem nesses sites, principalmente o *Facebook*, que pode ser ampliado para além do “curtir”, como por exemplo, com o recurso de compartilhar e comentar postagens, fazendo-nos questionar sobre a mediação tecnológica e as suas limitações. Outro fator que a torna interessante, é entender o contexto desses migrantes para além da rede, ou seja, de modo *off-line*, por meio de entrevistas. Os perfis desses migrantes são uma possibilidade de tentar compreender os seus contextos, principalmente no caso dos grupos que serão analisados na presente dissertação, pois é importante entender o contexto desses migrantes que comentam nos grupos do *Facebook*.

Saturnino (2009) refletiu sobre a (re)construção da identidade brasileira numa rede social na internet – *Orkut*. Refletiu sobre a manutenção de afetos, o reagrupamento social, a superação dos discursos institucionais, a interação entre as nacionalidades brasileira e portuguesa e as novas formas culturais de comunicação *on-line* propiciadas pela internet. Como metodologia para analisar os comentários nessa comunidade, o autor utilizou a etnografia virtual que ele denomina como “uma espécie de observação participante aplicada ao estudo de práticas culturais desenvolvidas no ‘ciberespaço’” (SATURNINO, 2009, p. 10), ancorado no conceito de Hilgert (2006), tendo em vista

referir-se a uma espécie de “texto falado”, o qual pode ser visto como aquilo que os membros da comunidade realizam ao postarem nela. Saturnino também ancora-se em Hine (2004) para pensar nessa nova configuração da etnografia tradicional, pois a comunicação mediada pelo computador requer que o método para esse novo contexto seja repensado. Dessa forma, obteve-se como resultado a apropriação de uma nova forma de sociabilidade entre esses sujeitos, revelando um imaginário social, descrito em uma comunidade observada no *Orkut*, como as formas de vida do migrante, suas dificuldades e superações, além da histórica relação migratória entre Brasil e Portugal.

O que torna interessante a consideração desse trabalho é sua aproximação com a presente dissertação: foi realizada em uma comunidade virtual relacionada à migração brasileira em Portugal denominada “Brasileiros em Portugal”, do *site Orkut*. A minha pesquisa é realizada em grupos do *Facebook* de brasileiros na Suécia. Além disso, outro fator que torna essa dissertação interessante para a presente pesquisa é a metodologia empregada, que possibilitou analisar os conteúdos postados na comunidade em que se apresentaram os aspectos constitutivos dos códigos e significados compartilhados e a forma estabelecida de sociabilidade e de linguagem nesse ambiente.

Por fim, o artigo de Corrêa (2009) discutiu sobre como o Brasil poderia ser imaginado no *Orkut* a partir de tribos virtuais criadas para reunir brasileiros no exterior. Ademais, buscou analisar quais os interesses e situações de motivação seriam agregados em grupos referentes ao país de nascimento e à identidade cultural. Para tal, empregou o método etnográfico no ciberespaço em duas das mais antigas e populares comunidades no *Orkut*, ambas nomeadas “Brasileiros no Exterior”. Os resultados reforçam o entendimento de que o surgimento dessas comunidades, formadas por migrantes brasileiros, utilizavam a rede para falar do país e do seu povo. Utilizavam-na também para reunirem-se, pois se encontravam na condição de migrantes, estrangeiros e estranhos em um novo país. Assim, esse ambiente proporcionava identificarem-se como pertencentes de uma mesma condição, tendo a necessidade e um interesse em comum de partilhar a experiência de se sentirem diferentes em um lugar estranho e em uma cultura diferente. Dessa forma, o *Orkut*, proporcionava o sentimento e a necessidade de aproximação com aqueles que compartilhavam das mesmas referências culturais.

A seleção desse artigo faz-se importante por trazer outra abordagem – se comparado aos demais – para o tema das migrações na internet, pois ele discute a questão da necessidade de encontrar familiaridades, interesses em comum e compartilhamento da experiência de ser um estrangeiro. Além disso, aborda que os sites

de redes sociais possibilitam a aproximação entre os que possuem as mesmas referências culturais, no caso, ser brasileiro.

Todos os trabalhos aqui apresentados mostram um caminho a ser percorrido. Indicam, ainda, que o tema das migrações na Suécia é ainda pouco explorado no contexto das pesquisas em língua portuguesa, ainda mais se pensarmos no contexto da internet.

Dessa forma, a exemplo dos trabalhos de Saturnino (2009) e Corrêa (2009), pretendemos, a partir da pesquisa do Estado da Arte e da observação de trabalhos que utilizam diversos procedimentos metodológicos para analisar os grupos na rede social *Facebook*, referentes a migrantes brasileiros na Suécia. Observamos que a metodologia empregada nos trabalhos de Saturnino e Corrêa possibilitou analisar os conteúdos postados nas comunidades, de forma a construir um percurso teórico-metodológico que ajudasse a compreender as dinâmicas e os significados compartilhados no ambiente da internet. “Partimos de um modelo comunicacional que leva em conta seu contexto e as culturas que nela se desenvolvem, no qual estão inscritas conversações, práticas e negociações simbólicas” (FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2011, p. 167-168). Esse modelo nos ajuda a compreender o contexto desses migrantes e as culturas nele implicadas. Portanto, a observação e a investigação interpretativa nos auxiliam para a compreensão das práticas socioculturais desses ambientes comunicacionais.

### *3.2 Pesquisa Qualitativa com Múltiplos Procedimentos*

A pesquisa qualitativa, segundo Frago et all (2011) tem por objetivo a compreensão “aprofundada e holística dos fenômenos em estudo e, para tanto, os contextualiza e reconhece seu caráter dinâmico, notadamente na pesquisa social” (FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2011, p. 67), além disso é adequada para a apreensão de detalhes e singularidades, mas é frágil na apreensão de variações, padrões e tendências que são captadas com amostragens mais quantitativas. A pesquisa qualitativa é utilizada conforme as características necessárias para a observação, percepção e análise das motivações centrais da pesquisa, em que são selecionadas os elementos que compõem a amostra, pois a escolha depende do problema de pesquisa. Diante disso, considera-se importante destacar as diferenças entre as amostras qualitativas e quantitativas, uma vez que se costuma reduzi-las de formas simplista a uma questão de escala.

Ao contrário da amostragem quantitativa, que se propõe a utilizar critérios probabilísticos para chegar a um modelo do universo em escala reduzida, as amostragens qualitativas buscam selecionar os elementos mais significativos para o problema de pesquisa. Assim, ao contrário das amostras qualitativas, tipicamente probabilísticas, as amostras qualitativas são, portanto, tipicamente intencionais (FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2011, p. 67-68).

Portanto, é preciso atentar para questões complexas, universos heterogêneos e dinâmicos, como a internet, que frequentemente requerem observações em diferentes níveis de análise, bem como metodologias que combinem diferentes estratégias de amostragem. Os critérios de escolha e as estratégias de amostragem qualitativa podem se alterar conforme o desenvolvimento do trabalho, em que muitas vezes utiliza-se de combinações de amostragens qualitativas e quantitativas como abordagens complementares (FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2011, p. 67-68).

Nesta dissertação, buscamos construir um percurso metodológico baseado em uma pesquisa qualitativa com a combinação de diferentes procedimentos metodológicos, baseados na imersão da pesquisadora no contexto *online* estudado e no aprofundamento dos resultados de análise. Faz-se interessante a combinação de métodos de pesquisa, como a entrevista (LAGO, 2010, p. 52). Como afirma Lago (2010), nem só de observação vive o campo, mas também de intercâmbios culturais, de ouvir os informantes, sendo a entrevista uma forma de contextualizar a pesquisa (LAGO, 2010, p. 52). Assim, utilizamos um formulário *online* e uma entrevista *semi-estruturada* realizada por *Skype*. Incluímos, ainda, de forma secundária, o procedimento da observação dos perfis com base na investigação de Silveira Junior (2012) que, em sua dissertação, pretendeu discutir sobre o uso do *Orkut* e do *Facebook* feito por migrantes brasileiros nos EUA, para comparar o nível de sociabilidade que os migrantes e suas redes de relacionamentos constroem em seus perfis nesses *sites*. Assim, observamos que os perfis desses migrantes na rede também se tornam uma possibilidade de tentar compreender os seus contextos. Esses procedimentos metodológicos serão melhor explicados nas seções 3.2.2 e 3.2.3.

Com base nos procedimentos metodológicos, realizamos uma análise sistemática e aprofundada desses grupos. Além disso, utilizamos, em um primeiro momento da pesquisa, a análise de conteúdo como uma técnica de organizar as postagens monitoradas e compreender as lógicas de participação nos grupos, no que diz respeito às temáticas discutidas. Essa questão será explicada nas seções 3.2.2 e 3.2.4.

### 3.2.1 Observação Exploratória e Delimitação do Objeto de Análise

Mediante uma pesquisa exploratória e de delimitação do objeto de análise, realizada durante o período de 11 a 30 de abril de 2014, que teve por objetivo explorar o campo e conhecer outras possibilidades de pesquisa, utilizamos o buscador do *Google*, em que procuramos as seguintes palavras-chave: brasileiros na Suécia; site para brasileiros na Suécia; e brasileiros em Estocolmo. No buscador do *Facebook*, utilizamos: brasileiros na Suécia; Brasileiros em (Suécia); Brasileiros na – Suécia. A partir dessa busca, encontramos três sites, dois *blogs*, dois sites de reportagens televisivas, além de duas páginas e nove grupos no *Facebook*.

CENÁRIO DA PESQUISA EXPLORATÓRIA	
3	Sites
2	Blogs
2	Sites de reportagens televisivas
2	Páginas no <i>Facebook</i>
9	Grupos no <i>Facebook</i>

**Tabela 0:1:** cenário da pesquisa exploratória

**Fonte:** autor

No cenário da pesquisa exploratória, que originou a escolha dos grupos pesquisados – “Brasileiros na Suécia” e “Brasileiros na Suecia/Svenskar i Brasilien” - ,foi possível observamos que, quanto aos grupos do *Facebook*, encontramos um total de nove. Desses, observamos que há grupos fechados e abertos, recurso utilizado para restringir quem pode ver ou não as publicações. Os grupos que são fechados permitem apenas a visualização das postagens para aqueles que são membros. Ainda há a opção de colocar um grupo como secreto, sendo a inserção possível apenas mediante convite dos membros, pois esses grupos não aparecem nas buscas realizadas. Portanto, três desses grupos pesquisados são abertos e seis são fechados. Quanto aos grupos fechados, para ser membro, é necessário o envio de uma solicitação de participação, a qual só é possível mediante a aceitação do administrador.



A escolha dos grupos “Brasileiros na Suécia” e “Brasileiros na Suecia/Svenskar i Brasilien” deveu-se ao fato de eles possuírem uma dinâmica interativa entre os membros e aceitaram a participação da pesquisadora. A inserção nos grupos ocorreu ainda quando a pesquisadora estava em processo de construção do projeto de mestrado, ou seja, há aproximadamente dois anos. Antes de participar dos grupos, não era possível visualizar nenhuma postagem, nem interagir. Era possível apenas visualizar os membros e os administradores, o número de total de participantes e a descrição desses espaços. Já como membro dos grupos, foi possível observar mais detalhes desses grupos.

Em relação a esses espaços de discussão, observamos<sup>46</sup> que o grupo “Brasileiros na Suécia”<sup>47</sup> conta com 995 membros e cinco administradores, possui uma dinâmica em que é permitida qualquer tipo de postagem – com exceção de propagandas e publicidade –, havendo pouca mediação ou moderação do que é publicado. Essas características podem ser observadas na descrição do grupo:

NÃO ACEITAMOS PROPAGANDA DE FORMA ALGUMA... POSTOU, É BAN DIRETO!!! Grupo de brasileiros que mudaram para outro planeta chamado "Suécia". Cultura, língua, clima, cozinha, pessoas, paisagens, tudo é absolutamente diferente do que tínhamos no Brasil... Junte-se a nós, nem que seja para bater um papo descomprometido (descrição do grupo Brasileiros na Suécia).

Podemos observar, também, que a foto de capa desse grupo corresponde sempre a uma imagem da Suécia, fazendo referência à estação do ano em que se encontram.

---

<sup>46</sup>Essas informações são do período da observação exploratória, de 11 a 30 de abril de 2014.

<sup>47</sup>Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/brasileirosnasuecia/>. Acessado em: 11/04 a 30/04 e 14/05.



Imagem 1: grupo “Brasileiro na Suécia”

O outro espaço se refere ao grupo “Brasileiros na Suécia/Svenskar i Brasilien”<sup>48</sup>, que conta com 1.304 membros e dois administradores. Esse grupo apresenta um caráter mais formal, com mediador/moderador atento às publicações realizadas pelos seus membros, o que é possível ver em sua descrição<sup>49</sup>:

Este grupo é dedicado aos brasileiros que moram na Suécia e aos suecos que moram no Brasil. Aos que estudam na Suécia ou no Brasil. Às pessoas que tem alguma ligação com a Suécia ou o Brasil. Os membros deverão ser pessoas físicas, com seus nomes próprios, abrindo-se exceção para nomes artísticos pelos quais o artista é conhecido, mas que sempre haja a possibilidade de identificar a pessoa.

O ambiente deste grupo é exclusivamente não comercial, não religioso, não político, e seu objetivo principal é a interação entre os membros de forma amigável e ética. Serão aceitas postagens de interesse dos membros, porém pedimos que não sejam repetitivas, para que não se dificulte a leitura da página. É permitido publicar sua profissão, o site da sua empresa (http: ou https:), evento, música, poesia, livro, show, arte, culinária, porém sem ferir a ética do grupo e sem links que remetam os participantes do grupo para outras

<sup>48</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/31056827676/>. Acessado em: 11/04 a 30/04 e 14/05.

<sup>49</sup> Essas informações são do período da observação exploratória, de 11 a 30 de abril de 2014.

páginas de facebook, blogs, vlogs, fanpages e páginas pessoais. A propaganda com fins de auto-promoção com o intuito de angariar novos visitantes para outras páginas, grupos, vlogs e blogs, utilizando o grupo como veículo de mala direta será deletada e a insistência acarretará na exclusão do membro. A prática de comércio (compra e venda), política ou religião não será permitida. Ao copiar arquivos para postagens posteriores, como atitude ética, pedimos [para] manter o nome da fonte em suas publicações. Em todos os casos, o bom senso deverá prevalecer, pois a essência deste grupo é a interação das pessoas, a união e a ajuda mútua. Dedicatedbrasilianare som älskarSverigeochsvenskar som älskarBrasilien. Tillutbytesstudenteroch de som borellerstuderar i Sverigeeller Brasilien. Till de som baraälskar Sverigeeller Brasilien (descrição do grupo Brasileiros na Suécia/Svenskar i Brasilien).

A cada solicitação de participação, um dos moderadores entra em contato com o novo participante e lhe indaga qual é o seu objetivo ao entrar no grupo. Além disso, é enviada uma mensagem<sup>50</sup> padrão de esclarecimento das regras de participação. Na época, foi explicado que o interesse em participar do grupo era em virtude de um possível estudo sobre as questões de gênero (mais especificamente a neutralidade) na Suécia<sup>51</sup>. Há dois anos, após o envio dessa mensagem, construiu-se um vínculo de troca de informações sobre a Suécia, pois até hoje a pesquisadora e a administradora, Hellen, trocam informações acerca dos acontecimentos, das vivências e dos dados de migrantes da Suécia.

Podemos observar que a foto de capa deste grupo são as bandeiras do Brasil e da Suécia interligadas, fazendo uma analogia à questão da integração cultural.

---

<sup>50</sup>Welcome! Agradecemos por você participar do grupo. Este é um grupo consciente, didático, amigável e principalmente de ajuda. Em sua grande maioria, os membros são pessoas idôneas, porém é complicado cuidar desta parte, justamente para preservar nossa 'identidade brasileira' perante à Suécia e à outros países, tão prejudicada anteriormente, e ao mesmo tempo, não discriminar nosso próprio povo. Procure evitar o uso de apelidos, codinomes, nomes fictícios. Se você está morando ou já morou na Suécia, ou ainda em países europeus, deve ter observado muitas diferenças culturais, mostre-as aqui. Ao escrever alguma coisa, lembre-se que há muitos suecos no grupo, alguns não entendem muito bem o português. Veja em 'Arquivos' os documentos. São úteis. Por último, leia a descrição do grupo, é importante para mantermos a igualdade com os demais participantes: frisamos que não é permitido postar links para blogs e vlogs, outras páginas de facebook, eventos de facebook, fanpages. Você é bem vinda! Tack." (mensagem padrão).

<sup>51</sup>“Olá Helô, pois então, meu objetivo é desenvolver um trabalho de pesquisa no meu projeto de mestrado sobre a neutralidade de gênero no país, ainda estou trabalhando com a possibilidade, vendo ideias a respeito do tema... Por isso, uma das ideias iniciais do meu projeto era tentar contato com brasileiros que moram, atualmente, na Suécia para ver o ponto de vista deles a respeito dessas questões. Ao entrar em contato por e-mail com Presidente da Associação Brasil Sverige, ela me indicou alguns grupos no face que eu poderia encontrar brasileiros que atualmente residem por lá. Obrigada e desde já agradeço o contato. E se a minha orientadora achar necessário para a realização de entrevistas com esses brasileiros que eu vá ao país e o programa de pós-graduação permitir, aí estaria uma hipótese. Abraços,”



**Imagem 2:** grupo “Brasileiros na Suécia/Svenskar i Brasilien”

Por fim, nesses ambientes, ocorrem discussões em torno de várias temáticas, dentre elas, a negociação identitária de ser brasileiro em outro país.

### 3.2.2 Observação sistemática com ferramentas de coleta online

Em um primeiro momento da pesquisa, realizamos uma observação sem a participação ativa da pesquisadora. A observação constante desses grupos já vinha ocorrendo desde o projeto de ingresso ao mestrado. Entretanto, no período entre novembro de 2014 e março de 2015, foi realizada uma observação mais aprofundada, na qual foram acompanhadas, diariamente, as postagens e os comentários nos grupos com o registro das observações da pesquisadora. A coleta desse material foi feita por meio de *prints* com a extensão do *Google Chrome - Capture Page* – e a tabulação de todas as informações das postagens e comentários com a extensão do *Nvivo 10 - NCapture* -, para, em um primeiro momento, realizarmos uma análise de conteúdo com o objetivo de

identificar as temáticas mais recorrentes nas postagens. Posterior a isso, realizamos, com o material coletado e as observações, à análise dos usos sociais desses sujeitos.

No início do monitoramento do campo, a pretensão era que a observação com anotações do campo fosse cotidiana. Entretanto, ao longo da pesquisa, optou-se por restringir a realização da observação aos domingos, coletando as postagens realizadas ao longo da semana, tendo como critério de inclusão das postagens a sua relevância aos objetivos da pesquisa e participação interativa entre os membros dos grupos. A opção de restringir-se a observação ao domingo se deu pela sobrecarga de acessar os grupos todos os dias. Dessa forma, a delimitação do dia de monitoramento sistemático facilitou a coleta e a observação.

O monitoramento dominical consistiu na captura e na coleta dos dados com o apoio da ferramenta *Capture Page* (extensão do *Google Chrome*), durante o período de 31 de outubro de 2014 a 31 de março de 2015, totalizando cinco meses de observação sistemática do campo. Juntamente a isso, realizou-se, ao final de cada mês, uma captura do material completo dos grupos pesquisados com o auxílio da ferramenta *Ncapture* (extensão do *Nvivo 10*).

A ferramenta *Capture Page* funciona por meio da captura de tela de uma página *web* inteira ou apenas de uma parte específica, salvando-a como imagem ou como PDF. Já a ferramenta *Ncapture* permite coletar material da *web* e importá-lo para o *Nvivo 10*, transformando, assim, o conteúdo desse material em uma tabela do Excel ou em um arquivo em PDF. Ambas as ferramentas podem ser utilizadas para coletar conteúdo de diversas mídias sociais, a exemplo do *Facebook*, *LinkedIn*, *Twitter* e *YouTube*.

### 3.2.3 Formulário online e entrevista semi-estruturada por Skype

Em um segundo momento da pesquisa, foi aplicado um formulário *online* via *Google Drive*. Para a realização desta etapa da pesquisa, a pesquisadora apresentou-se aos grupos enviado o seu currículo *Lattes* e explicando o objetivo da pesquisa com a finalidade de convidar, por meio de um formulário *online*, os membros interessados a participarem de uma entrevista por *Skype*. O contato, posterior, para marcar as entrevistas, foi possível devido à solicitação a esses respondentes que deixassem o seu e-mail ao responderem o formulário. O critério de seleção dos entrevistados deu-se pelo interesse dos respondentes do formulário em participar. Já em relação aos

administradores, foi enviado por mensagem no *Facebook* um convite de participação (apêndice A); conforme o retorno, efetuamos a entrevista ou entramos em contato com o próximo administrador. Diante disso, obtivemos dois administradores do grupo “Brasileiros na Suécia”. No que diz respeito ao grupo “Brasileiros na Suécia/Svenskar i Brasilien”, não obtivemos retorno de aceitação de participação da entrevista.

A aplicação do formulário antecedeu a entrevista, pois foi por meio dele que se pôde conhecer os participantes, além de ter sido o meio de eles terem sido convidados para a realização da entrevista - as perguntas do formulário são diferentes da entrevista e complementares a ela. O formulário e a entrevista contiveram cinco eixos: Perfil sociodemográfico; Trajetória de migração e Suécia; Mídias no Brasil; Usos das mídias e internet na Suécia; Grupos do *Facebook* (apêndice B e C).

Posteriormente à aplicação do formulário *online*, foram realizadas as entrevistas *semi-estruturadas* via *Skype*, entre os meses de agosto e setembro de 2015, com dez membros do grupo, três homens e sete mulheres. A escolha foi mediante as aceitações de realização das entrevistas, sendo que uma das entrevistadas foi contatada diretamente pelo *bate-papo* do *Facebook*, para responder ao formulário e posteriormente participar da entrevista. As entrevistas por *Skype* foram gravadas, tanto o áudio quanto a imagem.

A entrevista é compreendida como uma das técnicas de investigação qualitativa mais utilizada, pela qual se tem por objetivo questionar os sujeitos investigados, os quais devem responder ao que é proposto (OROZCO; GONZÁLES, 2011, p. 151). A entrevista *semi-estruturada* compreende um modelo com um roteiro de questões-guia que dão subsídios ao interesse da pesquisa. Os questionamentos básicos se originam do problema de pesquisa e buscam tratar da amplitude do tema. Cada questão funciona como um guia para o controle da entrevista, e sua flexibilidade permite que o pesquisador aprofunde cada uma delas com o entrevistado, a fim de extrair o máximo de informação que cada questão pode oferecer. O entrevistador estabelece as perguntas, sua ordem e sua forma de apresentação, o que vai depender, também, da disposição do entrevistado, do conhecimento que ele dispõe das questões, da qualidade das respostas e das circunstâncias da entrevista (DUARTE, 2009, p. 66). A entrevista *semi-estruturada* parte de questionamentos básicos que serão aprofundados ponto a ponto, até se chegar ao esgotamento de cada questão.

A entrevista compreende perguntas abertas e fechadas e, sempre que necessário, interpelamos os entrevistados para que esclareçam dúvidas e explorem lacunas que possam ter ficado. Vale lembrar que na internet existem riscos de as entrevistas e o

formulários não serem reenviados ou devidamente respondidos, o que faz com que, muitas vezes, ainda fiquem lacunas.

A fim de compreendermos o contexto desses entrevistados, construímos seus perfis com base na observação dos perfis no *Facebook*, juntamente com as entrevistas e com o formulário. A construção dos perfis dos entrevistados será apresentada na seção 4.1. O termo de livre esclarecimento da pesquisa foi enviado no corpo do e-mail e em anexo, tendo sido devidamente preenchimento pelos entrevistados (apêndice D).

### 3.2.4 Análise das postagens e dos comentários nos grupos do Facebook

A análise de conteúdo é considerada uma técnica híbrida à análise do texto, pelo fato de levar em conta “um formalismo estatístico e a análise qualitativa dos materiais” (BAUER, 2014, p. 190). Além do mais, possibilita a combinação de outras técnicas de investigação. De forma prática, essa técnica consiste na categorização e no reagrupamento do material, tornando os dados acessíveis (FONSECA JÚNIOR, 2009, p. 298). Há vários critérios de categorização segundo Bardin (1977): “*semântico*<sup>52</sup>, *sintático*<sup>53</sup>, *léxico*<sup>54</sup> e *expressivo*<sup>55</sup>” (BARDIN, 1977, p. 118). Para este trabalho, utilizamos somente o critério semântico, que leva em conta a categorização das temáticas abordadas. Quanto às etapas de categorização, elas podem ser feitas por meio do isolamento dos elementos ou por meio da repartição dos elementos, de forma a reuni-los em grupos semelhantes (JÚNIOR, 2009, p. 298). Com isso, realizamos uma classificação de temáticas que leva em conta a semelhança entre os elementos a serem categorizados. As categorias temáticas serviram de base para as categorias analíticas – identidade, diferença e interculturalidade – que serão observadas ao longo da análise, juntamente com as dinâmicas de interação – cooperação e conflito.

A observação dos temas durante a pesquisa de campo ocorreu em um primeiro momento da pesquisa e compreendeu as seguintes categorias: *mídia, política, cidadania jurídica, trabalho, saúde e estética, culinária, hábitos, normas e costumes, remessas, sociabilidade, gênero*, entre outras (apêndice E). Ademais, a análise de conteúdo, a categorização das postagens em temas mais discutidos pelos migrantes nos grupos e a análise dessas temáticas, composta pelos comentários e pelas postagens, ajudaram, em

<sup>52</sup> Categorias temáticas (BARDIN, 1977, p. 118).

<sup>53</sup> Os verbos, os adjetivos (BARDIN, 1977, p. 118).

<sup>54</sup> Classificação das palavras segundo o seu sentido, com emparelhamento dos sinônimos e dos sentidos próximos (BARDIN, 1977, p. 118).

<sup>55</sup> Categorias que classificam as diversas perturbações da linguagem (BARDIN, 1977, p. 118).

um primeiro momento, a entender: a) o que esses migrantes estavam construindo acerca das questões de identidade, diferença e interculturalidade; b) quais eram as dinâmicas e os sentidos que circulavam nesses espaços. Posteriormente, com base na observação, nas postagens, nos comentários, no formulário e nas entrevistas, realizamos a análise dos usos sociais que são acionados acerca da construção de suas identidades relacionadas ao que os diferencia, de forma a construírem ou não dinâmicas interculturais.

As categorias analíticas compreendem os conceitos-chave que norteiam toda a pesquisa, ou seja, questões que envolvem o eixo teórico sobre identidade, diferença e interculturalidade. As dinâmicas de interação compreendem os conceitos das redes sociais *online* que discutem, dentre outros temas, os conflitos que existem dentro das comunidades, além do apoio e da cooperação. Esses dois eixos analíticos foram observados ao longo da análise.

Segundo Recuero (2011), as dinâmicas das redes sociais na internet podem ser de cooperação, competição e conflito, bem como adaptação e auto-organização. Neste trabalho, deter-nos-emos apenas à cooperação e ao conflito. A cooperação consiste na colaboração entre os atores de uma mesma rede, mesmo que as motivações de cada um sejam individuais. A cooperação é o processo formador das estruturas sociais: sem ela, no sentido de um agir organizado, não há sociedade. Assim, ela pode ser gerada pelos interesses individuais, pelo capital social envolvido e pelas finalidades do grupo. Entretanto, é essencial para a compreensão das ações coletivas dos atores que compõem a rede social (RECUERO, 2011, p. 81).

A competição pressupõe disputa, mesmo que seja motivadora de uma cooperação, não havendo, assim, conflito entre os atores. “A competição compreende a luta, mas não a hostilidade, característica do conflito. A competição pode, por exemplo, gerar cooperação entre os atores de uma determinada rede, no sentido de tentar suplantá-los” (RECUERO, 2011, p. 81-82).

O conflito pode gerar hostilidade entre os participantes de uma rede, entre eles ou entre outro grupo. O conflito, por exemplo, pode envolver cooperação, pois há a necessidade de reconhecimento dos antagonistas como adversários. Esse reconhecimento implica cooperação, do mesmo modo que o conflito entre grupos pode gerar cooperação dentro deles (RECUERO, 2011, p. 82).

Portanto, a cooperação, a competição e o conflito podem estar presentes ao mesmo tempo nas redes sociais, pois “não são, necessariamente, processos distintos e



não relacionados. São, sim, fenômenos naturais emergentes das redes sociais” (RECUERO, 2011, p. 82).

Diante disso, salientamos a importância da etnografia virtual como inspiração desta dissertação para o processo de construção de sentidos, para a observação dessas dinâmicas de interação, para a reflexividade e interpretações da pesquisadora, para a descrição densa das observações do campo que deram apoio à discussão que desenvolvemos no trabalho.

## 4. USOS DO *FACEBOOK* PELOS MIGRANTES BRASILEIROS NA SUÉCIA

Este capítulo destina-se à discussão dos resultados da pesquisa de campo, conjuntamente às reflexões teóricas que ajudaram a pensar quem são os sujeitos nos grupos analisados e como eles usam a internet para construir suas identidades enquanto cidadãos brasileiros de diversas regiões do Brasil e migrantes<sup>56</sup> em diferentes cidades da Suécia.

### 4.1 *Sujeitos da Pesquisa*

Nesta parte, descrevemos o perfil dos entrevistados com base nas respostas do formulário e da entrevista. A amostra não corresponde à totalidade dos participantes dos grupos, muito menos é possível traçar um perfil dos sujeitos que migram para a Suécia. Além disso, os nomes verdadeiros dos sujeitos da pesquisa foram trocados a fim de manter a discrição por conter informações pessoais acerca da situação de migração. Além disso, sinalizamos que respeitamos as respostas fornecidas pelos participantes de pesquisa, não realizando nenhum tipo de intervenção – com ajustes de concordância ou pontuação -, a fim de que os discursos fossem mantidos.

O formulário *online* foi realizado durante o mês de agosto de 2015, tendo sido publicado nos grupos todos os dias - de manhã, de tarde e de noite - intercalando os turnos. Todavia, no grupo “Brasileiros na Suécia” só foi possível publicar na segunda-feira, nos demais dias da semana a pesquisadora deveria comentar na publicação, o chamado “*up*”, para ser visualizada novamente pelos demais membros. Essa restrição se explica pelas regras do grupo, em que só é permitido propaganda ou assuntos não relacionados à Suécia na segunda-feira. Assim, obtivemos um total 30 respondentes.

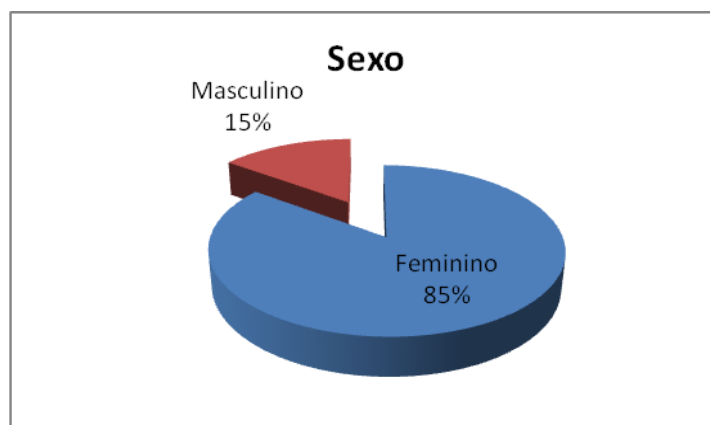
As entrevistas por *Skype* ocorreram em setembro de 2015, conforme os aceites de participação no formulário. Foram realizadas dez entrevistas, das quais apenas uma participante foi contatada diretamente via bate-papo do *Facebook*<sup>57</sup>.

---

<sup>56</sup> Um migrante é, em princípio, alguém que se muda para outro lugar – dentro do próprio país ou além de suas fronteiras. Normalmente, é considerado migrante quem saiu do país natal por iniciativa própria, não por ter corrido perigo de vida por lá, mas por buscar uma vida melhor. Disponível em: <http://www.cartacapital.com.br/internacional/entenda-a-diferenca-entre-migrante-refugiado-e-requerente-de-asilo-2601.html>. Acessado em: 03/12/15.

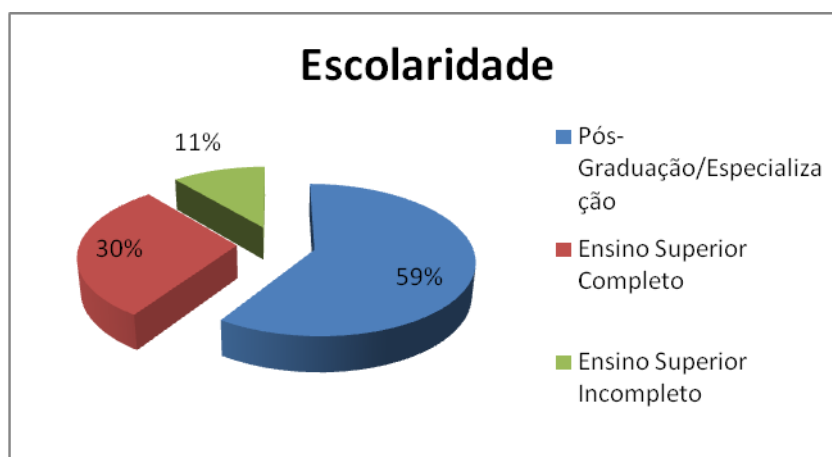
<sup>57</sup> Devido ao baixo número de respondentes do formulário, no início, e também por visualizar a necessidade de contatar os perfis mais ativos nos grupos, optou-se por essa estratégia a fim de convidar mais membros a participarem do formulário e, logo, da entrevista.

O perfil dos respondentes do formulário *online* é composto por 26 mulheres e quatro homens, com as idades que variam, majoritariamente, de 26 a 45 anos. Apenas quatro possuem entre 46 a 55 anos.



**Gráfico 1:** porcentagem de homens e mulheres respondentes do formulário *online*.

A maioria dos respondentes possui pós-graduação ou especialização. Apenas 30% da amostra possui somente ensino superior completo.

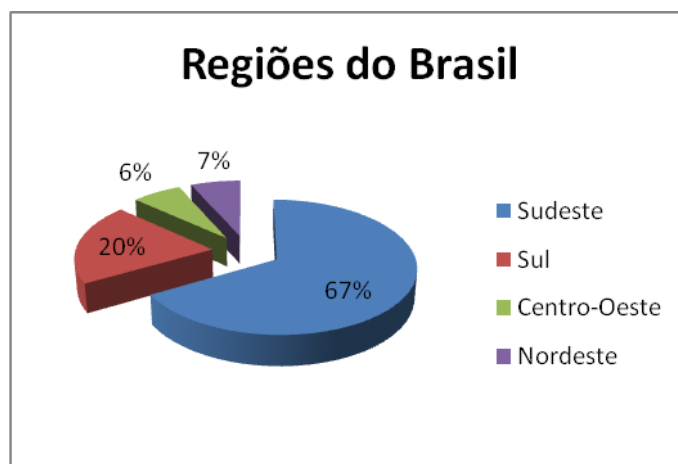


**Gráfico 2:** porcentagem da escolarização dos respondentes do formulário *online*<sup>58</sup>.

Quanto à região do Brasil de onde migrou, a maioria é proveniente da região Sudeste (18 respondentes - 67%), seguido da região Sul (seis respondentes - 20%). Não

<sup>58</sup> Na pergunta constavam também as opções Ensino Médio Completo e Incompleto, Ensino Fundamental Completo e Incompleto.

teve nenhum respondente da região Norte do país. Percebemos que, em relação às cidades do Brasil onde residiam, as mais recorrentes eram São Paulo (oito), Rio de Janeiro (três), Porto Alegre (três) e Belo Horizonte (dois).



**Gráfico 3:** porcentagem das regiões do Brasil em que emigraram os respondentes do formulário *online*.

No que diz respeito à profissão no Brasil e à atividade profissional na Suécia, se as compararmos, percebemos que os migrantes se encontram em uma situação diferente em ambas, estando, em alguns casos, em atividades de menor prestígio social na segunda. Muitos deles estão na condição de estudante (11) ou no exercício de atividades como chefe de cozinha, cozinheiro, em licença (no momento do formulário), dona de casa, nenhuma (quando respondeu ao formulário), músico liberal (até o momento do formulário); *aupair*<sup>59</sup>, desempregado e, por fim, como coordenador de atividades de lazer.

Nome <sup>60</sup>	Profissão no Brasil	Atividade profissional na Suécia
<b>Bianca</b>	Advogada	Estudante
<b>Damaris</b>	Professora	Coordenadora de atividades de lazer
<b>Débora</b>	Advogada	Chef de cozinha/ confeitadeira
<b>Denise</b>	Estudante	Estudante
<b>Desconhecido 1</b>	-	-
<b>Desconhecido 2</b>	Analista de Sistemas	Estudante

<sup>59</sup> Uma espécie de cuidador, acompanhante.

<sup>60</sup> Ao responderem o formulário online alguns respondentes não se identificaram, sendo, então, nominados como desconhecido 1 e 2.

<b>Diego</b> <sup>61</sup>	Pesquisador Universitário	Músico liberal
<b>Edna</b>	Bacharel em Direito	Estudante
<b>Etielle</b>	Designer	Designer
<b>Giane</b>	Jornalista	Jornalista e Blogger
<b>Giliane</b>	Publicitária	Estudante
<b>Hellen</b>	Aposentada	Artista visual
<b>Ilza</b>	Professora	Coordenadora pedagógica
<b>Iris</b>	Analista de sistemas	Funcionária pública - cozinheira
<b>Jussara</b>	Engenheira de produção	Assistente
<b>Laura</b>	Advogada	Consultora
<b>Luiza</b>	Internacionalista	Cuidadora
<b>Manoela</b>	Adm. Hospitalar	Apenas estudante da língua sueca
<b>Marcelo</b>	Analista de Sistemas	Empresário
<b>Márcia</b>	Funcionária Pública	Funcionária pública
<b>Maria</b>	Comunicadora social	De licença
<b>Mariane</b>	Embriologista	Nenhuma
<b>Matheus</b>	Biólogo	PhD Student
<b>Pamela</b>	Tecnóloga em mecânica	Aupair
<b>Paola</b>	Jornalista	Desempregada
<b>Pietro</b>	Engenheiro	Estudante
<b>Renata</b>	Pesquisadora	Estudante de mestrado
<b>Roberta</b>	Professora Universitária	Pós-doutoranda
<b>Tiane</b>	Estudante	Estudante
<b>Viviane</b>	Advogada	Dona de casa

**Tabela 0:2:** profissão no Brasil X atividade profissional na Suécia dos respondentes do formulário *online*.

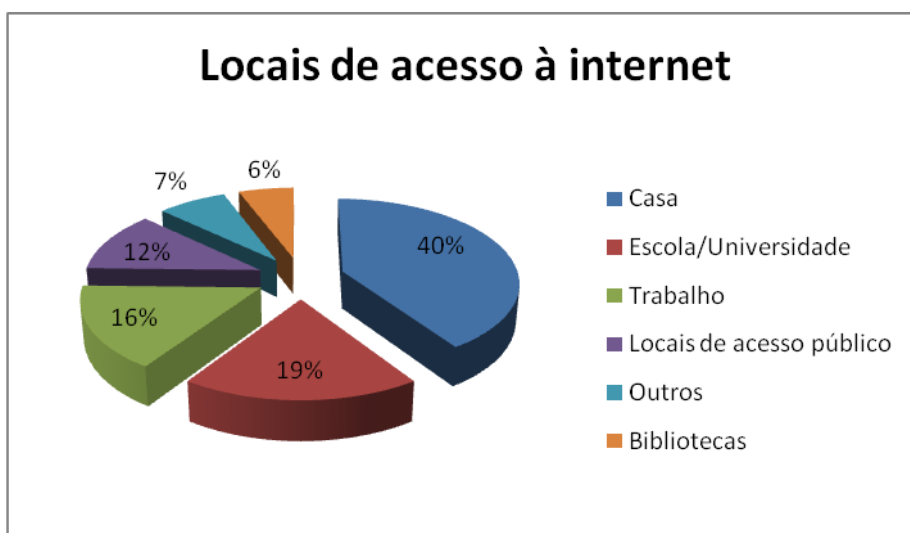
O tempo de residência na Suécia vai de um mês a 27 anos. Em relação à cidade da Suécia em que moram, percebemos que a capital Estocolmo é a escolhida pela maioria, onde 13 respondentes residem, seguindo de *Uppsala* (três).

Em relação ao uso de televisão, jornal, revista, rádio e internet no Brasil, percebemos que a internet ocupa a primeira posição em uma escala de 1 a 5 (em que 1 equivale ao mais usado, e 5 ao menos usado), seguida da televisão. Em relação aos usos desses meios de comunicação na Suécia, a internet também está em primeiro lugar, seguida da televisão e do jornal. Com isso, percebemos a importância que a internet e a televisão têm na vida desses sujeitos: o hábito de assistir ou estar conectado não muda com a migração. Por outro lado, na condição de migração, a leitura de jornais passa a ser um hábito importante (embora não seja o principal), em que dez dos respondentes

<sup>61</sup> O entrevistado pediu para manter o nome original.

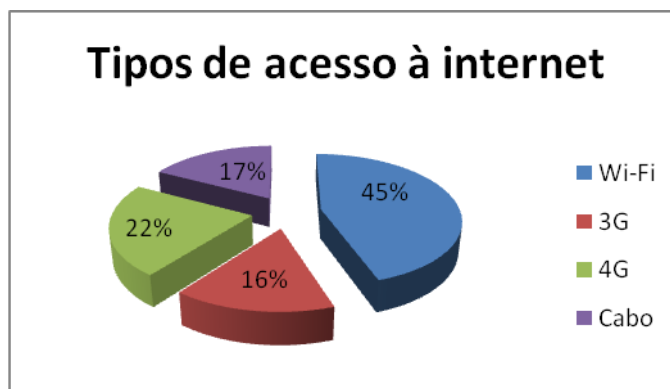
leem, ao passo que no Brasil o uso dos jornais é hábito de apenas oito pessoas. Percebemos que não há grandes diferenças entre o Brasil e a Suécia no hábito de ler jornais, o que nos permite inferir que esta é uma prática secundária na vida desses sujeitos.

O acesso à internet se dá, principalmente, em casa (28 respondentes), mas também na universidade/escola (13 respondentes) e no trabalho (11 respondentes). Nessa questão do formulário, era possível assinalar mais de uma opção, havendo a opção de assinalar outros locais, em que apareceu o uso no transporte público e na rua.



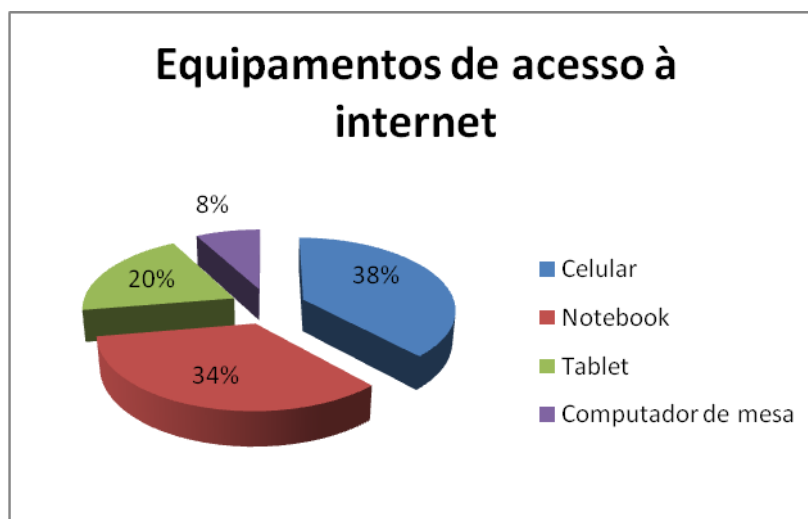
**Gráfico 4:** porcentagem do local de acesso à internet dos respondentes do formulário *online*.

A conexão à internet se dá, predominantemente, via Wi-Fi, seguida do 3G e 4G. O acesso via cabo se dá pela utilização da mesma infraestrutura (cabo) do serviço de televisão por assinatura, a qual apenas nove dos respondentes têm acesso. Nessa questão do formulário, era possível marcar mais de uma opção.



**Gráfico 5:** tipo de conexão à internet dos respondentes do formulário *online*<sup>62</sup>.

O equipamento mais utilizado para acessar à internet é o celular, seguido do notebook. Nesta questão era possível, também, marcar mais de uma opção.



**Gráfico 6:** porcentagem do equipamento de acesso à internet dos respondentes do formulário *online*<sup>63</sup>.

O tempo de uso diário da internet varia de 1 a 6 horas e de 8 a 24 horas por dia. Quanto à participação nos grupos pesquisados, apenas três dos respondentes do formulário *online* não participam do grupo “Brasileiros na Suécia”, enquanto que no outro grupo, “Brasileiros na Suécia/Svenskar i Brasilien”, sete não participam. Porém, 20 participam dos dois grupos.

<sup>62</sup> Nesta questão, além das opções citadas, havia xDSL, Satélite e Rádio.

<sup>63</sup> Nesta questão, além das opções citadas, havia a opção “outros”.

Após a análise do perfil dos respondentes dos formulários, passou-se à aplicação das entrevistas, a partir das quais foi possível traçar um perfil dos dez entrevistados. Esse grupo de participantes é composto por sete mulheres e três homens, com idades que variam de 26 a 40 anos, nascidos na região Sudeste (oito) e Sul (dois) do Brasil, com pós-graduação/especialização ou ensino superior completo ou incompleto. Sendo que dois são administradores do grupo “Brasileiros na Suécia”. Nenhuma das administradoras do grupo “Brasileiros na Suécia/Svenskar i Brasilien” aceitou participar da entrevista. Todos os entrevistados participam do grupo “Brasileiro na Suécia” e oito também do grupo “Brasileiros na Suécia/Svenskar i Brasilien”. O tempo de residência na Suécia vai de dez anos e meio a seis meses.

A amostra dos entrevistados corresponde a um perfil de alta escolarização e alta condição financeira<sup>64</sup>, como podemos perceber no padrão de consumo e nas relações de classe relatados pelos migrantes durante as entrevistas. Foi possível notar algumas diferenças de consumo desses migrantes se comparado ao consumo do tempo em que residiam no Brasil, como, por exemplo, o aumento de viagens de luxo e a questão do trabalho doméstico, aceito no Brasil e visto como exploração na Suécia.

*[o marido] tem uma condição muito boa né, financeira muito boa, então... a gente frequenta muito restaurante, mas eu também frequentava muito restaurante em casa[ no Brasil], pra cá é um luxo te uma pessoa que ajude né, então a gente tem faxineira, tem doméstica, isso que era fácil no Brasil, mas pra cá é muito difícil é praticamente uma vergonha, as pessoas ficam constrangidas de ser julgado, tem gente que já teve quase briga, uma amiga sueca fala que é uma vergonha você empregar uma mulher [...], você já reparou que são mulheres que trabalham nas casas pra limpar a sua merda, pra fazer a sua... sabe porque não são homens, essa consciência sabe, a gente dá conta de fazer a gente sim, é isso não é bonito não. Então dá muito conflito, mas se você for pensar eu tinha ajuda no Brasil e continuei tendo aqui... eu acho que a diferença, assim grande, é mais com relação as viagens né, porque antes pra eu viajar sozinha, sempre viajei né, [...] era alguma coisa mais restrita, agora a gente viaja de luxo né (Ilza).*

*Tudo que eu tinha no Brasil eu tenho aqui também, só a tecnologia, aqui parece que a tecnologia é melhor que no Brasil, um Telefone, por exemplo, é caro, mas é mais fácil, uma televisão é fácil de comprar, um carro é caro de comprar, mas é caro porque o governo incentiva a andar de bicicleta, mas se você quiser um carro, tem condição de comprar (Jussara).*

*[No Brasil] sempre estudei em colégio particular, minha mãe sempre ralou pra caramba pra me dá a melhor educação possível, sempre estudei várias línguas... toda vez que eu queria viajar minha mãe... pagava. [Na Suécia]*

---

<sup>64</sup> Com o objetivo de obter uma amostra mais heterogênea em relação a condição financeira, foi realizada uma busca nos grupos pelos membros que prestavam serviços na área estética na Suécia e entramos em contato por mensagem no *Facebook* convidando para participarem da entrevista, porém não tivemos retorno.



*Depois que eu cheguei, lógico, a coisa mudou né... assim, por mais que a questão de padrão... eu acho que na verdade é a mesma coisa a única diferença é que aqui eu trabalho pra te as coisas que eu quero[...] o padrão de vida é o mesmo, só que a única diferença é que aqui sou eu que tomo as rédeas da minha vida (Luiza).*

*Caviar (risos). Consumo caviar é oito reais o potinho. Carne eu deixei de consumir né. Meu consumo diferencial aqui é mais na parte da alimentação mesmo. Caviar eu como quase todo o dia (Matheus).*

Percebemos, também, que o consumo na Suécia está relacionado, principalmente, à mudança na alimentação, como produtos saudáveis, ecológicos, orgânicos e vitamina D, em função da pouca exposição ao sol no país. Além de cuidados com a saúde, prática de exercícios, também mencionam serviços de beleza, entre outros, que não consomem na Suécia, mas que era consumido no Brasil. Assim, é relatada uma melhora no padrão de vida, mesmo que se tenha mudado/diminuído o hábito de consumo em relação ao Brasil. Por isso, entendemos, com base em Martín-Barbero (2009), que os *habitus de classe* atravessam os usos, os modos de ver e se manifestam na organização do tempo e dos espaços cotidianos desses sujeitos migrantes nos grupos do *Facebook*.

É interessante observarmos a profissão que esses migrantes entrevistados exerciam no Brasil e a atividade profissional que exercem na Suécia. A formação profissional no país de nascimento não garante ao migrante uma melhor condição de trabalho no país de migração, uma vez que, nem sempre, a atividade que se exerce no país receptor é a mesma que se exercia no seu país de nascimento. Ainda assim, três dos entrevistados estão no país a estudos, quatro possuem pós-graduação ou especialização e uma entrevistada atua como coordenadora pedagógica em uma Universidade na Suécia.

<b>Nome</b>	<b>Escolaridade</b>	<b>Profissão</b>	<b>Atividade profissional na Suécia</b>	<b>Tempo de residência na Suécia</b>
Diego	Ensino Superior Completo	Pesquisador Universitário	Músico liberal	1 ano
Ilza	Pós-Graduação/Especialização	Professora	Coordenadora Pedagógica	4 anos e meio
Jussara	Ensino Superior Incompleto	Engenheira de produção	Assistente	3 anos e 6 meses
Laura	Ensino Superior Completo	Advogada	Consultora	10 anos e meio

Luiza	Ensino Superior Completo	Internacionalista	Cuidadora	3 anos e 7 meses
Marcelo	Ensino Superior Incompleto	Analista de Sistemas	Empresário	1 ano e meio
Matheus	Pós-Graduação/Especialização	Biólogo	PhD Student	6 meses
Roberta	Pós-Graduação/Especialização	Professora Universitária	Pós-doutoranda	11 meses
Tiane	Ensino Superior Incompleto	Estudante	Estudante	Mais ou menos 3 anos e meio
Viviane	Pós-Graduação/Especialização	Advogada	Dona de casa	3 anos

**Tabela 0:3:** Perfil dos entrevistados quanto ao nome, profissão, atividade profissional na Suécia e tempo de residência no país a partir das respostas do Formulário *Online*.

Apresentamos, a seguir, um breve perfil de cada um dos dez entrevistados:

**Diego**<sup>65</sup> tem 27 anos, morava no Rio de Janeiro (RJ) e era pesquisador universitário no Brasil, formado em Sociologia. Na Suécia, mora em Estocolmo e trabalhava, no momento da aplicação do formulário, como músico liberal. Já na entrevista, comentou que estava trabalhando com serviços gerais em janelas e portas - limpar, desmontar, montar, pintar, lavar etc. – nas casas. Está há um ano na Suécia, com permissão de residência – visto temporário - e mora com a companheira, que é venezuelana, mas que mora na Suécia há muitos anos, desde criança. Participa do grupo “Brasileiros na Suécia” há mais de um ano, mas não o considera como sendo importante para sua experiência como um migrante na Suécia.

**Ilza** tem 37 anos, morava no Rio de Janeiro (RJ), é formada em pedagogia no Brasil e na Suécia mora em Estocolmo, trabalhando como coordenadora pedagógica. Mora com o marido, que é sueco, e está há quatro anos e meio no país. Quanto à sua situação jurídica, já possui a cidadania sueca. Está no grupo “Brasileiros na Suécia” desde que chegou ao país. A entrevistada convidou a pesquisadora, caso fosse à Suécia, para ficar em sua residência, que seria bem recebida. Dessa forma, percebe-se uma receptividade, mesmo que a questão do convite seja meramente simbólica, mas que mostra que houve aceitação da entrevistada em relação à pesquisadora. Entretanto, não foi possível concluir a entrevista com Ilza<sup>66</sup>.

<sup>65</sup> O entrevistado pediu para manter o seu nome original.

<sup>66</sup> Durante período das entrevistas ela teve assuntos pessoais a resolver, não dando mais retorno. Consideramos manter a entrevista porque a entrevistada discute questões interessantes, além de ser uma das que posta nos grupos assuntos que aparecem nos exemplos da parte analítica desta dissertação.

**Jussara** tem 38 anos, morava em Uberlândia (MG) e cursava em Engenharia de Produção no Brasil. Na Suécia, mora em *Nässjö* e trabalhou nos correios como substituta, praticamente na área em que cursava engenharia de produção no Brasil. Ao entrar em contato com a entrevistada, via *bate papo* do *Facebook*, ela informou que está trabalhando em um asilo de idosos. Está na Suécia há três anos e meio e possui cidadania sueca. Esta entrevistada é administradora do grupo “Brasileiros na Suécia”. Participa dos grupos pesquisados há aproximadamente dois anos e meio. Os grupos tiveram uma grande importância para a entrevistada na sua fase inicial no país, no período de adaptação, pois serviu para orientá-la. Atualmente, não exerce muito as funções de administradora do grupo em função do pouco tempo que tem.

**Laura** tem 36 anos, morava em São Paulo (SP) e é formada em Direito no Brasil. Na Suécia, mora em Estocolmo e teve dificuldades em conseguir emprego, porém trabalha, no momento da pesquisa, como consultora em comunicação intercultural. Está há dez anos e meio no país, com o marido que é sueco, e possui cidadania sueca. Está nos grupos há dois anos e percebe a importância dos grupos para que os sujeitos migrantes se sintam pertencentes a algum lugar e para a troca de informações, embora os grupos ainda não existissem quando ela migrou para a Suécia. Lembrando que Laura, no momento da entrevista, estava passando um tempo no Brasil; portanto, em alguns momentos, ela refere-se “aqui” como ao Brasil e “lá” como à Suécia.

**Luiza** tem 26 anos, morava em Foz do Iguaçu (RS) e é formada em Relações Internacionais no Brasil. Na Suécia, mora em *Ystad* e trabalha como cuidadora de doentes. Está no país há três anos e sete meses com o namorado que é sueco. Sua situação jurídica no país é de visto permanente. É administradora do grupo “Brasileiros na Suécia”. Entrou nos grupos pesquisados mais ou menos três ou quatro meses após chegar à Suécia. Os grupos são importantes para a entrevistada, pois a ajudaram a criar uma rede de amigos que puderam auxiliá-la no momento de chegada ao país, em que pode aprender muita coisa com os grupos.

**Marcelo** tem 38 anos ou 40 anos<sup>67</sup>, morava no Rio de Janeiro (RJ) e não terminou a graduação de Tecnologia em Processamento de Dados; todavia, trabalhava como analista de sistemas - desenhava sistemas de computador para empresas - no Brasil. Já

---

<sup>67</sup> Ao entrar em contato com o entrevistado por *Skype* informou que havia 38 anos; já pelo *bate papo* do *Facebook*, disse que tinha 40 anos. Ainda questionei-o sobre as idades e ele disse que eu havia me confundido e que não havia falado comigo por *Skype*. Entretanto, conferi os nomes nas duas redes sociais e ambas têm o mesmo nome. Percebemos que os sujeitos também negociam não só suas identidades, como também seus discursos e suas linguagens perante o pesquisador, e isto mostra a diversidade e a riqueza das pesquisas e a importância de estar sempre em contato com os objetos de pesquisa.

na Suécia, mora em *Uppsala* e possui sua própria empresa de alimentos brasileiros, em sociedade com a sua mulher, que é brasileira, mas também mora na Suécia desde criança. Eles se conheceram por meio de sites de relacionamentos, como a maioria dos entrevistados da pesquisa. Está há um ano e meio no país, tem a cidadania portuguesa e por isso, segundo ele, não precisa de visto para estar na Suécia. Está nos grupos pesquisados há, aproximadamente, dois anos, e considera os grupos extremamente importantes, pelo acesso à informação e pela experiência colaborativa. Ele próprio diz que “o *Facebook*, de forma geral, é um espaço de gigantesca experiência colaborativa”. Foi o único entrevistado que relatou que teve um problema com a obtenção da sua legalização de sua situação na Suécia, devido a uma falta de informação; pois, quando foi à Suécia, não tinha nada em vista para fazer e, normalmente, a migração concede vistos para quem vai a trabalho, estudos, para quem pretende abrir uma empresa, ou seja, para quem têm planos a serem realizados no país. Diante disso, ele percebeu que precisava dar vasão ao projeto de abrir a empresa de produtos brasileiros, a *Portbrasil*.

**Matheus** tem 30 anos, morava em Natal (RN) e é formado em Biologia no Brasil. Na Suécia, faz doutorado sanduíche, tendo respondido no formulário que faz *PhD Student*. Mora em Estocolmo em uma residência universitária, com pessoas de vários lugares do mundo, no Instituto de *Karolinska*. Está no país há seis meses com visto temporário – visto de estudante. Participa dos grupos do *Facebook* há um ano, os quais foram fundamentais para o entrevistado, pois ele pôde ter informações mais detalhadas sobre a vida na Suécia.

**Roberta** tem 40 anos, morava em Belo Horizonte (MG) e era professora universitária no Brasil. Na Suécia está fazendo pós-doutorado. Está há 11 meses na Suécia, com visto de estudante, e mora em um apartamento alugado que não tem vínculo com a universidade. Está nos grupos há, aproximadamente, um ano. Considera que os grupos não são importantes, não são significativos, pois afirma que não tem tempo de ficar interagindo neles. A entrevista foi sempre muito objetiva em suas falas.

**Tiane** tem 27 anos, morava em Linhares (ES) e era estudante de Relações Internacionais no Brasil. Na Suécia, continua na situação de estudante, mas com os estudos voltados para a área de Linguística<sup>68</sup> e mora em *Skellefteå*. Está no país há, aproximadamente, três anos e meio, morando com o companheiro que é sueco. Sua situação no país é de visto permanente. Está nos grupos há muito tempo; entretanto, no

---

<sup>68</sup> “não é exatamente isso, mas é uma graduação um pouco semelhante” Tiane.

grupo “Brasileiros na Suécia/Svenskar i Brasilien” ela não está mais, avalia a importância dos grupos para o contato com outros brasileiros e na troca de informações.

**Viviane** tem 34 anos, morava em Florianópolis (SC) e é formada em Direito no Brasil. Na Suécia mora em Estocolmo e é dona de casa, mora com o marido, brasileiro, que foi pra Suécia devido a uma proposta de emprego. Está há três anos no país com o visto provisório, renovável a cada dois anos. No próximo pedido a ser feito, poderá conseguir o visto permanente, pois após quatro anos residindo no país, pode-se pedir o visto permanente. Participa dos grupos pesquisados há um ano ou dois, e considera os grupos como importantes na sua experiência como migrante, pois ali pôde encontrar informações com pessoas que passaram ou que sabiam lhe informar sobre determinadas situações.

É válido ressaltar que as diferentes situações de migração, como no caso dos que estão a estudo, no qual ficarão um tempo pré-determinado no país, em relação àqueles que estão em outra condição, vão possuir uma experiência e uma visão em relação à Suécia, aos grupos e a migração em si de maneiras diferentes, muitas vezes. Outra questão está associada aos administradores dos grupos que nos apresentarão sua relação com os grupos e a sua importância de maneira diferenciada em relação aos demais membros, uma vez que ao ser administrador criar-se um vínculo maior.

A partir desse breve traçamento dos perfis, podemos explorar alguns dos relatos, a partir da entrevista e do formulário, sobre usos da internet e das mídias em geral, relacionados às experiências de migração. Em relação ao conhecimento dos respondentes do formulário acerca de outros grupos, sites, *blogs* e portais sobre migração de brasileiros na Suécia, destacaram o grupo “Brasileiros em Estocolmo”, a página “Aqui na Suécia”<sup>69</sup>, o canal o *YouTube* também intitulado “Aqui na Suécia”<sup>70</sup>, o grupo “Quero morar na Suécia”<sup>71</sup>, a página da Embaixada do Brasil em Estocolmo<sup>72</sup> e o *blog* “um caipira na Suécia”<sup>73</sup>. Percebemos que o uso da internet nesses casos gira em torno de páginas, sites e *blogs* que trazem informações e compartilhamento de experiências acerca da Suécia e de ser um migrante nesse país escandinavo.

Quanto ao uso das mídias antes da migração, percebemos que os migrantes não acessavam nenhum meio de comunicação sueco e se comunicavam, majoritariamente,

<sup>69</sup><https://www.facebook.com/aquinasuecia>

<sup>70</sup><https://www.youtube.com/user/aquinasuecia>

<sup>71</sup><https://www.facebook.com/groups/morarnasuecia/>

<sup>72</sup><https://www.facebook.com/brasemb.estocolmo/>

<sup>73</sup><http://umacaipiranasuecia.com/>

apenas com o(a) companheiro(a) sueco(a), ou com o professor orientador do pós-doutorado (Renata) ou do doutorado sanduiche (Matheus). Essas eram únicas pessoas residentes na Suécia com quem os migrantes mantinham contato antes de lá morar.

Os usos da internet por parte desses migrantes se dá muito para a busca de informações específicas sobre a Suécia e, principalmente, sobre o Brasil. Assim, a internet é fundamental para os sujeitos que a usam para “tudo”, pois ela se configura como a principal fonte de informação e busca de conhecimento, além de ser uma forma de manter contato com a família e com os amigos que ficaram no Brasil.

*Pra tudo (risos), pra muita coisa... mas ao mesmo tempo com restrições né, principalmente com minha filha né [...] então é essa misto de ser uma forte usuário pelo trabalho e pra vida social e pro meu coração pra tá perto da família e dos amigos do Brasil, mas é... com muitas regras em casa, principalmente, como mãe (Ilza).*

*Uso a internet pra conversar com as pessoas no Brasil, pra resolver minhas questões no Brasil, pra estudar e pra informação (Jussara).*

*pra quase tudo (risos), na verdade, no geral, aqui em casa né, a gente usa a internet pra paga conta... Pra fazer download (risos)... pra conversar, claro, com a família e tudo mais. Eu uso a internet pra comprar coisas também, a gente usa bastante pra isso, pra comprar livro, peça de computador essas coisas, roupa... Quando eu cheguei aqui eu usava bastante a internet pra conhecer outros brasileiros, a questão da comunidade né, do grupo que a gente tem, conheci muita gente legal ali no grupo... (Luíza).*

Quanto aos principais sites, blogs, fóruns, etc. em língua sueca ou em língua inglesa acessados sobre a Suécia, os principais são sites de notícia, como The Local<sup>74</sup> e DN Sweden<sup>75</sup>, o site do canal televisivo estatal sueco SVT<sup>76</sup> e a rede social *online* Facebook. Além de outros sites de notícias como The News<sup>77</sup>, Expressen<sup>78</sup>, Metro<sup>79</sup> e Aftonbladet<sup>80</sup>, e de um site de culinária HKR<sup>81</sup>. Uma das entrevistadas, Ilza, além de usar a internet para obter informações sobre o país e ter contato com a língua sueca, também assina jornais impressos. Além disso, o canal estatal sueco que tem um site (SVT) é uma das fontes principais, pela credibilidade da informação, pois como afirmam as entrevistadas Luíza e Ilza: “*tem uma parte que é só ‘nyheter’, que quer dizer notícias, eles colocam notícias, mas são notícias neutras porque eles não tomam lado*

<sup>74</sup><http://www.thelocal.se/>

<sup>75</sup><http://www.dnsweden.se/>

<sup>76</sup><http://www.svt.se/>

<sup>77</sup><http://www.thenews.com.pk/>; <http://thenews.mx/>

<sup>78</sup>[www.expressen.se](http://www.expressen.se)

<sup>79</sup><http://www.readmetro.com/en/sweden/>

<sup>80</sup>[www.aftonbladet.se](http://www.aftonbladet.se)

<sup>81</sup><http://www.hkr.se/sv/>

*partidário nada, então é aquele tipo de fonte de informação que você confia” (Luiza) e, também, pela qualidade da programação infantil, principalmente: “tanto para parte infantil que é MARAVILHOOSA, TV pública para criança, aqui você chora, sem comercial, coisa de qualidade” (Ilza).*

Em relação a terem visto algo específico sobre a Suécia nos meios de comunicação brasileiros, percebemos que a imagem de um lugar com uma cultura voltado ao respeito, à igualdade e aos melhores níveis de educação era presente:

*[...] alguma coisa assim, que eu li era alguma coisa relativa às políticas públicas mesmo, né, e dos níveis, sempre aparecia ali no... que pra mim eram consideradas como positivas, como educação, posição no mercado de trabalho, parte ecológica, eu lembro. Mas eu tinha uma ideia que era muito mais homogêneo do que eu realmente encontrei, né, eu tinha aquela ideia da Suécia como lá no fundo um polo norte funcionando, e como eu falei eu não imaginava encontrar esses conflitos que tem né, nos subúrbios e a, principalmente, sobre essa força da religião muçulmana que era a última coisa que eu esperava (Ilza).*

*Olha... [...] acho que eu vi no Discovery travel in living é... um festival Viking aqui na Suécia e depois eu vi a questão do Garrincha que ele veio pra copa na Suécia e aí ele teve um filho aqui na Suécia, com uma moça sueca. Acho que foi no Globo Esporte, não sei, Esporte TV, alguma coisa assim (Luiza).*

Imaginavam que a Suécia era um lugar homogêneo, onde não havia diferenças e conflitos, apesar de os suecos terem uma cultura de evitar conflitos: “*Sabe, é uma outra coisa que ele evitam ao máximo, não gostam de conflito*” (Ilza). Percebemos que antes de migrar, ou antes de conhecer os(as) seus(suas) companheiros(as), a Suécia não despertava interesse nesses entrevistados, que passaram a procurar saber mais sobre o país em função do relacionamento amoroso.

Os entrevistados usam as redes sociais *online* para manter contato e para estar mais próximos da família e dos amigos que ficaram no Brasil. Esse estar aqui e lá ao mesmo tempo, em que os vínculos com o Brasil não se perdem, se (re)alimentam por meio da internet. As principais redes sociais *online* que esses migrantes usam são: *o FaceTime*<sup>82</sup>, *o WhatsApp*, *o Skype*, *o Instagran*, *o Facebook*, *o Viber*<sup>83</sup>, *o Twitter*, *o LinkedIn* e *o ICQ*<sup>84</sup>.

<sup>82</sup>O FaceTime é uma aplicativo da Apple que permite a comunicação com outros usuários através da rede Wi-Fi ou 3G, 4G fazendo chamadas de vídeo ou áudio. Os usuários podem entrar em contato através do número do telefone ou e-mail. Disponível em: <http://www.lol.etc.br/2015/02/o-que-e-e-como-usar-o-facetime.html>. Acessado em: 20/01/2016.

<sup>83</sup>O Viber é um dos aplicativos mais conhecidos entre os usuários de iOS, Android e Windows Phone, que permite aos usuários fazer trocas de mensagens, ligações e mensagens de vídeos gratuitamente,

Diante dessas primeiras percepções sobre os usos sociais que esses sujeitos fazem, principalmente, das mídias, em geral, e do *Facebook*, entendemos que as entrevistas por *Skype* foram um momento em que os entrevistados abriram a sua casa e compartilharam com a pesquisadora as suas percepções da vivência da migração. Em um primeiro momento, houve um estranhamento ao “entrar” na casa de alguém em que não se conhecia, conversar com uma pessoa que só se via por meio dos grupos. Foi um estranhamento, pois se entrava na intimidade, na casa, assim como a pesquisadora estava abrindo a sua casa para uma outra pessoa desconhecida. Após essa primeira impressão, foi se tornando confortável e agradável realizar as entrevistas, pois os entrevistados se mostravam sempre muito receptivos e dispostos a responder às questões que fossem além das planejadas no roteiro inicial. Em alguns momentos, a perplexidade tomou conta da pesquisadora, por se deparar com preconceitos a respeito dos fluxos migratórios dos refugiados e dos pedidos de asilo<sup>85</sup>, quando se referiam a esses migrantes de forma diferenciada dos demais, avaliando-os e não se colocando no lugar também de migrante. Também se falava sobre os discursos sobre a política brasileira de modo geral. Um dos entrevistados (Diego) afirma que “ainda bem” que saiu do Brasil na situação política atual. Por fim, as entrevistas ajudaram a entender melhor o contexto desses migrantes e, além disso, foi enriquecedor conversar e ouvir suas realidades e experiências.

#### 4.2 Usos sociais dos grupos do Facebook por migrantes brasileiros na Suécia

A partir do entendimento do universo dos grupos do *Facebook* de brasileiros migrantes na Suécia, das leituras que esses migrantes fazem do contexto em que estão

---

usando Wi-Fi ou 3G/4G. Disponível em: <http://www.tudocelular.com/android/noticias/n33345/app-viber-ligacoes-gratuitas-para-fixo.html>. Acessado em: 22/01/2016.

<sup>84</sup> ICQ é uma redução da pronúncia em Inglês das letras I (ai), C (si), Q (kiu), formando a frase “*I seek you*”, que em Português, significa: “Eu procuro você”. Ele é um programa de comunicação instantânea, o pioneiro dos programas do gênero na internet. A sua utilização se dá a partir da instalação do software, em que o usuário obtém um Número de Identificação Único que o identifica na rede, no qual é possível adicionar outros usuários através desse número ou, ainda, procurar por características específicas. Disponível em: <http://www.significados.com.br/icq/>. Acessado em: 22/01/2016.

<sup>85</sup> Um requerente de asilo é alguém que procura o estatuto de refugiado. Aqueles que não são considerados nem refugiados, nem necessitados de qualquer outra forma de proteção internacional --como uma autorização de residência-- podem ser enviados de volta para seus países de origem. Até que a decisão seja tomada, os requerentes só podem viver em alojamentos, sem permissão para trabalhar. Disponível em: <http://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2015/05/20/saiba-mais-qual-a-diferenca-entre-ser-refugiado-requerente-de-asilo-e-imigrante.htm>. Acessado em: 03/12/15; Disponível em: <http://www.cartacapital.com.br/internacional/entenda-a-diferenca-entre-migrante-refugiado-e-requerente-de-asilo-2601.html>. Acessado em: 03/12/15.



inseridos e das postagens em seus perfis no *Facebook* acerca da Suécia, construímos a nossa análise. Esta análise se baseia nos diversos procedimentos metodológicos, já apresentados anteriormente, que nos ajudaram a identificar os usos sociais que migrantes brasileiros na Suécia fazem de grupos do *Facebook* que estejam relacionados a questões de identidade e diferença. Além disso, nos ajudaram a responder as questões centrais dessa pesquisa, a saber: Quais são e como se dão os usos sociais do *Facebook*, especialmente nos ambientes dos grupos, por migrantes brasileiros na Suécia? Como essas interações dão visibilidade a questões de identidade e diferença experimentadas pelos sujeitos migrantes? De que forma as fomentam?

Assim, as postagens nos grupos se referem a diversas questões, que vão desde o compartilhamento da sua experiência com a culinária e com a alimentação, até informações sobre onde encontrá-los na Suécia e em sites que vendam esses produtos. Também há postagens que têm como finalidade marcar encontros ou eventos presenciais, funcionando como mecanismos de estarem próximos para conversar, assistir aos jogos de futebol do Brasil na copa de 2014 ou até mesmo passarem o Natal e o Ano Novo juntos. Além de diversas outras questões de importância e relevância para esses migrantes que são discutidas nos grupos e que, muitas vezes, refletem no seu próprio perfil do *Facebook* ou até mesmo na fala dos sujeitos entrevistados.

Em relação à fala desses entrevistados, percebemos similaridades no que diz respeito às postagens nos grupos. Isso ajuda a compreender os usos que são feitos por esses migrantes nesses ambientes comunicacionais, em que comentam sobre a culinária brasileira, a política, tanto sueca quanto brasileira, e os problemas relacionados às migrações atuais. Além da cultura e da adaptação a ela, trata-se de questões ligadas a emprego e ao domínio do idioma sueco, fatores mencionados como meio de integração, entre outros assuntos que nos ajudaram a pensar todas as dinâmicas acionadas nessas falas.

A seguir, apresentamos os eixos teórico-analíticos que nos ajudaram a compreender de que forma esses migrantes constroem os usos sociais da internet, mais precisamente, os sentidos construídos no *Facebook*, a partir das apropriações relacionadas com a condição de migrante desses comunicantes na Suécia. Esses eixos foram construídos com base nas entrevistas, formulários, observação dos grupos e de uma breve observação do perfil do *Facebook* dos entrevistados.

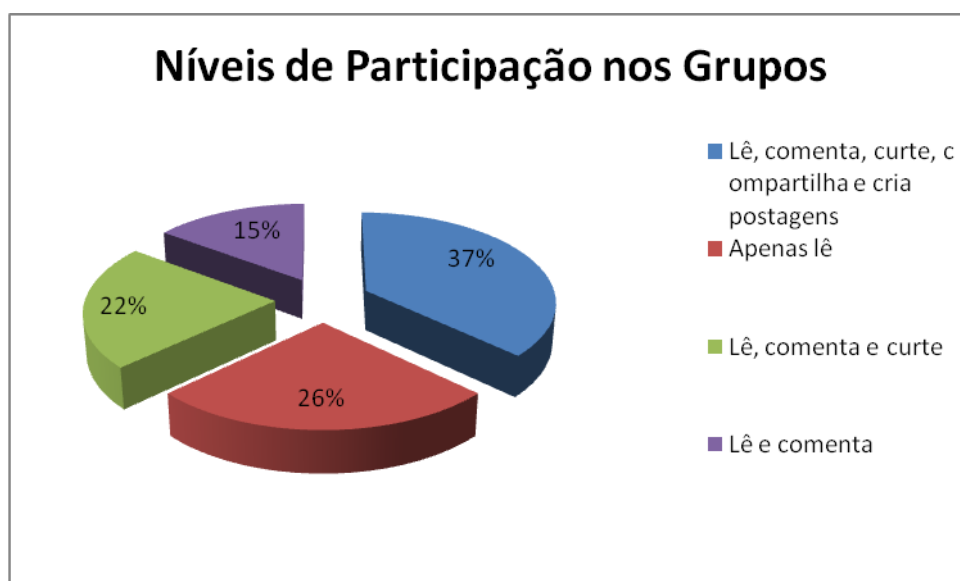
#### *4.2.1 Dinâmicas nos Grupos do Facebook e a Mediação da Tecnicidade*

O *Facebook* torna-se um espaço de diversas dinâmicas sociais atravessadas pela mediação da tecnicidade, em que os sujeitos se expressam, criam conteúdo e compartilham suas experiências, seus valores e suas crenças com aqueles que fazem parte da sua rede de contatos, ou com aqueles que possuem interesses em comum, como é o caso dos grupos do *Facebook*. Algumas dessas questões podem ser evidenciadas nos grupos a partir das suas maneiras de organização, objetivos e dinâmicas de postagens, ou seja, as dinâmicas nos grupos pesquisados. Além de algumas percepções da pesquisadora, realizadas no período de monitoramento sistemático – de 31 de outubro de 2014 a 31 de março de 2015, e com o formulário e com as entrevistas.

Em relação ao tempo diário dedicado ao acesso aos grupos do *Facebook*, depende e varia muito do dia e da semana. No entanto, a grande maioria usa durante semana, menos de 2 horas por dia, em virtude das suas obrigações e das tarefas. Já nos finais de semana, o uso pode aumentar para 4 horas diárias.

*Olha pra ser bem sincera eu ando bem ausente do grupo, dos grupos, no caso, é... porque como eu comecei a faculdade agora, é muito tempo que eu levo pra chega na faculdade e pra volta... eu tenho aula todo o dia e todos os dias da semana, chega em casa tarde e tal, só dá tempo de cozinha, come, descansa e dormi. [...] mas... assim... a gente, nós administradoras, temos um chat... e, assim, quando tá dando BO no grupo, normalmente alguém comenta no chat que a gente tem, tipo “aí tal tá começando”, “aquela pessoa lá tá começando, vamo fica de olho”. Mas eu tento acompanhar, eu posso te dizer que... assim no final de semana que eu tenho tempo, mas dia de semana eu só olho o que aparece no meu feed, entendeu, alguém que comentou e tal, alguém que eu tenho adicionado que comentou no post e tal (Luiza).*

Quanto à forma ou aos níveis de participação nos grupos, tomamos como base nos formulários *online*, a partir dos quais vimos que a maioria dos respondentes “lê, comenta, curte, compartilha e cria postagens”, seguida de “apenas lê”.



**Gráfico 7:** porcentagem dos tipos de participação nos grupos do *Facebook* dos respondentes do formulário *online*<sup>86</sup>.

Os vários modos de participação em uma rede social *online* não se limitam simplesmente a ler, curtir, comentar, compartilhar ou criar postagens em um grupo no *Facebook*, por exemplo. A participação se dá e se cria de todas essas formas, sem serem excludentes e se constroem a partir de um interesse em comum. Diante disso, percebemos que esses sujeitos, juntos, compartilham conhecimento numa cultura participativa. Assim, essa cultura participativa ajuda a pensar os modos de uso das TICs para a construção de sentidos acerca das identidades, diferenças e dinâmicas interculturais que circulam nesses espaços comunicacionais aqui estudados. Além disso, o *Facebook* e as experiências individuais e coletivas compartilhadas contribuem para a criação de redes de apoio e cooperação e nos ajudam a pensar quais usos são acionados nesses espaços. Portanto, a participação desses migrantes não se dá apenas na esfera *online* das discussões acerca das motivações que os ensejam a postar ou comentar, mas ela perpassa o *off-line*, em que esses encontros culturais promovem a sociabilidade, a integração cultural e a interação de uns com os outros.

Dessa forma, plataformas da internet como o *Facebook* implicam diferentes usos sociais, os quais implicam uma tecnicidade, uma vez que as ferramentas técnicas moldam os discursos e as formas de nos relacionarmos com a própria plataforma.

<sup>86</sup> Nesta pergunta, também havia as opções: “apenas comenta”; “apenas curte”; “lê, comenta, curte e compartilha”; “apenas compartilha”; e “apenas cria postagens”.

Assim, os dois grupos aqui pesquisados compreendem grupos fechados do *Facebook*, em que só é possível participar mediante aceitação do administrador. A pesquisadora foi aceita em ambos os grupos. Antes disso, não era possível visualizar nenhuma informação (a não ser quais eram os seus membros), como explicitado na seção 3.2.1 da metodologia.

O grupo “Brasileiros na Suécia/Svenskar i Brasilien” possuía, no mês de maio de 2015, 1.758 membros, com uma média de 66,8 postagens e 693,4 comentários por mês. Isso equivale a um total de 334 postagens e 3.467 comentários (ver apêndice F). Esse grupo, nesse período, possuía dois administradores que organizavam as dinâmicas do grupo, controlando as postagens de forma a manter a ordem. Em sua descrição, eram apresentadas as regras, segundo as quais só era permitida a entrada no grupo de brasileiros que estão ou que pretendem ir para a Suécia. Observamos que o caráter mais organizado do grupo se reflete nas postagens em que há pouca propaganda e venda de produtos. Outro fator que contribui para esse caráter é a forma que os novos membros são abordados ao solicitarem participação, em que um dos administradores entra em contato, indagando os objetivos da participação no grupo.

Já o grupo “Brasileiros na Suécia” possuía, no mês de maio de 2015, 1.451 membros, com uma periodicidade de, aproximadamente<sup>87</sup>, 98,4 postagens e 1174,6 comentários por mês. Isso equivale, aproximadamente, a um número de 492 postagens e 5.873 comentários (ver apêndice G). Esse grupo, no período de maio de 2015, possuía cinco administradores que pouco intervinham nas dinâmicas do grupo ou exerciam algum tipo de controle sobre as postagens publicadas. Em sua descrição, foi possível observar as regras que, assim como o outro grupo, informavam que era permitida a entrada de brasileiros que estão ou que pretendem ir para a Suécia, embora isso não funcionasse na prática. Observamos que o caráter mais informal do grupo se reflete nas postagens que contêm muita propaganda e venda de produtos. Outro fator que contribuiu para esse caráter era o fato de os novos membros não serem interpelados ao solicitarem a participação, ou seja, eram aceitos sem nenhuma intervenção, se comparado ao outro grupo.

---

<sup>87</sup> Os valores apresentados são aproximados, devido ao percalço ocorrido no momento da captura com a ferramenta *Ncapture* em que não foi possível capturar como arquivo do EXCEL e sim como PDF. Isso dificultou a contagem exata, sendo necessário complementar com as capturas feitas com o *Capture Page*, para se ter o máximo de exatidão nas contagens das postagens e dos comentários por mês. Lembrando que esse tipo de imprevisto técnico pode acontecer, pensando que a tecnologia também tem suas limitações e falhas.

Percebemos que, apesar de o primeiro grupo ter toda uma política de esclarecimento das regras e toda uma questão de auto-regulamentação e de organização para manter a ordem, é o grupo que possui mais membros se comparado ao segundo, que não possui, de forma efetiva, esse controle sobre as formas de participação dos membros, apenas constando na descrição das regras.

Durante os meses de observação mais intensa dos grupos, pode-se perceber que o grupo “Brasileiros na Suécia” possuía uma dinâmica mais intensa de postagens do que o outro - “Brasileiros na Suécia/Svenskar i Brasilien”. Além disso, no dia 11 de dezembro de 2014, criou novas regras, alterando sua descrição. As regras foram fixadas no *feed* de notícias do grupo, como uma postagem<sup>88</sup> permanente. No entanto, parece que as regras no grupo não ficaram claras, sendo preciso reforçar em uma nova postagem, na mesma data, que o grupo era destinado para brasileiros que vivem na Suécia, e não para outros propósitos. Isso se repete em várias outras postagens, de modo a reforçar o objetivo do grupo.

Essa questão é possível, também, de ser observada, quanto aos limites e problemas apresentados nos grupos, em relação às suas próprias regras e ao controle sobre os novos pedidos de participação no grupo. Todavia, isso parece não ser considerado um problema pela administração do grupo “Brasileiros na Suécia”, pois a ideia inicial era que o grupo fosse autogerido pelos próprios membros, sem regras. No entanto, esse sistema de autogestão não funcionou e foi necessária a reorganização de algumas informações para boa convivência e organização, pois o objetivo do grupo é ser mais descontraído, e não tanto uma “central de informações” da Suécia ou de como viver no país. Almejava-se que as postagens tivessem um viés de compartilhamento de experiências migratórias, do dia-a-dia na Suécia. Como Luiza, uma das administradoras do grupo, destacou:

---

<sup>88</sup> “\*\*\*ATENÇÃO\*\*\* SE VOCÊ NÃO MORA NA SUÉCIA, FAVOR INGRESSAR NO GRUPO “QUERO MORAR NA SUÉCIA: [https://www.facebook.com/groups/1519032041699976/1519034045033309/?notif\\_t=group\\_comment&refid=18](https://www.facebook.com/groups/1519032041699976/1519034045033309/?notif_t=group_comment&refid=18) ATENÇÃO MEMBROS E DO GRUPO E PESSOAS INTERESSADAS EM INGRESSAR NO MESMO PARA AS NOVAS REGRAS:1- Este é um grupo destinado a pessoas que moram ou estão com data marcada para se mudar para a Suécia. Caso vc tenha apenas curiosidade, interesse ou sonho de morar aqui, dirija-se ao grupo "QUERO MORAR NA SUÉCIA", lá você terá todas as suas dúvidas sanadas por pessoas que já moram aqui. A divisão se dá única e exclusivamente para manter o foco e a ordem.2- Todo e qualquer assunto que seja de interesse de brasileiros residentes na Suécia serão permitidos. Pedimos apenas que opiniões divergentes sejam respeitadas. 3- Propagandas que sejam de utilidade para nós brasileiros será permitida, mas deverá ser feita as segundas-feiras. Em casos especiais, consulte os administradores. 4- Não será tolerado, de maneira alguma, ofensas, uso de palavras de baixo calão e afins.- Salientamos que as regras são as mais simples possíveis e q, o não cumprimento das mesmas acarretará em advertência ou exclusão do grupo. Agradecemos desde já a compreensão de todos. Atenciosamente, A Administração”.

*na verdade no nosso grupo a gente não queria te regra, entendeu, a gente queria que as pessoas tivessem no grupo pra se diverti, pra se descontraí, entendeu, na verdade o objetivo do grupo não é ajuda, tá a gente ajuda as pessoas também, entendeu, mas assim é uma questão mais descontraída. Lógico, a Carla<sup>89</sup> teve que escrever regras e tudo mais, porque tava meio samba do crioulo doido, o pessoal tava entrando, postando foto de si mesmo, perguntando o que achavam do cabelo da pessoa... a gente já viu muita coisa (risos), [...] e daí assim, tem umas coisas muito sem noção, entendeu, e perde a credibilidade do grupo sabe. [...] então a gente teve que vim com umas regras, porque, e outra coisa propaganda também, era uma coisa que tinha muito no grupo, e isso incomoda, ninguém que entra no grupo pra vê propaganda... então a gente teve que delimita um pouquinho isso. Problemas, então, mas o nosso grupo é diferente [...]. A nossa ideia do grupo é conversa com gente brasileira, entende que vive aqui, dividi nossos problemas, não é uma questão de informação, lógico que a gente ajuda também, mas o objetivo do grupo não é esse. Ali você pode chega e conta pra gente que você teve um dia terrível no trabalho, e alguém vai comenta “putz mas meu dia hoje também foi dose”, entendeu (Luíza).*

Ainda acerca dos problemas e dos limites que os grupos apresentam, observamos, que a maioria dos membros considera a falta de educação de algumas pessoas como um problema que gera conflitos desnecessários, como podemos observar nas falas abaixo:

*Problema maior é a falta de respeito, é muito grande, foi um dos motivos de eu me afastar do grupo, as pessoas postam coisas lá, não leem direito o que pode, e extrapolam o limite e respeito (Jussara).*

*[...] eu acho que o maior problema nos grupos é a questão que as pessoas querem aparece... ou querem mostra que sabem mais que as outras. Eu acho que esse é o maior problema, e normalmente nessas, como eu te disse, discussões que dividem opiniões, essas coisas acabam aparecendo, tem muita gente que vem com aí... eu costumo dizer pessoa que se querem pagar de intelectuais... falam um monte de palavra bonita e blábláblá, mas não tão falando porcaria nenhuma, e as pessoas que realmente tem conhecimento sobre essas coisas, elas não tem necessidade de tá num grupo e dá uma lição de moral [...]. Aí a pessoa se sente ofendida e aí a discussão vai... escalando, escalando até que chega um minuto que a gente tira a pessoa entendeu?! (Luíza).*

Em relação aos debates e assuntos discutidos nos grupos, os entrevistados comentam sobre vários aspectos, tanto em relação aos assuntos que consideram interessantes de serem discutidos, quanto aos assuntos que são mais discutidos por eles. Em suas falas, podemos observar os tipos de assuntos que consideram importantes de serem abordados, tais como o sistema educacional e a questão de integração:

---

<sup>89</sup> Nome fictício.

*O sistema educacional, depois em escala os outros sistemas, sistema de trabalho, a parte de integração, de convívio, porque tem brasileiro que vem pra cá que é bem mais velho que eu, então é bem mais difícil se adaptar a outra cultura (Jussara).*

*(risos) acho que a maior, eu acho que, digamos 90% das perguntas do grupo, [...] a maior pergunta era: “como eu faço pra morar na Suécia”, “como eu consigo documentação” e blábláblá. Ahh só que daí a gente cansa também né de ficar respondendo a mesma pergunta o tempo todo e às vezes [...] as pessoas perguntam quais são as vantagens e desvantagens de viver na Suécia e assim, ninguém tem um começo fácil aqui, entendeu, é difícil você vim pra um país que é escuro, um país que inverno, que as pessoas não são tão abertas, que você não sabe a língua... ninguém teve começo fácil você entendeu? (Luiza).*

Percebemos, por meio da fala dos entrevistados, que perguntas relacionadas à cidadania jurídica, bem como a questão de visto e documentação, são perguntas recorrentes nos grupos, como já tínhamos observado anteriormente, além de questões relacionadas à busca por diversos tipos de informações sobre uma projeção de desejo de migrar. Luiza destaca a importância de se discutir assuntos que os aproximem do Brasil, seja por meio da culinária ou de questões regionais, bem como questões do cotidiano da vida na Suécia:

*hoje em dia como a maioria de nós no grupo já estamos no grupo há bastante tempo, a gente desenvolveu lá amizades e tal, a gente se conhece pessoalmente e tal, [os assuntos giram] muito em torno de comida, por exemplo, “ah achei mandioca no mercado”, aí todo mundo corre lá no mercado e compra mandioca, “ah alguém aqui tem, conhece alguém que tem natura pra vender na Suécia”, ah beleza vão lá comprar natura da pessoa. Tirando isso... acho que é mais essa questão de encontrar coisa brasileira aqui na Suécia ultimamente. [...] eu acho que esse sentimento de que existe pessoas como você né... eu gosto, eu particularmente gosto de publicações, por exemplo, teve uma publicação, essa publicação já aconteceu várias vezes, por exemplo, “aí vamos lembrar coisas que a gente fala no Brasil”, aí cada um vem com essas expressões das regiões do país que você vem, entendeu, e sempre fica uma conversa legal. Eu também, por exemplo, gosto, eu acho legal, a gente não faz muito hoje em dia, mas antigamente a gente ficava no grupo comentando do povo na televisão. Essas coisas de descontração, sabe, tipo de você pode brincar sem que as pessoas não te entendam exatamente o que você tá dizendo. A questão de você se expressa na sua língua, entendeu, você pode falar com gente que fala o mesmo idioma, que pensa da mesma maneira que você... (Luiza).*

Assim, percebemos que as dinâmicas apresentadas nos grupos se dão em torno de encontrar “gente como a gente”, do sentimento de pertencimento, de poder falar no seu próprio idioma, o que faz com que os grupos aproximem os membros do Brasil: “eu acho que o grupo me faz sentir mais perto do Brasil” (Luiza). Ao mesmo tempo em que facilita a vida na Suécia a partir da troca de informações sobre temas do cotidiano, do acesso a bens e serviços na Suécia. Assim, os grupos contribuem para a questão do pertencimento e para a adaptação à cultura e à vida na Suécia.

De forma a entender quais eram os usos sociais feitos por esses sujeitos migrantes nos grupos do *Facebook*, implicados por uma tecnicidade, foi possível observar, de forma geral durante a pesquisa de campo, que grande parte das mulheres dos grupos possui um namorado, marido ou *sambo*<sup>90</sup> sueco, pois nos grupos muitas delas se referiam a eles na busca por alguma informação, a exemplo de, como conseguir o visto permanência tendo o marido sueco. Outro fator que podemos observar é que há integrantes que participam dos dois grupos, gerando distinção em relação às mesmas postagens que publicam em cada um dos grupos, pois geram interações diferentes, o que pode ser visto pela variação na quantidade de comentários. Um dos fatores que pode levar a isso é o fato de o grupo “Brasileiros na Suécia” ter um volume maior de postagens, o que contribui para que algumas delas passem despercebidas pelos demais membros; enquanto o outro grupo, por ter menos postagens e menos propagandas de serviços prestados, existe uma interação mais facilitada.

Observamos, também, que os assuntos sobre mídia tornam-se importantes para os migrantes na busca por informações, a exemplo de como assistir a determinado programa, por exemplo, em que os acontecimentos no Brasil, de forma geral, despertam o interesse dos brasileiros migrantes, de maneira a se manterem conectados com o país de nascimento.

O apoio e a informação dados ou recebidos nos grupos, a exemplo da busca dos migrantes para alugar ou comprar imóveis é bastante frequente, o que é manifestado tanto pelo pedido de dicas de como encontrá-los, como por interesse em ceder ou dividir um local. Além disso, percebemos que todas as postagens, independentemente da temática, têm um viés de ajuda mútua, de cooperação e de o apoio aos demais membros na obtenção do que desejam, criando-se uma rede de solidariedade.

O estudo do idioma sueco e a sua importância para a socialização é presente nas postagens dos grupos, como a procura por cursos, informações e auxílio de como conseguir se adaptar mais rapidamente à cultura local. A cidadania jurídica, relacionada à regulamentação dos vistos, é, também, frequente nos grupos, com troca de informações a respeito de vencimento, troca de visto, visto para os familiares, entre

---

<sup>90</sup>A palavra *Sambo* na tradução literal é “ligado”. Assim, o termo é utilizado para fazer referência a alguém que está “ligado” à outra pessoa de forma estável, ou seja, uma união estável, em que não se pode ser *sambo* e ao mesmo tempo ser casado. Nessa situação, o *Sambo* não possui alguns direitos que uma união juramentada teria. Por exemplo, no caso de separação, o *sambo* não tem direito aos bens materiais do parceiro. Possui alguns direitos tais como tomar para si a residência, mesmo sendo posse de terceiro. Disponível em: <https://www.facebook.com/notes/brasileiros-na-su%C3%A9cia/direitos-do-sambo/10151703709406283>. Acessado em: 12/01/2016.



outras questões. Por fim, destaca-se a troca de informações sobre remessas, principalmente relacionadas às remessas econômicas (dinheiro).

Portanto, diante do contexto da internet os receptores passam também a produzirem conteúdo nas redes, reformulando a partir da tecnicidade suas práticas sociais e culturas. Construindo, assim, uma cultura participativa, em que os sujeitos engajados nesse processo de construção de sentidos criam, coletivamente, outras formas de compartilhamento de informação e conteúdo. Dessa maneira, a interatividade mediada pela tecnologia e pelos sujeitos proporciona relações sociais, das quais presenciamos por meio do *Facebook* e seus grupos.

#### 4.2.2 Lógicas de Pertencimento aos Grupos do Facebook

Os grupos do *Facebook* contribuem para que os sujeitos estabeleçam lógicas de pertencimento, modos de estarem juntos, que correspondem às motivações para participar dos grupos, a sociabilidade desses sujeitos para além do *online* e o compartilhamento do seu cotidiano migratório. Desse modo, a construção da identidade perpassa questões de pertencimento. Pertencer a um grupo faz com que os sujeitos se reconheçam no outro e no compartilhamento de valores, crenças e hábitos em comum. No caso dos migrantes brasileiros na Suécia, percebemos os grupos como um lugar que reforça os laços de pertencimento ao Brasil, em que estar juntos compartilhando experiências, dúvidas e angústias da trajetória migratória contribuem para se reconhecerem enquanto brasileiros. Os sujeitos que se encontram nesses espaços comunicativos possuem interesses em comum e algo em comum – o ser brasileiro –, o que os ajuda a se sentirem pertencentes a um coletivo que é o que os vincula e os conecta. Portanto, pertencer ao grupo de brasileiros é não pertencer a outros grupos de migrantes, aquilo que os une também é aquilo que os diferencia. Além disso, a participação nos grupos também os ajuda na integração à Suécia, visto que muitos buscam informações de ordem prática para conseguir documentos, atendimento à saúde, lazer, entre outras questões.

As motivações para a participação nas redes são inúmeras, dentre elas a vontade de estar junto com aqueles que possuem interesses em comum e a vontade de compartilhar informações e experiências (BRIGNOL, 2010; 2012). Desse modo, os usos sociais do *Facebook*, por parte desses sujeitos comunicantes, aparecem sob lógicas

de pertencimento, nas quais constroem as diferentes posições identitárias. Essas lógicas movimentam as questões em busca de informações, de lógicas de interação, de visibilidade de demandas sociais, culturais e políticas, além da organização em redes de solidariedade.

Os motivos pelos quais se dá a participação nos grupos, pelo que podemos ver nas respostas do formulário, é prioritariamente para obter informações/notícias e manter contato com outros brasileiros que vivem no país, como podemos observar em algumas falas desses respondentes:

*Para ter contato e notícias sobre brasileiros que moram aqui e eventos relacionados, principalmente musicais e gastronômicos (Ilza).*

*Para obter informações sobre a Suécia e fazer novas amizades (Viviane).*

*Trocar informações sobre vistos, processo de imigração, sistema de saúde, leis, direitos e deveres, etc. Vender ou comprar produtos usados, saber onde encontrar determinados produtos, substituir produtos brasileiros por suecos, etc. Discutir sobre a atual situação política/econômica do Brasil e da Suécia (Eteiele).*

*Para conhecer mais brasileiros que moram por aqui e também para ajudar (ou tentar) quando alguém tem alguma dúvida ou precisa de algo, assim como pedir ajuda e/ou perguntar algo quando eu preciso (Tiane).*

*Manter contato com a cultura brasileira na Suécia. Acesso fácil às informações sobre a Suécia em português (Bianca).*

*Aprendo mais sobre os costumes e a vida aqui (Roberta).*

*Para ter informações relevantes a vida na Suécia (Marcelo).*

*Porque eu gosto de conversar com pessoas que passam pelas mesmas coisas que eu passo aqui no exterior. Pessoas que eu possa me expressar no meu próprio idioma sem correr o risco de ser mal interpretada (Luiza, administradora do grupo “Brasileiros na Suécia”).*

Percebemos que o principal uso dos grupos é para obter informações ou ajudar alguém, no sentido de apoio, cooperação e troca de informações mútuas entre os seus membros. Assim, os grupos tornam-se importantes para esses sujeitos, principalmente no momento que migram, que é a fase de adaptação à cultura e à vida na Suécia, na qual necessitam de mais auxílio e informação. Nesse sentido, os grupos contribuem como uma rede de solidariedade.

A participação no(s) grupo(s) se dá, por parte dos entrevistados, desde o momento que migraram para a Suécia (em alguns casos, antes mesmo da migração, mas somente após a certeza de que em algum momento iriam viver na Suécia). Nesse sentido, percebemos em que momento surgiu a necessidade de participarem dos grupos.

*Isso foi automático sabe, se muda e você quer saber se localizar e se conectar, se conectar com pessoas daqui [...] foi uma das primeiras coisas que eu fiz (risos) (Ilza).*

*Eu precisava saber mais sobre leis, burocracia, sistema, como era o sistema educacional, o sistema de saúde, sistema de pensão, então essas informações acho que foi interessante pra eu saber direto por um brasileiro (Jussara).*

*Ahh... eu acho que quando eu cheguei como eu te falei, eu me sentia muito sozinha [...]. Eu comecei a procurar nesses grupos pessoas que tinham... os mesmos problemas ou pessoas que nem eu que viviam na Suécia que podiam me aconselhar coisas, eu acho que é isso. Procura gente como a gente, acho que esse era o motivo (riso) (Luiza).*

Entrar nos grupos significa uma necessidade, em um primeiro momento, de compreender as lógicas do país, como se adaptar à cultura e ter conhecimento de questões normativas e legais da Suécia. Sobre importância, ou o que esses grupos representam na experiência de ser um migrante na Suécia, percebemos que os grupos, para alguns, são importantes, os ajudaram. Enquanto outros relatam não haver muita relevância, embora se mantenham vinculados aos grupos, mesmo muito tempo depois de haver migrado.

*O grupo teve uma importância muito grande pra mim no começo, porque me ajudou, me orientou pra onde que eu tinha que ir, me mostrou o caminho. Aí depois eu me virei sozinha como onde você vai pra conseguir trabalho, em que órgão você vai pra se inscrever pra trabalho, então o grupo foi muito importante pra me orientar, me ajudar a saber pra onde eu vou, ajudou bastante (Jussara).*

*Olha... eu aprendi muita coisa dos grupos é... pra se mais especifica é... com duas pessoas no grupo, que são pessoas que vivem aqui já há bastante tempo, elas sempre serviram como base pra mim, sabe, é.. sempre que eu queria cozinha alguma coisa ou tinha algum problema no colégio ou quando eu comecei a trabalhar é.. e eu não sabia como lida com as coisas, elas sempre tavam ali, entendeu (Luiza).*

*Muito pouco quase nada. Infelizmente não [tem muita importância] (Diego).*

*Esses grupos é uma pena que eles não existiam em 2004, 2005 quando eu era nova na Suécia, porque você se sente, diminui aquela sensação de solidão sabe que você tem, quando você chega tem aqueles momentos difíceis, não domina o idioma, então esses grupos são muito interessantes para você se senti parte de um grupo, lógico, assim, senti que você pertence a algum lugar e também nessa troca de informações [...] porque esses grupos suprem essa falta [de não ter com quem trocar uma informação, pedir uma ajuda] (Laura).*

*Pra mim não é muito significativo não, mas eu vejo a interação de outros participantes, eu acho que quem tem mais tempo é muito importante, porque assim, eu vejo que assim formam grupos, grupinhos, você vê fotos, encontraram, saíram, eu acho que assim, pra quem tem tempo, quem tá mais*

*disponível, é muito importante, pra mim não, porque eu não tenho tempo de fazer interações, eu infelizmente não consigo (Roberta).*

Tanto que alguns avaliaram que caso os grupos não existissem não haveria tanto problema, apesar de contribuírem para se sentirem mais seguros nesse universo migratório. Já em relação à internet, relatam que seria bem complicado viver sem ela em outro país, principalmente em relação ao acesso a informação. Alguns ainda salientam que se não houvesse internet nem estariam hoje vivendo na Suécia.

*Seria mais trabalhoso, mais difícil pra conseguir informação (Jussara).*

*Eu acho que se não existisse a internet eu não teria uma vida na Suécia (risos), porque eu não teria conhecido o meu namorado, e outra eu não me mudaria pra um outro país que eu não pudesse me comunicar com a minha família, com o pessoal no Brasil. Eu acho que sem os grupos, a minha adaptação foi difícil, mas eu acho que os grupos me ajudaram muito nessa questão de adaptação, mas acho que, talvez, se os grupos não existissem a minha fase e adaptação teria sido muito mais longa (Luiza).*

*Sem os grupos eu não me sentiria seguro na Suécia. Os grupos não me ajudaram muito, mas sem eles eu não me sentiria tão seguro. Sem a internet acho que a minha vida seria muito difícil, muito difícil, muito difícil, com internet é difícil sem internet seria quase impossível, só não seria impossível por causa da mulher que eu tenho do meu lado, se não seria impossível estar aqui hoje. Eu acho que não estaria na Suécia hoje caso não existisse a internet. Eu só viria sem a internet quando ela não existia (Diego).*

*Ahh eu acho que não teria ficado lá viu. Ia ser muito difícil, muito difícil, ela ia se difícil ó só, não assim, porque na verdade os grupos não me influenciaram tanto, porque eu já estava integrada, eu já sabe, então, assim eles não mudaram nada na minha vida pra te falar a verdade, porque eles chegaram tarde, entendeu? Mas a internet, se eu não tivesse a internet eu já teria voltado pra cá, muito antes, porque eu não conseguiria manter o contato com a minha família aqui no Brasil e eu não conseguiria, eu acho que eu não teria conseguido me informar das coisas, por exemplo, na Suécia como eu gostaria de me informar, entendeu? Nesse sentido a internet foi fundamental pra eu continuar na Suécia (Laura).*

*A minha vida em específico não seria muito diferente, como eu te disse minha namorada mora aqui há 26 anos né. Me lembro de ter perguntando num grupo uma vez sobre uma coisa, fora isso eu não preciso perguntar em grupo nenhum, pergunto a ela. Sem a internet... não sei, provavelmente não estaria aqui (Marcelo).*

*A não, sem os grupos eu sobreviveria, mas sem internet (risos) não (gargalhada). Provavelmente eu não estaria aqui sem a internet, porque facilita muito, porque eu mandei um e-mail pra professora, será que se eu ligasse pra ela eu iria conseguir falar com ela? Então, tudo começou por um e-mail (Roberta).*

É interessante percebermos que para a entrevistada Laura o grupo não teve muito influência, devido ao fato de os grupos terem sido criados após ela já estar adaptada à cultura sueca. Nesse sentido, os grupos, para os demais entrevistados,

ajudam no processo de integração à cultura e à melhor adaptação à vida na Suécia, pois os grupos funcionam como uma espécie de guia, manual de informações para os recém-chegados ao país. Nos grupos, os membros encontram apoio e informação, uma rede de solidariedade, que por vezes, ultrapassa o *online*.

*Com certeza ajuda, eu posso dizer que ajuda 100%, mas é como eu te falei ajuda porque mostra o caminho, mas depende da pessoa. (Jussara).*

*Totalmente! Absolutamente! Eu acho que tem uma grande influência, porque, você acaba, acaba fazendo bastante amizade pelo grupo... a questão também de emprego aqui na Suécia a gente consegue emprego muito por contato, que você conhece alguém que trabalhava no lugar, entendeu, então o grupo ajuda nisso também... aí também pra coisas triviais da vida, por exemplo, “aí como se fala cera quente na Suécia”, “como é o pacote” (risos) essas coisas, entendeu?! “aí acho doce de leite na Suécia” (risos). Acho que fica bem mais fácil se adapta quando você conhece outras pessoas que são brasileiras que vivem aqui também. (Luiza).*

Chegamos à conclusão de que, talvez, a explicação para que alguns membros, por mais que critiquem os grupos e digam que não os ajudaram muito, ainda participam desses grupos, é o fato de se sentirem pertencentes a um coletivo, o de brasileiros na Suécia, que ajuda, de alguma forma, a construírem quem eles são nesse universo migratório, na construção de suas identidades. Portanto, os grupos tornam-se um ponto de referência de pertencimento desses migrantes, do lugar de onde vieram, de quem eles são. Nesse sentido percebemos que os grupos ajudam na construção de suas identidades e no sentimento de pertencimento. Diante disso, é preciso compreender que identidades individuais são construídas por meio das identidades coletivas, dos grupos aos quais pertencemos, das identidades culturais e das identidades nacionais. Por isso, esses sujeitos podem pertencer, ao mesmo tempo, a vários grupos ou subgrupos, sem que a sua identidade entre em conflito. As associações, os vínculos de pertencimento desses migrantes são de acordo com as suas necessidades individuais de pertencimento profissional e pessoal.

Poderíamos, assim, dizer que algumas dessas postagens nos grupos não são relevantes. No entanto, o conteúdo, muitas vezes não importa e não é central nas postagens, mas sim a participação e a interação nos grupos em compartilhar essas experiências enquanto migrantes na Suécia, mantendo o vínculo com os membros dos grupos. Como abordam Jenkins, Ford e Green (2014), esses sujeitos estão participando dos grupos não de forma isolada, mas pertencentes a comunidades mais amplas e de redes que lhes permitam criar e propagar conteúdos de maneira coletiva, sendo isso o

que motiva as postagens abaixo, que ilustram essa necessidade de compartilhar as suas vivências diárias da Suécia, como a questão do clima ou a compra de livros, por exemplo.



**Imagem 3:** Postagem no grupo “Brasileiros na Suécia”, acerca da escuridão na Suécia em pleno mês de novembro de 2014.

O compartilhamento das suas experiências, do seu dia-a-dia, do que se está fazendo ou adquirindo compreende um sentimento de pertencimento a um grupo, o sentimento de ser brasileiro e de estar dividindo essas vivências. A postagem abaixo ajuda a ilustrar essa experimentação do compartilhamento do cotidiano nos grupos.



**Imagem 4:** Postagem no grupo “Brasileiros na Suécia” compartilhando as novas aquisições de livros.

O sentido dos grupos é o “estar junto”, a sociabilidade, compartilhando com os demais membros os acontecimentos do cotidiano de forma a experienciar essa participação em rede. Tal participação torna a experiência migratória em uma construção coletiva que faz com que os participantes não se sintam sozinhos nesse universo, mas que sintam que pertencem ao grupo de migrantes brasileiros na Suécia. Segundo Ronsini (2010), “a sociabilidade diz respeito às relações cotidianas nas quais se baseiam as diversas formas de interação dos sujeitos e a constituição de suas identidades conecta a tradição cultural com a forma como os receptores se relacionam com a cultura massiva” (p. 9).

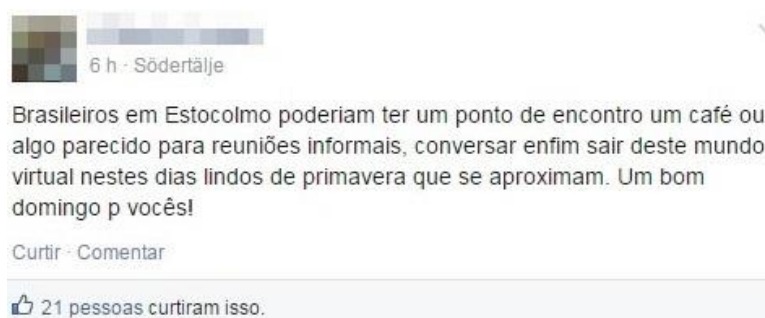
Nesse contexto, percebemos que as amizades entre brasileiros migrantes são possíveis e acontecem, pois a confiança e a solidariedade ganham força e se solidificam nessa realidade de migração, principalmente entre aqueles em que há maior afinidade. Quanto à solidariedade entre os brasileiros na Suécia, para além dos grupos, os entrevistados consideram que os brasileiros na Suécia de modo geral são solidários uns com os outros. Contudo, é importante destacar que isso ocorre mais entre os pares, isto é, entre aqueles que apresentam mais afinidade entre si, cujos laços se estreitam para fora dos grupos em que as amizades acontecem de fato.

Entendemos a importância das amizades na constituição de pertencimento a um coletivo e no sentimento de estarem mais próximos daqueles que também são brasileiros, mesmo que entendamos que ser brasileiro é ao mesmo tempo múltiplo e diverso e que comporta outras tantas identidades. Nesse contexto estudado, o que os une é o vínculo com a identidade nacional, mesmo que haja diferenças de classe, de região e de capital cultural, como podemos perceber na fala de uma das entrevistadas, cujas amizades permeiam o mesmo nível de capital cultural:

*Elas (as amigas brasileiras) são muito maravilhosas, assim, especialíssimas, mas também trabalhando né assim todas acadêmicas com alta [formação] né assim, é outro... outro padrão, outro padrão, porque pelo que percebia, nunca fiz nenhuma estatística, nada assim oficial, mas o perfil dos brasileiros que migram pra Suécia, ele não parece ser tão qualificado assim, qualificado que eu falo, qualificando pessoa por nível de escolaridade tá (Ilza).*

Diante disso, é importante percebermos, mais uma vez, que a participação, a interação, o convívio, os vínculos e a sociabilidade que esses migrantes estão

construindo nesses espaços comunicativos ajudam a construir suas identidades de forma que o uso do *Facebook* contribui para esse processo, em que o *online* e o *off-line* se complementam, de forma que o virtual sozinho não dá vazão às necessidades de contato mais próximo que o presencial permite. A afetividade e a presença humana são importantes para as relações desses migrantes, em que o virtual é vinculado ao presencial, o que ajuda a resolver a necessidade de estreitamento das relações sociais desses migrantes. As relações virtualizadas e a participação em rede ajudam na construção de conhecimento, do compartilhamento de experiências, de uma produção coletiva entre sujeitos com interesses em comum e dispersos geograficamente. Contribuem para a construção de quem eles são nesse universo migratório, no estreitamento de laços e de vínculos afetivos com os seus semelhantes, pois agora todos são, acima de tudo, brasileiros migrantes na Suécia e isso se complementa no *off-line*, como na postagem a seguir:



**Imagem 5:** Postagem no grupo “Brasileiros na Suécia” em relação ao convite para um encontro fora do virtual.

Outras formas em que percebemos a sociabilidade desses migrantes, não só por meio de convites para encontros fora dos grupos, mas também acerca das festas comemorativas, como a exemplo do final do ano de 2013, em que foi realizado um amigo secreto de Natal *online*, cujo sorteio era feito por meio de um site e a entrega dos presentes era por correio. Apreendemos que a entrega desses presentes era uma forma simbólica de manter vínculos com os migrantes residentes na Suécia, independentemente da cidade que se encontravam; era uma maneira de demonstrar que eles não estavam sozinhos no país. No entanto, no final de 2014 e 2015 não houve essa demonstração de afeto coletivo. Não sabemos o motivo pelo qual não ocorreram outras edições do evento.



Muito mais que desejar Feliz Natal ou Feliz Ano Novo nos grupos, são os sentidos que são construídos em torno de postagens sobre essa temática, que proporcionam o retorno ao Brasil, mesmo que simbolicamente, o contato com a cultura, com as pessoas e até mesmo com a língua materna desses sujeitos e, que ao mesmo tempo, dividem o reconhecimento e a gratidão por esse país que os acolheu e que hoje faz parte da realidade desses migrantes. As postagens abaixo ilustram essa questão nos dois grupos estudados:



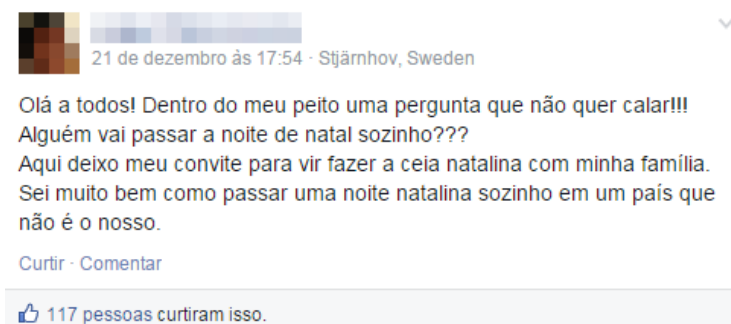
**Imagem 6:** Postagem no grupo “Brasileiro na Suécia” desejando um natal maravilhoso a todos.

Na postagem a seguir, podemos observar a utilização também da língua sueca para os desejos de um Feliz Natal aos membros dos grupos, de certa forma, tentando estreitar os laços de pertencimento entre as duas culturas por meio do idioma. Já que no grupo “Brasileiros na Suécia/Svenskar i Brasilien” também existem suecos como membros, apesar de não termos notado, durante o tempo de observação dos grupos, a manifestação dos suecos.



**Imagem 7:** Postagem no grupo “Brasileiros na Suécia/Svenskar i Brasilien” desejando um feliz natal a todos.

Outras formas de solidariedade nesta data natalina aparecem na forma de convite para passar o natal juntos:



**Imagem 8:** Postagem no grupo “Brasileiro na Suécia” referente ao convite para passar o Natal.

Percebemos que as famílias construídas no país de migração, e até mesmo os grupos como uma de associação familiar, são tidas como uma família transnacional, para além das relações entre familiares e amigos que ficaram no Brasil: agora eles possuem uma nova configuração familiar, uma família estendida na qual se encontram na mesma situação – migrantes brasileiros. Essa questão torna-se evidente quando percebemos na fala dos entrevistados que, em alguns casos algumas pessoas tornam-se “tipo mãezona de todo mundo”, em que se ajudam como se fosse uma família:

*A Manoela<sup>91</sup>, ela também é brasileira, vive aqui há bastante tempo ela é tipo mãezona de todo mundo... ela viaja a Suécia inteira encontrando os brasileiros, faz churrasco e tal... ela sempre foi, ela e a Sonia<sup>92</sup> que também é administradora do grupo, [...] sempre que eu queria cozinhar alguma coisa ou tinha algum problema no colégio ou quando eu comecei a trabalhar e eu não sabia como lidar com as coisas, elas sempre tavam ali, entendeu, tudo o que você perguntava elas “pá” te davam a resposta (Luiza).*

*[...] ultrapassou a questão da informação, já que eu conheci uma brasileira que me acolheu mesmo sem saber quem eu sou (Matheus).*

Assim, o espaço do grupo vira um ambiente de diversos tipos de sociabilidades, compartilhamentos e discussões. Ali estão presentes elementos que ajudam a construir sentidos para a vida desses sujeitos. Notamos, também, uma grande movimentação desses migrantes nos grupos acerca da Aurora Boreal (ou eclipse solar) na Suécia, pois este fenômeno da natureza estava por acontecer e, assim, levou-os a compartilhar com os demais essa experiência de ver, fotografar e publicar esse momento nos grupos. Segundo a matéria que saiu no site brasileiro *Catraca Livre*, a Suécia é considerada o 7º dos oito países entre os melhores lugares do mundo para ver a Aurora Boreal<sup>93</sup>, o que talvez seja uma das justificativas que levou a esses migrantes a postarem sobre esse tema.



**Imagem 9:** Postagem no grupo “Brasileiro na Suécia” sobre a previsão de aurora boreal em toda a Suécia.

Diante disso, a importância dos grupos se dá na construção de um espaço de pertencimento. Lugar no qual se compartilham interesses em comum e experiências, ao mesmo tempo em que os aproxima daqueles que possuem os mesmos interesses e laços de pertencimento identitários, os afasta dos demais. Os sujeitos, assim, migrantes

<sup>91</sup> Nome alterado para manter a discrição.

<sup>92</sup> Nome alterado para manter a discrição.

<sup>93</sup> *Catraca Livre*: Os melhores lugares do mundo para ver a aurora boreal. Disponível em: <https://catracalivre.com.br/geral/viagem-acessivel/indicacao/os-melhores-lugares-do-mundo-para-ver-a-aurora-boreal/>. Acessado em 02/08/15.

brasileiros na Suécia, encontram-se circulando entre vários grupos e subgrupos sem que haja conflito, muitas vezes, de quem eles são nesse universo migratório, mesmo que suas identidades estejam sempre em construção (WOODWARD, 1999).

#### 4.2.3 Construção e Negociação Identitária

Compreendemos que a questão identitária é mais complexa e comporta outros elementos além dos apresentados nesta subseção. Assim os outros eixos de análise nos ajudam a dar conta da questão, como é o caso das críticas ao Brasil, como destacado na subseção sobre as políticas. Por sua vez, aqui destacaremos alguns elementos dos quais percebemos, a partir dos relatos dos migrantes, aspectos sobre a construção e a negociação de suas identidades, tais como o sentimento de se estar vivendo na Suécia, as diferenças regionais e o amor ao Brasil, as semelhanças e diferenças entre os dois países, a procura por serviços brasileiros, bem como as mudanças de hábitos após a migração.

Primeiramente, precisamos compreender que, diante das TICs, as identidades são definidas mediante o uso que os sujeitos fazem das tecnologias, em que a mediação da tecnicidade, aqui estudada, impacta as identidades dos sujeitos migrantes (MARTÍN-BARBERO). Assim, os usos do *Facebook* têm ajudado nessa construção e negociação de quem se é no universo migratório: agregam-se experiências e saberes, compartilham-se tensões, angústias e conflitos internos e externos e também dividem-se posicionamentos e negociam-se discursos que constroem que migrante é esse, que é múltiplo e diverso e que mudará ao longo de sua trajetória migratória. Portanto, possuir uma identidade migrante significa pertencer a diversos territórios sociais e simbólicos, significa circular entre culturas e possuir uma multiplicidade cultural.

Diante disso, ao questionarmos os entrevistados sobre como eles atualmente se sentem morando na Suécia, percebemos em suas falas que é um processo, é uma construção que envolve “altos e baixos”.

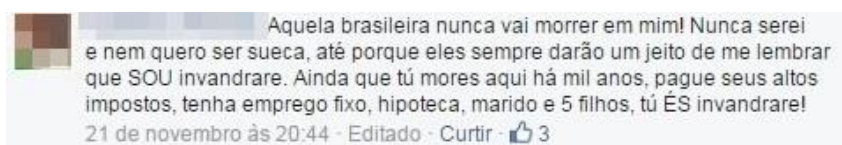
*são altos e baixos né... muito difícil lidar com o clima, muito difícil, o inverno pode durar 9 meses [...] e essa é uma mistura do inverno que dura nove meses com o verão que nunca chega, essa que é uma mistura difícil de digerir. Mas como eu falei esse espaço público... ele não tem doce né, ele não tem a liga, não tem azeite né, mas pra uma carioca sentar três horas com três pessoas da mesma idade... silêncio por três horas e assim não é nem um silêncio é um eu olha pra lá pra não encontrar o seu olhar, isso é muito duro, muito duro e isso é o jeito deles mesmo (Ilza).*

*Eu me sinto totalmente adaptada, o clima me influencia bastante, mas influencia a eles também, mas eu estou totalmente adaptada (Jussara).*

*Me sinto bem... Às vezes, me sinto bem, eu gosto daqui, eu aprendi a língua. Ainda tenho problemas com interação com os suecos, porque eles são bem fechados assim, e eu sempre fui muito comunicativa, muito de puxa conversa com qualquer um [...] hoje me dia, às vezes, eu me sinto, assim, meio que eu me retraio... eu já fui muito assim de abordar os suecos e eles né ficarem meio assim. Hoje em dia eu me policio um pouco mais, entendeu, eu já não chego cheia de intimidade com as pessoas. [...] Claro, sinto falta, saudade do Brasil isso é (suspiro com riso) não existe (Luiza).*

A partir das falas, percebemos que a maneira reservada e fechada dos suecos, de não haver uma conversa informal dentro de um trem, por exemplo, incomoda alguns brasileiros, bem como a dificuldade de interagir com os suecos. Mas um dos fatores que mais se destacam é a questão do clima, longos períodos em que o sol não aparece, o que acaba influenciando não só os brasileiros, mas também os suecos. Relatam ainda que sentem saudades do jeito dos brasileiros, que “puxam conversa com qualquer um”.

Além disso, por mais integrados que estejam à cultura sueca, ainda assim se sentirão brasileiros, pois a identidade brasileira estará sempre presente e construindo esses sujeitos onde quer que eles estejam. A sociedade na qual estão vivendo tentará absorvê-los, eles poderão se adaptar à vida na Suécia e ter uma vida tipicamente sueca, porém, como podemos observamos no comentário de uma postagem do *Facebook*, esses sujeitos sempre serão lembrados que são migrantes, mesmo que saibamos que ser migrante é ter múltiplos pertencimentos, possuir identidades múltiplas e híbridas.

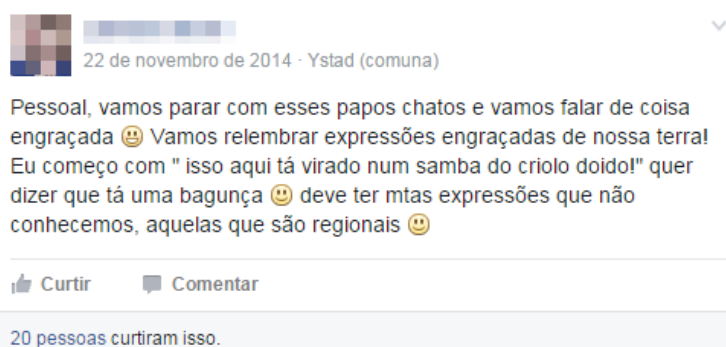


**Imagem 10:** Comentário no grupo “Brasileiros na Suécia/Svenskar i Brasilien” referente à postagem como os latino-brasileiros chegaram à Europa (*invadrare* significa imigrante).

O conflito, o estranhamento, com a cultura e com o outro contempla esse processo de quem se é nesse novo universo, o da migração. Assim, surge a identidade migrante, que está em constante transformação e que acontece pelo e no estranhamento com o outro e com as culturas que nos constroem, nos recolocam e nos tensionam nessa constante construção, desconstrução e reconstrução de quem somos e de onde

pertencemos. Assim, a identidade migrante se dá no embate e constitui-se na busca do lugar ao qual se colocar, que discurso assumir e como se posicionar.

Assim como o embate cultural entre os países contribui para a construção identitária, a valorização de elementos da cultura brasileira/regional também ajuda nessa construção, que se apresenta por meio das postagens desses migrantes, em que lembram as expressões linguísticas regionais do Brasil. Sendo assim, uma maneira de aproximação com o país de nascimento e uma troca de experiências regionais.



**Imagem 11:** Postagem no grupo “Brasileiros na Suécia” referente às expressões regionais.

O encontro com os conterrâneos se dá para além de uma questão nacional: ele adentra fronteiras e chega ao regional. O reconhecimento e o sentimento de pertencimento a uma identidade regional é marcada pelas expressões linguísticas que dão origem aos encontros presenciais.



**Imagem 12:** Comentários no grupo “Brasileiros na Suécia” referente à postagem sobre as expressões regionais.

Ressaltamos assim, que o Brasil é um país heterogêneo, múltiplo e composto por uma riqueza cultural e regional que se reflete na sua população, que também é diversa. Diante dessas questões, a identidade é sempre produzida em relação à outra e a partir da marcação das diferenças. A identidade também ocorre por meio de sistemas simbólicos de representação, que compreendem a comida, o sotaque, a roupa e os hábitos (WOODWARD, 1999).

O orgulho de ser brasileiro e compartilhar isso com os demais contribui para se construir como sujeitos, definirem sua identidade migrante e reforçarem sua identidade brasileira, como podemos observar na postagem a seguir:



**Imagem 13:** Postagem no grupo “Brasileiros na Suécia” desejando uma abençoada semana a todos.

Além do compartilhamento de orgulho do Brasil, os entrevistados comentam o fato de que por mais que se migre, jamais se deixa de ser brasileiro, pois carregam consigo marcas identitárias e culturais do seu país de nascimento. Criticam aqueles que renegam sua cultura, seu país de nascimento, ocultando os elementos que o identificam com o Brasil.

*Eu acho que existe uma coisa que eu acho muito feia... [...] há muitos brasileiros que se mudam para países como a Suécia, por exemplo, que são vistos como países bem desenvolvido, países que as pessoas tem uma situação de vida melhor que no Brasil e se esquecem que são brasileiros, entendeu?! Metem pau no Brasil, falam que no Brasil tudo é porcaria... começa a se desfazer, “graças a Deus que eu sai do Brasil”, esse tipo de coisa, que eu acho um absurdo. Porque eu posso me revoltar, claro, com certas coisas que acontecem no Brasil, porque eu sou brasileira, entendeu, e claro eu quero o melhor pro nosso país, mas eu acho muito feio você fazê isso, porque provavelmente a sua mãe mora no Brasil, entendeu?! O seu irmão mora no Brasil, aí então tipo assim “aí to bem aqui e os outros que estão lá que se “furniquem” entendeu? É tipo assim, eu já vi gente, por exemplo, que acha que é status mora na Europa, e fala “aí até esqueci o português”, tipo que se recusa a fala português, sabe. Não, parece brincadeira, mas é verdade (risos), tem dessas (Luiza).*

*As pessoas acham que você sai do Brasil deixou de ser brasileiro, isso não é verdade. Você não deixa de ser brasileiro porque saiu do Brasil, porque foi morar em outro país, entendeu? Eu me preocupo com o Brasil (Marcelo).*



Com base em Bailén (2012), podemos refletir que a identidade desses sujeitos migrantes no universo migratório não se constrói somente a partir do contexto cultural da Suécia, mas é composto por um conjunto de fatores que contribuem para essa transformação e construção de suas identidades. Fatores, muitas vezes, ligados aos elementos de pertencimento ao Brasil. Os grupos pesquisados, desse modo, cooperam para esse jogo identitário, além de ser um espaço que proporciona o convívio e o estreitamento dos laços associativos.

A partir dos elementos de pertencimento ou de afastamento cultural, as diferenças e semelhanças entre os dois países contribuem para entendermos de que maneira a cultura brasileira ora se distancia, ora se aproxima da sueca na visão dos entrevistados, o que os ajudam a refletir sobre a maneira que constroem suas identidades.

*[diferenças] Muitas (risos). É... a questão social primeiro, você ser sociável, no Brasil você puxa conversa, conversa com alguém no ônibus, e a gente conversa, a gente é assim... a gente conhece a pessoa pela primeira vez e já tá íntima e tudo mais e aqui não. Aqui você raramente abraça as pessoas, o contato é básico mesmo, um aperto de mão, isso a gente nota muito quando chega aqui. [A] comida aqui não tem muito... tempero, comida simples, batata com peixe. A questão igualitária aqui, tem uma grande diferença do Brasil, direito trabalhista, organização. As pessoas aqui são conscientes também, mais conscientes que no Brasil. O clima né, claro, que é totalmente diferente. A educação, o sistema de governo é diferente também aqui é mais né socialista. Aqui as pessoas não falam alto (risos), não demonstram afeto nas ruas. Se vestem totalmente diferente, claro, por causa do clima, no inverno é muita roupa, no verão pouquíssima roupa também, os jovens no caso né. O consumo de álcool aqui é muito grande, lógico que no Brasil a gente também consome bastante álcool. Mas assim, a questão de porcentagem pela população, o nível de alcoolismo aqui é muito grande, tanto que o álcool aqui é monopólio do governo, custa caríssimo, mas as pessoas gastam muito dinheiro com álcool aqui. E a impressão que eu tenho é que as pessoas fumam bastante aqui. As pessoas aqui não usam aparelho nos dentes (risos), dificilmente... É, eu acho que no Brasil a gente tem muito mais essa questão de estética (Luiza).*

*Cara semelhança... olha... (risos), o que costumo dizer que acho parecido... é a pronúncia, por exemplo, normalmente as pessoas leem uma palavra sueco e não tem certeza como pronuncia a palavra, as pessoas acabam puxando meio que pro inglês, só que você tem mais chances de acertar a pronúncia do que você tá falando se você usa em português, entendeu?! Acho que semelhança é só essa (riso com suspiro) (Luiza).*

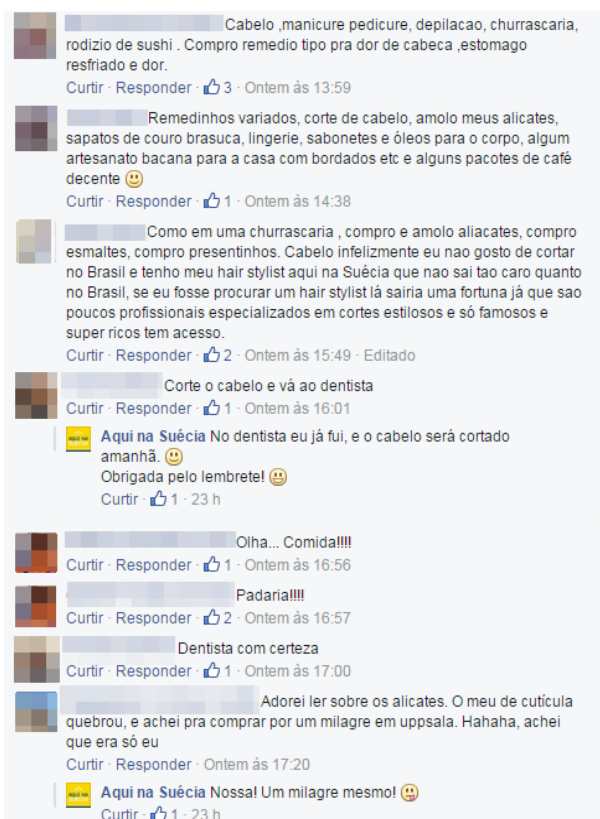
As diferenças entre a Suécia e o Brasil se dão em diversas esferas sociais, culturais, políticas, além de haver diferenças no que diz respeito aos cuidados com a saúde e a estética. Como podemos observar nos grupos, a questão do tratamento estético, seja ele feito em uma clínica ou em um salão de beleza, é um serviço

requerido, principalmente, pelas mulheres. Todavia, observamos que normalmente, busca-se por profissionais brasileiros na área.



**Imagem 14:** Postagem no grupo “Brasileiros na Suécia” referente ao serviço de depiladora brasileira.

Diante disso, analisamos em uma página no *Facebook* – “Aqui na Suécia” – que os brasileiros, quando voltam ao Brasil, procuram, entre outras coisas, ir ao cabeleireiro e ao médico, como se pode observar nos comentários abaixo:



**Imagem 15:** Postagem na página “Aqui na Suécia” referente ao que os brasileiros procuram fazer quando voltam ao Brasil.

A saúde, a estética e os seus cuidados variam de país para país e de sujeito para sujeito, pois requer confiança e gosto pelo serviço oferecido pelo profissional. Mas

percebemos que há quase um consenso dos migrantes brasileiros a respeito dessa questão: os profissionais da saúde e de estética brasileiros seriam os mais indicados, pois ganham nos quesitos confiança, preço e prestação de serviço de qualidade, quando comparados aos suecos. Nesse sentido, acreditamos que a cooperação e a ajuda mediadas pelos grupos contribuem para conseguirem o que desejam. A questão da aproximação com o Brasil, principalmente no que tange aos serviços de brasileiros nas duas áreas, compreende uma dimensão simbólica de identificação.

Percebemos que em consequência disso, esses serviços passam a não serem mais usados na Suécia, o que leva as pessoas a optarem por fazer as suas próprias unhas e cortar o próprio cabelo, por exemplo, como podemos verificar na fala da entrevistada Luiza:

*Ah por exemplo, serviços no Brasil, depilação, manicure, cabelereira, aqui eu corto o meu cabelo, eu faço a minha unha, aqui você faz de tudo (risos) (Luiza).*

Entendemos, portanto, que a questão da busca por serviços brasileiros corresponde ao modo que esses migrantes se sentem mais brasileiros na Suécia. Evidencia-se que a construção de suas identidades também perpassa elementos de aproximação e diferenciação entre as culturas brasileira e sueca, assim como a culinária passa a ser um elemento que contribui para se construírem como um migrante brasileiro na Suécia. No que diz respeito à culinária, também percebemos a sua importância e dos produtos de alimentação brasileiros para aqueles que se encontram no país de migração, o que faz com que se sintam mais próximos à cultura brasileira. Esse fator é importante e tal forma que a venda de alimentos, seja por site ou não, além de se tornar uma fonte de renda e de trabalho para esses migrantes, é uma forma de trazer o Brasil mais para perto.



**Imagem 16:** Postagem no grupo “Brasileiros na Suécia” referente ao site de produtos brasileiros.

A culinária representa um encontro com a cultura brasileira, seja na forma de um ingrediente específico, tal como farinha de mandioca, sebo de carneiro, cachaça brasileira, linguiça calabresa, cevada, pão de queijo congelado, farinha de tapioca, leite aptamil<sup>94</sup>, couve manteiga, “couve refogadinha”, creme de leite, fígado, entre outros. Pedem-se por produtos aos que vão ao Brasil, busca-se saber como prepará-los, onde encontrar similares na Suécia e, até mesmo, o modo como eles são referidos no país.



**Imagem 17:** Postagem no grupo “Brasileiros na Suécia” referente à procura de farinha de tapioca na Suécia.

O sentimento de se sentir brasileiro se dá no compartilhamento da experiência por meio da culinária, como ter um determinado alimento, a exemplo da rapadura de cana e isso ser uma espécie de “ostentação”, como podemos observar na postagem do grupo “Brasileiros na Suécia”:

<sup>94</sup> Leite em pó para bebês.



**Imagem 18:** Postagem no grupo “Brasileira na Suécia” referente à ostentação da rapadura de cana.

Diante disso, cria-se uma rede de compartilhamento dessa experiência com a culinária, em que outros comunicantes passam a comentar na postagem, mostrando suas “ostentações” alimentares, como no caso abaixo do beiju<sup>95</sup>.



**Imagem 19:** Comentário no grupo “Brasileiro na Suécia” referente à postagem sobre a ostentação da rapadura de cana.

A importância da comida na vida desses sujeitos é perceptível também no compartilhamento das experiências culinárias nos seus próprios perfis do *Facebook*, como no caso de Diego, Luiza e Tiane:

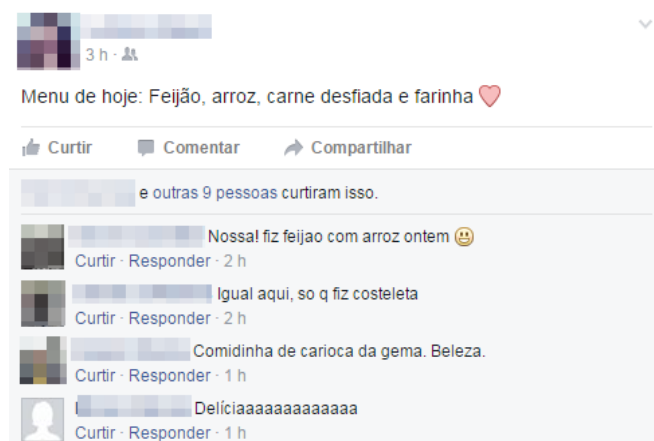
<sup>95</sup> É um tipo de bolo feito com a goma da tapioca ou da massa de mandioca assada, muito conhecido no Norte/Nordeste do Brasil.



**Imagem 20:** Postagem no perfil do *Facebook* do entrevistado Diego.



**Imagem 21:** Postagem no perfil do *Facebook* da entrevistada Luiza.



**Imagem 22:** Postagem no perfil do *Facebook* da entrevistada Luiza.



**Imagem 23:** Postagem no perfil do *Facebook* da entrevistada Tiane.

Observamos que essas postagens nos perfis de cada um desses sujeitos comunicantes expressam o desejo de compartilhar para quem ficou no Brasil. Eles procuram compartilhar as suas vivências da Suécia, o que estão comendo ou o que estão fazendo, em alguns casos.

Segundo Woodward (1999), “aquilo que comemos pode nos dizer muito sobre quem somos e sobre a cultura na qual vivemos. A comida é um meio pelo qual as pessoas podem fazer afirmações sobre si próprias” (WOODWARD, 1999, p. 41). Nessa mesma perceptiva, a variedade de “ingredientes que estão hoje disponíveis nos supermercados e também na diversidade étnica dos restaurantes nas grandes cidades do mundo e mesmo em pequenas cidades” (WOODWARD, 1999, p. 41).

Woodward apresenta-nos um ponto interessante sobre as práticas alimentares das pessoas, que vão ao encontro de critérios políticos, morais ou ecológicos. Esse último é bastante presente nos últimos tempos, pois a preocupação com a biodiversidade está ganhando visibilidade e importância. O consumo também se dá pela questão material: comemos aquilo que podemos comprar ou que está disponível em uma sociedade particular, além da questão do gosto pessoal por determinados alimentos, o que varia de cultura para cultura e de sujeito para sujeito (WOODWARD, 1999, p. 43).

Em relação ao gosto, esse “não é simplesmente determinado pela disponibilidade

ou não de recursos materiais. Os fatores econômicos sozinhos - sem a cultura - não são determinantes” (WOODWARD, 1999, p. 48). A comida, portanto, é portadora de significados simbólicos e pode atuar como significante. A sua importância se dá no papel do alimento, na construção de identidades e na mediação da cultura na transformação desse alimento (WOODWARD, 1999, p. 44-45).

Aprendemos, com base em Orozco (2010, 2011), que ora as telas influenciam na construção identitária, ora as identidades influenciam nos usos que os migrantes, por exemplo, fazem do *Facebook*. A construção e a negociação das identidades desses comunicantes passam pelo *Facebook*. Nessa produção de sentidos e interações, a identidade é durável o suficiente para ser reconhecida, flexível para ser reproduzida repetidas vezes e para ser modificada, trocada ou negociada. Ao longo do tempo, estamos em um processo de construção, desconstrução, mudanças, tensionamentos e reflexões acerca de quem somos e a que lugares pertencemos, sobretudo no que diz respeito à nossa identidade. Diante disso, estamos transmutando em virtude do contato com outras pessoas e culturas, em que carregamos conhecimentos e experiências que moldam nossa forma de ser e de estar no mundo. Pois, possuir uma identidade compreende assumir um posicionamento social frente à sociedade e que é mutável, flexível e intercambiável a todo o momento, ou seja, as identidades são fluidas: não são essências fixas. Entretanto, não ocorre sem que haja um processo de longo tempo, pois não é algo que acontece de uma hora pra outra.

Com base em Cuche (2002), podemos que dizer esses migrantes na Suécia estão fabricando suas próprias identidades a partir de suas diversas vinculações sociais - tais como idade, sexo, etc -, dentro de um contexto sociocultural múltiplo e diverso que proporciona, nessa construção, a mistura identitária. Conseqüentemente, ser brasileiro é mais do que apenas não ser sueco: é possuir uma identidade que é nacional e local, é possuir outras identidades que representam cada sujeito como único e ao mesmo tempo como pertencente a um determinado grupo. Ser migrante compreende uma carga simbólica que perpassa diversas instâncias sociais e culturais dos sujeitos que vivem em situação de migração: é ser brasileiro e, ao mesmo tempo, sentir-se identificado com a cultura sueca. Assim, nessa mescla cultural, esses sujeitos deixam de ser aqueles que saíram do país de nascimento e tornam-se vários, que carregam consigo experiências e vivências múltiplas. Ser um migrante também compreende inúmeras posições discursivas que determinam o lugar ao qual pertence, excluindo outras possibilidades, pois há sempre uma negociação das nossas identidades. Portanto, ser brasileiro na



Suécia, ser migrante, é estar em consta negociação de quem se é nesse universo migratório e assumir diversas vinculações sociais e culturais, acionando, muitas vezes, outros recursos que determinam quem somos a partir de nossas vinculações identitárias.

Conseqüentemente, não há um consenso do que é ser brasileiro ou sueco, no universo migratório, pois, lembrando Benedict Anderson (1993) e Hall (1999), a identidade nacional é uma “comunidade imaginada”. A negociação identitária acontece quando há contradição no seu interior, e a condição de migrantes proporciona essa contradição tanto no nível coletivo quanto no individual.

#### *4.2.4 Compartilhamento da Experiência Migratória*

O compartilhamento da experiência migratória perpassa questões ligadas às experiências dos migrantes brasileiros na Suécia, que envolvem as motivações para migrar, o conhecimento que se tem acerca do país, as primeiras impressões ao chegar à Suécia e suas vivências e incertezas do universo migratório. Além disso, envolve o aprendizado e o domínio da língua sueca que perpassa todas as questões da experiência desses migrantes, pois constitui-se como uma barreira ou um acesso a direitos e à busca por trabalho, o que também implica essa experiência, quando se passa a ter que gerir a própria casa ou trabalhar de maneira informal. Portanto, essas questões contribuem para construir uma trajetória migratória, impactando na forma de experienciar as vivências na Suécia.

Em alguns casos observados nas pesquisas, percebemos que o projeto de migração envolve um sonho compartilhado com a família, pois muitas vezes é a aposta da família, que dispense esforços financeiros para essa “travessia”. Entretanto, o projeto migratório dos migrantes brasileiros na Suécia está relacionado às oportunidades nos estudos ou no trabalho e, na maioria dos casos, está relacionada à busca por viver junto com o(a) companheiro(a) sueco(a). Assim, observamos, no caso específico dos migrantes entrevistados, que o projeto migratório não está relacionado somente a uma migração pela busca de melhores condições de vida no país ou pela busca por emprego. Percebemos que a vida agitada, cheia de compromissos e por vezes perto do aconchego da família no Brasil é substituída pela busca de uma construção de experiências, agora na Suécia.

A postagem relacionada aos membros do grupo “Brasileiros na Suécia/Svenskar i Brasilien” sobre as suas motivações para irem morar na Europa, contribui para essa discussão, reforçando, mais uma vez, o observado nas falas dos entrevistados, em que os relacionamentos amorosos, a proposta de emprego ou os estudos também são considerados uma das causas da ida desses sujeitos para a Suécia.



**Imagem 24:**Comentários no grupo “Brasileiros na Suécia/Svenskar i Brasilien” referente à postagem como os latino-brasileiros chegaram à Europa

Porém, não nos aprofundamos na questão, apesar de os dados mostrarem que as motivações estão ligadas, principalmente, a um projeto afetivo, muito antes da chegada à Suécia. Também compreendemos que essa não é uma realidade de todos os migrantes que buscam a Suécia como destino, como podemos observar nos comentários da mesma postagem, em que as outras motivações se referem, principalmente, à esfera do trabalho:



**Imagem 25:**Comentários no grupo “Brasileiros na Suécia/Svenskar i Brasilien” referente à postagem como os latino-brasileiros chegaram à Europa

Dessa forma, a motivação da viagem influencia não só a escolha do país, como também da cidade específica onde moram. Os entrevistados moram com o namorado(a) ou marido/esposa sueco(a) ou sozinhos – no caso dos que estão no país a estudos. Há também casos específicos como o de Viviane, que mora com o marido brasileiro. Além disso, passaram a ter conhecimento sobre o país após conhecer o(a) companheiro(a) ou após saberem que iriam migrar para o país.

*Não muita coisa assim, só que era um país que compunha né a Escandinávia, imaginava como referência um estado de bem estar social... né as políticas públicas, educação de qualidade, como sendo um dos países com menor taxa de violência, maior educação, integração, essas coisas. Mas muito do senso comum, nunca foi um lugar que eu né!... Nem sabia que a rainha é brasileira, por exemplo, essas coisinhas, esses detalhes (Ilza).*

*Muito pouco, eu sabia muito pouco. Os Vikings eram aqui da região norte que pertence a Escandinávia, e a rainha Sílvia que morou no Brasil (Jussara).*

*Olha eu acho que toda a vez que eu ouvia falar em Suécia eu pensava no inverno, eu pensava em gelo, eu pensava em urso polar, apesar de que não tem aqui né. Eu não sabia muita coisa não... o que que a gente sabe da Suécia no Brasil? Quase nada (Luíza).*

Os migrantes não sabiam quase nada do país, e o pouco que sabiam era baseado no senso comum, como saber que era um país que compunha a Escandinávia. Ao chegarem ao país, as primeiras impressões que tiveram foram acerca da organização e das questões de igualdade de gênero, principalmente.

*Não é sem dúvida e questão de gênero... a disparidade do machismo e igualdade de gênero, é incrível, é incrível, é incrível é uma das coisas que eu mais me orgulho e que mais aprendo e que mais me assusta, às vezes também, porque é tão diferente né. É um dos motivos sem dúvida pelos quais eu não quero sair daqui (Ilza).*

*Eles são muito bem organizados. Não é burocrático as coisas aqui, é muito mais fácil de viver, porque as pessoas confiam nas pessoas aqui. Eles são*

*muito metódicos, tem que ser seguindo tais regras, muito metódicos, diferente de nós (Jussara).*

*Quando vim morar aqui, eu cheguei na metade de março, e ainda tava nevando, tava frio, até então tudo bem né (risos), a gente leva. Mas... quando eu cheguei aqui eu já senti assim, acho que acontece com todo mundo que muda, principalmente pra um país frio, a escuridão, é algo que incomoda, porque no inverno aqui o sol sai 9h, 10h da manhã e se põe as 2h, 3h da tarde. Me sentia sozinha aqui, muito sozinha, porque eu não falava a língua, eu tinha acabado de começar a estudar o sueco. No começo eu não tinha uma boa impressão do país, a gente fica com aquela coisa de tá morando aqui, mas a cabeça ainda tá no Brasil (Luiza).*

Entendemos que é uma “viagem” cheia de dúvidas e incertezas, sucessos e fracassos, pois não se sabe ao certo como será a vida nesse novo país. Mas também é uma viagem composta de muito esforço para lograr e superar as adversidades e dificuldades encontradas nessa “caminhada”. Sabemos que essa experiência não ocorre da mesma maneira para todos os migrantes, pois a migração implica muitos fatores, tais como questões econômicas, gênero, raça, etnia, idade, etc., os quais afetam as escolhas e a própria trajetória desses sujeitos. Como observa Bailén (2012), o processo de adaptação dos migrantes ao novo contexto sociocultural não ocorre de maneira uniforme e igual para o homem e para a mulher; também não ocorre da mesma maneira para aquele que possui alto poder aquisitivo e para quem vive na pobreza. Ou seja, as diferenças entre os sujeitos, dependendo da situação, variam as formas de adaptação, bem como de “acumulação de desvantagens sociais”.

Percebemos, segundo a fala dos entrevistados, que alguns deles já viveram fora do Brasil, antes de migrar para a Suécia, em países como Itália, Portugal, Espanha e Estados Unidos. Ao contarem sobre a cidade onde nasceram, observamos uma saudade e que apesar dos problemas era “*uma cidade muito gostosa*” (Jussara) e que sentiam falta do “*sorriso que vem do desconhecido né dos espaços públicos, isso é o que mais sinto falta é a conversa jogada fora... a troca de olhar com quem você não necessariamente conhece e claro a música*” (Ilza).

Compartilhar suas vivências, suas dúvidas e suas angústias com os demais membros dos grupos, nesse caminho longo e nessa busca por se sentirem construtores de sua história de migração. Compartilhar suas experiências migratórias contribui para ajudarem a si mesmos e aos outros na construção de suas identidades. Diante disso, Luiza aconselha que é preciso, ao migrar, tentar ao máximo viver a cultura do país, tentar se integrar e procurar querer saber o mínimo possível do que está acontecendo no

Brasil, pois não é saudável estar na Suécia e ficar pensando no Brasil. Apesar disso, reconhece que manter o contato com a família é importante.

*A gente fica com aquela coisa de tá morando aqui, mas a cabeça ainda tá no Brasil. E você tá aqui, mas que sabe o que tá acontecendo lá, e isso eu não acho saudável, eu não recomendaria, se alguém me perguntaria se me dá uma dica, tô querendo me muda, se você vai se muda pro país, vive no país, não vive no Brasil, assim claro, se mantém contato, mas não é saudável você fica aqui pensando no Brasil o tempo todo. O primeiro ano foi difícil, bem difícil, mas aí depois disso eu comecei a estudar, a conhecer outras estrangeiras que viviam aqui, e hoje em dia me sinto em casa (riso) (Luiza).*

Percebemos que a integração dos migrantes está relacionada a inúmeros fatores, como acesso a direitos e a formas de participação cidadã, e que os grupos, muitas vezes, ajudam na troca, entre os migrantes, de suas experiências migratórias. Além disso, a importância do contato com a família, o envio de remessas – presentes, dinheiro, etc... – e o estabelecimento de vínculos com os seus afetos que ficaram no Brasil é um “retornar” ao país, mesmo que de uma forma simbólica, transpassando a “origem” e o “destino” de onde esses migrantes estão, em que o passado, o presente e o futuro converte-se em um estar constantemente nesse porvir, em que as TICs contribuem para essa construção do tempo e do espaço e das remessas sociais, culturais e simbólicas.

Segundo Blanco (2006), os movimentos migratórios se dão à base do transnacionalismo. Porém, a prática do envio das remessas para as famílias que ficaram, ou as viagens para o país de nascimento, não constituem por si só uma característica de transnacionalismo. Para ser considerado como tal, é necessário que haja uma regularidade dessas práticas. Percebemos que esses migrantes possuem um contato com os familiares e amigos que ficaram no Brasil, os visitam. No entanto, não poderíamos inferir que há uma regularidade nessas práticas. Se fossemos considerar esses dados sob a perspectiva de Blanco, esses migrantes não se configurariam como transnacionais, por não haver uma prática sistemática. Todavia, outros autores (COGO; SOUZA, 2013; RETIS, [2014?]) e BRIGNOL (2012) consideram que o simples contato, proporcionado pelas TICs entre a “origem” e o “destino” já se configuraria como transnacionalismo, pois as TICs possibilitam esse ir e vir a todo o momento pelos migrantes, em que não há mais uma ruptura das raízes territoriais. Diante disso, o transnacionalismo se configura como experiências vividas em uma rede de pessoas envolvidas.

O compartilhamento dessa experiência migratória para aqueles que ficaram no Brasil, amigos e familiares, é realizado não somente por meio de conversas em meios de comunicação como *WhatsApp*, *Facebook*, por exemplo. Ele ocorre, principalmente, por

meio da *timeline* do *Facebook*, na qual as imagens e os textos ganham sentido e tornam essa experiência compartilhada. Como o caso de Matheus que compartilha no seu próprio *Facebook* as paisagens dos lugares que visitou na Suécia, para compartilhar os registros com seus amigos e familiares que ficaram no Brasil. Assim, percebemos a importância do *Facebook* para o compartilhamento dessa experiência migratória entre os migrantes e para os amigos e familiares no Brasil.



**Imagem 26:** Postagem no perfil do *Facebook* do entrevistado Matheus.





**Imagem 27:** Postagem no perfil do *Facebook* do entrevistado Matheus.



**Imagem 28:** Postagem no perfil do *Facebook* do entrevistado Matheus.

Observamos que essas postagens no *Facebook* de Matheus faz com que as imagens ganhem o significado de compartilhamento da experiência migratória com aqueles que ficaram no Brasil. Assim, o *Facebook*, a partir dos usos sociais desses migrantes, tem transformado as suas vidas, tanto social e quanto culturalmente, de

maneira a construírem suas identidades. Em cada uma das fotos registradas, Matheus faz uma contextualização: a imagem 26 refere-se ao centro de Estocolmo, em que há uma diversidade cultural; a imagem 27 é do instituto Karolinska, no qual Matheus fazia seu doutorado sanduíche, em cuja descrição ele se refere à beleza e à organização do local, enfatizando que aquela era a melhor universidade do mundo; por fim, na imagem 28, podemos ver, à frente, a ilha de Stadsholmeneà, a direita encontra-se Gamla Stan<sup>96</sup>, considerado atualmente um lugar referência, em função de história. No passado, entretanto, era considerada a parte suja da cidade, pois os esgotos convergiam para ela.

A experiência de viver em outro país, além do aprendizado de outra cultura e da convivência com outras pessoas, abarca a questão da língua, que é um determinante cultural que envolve a comunicação entre os pares. Quando não dominamos o código linguístico do lugar em que estamos inseridos, temos a comunicação truncada ou limitada. Por isso, aprender o idioma local se torna importante para o acesso à informação e à cidadania, à sociabilidade com a sociedade e à integração cultural.

A participação dos membros dos grupos nessa construção de conhecimento acerca da linguagem sueca e da interação que se dá, primordialmente, em português nos grupos, e em alguns momentos em sueco, mostram que a linguagem é comunicação e poder. Isso porque, somente aqueles que dominam a língua do país poderão se comunicar de forma mais fluida e direta. A linguagem também é poder, porque quem não compartilha desse repertório da língua está sujeito a ser excluído e tornar-se limitado na sua forma de comunicação. Por isso, é importante a cooperação entre os membros, para que o auxílio sobre o aprendizado da língua sueca transforme o acesso à informação, à cidadania, à sociabilidade e à integração em um processo mais efetivo a todos os brasileiros presentes nesses grupos. Segundo Bauer (2000), uma língua comum permite uma comunicação mais estreita. Observamos que a língua sueca, bem como os costumes culturais do país, podem ser considerados como barreiras para esses migrantes, o que muitas vezes impede um diálogo entre as culturas e uma maior adaptação à sociedade sueca.

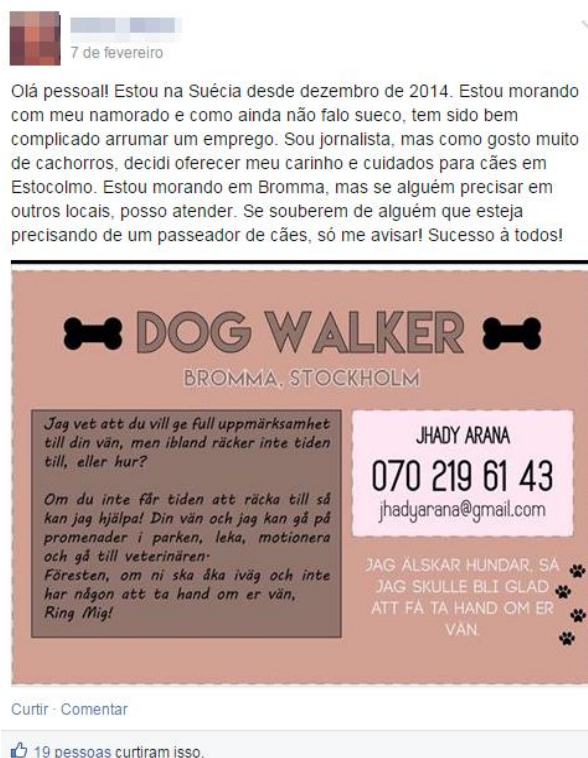
A não compreensão do idioma, assim como o trabalho, fazem com que esses migrantes construam uma experiência migratória baseada na dificuldade, quando não há

---

<sup>96</sup> “Gamla Stan, ou Cidade Antiga, é uma das maiores atrações de Estocolmo, senão a maior. Construída sobre a ilha de Stadsholmen no século XIII, é um dos maiores e mais bem preservados centros medievais da Europa. Foi lá que Estocolmo foi fundada, em 1252, e hoje é uma das regiões mais charmosas da cidade, repleta de restaurantes, museus e lojas de souvenirs”. Disponível em: <http://www.viaggiando.com.br/2011/09/gamla-stan.html>. acessado em 25/01/2016.



domínio da língua do país, e isso impacta na adaptação à cultura, na sociabilidade com os suecos e na obtenção de melhores empregos, principalmente os formais. Ademais, muitas vezes, o trabalho informal, é uma alternativa, como podemos observar na postagem abaixo:



**Imagem 29:**Postagem no grupo “Brasileiros na Suécia/Svenskar i Brasilien” referente ao trabalho como cuidadora de cães.

Percebemos as dificuldades no campo profissional decorrentes da não compreensão do idioma. Como exemplo, temos o caso de Laura que, apesar de estar há aproximadamente 10 anos na Suécia, teve dificuldades de conseguir emprego na sua área de formação no Brasil, o Direito. Podemos perceber que ela é bem crítica ao comentar sobre o trabalho e a migração, apontando que o discurso dos suecos de que os migrantes são bem-vindos, não ocorre no momento de empregá-los.

*Já ouvi muitas pessoas dizendo, aí tem que apoiar a vinda dos migrantes, mas na hora que ela recebe o currículo de um migrante, ela não contrata esse migrante. Eles não têm contato com nenhum migrante, eles acham legal o que veem no jornal, mas não entendem que o que fazem na prática contradiz o discurso deles. Isso me incomoda muito, eles dizem aí que legal a vinda dos migrantes, sejam bem-vindos, mas quando você pergunta quantos migrantes eles têm na sua empresa, eles dizem que nenhum, mas porque eles não têm a competência necessária, aham né! (ironicamente). Até uns anos*

*atrás o migrante, mesmo com nível superior, que é o meu caso, demora em média sete anos pra conseguir um trabalho, sete anos pra conseguir um trabalho (frisa) (Laura).*

Observamos o relato de Ilza ao referir-se à busca por emprego por parte dos migrantes quando encontram a barreira da língua, mesmo que essa não seja a realidade da entrevistada, que conseguiu uma boa colocação no mercado de trabalho – coordenadora pedagógica em uma universidade da Suécia.

*É, mas tem muita reclamação de migrantes, reclamação que demora, porque assim aprende a língua não é fácil, não é fácil, tem que se dos dois lados. Isso tem muita gente reclama do tempo que demora, eu me lembro que a média desse curso que eu fiz, pra acadêmicos, pra quem tinha algum [conhecimento], caminho curto pra ajudar a gente se integrar, eles avisavam que a média é de cinco anos, pra você poder ser integrar no mercado de trabalho aqui, entendeu?! (Ilza).*

Por essa razão, os cursos de sueco são uma busca frequente desses migrantes nos grupos, como podemos observar nas postagens a seguir:



**Imagem 30:** Postagem no grupo “Brasileiros na Suécia” referente ao curso de sueco.

Em relação às questões de trabalho, percebemos, a partir das falas dos entrevistados, que:

*na Suécia, eles valorizam mais a mão de obra sueca primeiro, depois vem a mão de obra estrangeira. Tem muita gente que se ilude acha que vem pra cá, porque acha que porque tem faculdade numa universidade no Brasil, quer conseguir trabalhar na área e eu até entendo, mas não é, a realidade aqui não é essa. É muito difícil pra trabalhar na área em que a pessoa [se formou no Brasil], a não ser que você seja um médico aí você consegue (Jussara).*

Assim, uma alternativa além do estudo do idioma, que é fundamental, os migrantes procuram outra formação na Suécia, fazendo, muitas vezes, uma outra

faculdade, como no caso exemplificado de Luiza, que passou a fazer faculdade de enfermagem:

*Quando você chega aqui é complicado porque tu vai aprender a língua do zero né, então eu estudei primeiro e ao mesmo tempo eu trabalhava como cuidadora de doente, então desde quando eu cheguei aqui na Suécia eu trabalho com isso e ao mesmo tempo estudando sueco né. O ano passado eu terminei o sueco, então como eu já tinha as minhas notas do colégio no Brasil e tudo mais eu não precisei estudar tudo de novo era só a língua mesmo, aí o ano passado pensei poxa é eu não sei mais se eu quero trabalhar com o que eu trabalhava no Brasil e como eu comecei a trabalhar com a questão de saúde aqui eu me interessei, ano passado eu me inscrevi pra faculdade de enfermagem e passei, comecei agora em agosto (Luiza).*

A dificuldade dos migrantes em conseguirem um emprego na Suécia perpassam outras questões além do aprendizado do idioma, como os salários e o cargo ocupado, que não são os melhores, sendo essa uma realidade comum da situação de migração. Pois nem sempre o trabalho exercido na Suécia corresponde às expectativas desses migrantes, muito menos com a formação profissional ao qual tinham no Brasil. A postagem a seguir exemplifica essa questão de que, após dez anos de trabalho na Suécia, os migrantes continuam a ganhar baixos salários em relação aos suecos.



**Imagem 31:** Postagem no grupo “Brasileira na Suécia” referente aos salários dos migrantes depois de 10 anos na Suécia. Tradução da postagem: “Todos os imigrantes ganham menos de 13.000 dólares por mês - depois de dez anos na Suécia”.

Segundo dados dos sites DN Sweden e nyheter24, de março de 2015, os migrantes encontram dificuldades ao entrar no mercado de trabalho sueco, ganhando muitas vezes, menos que 13 mil coroas<sup>97</sup> por mês e não conseguindo “bons” empregos. As matérias mostram que as dificuldades para os refugiados<sup>98</sup> são ainda maiores<sup>99</sup>.

O conflito, se ocorre, se dá mais na esfera das relações entre empregador sueco e empregado migrante, mesmo que nas falas desses sujeitos eles relatem que os suecos são cordiais e abertos. Os entrevistados comentam que não percebem conflitos na relação de trabalho entre suecos e migrantes brasileiros, apesar de Luiza relatar algumas dificuldades que teve com a sua primeira chefe. Além disso, observam que os trabalhos menos qualificados, como por exemplo, nas áreas de limpeza, serviço de táxi e atendentes de *fast food*, são exercidos por migrantes, como podemos observar nas falas abaixo:

*Não, eu acho que são muito abertos né, por exemplo, uma brasileira que nem fala o sueco perfeitamente também que nem fala o inglês completamente perfeito pra se conhecida e te o respeitada, consegui se uma coordenadora, no meu exemplo, é um exemplo pra mim de abertura [...] você se sente muito... incluída né. É, é por outro lado a relação de trabalho aqui independente você tem mais, claro, liberdade trabalhando... e nessas áreas de limpeza também você tem mais imigrantes, também nunca num vi as pessoas que limpam geralmente são de outros, outras nacionalidades... atendente dessas lanchonetes assim, lanchonetes dessas de fast food né porque se for um café bacaninha ou café normal se tem muitos suecos trabalhando pra fazer um extra, até porque aqui a remuneração tem um padrão né, se não pode... baixa... então essa coisa de subemprego é mais difícil, claro que existe, mas é bem mais difícil, então (Ilza).*

*tirando pelos chefes que eu já tive... eu tive uma chefe que era loca, me tratava mal... mas... ela dizia, assim no começo ela me amava... e no final ela me odiava, às vezes ela reclamava que eu era imigrante, o que que eu tava fazendo aqui, blábláblá, esse tipo de coisa, mais ela fazia com tudo mundo, que trabalha ali, não importava se a pessoa viesse de outro país ou se viesse da Suécia, ela só arranjava um... motivo. A minha chefe agora, ela é bem compreensiva... assim, mas a diferença com o chefes daqui e do Brasil, acho*

<sup>97</sup> Isso equivale, aproximadamente, a 1.300,00 euros, que equivale, a uma cotação de 4,5, aproximadamente, a 5.800,00 reais. Portanto, segundo Diego: “*se mora sozinho, vive-se no aperto*”. – informações acerca das equivalências dos valores foram obtidas com o entrevistado Diego via *Skype*.

<sup>98</sup> Juridicamente, um refugiado – diferentemente de um migrante – é alguém que se enquadra nas definições da convenção de Genebra sobre refugiados. Logo, um refugiado é alguém que teve de deixar seu país natal por causa de sua etnia, religião, nacionalidade, convicção política ou pertencimento a certo grupo social. Disponível em: <http://www.cartacapital.com.br/internacional/entenda-a-diferenca-entre-migrante-refugiado-e-requerente-de-asilo-2601.html>. Acessado em: 03/12/15.

<sup>99</sup> DN.se. Tio år senare har varannan mindre än 13 000 i månaden. Disponível em: <http://www.dn.se/nyheter/sverige/tio-ar-senare-har-varannan-mindre-an-13-000-i-manaden-1/>. Acessado em: 28/12/15; nyheter24.se. Varannaninvandretjänarmindreän 13 000 kronor i månaden – efter tio år i Sverige. Disponível em: <http://nyheter24.se/nyheter/inrikes/791212-varannan-invandrare-tjanar-mindre-an-13-000-kronor-i-manaden-efter-tio-ar-i-sverige>. Acessado em: 28/12/15.

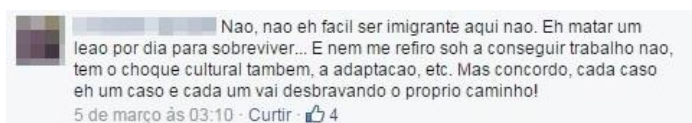
*que a diferença é que aqui nós somos mais vistos como pessoas, sabe... eu acho que no Brasil nós somos mais vistos como força de trabalho, entendeu, não como pessoas, a gente tem que cumprir o nosso horário (Luiza).*

Os entrevistados consideram, também, que os suecos na esfera do trabalho, são reservados em comparação aos brasileiros, os quais muitas vezes “perdem a noção” da intimidade com os suecos, achando que todos são abertos como os brasileiros. Ser expansivo demais pode atrapalhar, mas, apesar disso, a entrevistada Jussara não aponta conflitos. Além disso, Luiza faz comparações entre os tratamentos dados ao empregado no Brasil e na Suécia: na Suécia o trabalhador é visto como ser humano dotado de vontades e problemas, enquanto que no Brasil é visto apenas como força de trabalho, precisando cumprir uma carga horária estabelecida.

Em relação às questões de trabalho doméstico, percebemos que, na Suécia, empregar uma outra pessoa para limpar a sua casa não é bem visto, além de ser um serviço oneroso. Por isso, Luiza optou por gerir sua própria casa:

*porque como eu te falei, aqui eu passo, eu cozinho, aqui eu lavo o meu banheiro, eu vou no mercado, é.. se eu tenho que marca médico, sou eu que marco, aqui eu to, no Brasil eu não tomava conta de mim mesma (Luiza).*

As dificuldades que os migrantes encontram não estão somente associadas ao mercado de trabalho sueco, mas também à adaptação à cultura. Percebemos que a integração cultural (Brasil e Suécia) é uma conquista longa e difícil, que se adaptar à cultura local, aprender o idioma e conseguir um emprego, ainda é uma alternativa para se integrar ao país, mesmo que isso seja de forma lenta e gradual.



**Imagem 32:** Comentários no grupo “Brasileiros na Suécia” referente à postagem sobre os salários dos migrantes depois de 10 anos na Suécia.

Dessa forma, como afirma Woodward (1999), “diferentes contextos sociais fazem com que nos envolvamos em diferentes significados sociais. Em um certo sentido, somos posicionados - e também posicionamos a nós mesmos - de acordo com os ‘campos sociais’ nos quais estamos atuando” (WOODWARD, 1999, p. 30). Nesse sentido, observamos que a identidade é negociada, ao mesmo tempo em que ela está em processo de construção.

Aprendemos, também, que esses sujeitos transmigrantes mantêm relações próximas entre o país de nascimento e o país receptor. Nessa circulação física e simbólica da vida desses migrantes, na qual suas identidades locais e globais convivem em um mesmo território. Assim, o transnacionalismo compreende as experiências vividas por esses sujeitos a partir da situação da migração, os vínculos com a família e amigos e o envio de remessas sociais, culturais e simbólicas.

#### 4.2.5 *Multiculturalismo e Dinâmicas Interculturais*

Os migrantes brasileiros na Suécia também utilizam o *Facebook* para discutir as questões multiculturais e as dinâmicas interculturais na Suécia. Isso se dá quando comentam a cultura brasileira e suas manifestações culturais, as diferenças culturais entre os dois países e maneiras de se adaptar à cultura sueca, além do compartilhamento de situações em que há tentativas de diálogo intercultural.

As sociedades multiculturais são caracterizadas socialmente e a partir dos problemas de governabilidade, em que diferentes culturas convivem e, ao mesmo tempo, tentam manter sua identidade "original". Assim, cria-se um sistema multicultural a fim de promover estratégias e políticas com o intuito de governar ou administrar os problemas de diversidade e multiplicidade dessas sociedades. Com isso, o multiculturalismo nos coloca questões relativas à capacidade de um sistema social integrar as diferenças (SEMPRINI, 1999; HALL, 2003).

A partir disso, analisamos, primeiramente, como a cultura brasileira está presente na Suécia a partir do compartilhamento no *Facebook* pelos brasileiros na Suécia e da fala dos participantes da pesquisa, a fim de observar até que ponto o sistema social sueco tem conseguido prover essa integração cultural. Assim, observamos que a música brasileira, principalmente o samba e a bossa nova, representam a aproximação à cultura do país de nascimento desses migrantes. A música brasileira é presente no cotidiano desses migrantes, seja por meio de uma rádio que as toque, links de vídeos ou pelos eventos organizados por eles, como uma banda de forró, aulas de samba e dança em ritmo de samba. Esses momentos ajudam no resgate emocional e na memória da cultura brasileira por parte desses migrantes, além de reforçar o sentimento de pertencimento.



**Imagem 33:** Postagem no grupo “Brasileira na Suécia” referente ao show de forró que teve na Suécia.

A identidade brasileira é reforçada nos momentos em que a cultura está presente na vida desses brasileiros por meio de músicas, eventos e outras expressões culturais brasileiras. Notícias acerca da cultura do país de nascimento, a exemplo da capoeira e da casa de ópera na Amazônia, são compartilhadas com os demais membros, de forma a divulgar o conhecimento e a construção de uma participação coletiva a respeito da cultura que os une, a brasileira. Diante disso, também percebemos na fala de Diego a importância da cultura brasileira como um fator de reconhecimento e de identificação:

*Você vai ver muito brasileiro que rejeita a cultura brasileira fora do país, eu gosto. Eu amo muita coisa da minha cultura (Diego).*

Apesar de procurarem manter os elementos culturais de identificação com o Brasil, percebemos que os migrantes na Suécia procuram se adaptar à cultura local. Sabemos que o diálogo com a cultura brasileira ainda é muito prematuro, os brasileiros não conseguem, muitas vezes, uma integração com os suecos, pois eles, segundo o relato dos entrevistados, respeitam a individualidade de cada sujeito, além de serem mais reservados e, de certa forma, interagirem entre si, porém a tentativa e o exercício são constantes. Podemos observar, na fala dos entrevistados, as diferenças entre as duas culturas e as formas de lidar com essas diferenças e a elas se adaptar:

*Mas os suecos são difíceis de interagir com eles próprios, isso não quer dizer que eles se integrem com os brasileiros, uma coisa é o respeito, né, nunca ouvi, assim, mas outra coisa é a integração, né, essa mistura, ela não acontece tão naturalmente parece. [Os amigos suecos] não se faz visita, não existe improviso pra isso, você agenda, talvez com três semanas de antecedência ou duas semanas de antecedência ou uma no mínimo quando se tem mais intimidade pra tomar a “fika” né, que seria esse cafezinho. É tudo muito estruturadinho (riso) e aí eu lembro a primeira vez que uma sueca amiga do “Ilman” (marido) [marcamos] alguma coisa pra fazer, daí ela então o que você quer fazer, você quer da à volta no lago, andar de bicicleta... [...]. Mas essa coisa de tá junto e fazer alguma coisa é muito forte aqui (Ilza).*



*eu acho que nós que somos brasileiros, até certo ponto temos uma cultura parecida, né... as coisas, a gente praticamente come igual, se veste igual, tem a mesma religião, é... então assim, as curiosidades dos suecos em relação a nós brasileiros é em questão ao futebol, samba, o carnaval, as diferenças a questão das belezas naturais do Brasil, eu acho que nós somos percebidos pelos suecos como pessoas felizes né, descontraídas, que gostamos de conversar, eu acho que os brasileiros são bem aceitos pelos suecos na verdade. A diferença das outras pessoas, eu acho que a questão dos árabes, por exemplo, que vem pra cá é essa questão de que a religião é muito diferente e como aqui na Suécia as pessoas lutam muito pelos direitos de igualdade do gênero né, igualdade social e tudo mais, então assim gera um conflito, eu diria, [os] suecos batem muito na tecla dessa questão da "submissidade" das mulheres nos países árabes, e isso é inadmissível aqui na Suécia, então existem esses choques culturais... (Luiza).*

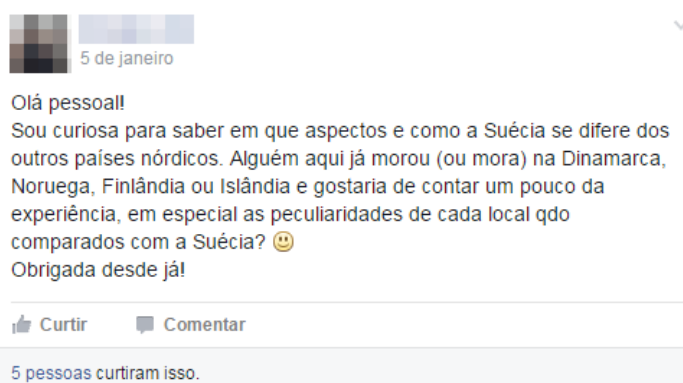
Os entrevistados consideram a cultura sueca e a brasileira parecidas até certo ponto, pois a comida e as roupas são praticamente iguais e a religião é a mesma, segundo aponta Luiza. Os entrevistados compartilham também no seu próprio *Facebook* questões referentes aos costumes e hábitos na Suécia, como no caso do "Fika", referido por Ilza e postado por Tiane no seu próprio *Facebook*.



**Imagem 34:** Postagem no perfil do *Facebook* da entrevistada Tiane.

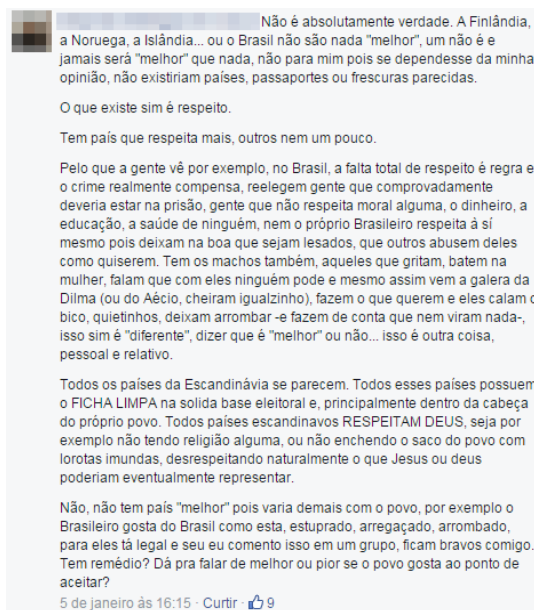


Há diferenças culturais entre países pertencentes à mesma região, no caso nórdico, pois isso implica entender como esses países se constituíram historicamente. Além disso, é importante conhecer essas diferenças, saber quais são as normas, os costumes e os hábitos de cada um deles, a fim de melhor se adaptar ao país. Assim, os migrantes usam os grupos para compartilhar impressões sobre a cultura local, as diferenças culturais e os estranhamentos que observam, como é possível de notarmos na postagem abaixo:



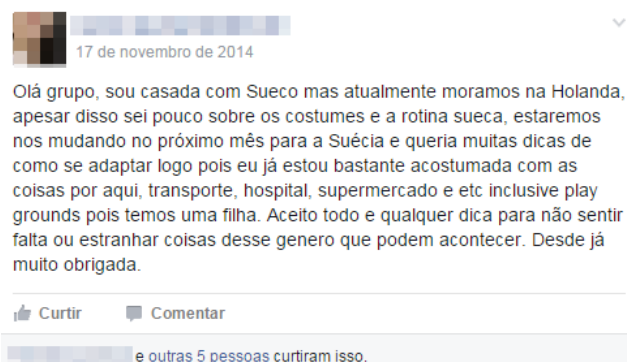
**Imagem 35:** Postagem no grupo “Brasileira na Suécia” referente ao que difere a Suécia de outros países nórdicos.

Eles pontuam que não existe um país melhor que o outro, o que existem na verdade são diferenças culturais que fazem com que isso reflita em questões normativas e costumes da população. Nos comentários, podemos observar um pouco do relato das diferenças apresentadas a respeito de alguns países nórdicos quando comparados à Suécia, nos quais os participantes salientam que o que muda, muitas vezes, de um país pro outro, é a questão do respeito.



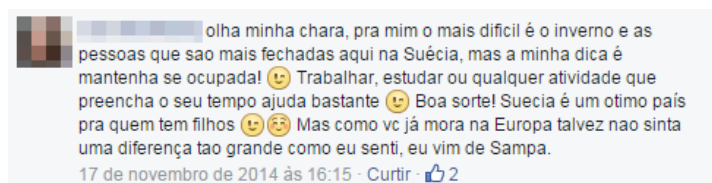
**Imagem 36:** Comentário no grupo “Brasileiros na Suécia” referente à postagem sobre o que difere a Suécia de outros países nórdicos.

Ainda sobre as diferenças culturais, percebemos que existe a necessidade de se estar informado acerca dos costumes e da rotina sueca, tornando-se importante no momento que se decide migrar, de forma que recorrem aos grupos para o esclarecimento dessas questões, como notamos na postagem abaixo:



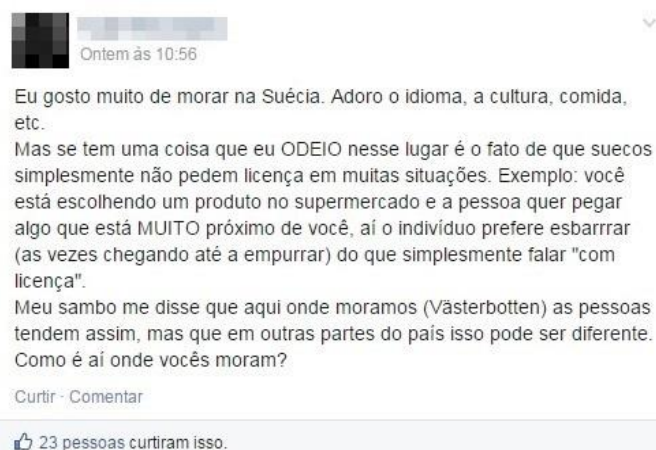
**Imagem 37:** Postagem no grupo “Brasileiros na Suécia/Svenskar i Brasilien” referente aos costumes e à rotina da Suécia.

Os migrantes ajudam no esclarecimento das dificuldades encontradas, como a adaptação ao clima e orientam os outros membros a procurarem atividades para ocuparem o tempo livre, a exemplo de estudar e trabalhar, como no exemplo abaixo:



**Imagem 38:** Comentário no grupo “Brasileiros na Suécia/Svenskar i Brasilien” referente à postagem sobre os costumes e à rotina da Suécia.

Alguns costumes suecos incomodam alguns brasileiros que se manifestam nos grupos, como é o caso da postagem abaixo, em que os suecos não pedem licença em diversas situações, preferindo empurrar ou até mesmo embarrar no outro, como no caso postado, em que se conta que o migrante foi ao supermercado e estava escolhendo um produto quando um sueco chegou e simplesmente esbarrou nele sem ao mesmo pedir licença:



**Imagem 39:** Postagem no grupo “Brasileiro na Suécia” referente ao fato dos suecos não pedirem licença, por exemplo.

Percebemos que, apesar disso, consideram os suecos um povo muito educado que respeita as diferenças.



**Imagem 40:** Comentários no grupo “Brasileiros na Suécia” referente à postagem sobre o fato dos suecos não pedirem licença, por exemplo.

Ao questionar Tiane via bate-papo do *Facebook* sobre a sua postagem no grupo e sobre os comentários a respeito do comportamento mencionado, se não havia relação com o fato de eles serem migrantes ou se isso acontecia de modo geral também entre suecos. Segundo ela, isso acontece entre os suecos também, e o seu companheiro já havia lhe comentando sobre isso. Assim, o embate e o estranhamento com as diferenças multiculturais, como é o caso citado acima, acontecem em ambientes em que há diversidade cultural e que a convivência com o outro precisa ser estabelecida, ainda mais na Suécia, um país multicultural.

Assim, a multiplicidade de culturas requer que se pense em políticas públicas de reconhecimento, que compreendam a outra cultura como integradora e que contribua para intercâmbios sociais vivenciados. É necessário pensar de que maneira podemos fazer com que o outro se sinta representado, incluído, respeitado e igual nos direitos e deveres, independentemente de sua cultura, religião, etnia, etc. Para isso, segundo Semprini (1999) e Martín-Barbero (2010), muito mais que pensar em estratégias e políticas para melhor administrar os problemas de diversidade e multiplicidade gerados pelas sociedades que compreende uma diversidade de culturas em seu território, é preciso pensar a diversidade cultural a partir do processo de intercâmbio entre as diversas culturas, a fim de gerar uma interculturalidade.

Porém, reconhecer que há muitas culturas em um território, não é o suficiente para que haja integração ou diálogo, muito menos políticas públicas que deem conta de compreender e refletir o que é necessário ser feito para haver uma igualdade e respeito ao outro e à sua cultura. Portanto, para haver interculturalidade, precisamos olhar para o outro não como um estranho ou exótico, mas como alguém com quem precisamos estreitar diálogos, estabelecer uma relação de dupla via, sem dominação ou subjugação. Entender o outro na sua diferença e pregar por uma sociedade integradora, que não exclua, mas que inclua a todos.

Nesse sentido, percebemos poucas situações de interculturalidade. Como podemos observar, os elementos culturais que remetem ao Brasil são presentes nas lembranças e nas escolhas desses migrantes, que vai desde a alimentação até as festividades. A Suécia, assim, se apresenta como um país multicultural, onde é possível encontrar espaços de abertura à cultura brasileira, como o evento de carnaval em

Estocolmo, numa tentativa de aproximação entre as culturas, mesmo que tais aproximações sejam ainda por meio de festas e da comida.



**Imagem 41:** Postagem no grupo “Brasileiros na Suécia/Svenskar i Brasilien” referente ao carnaval em Estocolmo.

A interculturalidade acontece, por exemplo, por meio de eventos em que as duas culturas se agregam, mesmo que saibamos que a questão seja mais complexa e que esse possível diálogo fique na base das festividades, ou em momentos em que a cultura brasileira ganha espaço de expressão. A abertura desse espaço pode ser, como observamos durante a análise, por exemplo, por meio de exposições fotográficas de um fotógrafo brasileiro, do seminário sobre a política brasileira, da visita guiada ao museu em português, do concurso de desenhos infantis sobre o Brasil, do concerto de música brasileira e sueca em uma universidade ou quando a cultura e a educação se unem em prol de um interculturalidade, como é o caso da primeira vez que a editora sueca Nordicom publicou um livro na língua materna dos pesquisadores.



 7 h · Estocolmo

Caros e caras,  
 É com muita alegria que depois de 3 anos e meio morando na Suécia divulgo: a antologia que organizei sobre a Mídia-Educação no Brasil, Portugal e Espanha foi publicada em novembro. Celebro ser a primeira vez que a The International Clearinghouse on Children, Youth and Media, via Nordicom / Universidade de Gotemburgo, na Suécia, publica um livro na língua nativa dos autores: português e espanhol. Acredito que nessa colorida rede de brasileiros na Suécia possamos encontrar professores da educação infantil, ensino fundamental e médio, professores universitários e pesquisadores da área da infância, juventude e mídia, bibliotecários, profissionais de mídia, agentes sociais - atores fundamentais para pensarmos formas criativas para se educar com, sobre e através da mídia na sociedade contemporânea. Agradeço pela divulgação entre possíveis interessados. Deixo o link para que naveguem pelo sumário do livro, contando com sua leitura e comentários. Em breve teremos a edição em inglês também.  
<http://www.nordicom.gu.se/sv/publikationer/agentes-e-vozes> Um abraço, Ilana.




**Agentes e Vozes | Nordicom**  
 This anthology aims at contributing to the strengthening of international networks, the visibility of current research, and the exchange of experiences about strategies and challenges while promoting the field in each respective context.

**AGENTES E VOZES**  
 UM PANORAMA DA MÍDIA-EDUCAÇÃO NO BRASIL, PORTUGAL E ESPANHA  
 Ed. Ilana Elea

CHILDREN, YOUTH & MEDIA

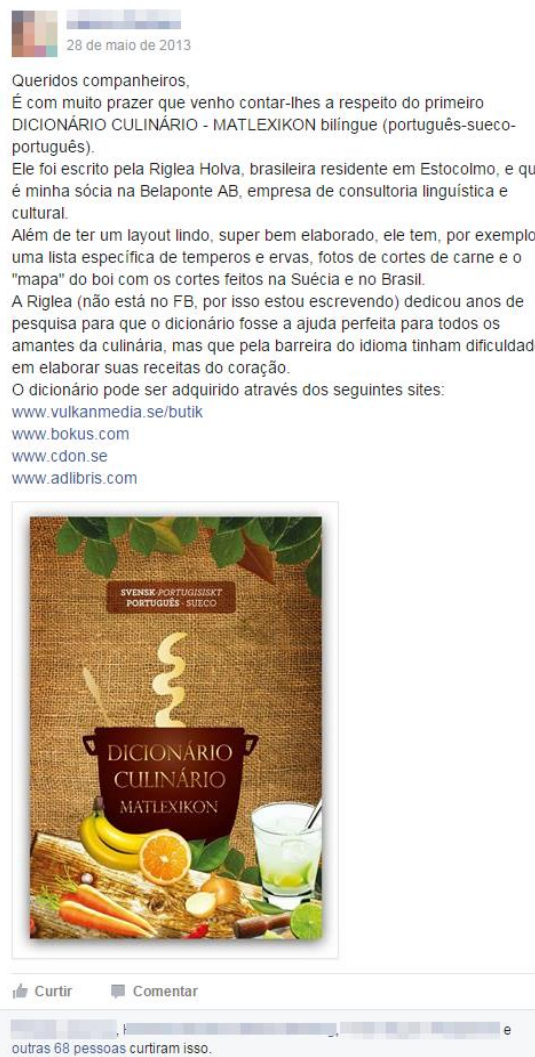
NORDICOM.GU.SE

Curtir · Comentar · Compartilhar

 17 pessoas curtiram isso.

**Imagem 42:** Postagem no grupo “Brasileiros na Suécia/Svenskar i Brasilien” referente ao primeiro livro publicado na língua original dos autores.

Percebemos que a tentativa de diálogo entre as culturas se dá por meio da culinária ou na criação de um dicionário culinário bilíngue. É interessante observamos que ambas as postagens (a anterior e a seguir) foram trabalhos produzidos por brasileiros, apoiados por editoras suecas.



**Imagem 43:** Postagem no grupo “Brasileiros na Suécia/Svenskar i Brasilien” referente ao dicionário culinário bilíngue.

Esta última postagem nos mostra a presença de um diálogo intercultural, mesmo que essa aproximação entre as culturas seja incipiente. Podemos considerá-la como um começo para um possível diálogo com as outras esferas sociais. Ainda que a adaptação à cultura sueca seja difícil, lenta e gradual, e que as questões jurídicas e trabalhistas encontrem impasses e restrições a esses migrantes, percebemos que é por meio da música, da cultura e de outras manifestações culturais brasileiras agregadas à sueca que podemos visualizar essa troca cultural e social.

Diante disso, com base em Bailén (2012), podemos afirmar que as identidades são híbridas nesses contextos multiculturais. Isto é, sabemos que a condição de migrante não é o único elemento que determina a identidade pessoal dos sujeitos que vivem em um outro país, pois é preciso compreender que o contexto cultural desse novo lugar



reformula suas identidades, bem como a cultura do país de nascimento, os quais contribuem para construírem suas identidades fluidas e intercambiáveis ao longo do tempo e das experiências vividas.

#### 4.2.6 Política, Políticas Migratórias e Cidadania Jurídica

Os usos do *Facebook* para discussão política, políticas migratórias e cidadania jurídica versam sobre três principais eixos: debatem e se posicionam sobre a política no Brasil, em um momento de crise política no Brasil; debatem sobre a política na Suécia, muitas vezes utilizando de comparações com o sistema brasileiro, incluindo questões de políticas públicas; e debatem sobre as políticas migratórias que impactam diretamente esses sujeitos migrantes, partindo de uma contextualização cultural das migrações e, posteriormente, abarcando as leis migratórias. Transversal a tudo isso está a questão da cidadania jurídica.

As políticas, de modo geral, são assuntos pautados por esses migrantes nos grupos e no seu dia-a-dia. Saber o que está acontecendo no Brasil é do interesse desses sujeitos que migraram, que não deixaram de se preocupar e de manter vínculos com o seu país de nascimento. Portanto, quando eles respondem nas entrevistas ou postam nos grupos sobre as informações buscadas sobre o Brasil, percebemos que a política e economia são assuntos importantes.

*Eu me preocupo com o Brasil. Eu não busco a informação que chega até a mim, mas basicamente política, economia e sociedade. A forma como a sociedade no Brasil tem evoluído ou “involuído” eu acho muito preocupante (Marcelo).*

*Porque eu sou do Brasil né, tem minha família, meus amigos aí né. Principalmente sobre política assim, porque política afeta todo o resto né (Tiane).*

*Sempre! Com a mesma frequência que eu entro nesses sites suecos para ver as notícias eu entro nos sites brasileiros pra ver as notícias no Brasil. Eu acesso o Globo, eu acesso a Folha de São Paulo. Porque que eu me interessar? Porque eu sou brasileira... (sorriso) (Luiza).*

*Economia, violência, a gente se preocupa em sabe o que está acontecendo, porque assim, a gente tem família, tem amigos, então assim, também pra não fica tão assim... fora da casinha assim, pra saber o que tá acontecendo pra se inteira um pouco, claro que a gente não vai afundo nas coisas, a gente sempre olha as principais manchetes, os principais jornais, a gente sempre tá olhando (Viviane).*

Fica evidente na fala desses entrevistados o quanto é importante estar a par da situação política e econômica do país (entre outras questões como saúde, por exemplo); mas, acima de tudo, estar bem informado sobre o que está acontecendo no Brasil. Além do mais, assuntos como “fofocas” e vida das celebridades no Brasil se tornam importantes na medida em que os aproxima do país, é uma maneira de manter vínculos com o país de nascimento. A partir das postagens, podemos perceber que é inevitável fazer comparações entre os dois países acerca da política e dos modos de governar, bem como militar a favor ou contra situações políticas vivenciadas no Brasil, a exemplo das eleições presidenciais de 2014.

Na postagem a seguir, podemos observar um tipo de comparação entre os dois países e a crítica que alguns membros fazem nos comentários sobre o fato do premiê<sup>100</sup> sueco ter como inspiração o presidente Luiz Inácio Lula da Silva, que governou o Brasil no período de 2002 até 2010.



**Imagem 44:** Postagem no grupo “Brasileiros na Suécia” referente ao primeiro ministro da Suécia que tem o Lula como inspiração.

<sup>100</sup> Ou primeiro-ministro que é o chefe de governo em países que têm o parlamentarismo como sistema político e também em algumas nações que adotam o regime semipresidencialista.

Podemos perceber, a partir dos comentários, a divergência de opiniões, em que há aqueles que defendem o governo brasileiro do presidente Luiz Inácio Lula da Silva (conhecido como Lula), e os que dizem que são contra as políticas de auxílio ao cidadão, como o “Bolsa Família”, mas que na Europa não abrem mão dos benefícios sociais. Além do mais, os argumentos giram em torno da ideia de que era uma política que não visava o bem estar social do cidadão e os governantes preocupavam-se, apenas, com interesses próprios, como é possível observar nos comentários abaixo:

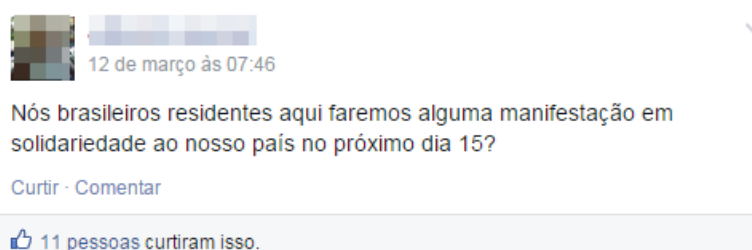


**Imagem 45:** Postagem no grupo “Brasileiros na Suécia” referente ao primeiro ministro da Suécia que tem o Lula como inspiração.

Assim, as discussões giram em torno das aproximações entre as políticas públicas dos dois países, sendo feitas comparações para o desenvolvimento dos seus argumentos acerca do que consideram a melhor política ou a melhor maneira de

governar um país. Marcelo comenta que na Suécia a lei de transparência é uma realidade, o que no Brasil ainda não é levado com afinco pelos governantes.

É importante lembrar que o período de monitoramento mais sistemático dos grupos compreendeu os dois grandes episódios da política brasileira: as eleições presidenciais que aconteceram em outubro de 2014 e as manifestações de 15 de março de 2015, referentes à insatisfação<sup>101</sup> da população sobre o governo da presidente Dilma Rousseff<sup>102</sup>. Diante disso, podemos observar inúmeras postagens referentes a esse momento político, a exemplo das duas postagens abaixo:



**Imagem 46:** Postagem no grupo “Brasileiros na Suécia” referente se haverá alguma manifestação na Suécia em solidariedade do dia 15/03/15 no Brasil.



**Imagem 47:** Postagem no grupo “Brasileiros na Suécia/Svenskar i Brasilien” referente se haverá protesto em Estocolmo dia 15/03/15.

As postagens nos mostram que os grupos, além de informar sobre o que está acontecendo no Brasil a respeito das manifestações, ajudam os migrantes no compartilhamento das mobilizações e dos eventos que estão acontecendo. Ademais, de certa forma, isso contribui para se mobilizarem tanto *online* quanto *off-line*, por meio do debate e do engajamento nos protestos nas ruas.

<sup>101</sup> As insatisfações eram acerca da corrupção do governo e a improbidade administrativa.

<sup>102</sup> Período de governo de 2011 até o atual momento – 2015. As insatisfações versam, principalmente, sobre os escândalos de corrupção, sobre os aumentos dos impostos, taxas sobre produtos e a crise mundial.

As discussões não se encerram após o protesto do dia 15 de março de 2015 no Brasil. Há repercussão da manifestação do governo após o episódio marcante no Brasil, como mostrado na postagem abaixo:



**Imagem 48:** Postagem no grupo “Brasileiros na Suécia” referente à resposta do governo Dilma aos protestos do dia 15/03/15 no Brasil.

Percebemos que o choque de opiniões, visões de mundo, crenças e valores são normais em grupos em que há uma heterogeneidade de pessoas, e as suas manifestações nesses ambientes, principalmente sobre um tema polêmico e conflituoso – política –, gerem embate de pensamentos. Essa polarização do debate político no *Facebook* e em demais redes sociais *online*, a exemplo do *Twitter*, é uma prática que estamos vivenciando, em que os sujeitos querem contribuir para o debate a partir de suas opiniões, entre elas está a sugestão de distribuição de livros de história para o esclarecimento das pessoas, a fim de entenderem o atual momento da política brasileira, debatem sobre as causas de um possível pedido de *impeachment* da presidente Dilma e sobre as crises que estamos vivenciado, em que uma delas é moral de ambas as partes - da população e do governo do Brasil. Também são feitas comparações entre a Suécia e outros países da Europa, em que se fala da Segunda Guerra Mundial para afirmarem que o Brasil não é o pior lugar do mundo, como podemos observar nos comentários abaixo:

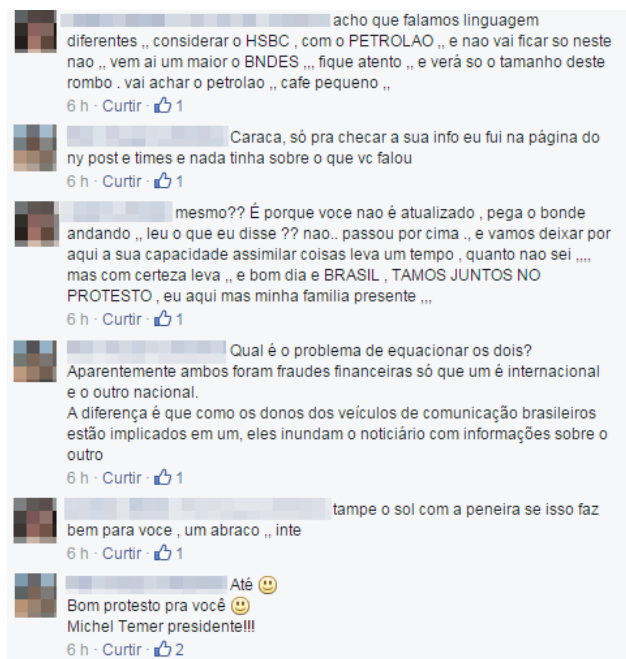




**Imagem 49:** Comentários no grupo “Brasileiros na Suécia” referente a postagem se haverá alguma manifestação na Suécia em solidariedade do dia 15/03/15 no Brasil.

Percebemos que o ponto que une alguns membros – a favor da manifestação – não é livre de conflitos, pois até mesmo nesses casos as opiniões divergem e as

discussões oscilam entre aquele que é “mais atualizado” que o outro no assunto, como eles mesmos expressam nos comentários:



**Imagem 50:** Comentários no grupo “Brasileiros na Suécia/Svenskar i Brasilien” referente à postagem se haverá protesto em Estocolmo dia 15/03/15.

Cada comentário desses renderia uma longa e interessante análise, mas é preciso restringir e ficarmos apenas com alguns comentários para ilustrar os conflitos e as divergências de opiniões que ocorrem nos grupos, além de percebermos a importância e a preocupação com os acontecimentos do Brasil e o seu rumo, mesmo que não vivam atualmente no país.

Portanto, o que está acontecendo no Brasil na esfera política, principalmente, interessa aos migrantes, tanto que os grupos viram lugar de compartilhamento dessas questões e de debate, mesmo que as mudanças não os afetem diretamente. Porém, seus familiares ainda vivem na realidade do Brasil: “*porque provavelmente a sua mãe mora no Brasil, entendeu?! O seu irmão mora no Brasil*” (Luiza). Portanto, o que motiva essas postagens e comentários é o sentimento de pertencimento, de se sentir brasileiro.

No entanto, estar na situação de migrante requer, também, entender e lutar por seus direitos no país receptor. Dessa forma, as políticas migratórias afetam os cidadãos de modo geral, mas principalmente os migrantes, que encontram o respaldo para a sua



condição de cidadania nos países conforme as leis vigentes sobre a obtenção de vistos, entre outras questões legais.

Percebemos esses assuntos como constantes, tanto nos grupos, como na fala dos migrantes, em que o tempo de permanência e a situação em que se encontram no país depende do tipo de visto que possuem. Na Suécia, todo o migrante, independentemente do visto, desde que se encontre em situação legal no país e que não tenha visto de turista, possui um “*personal number*”, o chamado número pessoal, que dá a esses sujeitos uma série de direitos, como educação pública em qualquer nível, saúde irrestrita e trabalho. Os migrantes que vão para a Suécia a estudo ganham esse número. Entretanto, estudante não cidadão da União Europeia tem que pagar pelos estudos e pelo seguro saúde<sup>103</sup>. Esse *personal number* dá acesso a uma série de informações a respeito dos sujeitos, no qual ficam registradas as principais informações sobre a vida, como endereço, telefone, etc.

Quando os entrevistados foram questionados sobre sua condição de cidadania ou visto, bem como sobre a ocorrência de alguma dificuldade no processo, percebemos que a maioria possui visto permanente ou está em processo de obtenção de cidadania.

*primeiro eu vim como turista, fiquei 3 meses como turista, que é o máximo que você pode ficar, aí como a gente tava morando junto a gente pediu uma extensão pra mais 3 meses, que as vezes pode, como pode não dá, mas eles deram a extensão, aí eu fiquei 6 meses, daí em 6 meses a gente decidiu que queria [ficar juntos]. Ai depois disso eu tive que voltar pro Brasil, porque tive que aplicar para a residência temporária do Brasil, então foi super desgastante né pra gente, assim eu tive que ficar lá, mas foi o processo mais rápido da história, em três semanas eles liberaram. A previsão podia ser até seis meses, e você tem que aplicar do país, então por isso que eu voltei, mas eles me deram em 3 semanas. Um show, tem que escrever, contar, entrevista e eles entenderam que a gente não tava de brincadeira e aí voltei com a residência que eu chamo de temporária, depois de 2 anos, se der tudo certinho, não cometer nenhuma infração, dá tudo certo, em 2 anos, você pode aplicar pra permanente, ainda não é cidadania. Eu apliquei e peguei a permanente, depois da permanente, com 5 anos você pode aplicar para a cidadania, eu já estou 4 anos e meio, mas como já trabalho há 1 ano e meio, já faço a minha contribuição, acabei de pegar meu passaporte sueco e a cidadania, então mês passado eu recebi a cidadania que é super estranho né, porque é muito estranho (risos), cidadania é meio estranho, mas é eu tenho (riso) (Ilza).*

*Hoje eu sou cidadã sueca. Eu recebi a minha carta de cidadania em agosto, mês passado (Jussara).*

<sup>103</sup> Informação obtida por meio de uma conversa via bate-papo do Facebook com o entrevistado Diego.

Ser um cidadão sueco, para alguns brasileiros, pode “soar” estranho, mesmo que eles, no campo jurídico, sejam cidadãos brasileiros e suecos. Além disso, percebemos que eles não tiveram problemas no processo.

*Não, por eu não ser asilada, eu não tive dificuldade, um asilado tem muito mais dificuldade, e por eu estar com um sueco, eles procuram provas, eles checam tudo, e é bem mais fácil, do que asilado (Jussara).*

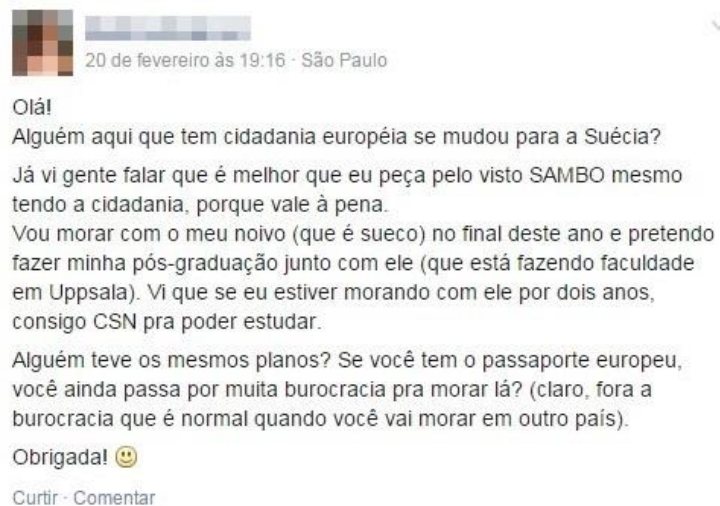
A cidadania jurídica é importante, pois corresponde a questões de acessibilidade e circulação na Suécia e em outros países europeus. Possibilita o ir e vir desses migrantes, além da obtenção de alguns direitos que dizem respeito à categoria do visto que possuem.

Percebemos que o conhecimento dos seus direitos possibilita maior trânsito entre os países europeus, como no caso daqueles que fazem parte do Acordo de *Schengen*, o qual permite que os cidadãos brasileiros viajem dentro dos países membros sem precisarem de visto, podendo ficar até 90 dias sem nenhum pagamento de taxas. Como podemos observar na postagem a seguir, eles procuram se informar a respeito do visto e sua possibilidade de usufruir desse acordo.



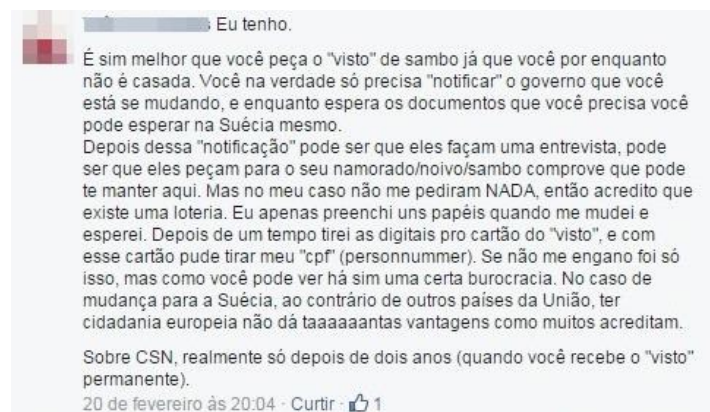
**Imagem 51:** Postagem no grupo “Brasileiros na Suécia/Svenskar i Brasilien” referente ao Acordo de *Schengen*.

Obter o visto ou os papéis que regulamentam a situação no país significa muito mais do que o acesso a emprego ou a saúde, por exemplo. Significa o sentimento de acolhimento por parte da Suécia, mesmo que na prática do dia-a-dia sejam perceptíveis as diferenças de integração entre as duas culturas – brasileira e sueca. Significa que os migrantes se sentem legalmente aceitos, por mais que o fato de ser um estrangeiro seja lembrado constantemente.



**Imagem 52:** Postagem no grupo “Brasileiros na Suécia/Svenskar i Brasilien” referente à cidadania europeia.

Os comentários seguem a lógica do apoio à obtenção da informação, que é preciso uma série de trâmites legais para se conseguir o visto desejado. No caso da cidadania europeia, o migrante pode esperar pelo visto no próprio país que se deseja migrar (neste caso, a Suécia).





**Imagem 53:** Comentários no grupo “Brasileiros na Suécia/Svenskar i Brasilien” referente à postagem sobre a cidadania europeia.

A entrevistada Luiza também contribuiu para a discussão explicando como se dá o processo de obtenção de visto para morar na Suécia, sendo um cidadão europeu. Porém, é preciso ter um motivo para querer ficar no país.

*Olha... eu acho que você pode vim pra cá, se você tem a cidadania da União Europeia, fica aqui o tempo que você quiser. Só que tudo aqui, tudo o que você for fazer aqui eles vão pedir um número. Pra você, você que é cidadão Europeu, e tá morando aqui na Suécia, se pode fica aqui tranquilo, só que se você quiser estuda, trabalha, você vai te que te o personal number também. Eu acho, não tenho certeza, eu acho uma diferença é que, por exemplo, quando eu apliquei pro visto pra vive aqui eu precisava tá no Brasil, eu não podia espera o visto aqui, mesmo que eu tivesse nesse tempo de turista. Quem tem cidadania Europeia pode esperar a decisão já aqui. Só acho que você não pode estuda e trabalha, porque você tem que te um motivo pelo qual você que fica no país, entendeu? (Luiza).*

A Suécia, apesar de ter uma política de acolhimento e aceitação ao migrante e ser considerada como exemplo neste aspecto, ainda não consegue lidar plenamente com a integração deles. Assim, encontra-se em uma situação problemática em relação às suas políticas migratórias, em que a população sueca divide opiniões acerca de uma reforma nas leis migratórias do país.

Observamos que a grande dificuldade de integração cultural está mais voltada aos refugiados, assunto que tem ganhado destaque na Suécia e no mundo, nos grupos analisados do *Facebook* e na mídia em geral. Os entrevistados se mostram muitas vezes

contra esse fenômeno, uma vez que, segundo eles, os refugiados levam problemas à situação econômica e social do país. Entretanto, qualquer mudança nas leis sobre migração não afetará apenas esse parcela migratória – os refugiados –, mas todos os migrantes. Nessa situação, percebemos que os brasileiros analisam a questão da migração na Suécia.

*É, mas eu não tenho referencia de violência contra a mulher, por exemplo, nos bairros que não tem alto índice de migração ou no subúrbio, se entendeu aqui se tá num país que mais recebe migrantes de países né, árabes que tem mais refugiados, da Síria, Iraque, Eritreia que tem outros valores culturais e eu já estudei com eles, é muito assustador sabe pessoa que defende mesmo o talibã na sua frente, falando que a mulher usa burca porque tem que usar que é uma joia. Então, porque eu cheguei aqui achando que eu estou no paraíso [aí você vê] essa dessincronia né, das mulheres com burca ou com tudo fechado ou com que são escondidas para não irem à escola. Então assim, [isso é uma coisa] que eu não imaginava. Porque quando eu pensava na Suécia a última coisa que eu ia pensar é que aqui essa a influência muçulmana né seria tão forte, eu não tinha essa ideia (Ilza).*

*Esta [é] uma situação muito complicada aqui na Suécia, porque aqui recebeu muito imigrante, e o governo não está conseguindo controlar, ele quer ajudar, quer. A Suécia quer ajudar bastante, tem um intuito muito grande, eles até chamam aqui de país mãe porque quer trazer todo mundo, quer ajudar todo mundo, mas o que adianta você trazer todo mundo pra dentro da Suécia, depois você não sabe o que vai fazer com esse povo. Não tem trabalho pro pessoal, vai ficar todo mundo desempregado, a população que trabalha começa a ficar revoltada porque só dos impostos, eles precisam arrecadar dinheiro pra sustentar esse pessoal que está desempregado. Então o problema aqui na Suécia é a falta de estrutura, não existe trabalho pro pessoal que está chegando, todo mundo asilado, que o pessoal está trazendo. Então a maioria das pessoas que não são racistas estão começando a ficar racistas ou estão começando a ficar estressadas, porque está de mais, então não sei o que o governo vai fazer (Jussara).*

*Tem gente no próprio grupo de brasileiros que vota nesse partido de extrema-direita, aí o povo cai mandando, como assim, aí eles dizem que são migrantes diferentes, eles acham que são diferentes, como assim? Esse partido não quer saber quem é você, que tipo de migrante você é, se paga ou não seus impostos direitinho. [...] As pessoas discutem muito integração, mas fica muito no plano teórico, sabe, e na prática mesmo, eu acredito, que tem poucas ações para que as pessoas realmente se integrem, que foi o meu caso, isso continua acontecendo, quando eu fui na agência de empregos me cadastrar eu cheguei pro funcionário, ele perguntou se eu tinha currículo e no que eu queria trabalhar. Eu falei olha eu gostaria de trabalhar como professora de idiomas que eu tenho experiência e pra começa eu queria fazer isso, mas eu também poderia trabalha como faxineira, não tenho problema nenhum com isso, porque o meu objetivo é estuda e trabalha pra ganha dinheiro pra me mante aqui. Ele disse você vai só estuda, eu falei não, mas eu preciso trabalha, ele falou não você não vai trabalha, porque você é advogada e daqui 6 meses você vai abandonar o emprego, eu falei não, só porque eu sou advogada eu vou abandonar o emprego, nada a ver eu vou crescer profissionalmente. Isso faz com que as pessoas, não foi o meu caso, em alguns casos no desespero [...] larguem o curso do idioma, que é fundamental fazer o curso, eles largam, e pegam qualquer emprego e até mesmo emprego clandestino (Laura).*

*As pessoas como eu que vieram porque encontraram um sueco, há diferença, também, entre as pessoas que vem como migrantes da guerra, eu acho que a grande parte da população sueca fala bem-vindo pra esses que vem como asilo né, (pensando) mas também tem uma partido, hoje em dia tá crescendo bastante aqui o partido que é contra os migrantes que vem de asilo, entendeu, aquela questão de sempre que acham que usam muito do dinheiro, gastam muito o dinheiro [...] dos impostos pra toma conta de gente que vem dos outros países e que isso faz com que os serviços para os suecos caiam a qualidade e tudo mais, mas eu acho em geral que a Suécia é um país que recebe bem as pessoas que vem de outro país, não importa da onde você vem, mas hoje em dia essa questão entre os migrantes de asilo né, tá crescendo aqui... [...] esse pessoal que vem agora do Afeganistão, do Iraque, da Síria... eu acho que eles, ainda, não estão aqui na Suécia o tempo suficiente pra pode se dizer que eles estão totalmente integrados, porque é mais recente e eles também são em muito maior número né, que os outros [migrantes] que vieram [na década de 80, por exemplo] (Luiza).*

Essas questões têm pautado as discussões desses migrantes, tanto que alguns brasileiros assumem posicionamentos diferentes, inclusive analisando a migração com distanciamento, como se eles próprios não fossem migrantes, como fica evidente na fala de Jussara ao referir-se ao acolhimento da Suécia a muitos migrantes, que acaba por gerar desemprego e não há como sustentar os desempregados.

Outra questão que nos faz refletir, a partir da fala de Laura, é a questão da integração cultural como um problema social da Suécia, em que eles acolhem os migrantes. Todavia, na prática não se vê ações eficazes para a situação, pois: “*quais são os suecos que empregam migrantes nas suas empresas?*” (Laura). Às vezes, a alta formação no Brasil torna-se um problema na hora de se conseguir um emprego na Suécia, como foi o caso dessa entrevistada que, por ser advogada, foi considerada pela agência de empregos como alguém que não poderia ocupar qualquer atividade, como por exemplo, faxineira ou professora de idiomas. Isso faz com que, em alguns casos, as pessoas optem por largar o curso de sueco e passem a trabalhar em qualquer emprego ou até mesmo em empregos clandestinos para sobreviver, como comentado na seção sobre o compartilhamento da experiência migratória desses sujeitos.

No entanto, o diálogo com a cultura dos países que chegam ao seu território, bem como uma política que dê conta de absorver esses migrantes, é muito incipiente em alguns casos. A Suécia se coloca como uma sociedade homogênea e igualitária; mas, por outro lado, percebemos uma dificuldade de o país integrar suas minorias, como podemos observar na matéria que saiu na Vox Europ, no dia 12 de agosto de 2013, na qual se questiona: “*Racismo e segregação no país mais igualitário do mundo?*” Apesar de a Suécia ainda ser uma sociedade igualitária, as desigualdades têm aumentado mais

do que em qualquer outro país da Europa. Os principais afetados com essa desigualdade são os migrantes, os trabalhadores pouco qualificados e os jovens – sobretudo os rapazes. “A Suécia concede, todos os anos, cada vez mais vistos de residência, ao contrário de muitos países da Europa, onde esse número baixou. Entre os refugiados há agora, sobretudo, sírios, somalis, iraquianos e ciganos”<sup>104</sup>. São perceptíveis as desigualdades, quando em alguns bairros 80% das pessoas são imigrantes da primeira e segunda geração, sendo que 50% estão desempregadas e se 3% das crianças suecas são pobres, essa taxa sobe para 40% entre as crianças filhos de migrantes<sup>105</sup>.

Diante disso, é preciso entender que a Suécia já não é mais homogênea e, sim, culturalmente diversa. Essa diversidade precisa ser discutida e pensada, para que haja políticas públicas que deem conta dessa nova configuração sociocultural, como reflete o escritor e jornalista Viggo Cavling:

Atualmente, há 19 % de suecos com um ou até mesmo os dois dos seus progenitores de origem estrangeira. Mas ainda não temos consciência disso. É preciso não esquecer que a Suécia nunca teve colônias. É sobretudo por isso que a Suécia é um país nacionalista. Os suecos não gostam apenas de fazer bem, também nos achamos muito bons. Acolhemos voluntariamente os refugiados, mas temos dificuldade em reconhecer que os deixamos à mercê de situações inadmissíveis. Temos duas décadas de atraso no debate multicultural (CAVLING, 2013)<sup>106</sup>.

As sociedades multiculturais já existem há muito tempo. Esse assunto não é novo. Devido às migrações e aos constantes deslocamentos dos povos, têm-se produzido sociedades étnicas ou culturalmente híbridas. Diante disso, o multiculturalismo tem se intensificado e se tornando mais evidente, no campo da contestação política (HALL, 2003). O multiculturalismo acaba, assim, por subverter a unidade social e política de uma sociedade, sua dinâmica de integração e, em alguns casos, acredita-se que acaba por levar os sujeitos a se fecharem no seu grupo étnico, religioso, de pertencimento (SEMPRINI, 1999). Por isso, é preciso pensar nessas sociedades híbridas como um conjunto de elementos sociais e culturais que precisam ser

---

<sup>104</sup>VoxEurop. O problema da integração à sueca. Disponível em: <http://www.voxeurop.eu/pt/content/article/4049281-o-problema-da-integracao-sueca>. Acessado em: 23/11/2015.

<sup>105</sup>VoxEurop. O problema da integração à sueca. Disponível em: <http://www.voxeurop.eu/pt/content/article/4049281-o-problema-da-integracao-sueca>. Acessado em: 23/11/2015.

<sup>106</sup>VoxEurop. O problema da integração à sueca. Disponível em: <http://www.voxeurop.eu/pt/content/article/4049281-o-problema-da-integracao-sueca>. Acessado em: 23/11/2015.



compreendidas a partir das diferenças, para que se possa propor um diálogo intercultural, entender que uma sociedade diversa não se constrói sem um diálogo que integre as diferenças.

A partir das discussões nos grupos, bem como das entrevistas, percebemos que a questão dos refugiados, étnica e religiosa, ganhou destaque nos assuntos desses comunicantes, uma vez que a Suécia, compreendida como um país de “portas abertas”, esbarra na questão religiosa, pois no país há um sentimento antimuçulmano, como observado na postagem a seguir:



**Imagem 54:**Postagem no grupo “Brasileiros na Suécia” referente ao sentimento antimuçulmano.

Podemos observar que as opiniões divergem e há conflitos e tensões nos comentários dos membros referentes a essa postagem, uma vez que falar de religião, assim como política, é entrar em questões conflitivas por natureza, pois o conflito faz parte da discussão, muito mais do que o consenso.





**Imagem 55:** Comentários no grupo “Brasileiros na Suécia” referente à postagem sobre o sentimento antimuçulmano.

Nos comentários, mais uma vez, os sujeitos se posicionam contra a vinda de migrantes muçulmanos. Entretanto, alguns questionam se não seria um caso de racismo, uma vez que quando se considera superior ou outro, sendo que também se encontra na situação de migrante. Nesses casos, percebemos, a partir de suas falas, que eles, em alguns momentos, não se consideram como migrantes. Em momentos de crise, essas questões de disputa de espaço ficam evidentes e sobressaltam aos nossos olhos o preconceito, o racismo, a xenofobia a determinadas etnias, religiões e culturas, criando-se um fechamento e retração à vinda de fluxos migratórios. Portanto, é preciso perceber essas questões e refletir sobre como esses discursos se constroem e onde estão inseridos, para que possamos propor um debate intercultural.

Percebemos que a situação das migrações é reflexo de uma crise mundial. Há uma grande circulação de pessoas, mas os países que recebem esses migrantes ou refugiados não estão conseguindo, nas suas políticas públicas, integrar esses sujeitos de

maneira eficiente. A multiplicidade de culturas envolvidas não encontra respaldo de um reconhecimento que gere um diálogo. Respeitar a cultura do outro nem sempre significa que está havendo integração entre as culturas. Pois percebemos que muitos refugiados vêm de culturas não liberais e entram em contato com a cultura sueca, que é mais liberal em diversas questões, gerando, assim, um embate cultural que precisa ser melhor problematizado, tendo em vista o diálogo e a assimilação da prática de uma política igualitária e de respeito às diferenças.

Em sociedades multiculturais, os conflitos são diversos, desde a disputa por espaço, até questões ligadas à liberdade de expressão cultural. No caso da Suécia, os conflitos aparecem relacionados à onda de “pavor e ódio” aos refugiados que têm dividido opiniões e que têm deixado muitos migrantes brasileiros preocupados com o rumo do país. No entanto, outros migrantes parecem ser indiferentes, como se essa situação não os tocasse de alguma maneira, por se sentirem, talvez, a parte da situação desses migrantes, por possuírem uma outra condição jurídica no país. Contudo, sabemos que qualquer mudança nas leis migratórias acabam por afetar a todos os migrantes. Percebemos, também, em alguns casos, uma assimilação do discurso do governo de extrema-direita<sup>107</sup> sueco na fala dos entrevistados, em que consideram essa grande aglutinação de refugiados no país uma ameaça à segurança, à economia e ao bem estar social da Suécia.

Essas questões das leis migratórias têm acarretado inúmeras medidas de “fechamento das portas” para o crescente número de pedidos de asilo ao país, pois segundo a matéria de 2014, publicada no Jornal Estadão *Online*, esses sujeitos representam uma sobrecarga financeira tanto para o ministro das Finanças sueco, quanto para os eleitores que estão preocupados com esse tema dos migrantes nas vésperas das eleições gerais do mês de setembro de 2014<sup>108</sup>. Além disso, a Suécia resolveu, no dia 12

---

<sup>107</sup> A Suécia tem enfrentando nos últimos anos, após a entrada, em 2010, do partido de extrema-direita no poder, situações de desordem e, segundo o Euro News, os ataques racistas começaram a multiplicarem-se. Disponível em:

<http://pt.euronews.com/2014/05/21/suecia-vai-perdendo-a-imagem-de-tolerancia-com-os-imigrantes/>. Acessado em: 23/11/2015.

<sup>108</sup> Jornal Estadão Online. Suécia alerta para o custo crescente da migração na véspera das eleições. Disponível em:

<http://www.estadao.com.br/noticias/geral,suecia-alerta-para-custo-crescente-da-imigracao-na-vespera-das-eleicoes,1553602>. Acessado em: 27/11/2014

de novembro de 2015, segundo o Portal de Notícias do G1<sup>109</sup>, da Globo, e o Correio da Manhã do Canadá<sup>110</sup>, reestabelecer controle sobre suas fronteiras.

Diante disso, ressaltamos que os migrantes entrevistados falam de casos migratórios específicos, o caso dos refugiados ou dos asilados<sup>111</sup>. Percebemos, a todo o momento na fala desses entrevistados que, atualmente, o grande problema da Suécia acerca das migrações está associado ao grande contingente de refugiados. Porém, precisamos ter cuidado ao assumir discursos como esses, uma vez que não podemos associar determinadas situações a um tipo específico de etnia, religião ou cultura, pois estaríamos sendo racistas ao ponto de julgarmos uma conduta com base em hipóteses pelas diferenças culturais entre países. Essa questão fica evidente na fala de uma das entrevistadas, Ilza:

*é o problema de transparência de dados, porque eles tem tanto medo, tanto receio de serem tachados de racistas né que na verdade, você não pode por exemplo categorizar, você não pode primeiro nem dizer se a pessoa que cometeu o crime ela é uma pessoa imigrante ou não, o sexo até você pode falar, mas você não diz muito, pouquíssimo, você da pouquíssima informação, e não é permitido também você fazer essas ligações. Mas o que a gente sabe por fora ou por dentro, por exemplo, eu [conheço gente que] trabalha pra um centro que presta auxílio para mulheres vítima de violência, todas as pessoas que trabalham para esse centro, elas tem que falar árabe e 90% ou mais de todas as chamadas, de todos os processos que eles estão envolvidos são de migrantes muçulmanos, então... Mas isso é um assunto muito, assim você não pode falar dessas coisas aqui, porque inclusive se você quiser saber isso né, fazer uma estatística ou querer ter noção, assassinaram alguém em algum lugar se é bairro... você não pode usar o termo migrante, não pode querer saber de qual país é, porque eles acham que isso generaliza e cria estereótipo, então é a política deles. Olha pode ter 500 pessoas que estão cometendo esses crimes, que são de um determinado grupo, acontece que as outras mil que moram ali e são pacíficas, se eu colocar a religião que elas vem ou a etnia ou o país os outros podem se sentir mal, então tem um lado ético por trás, mas por outro lado falta transparência e gera esse, esse desentendimento entendeu?![...] é assim eu leio e assino jornal aqui, a gente acompanha as coisas e, não tenho referência de violência contra a mulher, por exemplo, nos bairros que não tem alto índice de migração ou no subúrbio, se entendeu aqui se tá é num país que mais recebe migrantes de países né [...] refugiados e aqui tem da Síria, Iraque, Eritreia que tem outros valores culturais (Ilza).*

Como podemos atribuir uma determinada conduta, no caso da violência doméstica, a um tipo específico de migração, cultura ou religião? Não podemos concluir

<sup>109</sup> G1. Suécia anuncia restabelecimento provisório do controle de fronteiras. Disponível em: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/11/suecia-anuncia-restabelecimento-provisorio-do-controle-de-fronteiras.html>. Acessado em: 28/11/15.

<sup>110</sup> Correio da Manhã Canadá. Migrações: Suécia restabelece controle de fronteiras na quinta-feira. Disponível em: <http://www.correiodamanhacanada.com/migracoes-suecia-restabelece-controle-de-fronteiras-na-quinta-feira/>. Acessado em: 28/11/15.

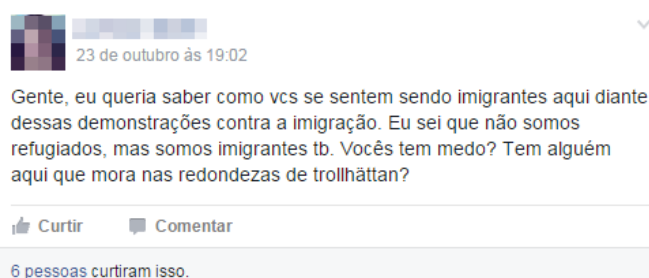
<sup>111</sup> São os requerentes de asilo.

simplesmente que, por virem de uma sociedade não liberal e machista, esses migrantes cometerão infrações. Também não se pode fazer associações do tipo que em sociedades liberais e igualitárias todos os seus cidadãos agem de forma a respeitar os direitos de todos. A tendência é de que sociedades mais tradicionais os seus cidadãos tenham uma conduta similar e o mesmo com os cidadãos de sociedades liberais. Todavia, isso não é garantia de que todos agirão conforme a sociedade da qual vêm. Percebemos, assim, uma assimilação de um discurso político de extrema-direita sueca, por parte de alguns migrantes brasileiros, refletida nas postagens e nos relatos dos entrevistados, como se eles não fizessem parte dessa parcela de migrantes, mas que em alguns casos há contradições devido à forma como as leis atuais beneficiam esses cidadãos migrantes, especificamente, os refugiados.

*Humm... é mas aqui eles tem muito beneficio né! Muito beneficio social, eles ganham casa, salário, auxílio desemprego, direito a educação, direito a creche, então. Mas aprender a língua que é bom...Não! (Ilza).*

Segundo Semprini (1999), a diversidade de culturas convivendo em um mesmo território, implica em um multiculturalismo que problematize o lugar e os direitos das minorias em relação à maioria, discutindo a questão de convívio em países que possuem diversidade cultural, étnica e religiosa e que precisam lidar com as diferenças. O multiculturalismo, muitas vezes, implica na concessão de direitos e privilégios, como no caso dos benefícios sociais que os refugiados na Suécia recebem, como evidenciamos na fala de Ilza, ou até mesmo na autonomia política e governamental dos países, para lidar com determinadas situações relacionadas à diversidade cultural.

A preocupação em relação a essa “crise migratória” que a Suécia está vivendo se reflete nas postagens, em que acabam, mesmo que esses membros dos grupos não sejam refugiados, se sentindo parte dessa situação.



**Imagem 56:** Postagem no grupo “Brasileira na Suécia” referente à situação das demonstrações, atuais, contra a imigração.

Percebemos que, os brasileiros sentem medo nesta situação pelo fato de os suecos não diferenciarem quem é refugiado ou não, porque nunca sabem até que ponto os suecos poderão reagir em relação ao fato de ser um migrante. Dessa forma, relatam, nos comentários, que já sofreram algum tipo de discriminação por ser um migrante, o que engloba já terem recebido cuspidas na cara, ter sofrido exclusão do marido da sua rede de contatos no *Facebook* em função da esposa que é uma brasileira migrante, além de agressões verbais pelo fato de estacionarem na última vaga no estacionamento, como é possível de observar nos comentários abaixo:



**Imagem 57:** Comentários no grupo “Brasileiro na Suécia” referente à postagem sobre situação das demonstrações, atuais, contra a imigração.

Além disso, as comparações entre Brasil e Suécia estão sempre presentes nas falas dos entrevistados, assim como a questão política. Como podemos observar nos comentários acima, em que comentam que o Brasil é muito mais perigoso que a Suécia e que não se lembram de terem visto nenhum caso, de agressão a um migrante na Suécia, argumentam que no Brasil há, sim, intolerância racial e outros tipos de intolerâncias também. Os comentários, nesse caso, polarizam a discussão, havendo conflitos de opiniões. Contudo, é interessante observarmos que a visão de mundo de cada sujeito corresponde à sua bagagem cultural e também às suas experiências ao longo da vida.

As questões políticas na Suécia interessam a esses migrantes num viés mais prático, no sentido de que as mudanças e decisões nessa esfera os afetam diretamente, pois é por meio dos governantes que leis sobre migrações são sancionadas. Portanto, torna-se de uma ordem prática na vida desses sujeitos: muito mais que o rumo econômico e político do país, o que se debate é o rumo de suas vidas enquanto migrantes na Suécia.

O crescente debate acerca das migrações na Suécia tem impactado as questões políticas e, conseqüentemente, as disputas eleitorais, devido a todas as questões até então apresentadas acerca do tema, das divergências de opiniões e da preocupação dos demais migrantes com o rumo da situação, que de certa forma também os afeta. A atual crise política na Suécia é comparada com a vivenciada no ano de 1959, segundo o R7 Notícias<sup>112</sup>.

Em virtude disso, a Suécia teve novas eleições em março de 2014. Percebemos que os membros dos grupos se manifestaram a respeito do assunto, sobre o momento decisivo na política sueca, pois é algo preocupante para eles, uma vez que o partido<sup>113</sup> dos Sociais Democratas são os que mais assistem os migrantes na Suécia, enquanto que o partido *Sverigedemokraterna* (em português, Democratas da Suécia) são um dos mais radicais acerca da questão migratória na Suécia.

---

<sup>112</sup> R7 Notícias. Imigração derruba governo e Suécia terá novas eleições em março. Disponível em: <http://noticias.r7.com/internacional/imigracao-derruba-governo-e-suecia-tera-novas-eleicoes-em-marco-03122014>. Acessado em: 29/11/15.

<sup>113</sup> Partidos na Suécia Esquerda e de centro-esquerda: Partido Ambiente - Os Verdes (PV); Partido de esquerda; Partido Social Democrata (considerados os que mais são a favor da questão migratória no país). Direita e de centro-direita: Partido do Centro; Partido Democrata Cristão; Popular ou o partido Liberal; Partido conservador; Democratas da Suécia (SD) (considerados os mais radicais acerca da questão migratória no país). Disponível em: <http://www.copenhague.info/politica-suecia/>. Acessado em: 22/02/2016.





**Imagem 58:** Postagem no grupo “Brasileiros na Suécia/Svenskar i Brasilien” referente ao momento novo na política sueca, novas eleições.

A postagem abaixo segue na mesma linha temática da de cima, falando sobre a situação da Suécia e as novas eleições presidenciais, fator que preocupa esses sujeitos comunicantes, uma vez que o 65% dos eleitores não pensam em mudar de partido e o partido que tem ganhado força é de extrema-direita na Suécia, mais radical em relação às leis sobre migração.



**Imagem 59:** Postagem no grupo “Brasileiros na Suécia” referente às novas eleições em março na Suécia.

Percebemos que há mais discussões e conflitos acerca das questões políticas do Brasil do que da Suécia. Da mesma forma que se mostrou nas redes sociais do Brasil inteiro, essa dicotomia entre os candidatos e sobre os rumos da política brasileira, a

questão de um idealismo ou de um pessimismo sobre a Suécia e o Brasil aparece nas falas desses migrantes. Percebemos que a imagem que a mídia massiva passa da Suécia como “o melhor lugar do mundo” é introduzida no discurso de alguns migrantes que acreditam que o Brasil seria o contrário disso. Ao mesmo tempo em que se reconhecem como brasileiros, há uma negação quando não se concorda com a política atual: negocia-se essa identidade em um contexto em que é permitido, por vezes, ocultar a identidade brasileira e apenas assumir a identidade migrante.

#### *4.2.7 Audiência Compartilhada e Memória Midiática no Facebook*

Atualmente, vivemos cercados pelos meios de comunicação, como o rádio, a televisão e a internet. Estamos o tempo todo, ou boa parte do tempo, recebendo ou enviando informações. Mediante esse constante fluxo de informações que recebemos, selecionamos e retemos, algumas vezes, em nossa memória, aquilo que de alguma forma nos interessa. Assim, os sujeitos comunicantes que participaram desta dissertação usam o *Facebook* para compartilhar suas experiências acerca do que veem, escutam ou leem nos meios de comunicação de massa, fazendo dos grupos do *Facebook* um lugar de registro dessa memória midiática.

Os migrantes brasileiros na Suécia recordam e compartilham o que gostam e o que veem sobre o Brasil. Migrar não significa perder o vínculo com o país de nascimento, pelo contrário: percebemos uma memória midiática por parte desses migrantes que procuram, por meio de programas televisivos, notícias e celebridades brasileiras, reviver a memória sobre o país. Nesse sentido, a mídia constrói sentidos sociais e simbólicos, uma vez que proporciona contato, mesmo que virtualizado, com o Brasil e o compartilhamento nos grupos das impressões e dos sentimentos acerca do que veem e leem. Guardar na memória ou capturar por instantes as lembranças de um Brasil que ficou pra trás por meio da mídia ajuda os migrantes a se construírem como cidadãos que possuem múltiplos pertencimentos, pois ao mesmo tempo em que se identificam com a cultura brasileira, também se identificam com outras culturas, costumes e hábitos que podem ser locais ou globais.

A mídia torna-se ferramenta para o transnacionalismo desses migrantes, seja pela possibilidade de manter laços e contato com amigos e familiares que ficaram no Brasil, seja pela possibilidade de se manterem atualizados do que acontece no país, nas diversas esferas sociais. Uma pesquisa na internet, ou até mesmo programas televisivos,



dão subsídios para a informação e para o conhecimento do que se está vivendo no mundo inteiro. Além disso, é também por meio da mídia massiva no *Facebook* que programas da TV brasileira ganham importância e destaque na vida desses sujeitos migrantes, que no caso da migração ganha outro sentido e a importância é outra. A importância, muitas vezes, não é dada pelo conteúdo em si, mas pelo que determinados programas representam para o Brasil e para os brasileiros. Ademais, as celebridades globais ganham visibilidade em função dos sentidos gerados para esses migrantes.

A mídia ocupa um lugar importante na construção e na representação identitária desses brasileiros, principalmente quando ela contribui para o seu reconhecimento enquanto migrantes brasileiros na Suécia. A mídia, nesse sentido, aparece como propulsora das questões ligadas à migração, mesmo que por meio de suas matérias não defendam ou problematizem a questão, mas apresentam, de uma maneira ou de outra, esses desafios e os problemas que os migrantes enfrentam na Suécia. O uso do *Facebook* se dá também no compartilhamento dessa memória midiática que os aproxima e os identifica com o Brasil.

Além de a mídia exercer a função de comparar as semelhanças e diferenças dos dois países (Suécia e Brasil), os migrantes também o fazem. Nesse sentido, o Brasil é uma constante presença na vida desses migrantes, que tecem seus discursos com base nas suas experiências de vida enquanto brasileiros que moram na Suécia. Ocorrem debates sobre as notícias veiculadas na mídia brasileira sobre o Brasil e a Suécia. As comparações que a mídia faz sobre os dois países acabam por gerar discussões, ainda mais quando colocam a Suécia na posição de exemplo de país a ser seguido ou como o melhor lugar do mundo para se morar em relação aos demais. Dessa forma, esses sujeitos comunicantes desmitificam ou reforçam esse olhar que a mídia, principalmente brasileira, passa à audiência.

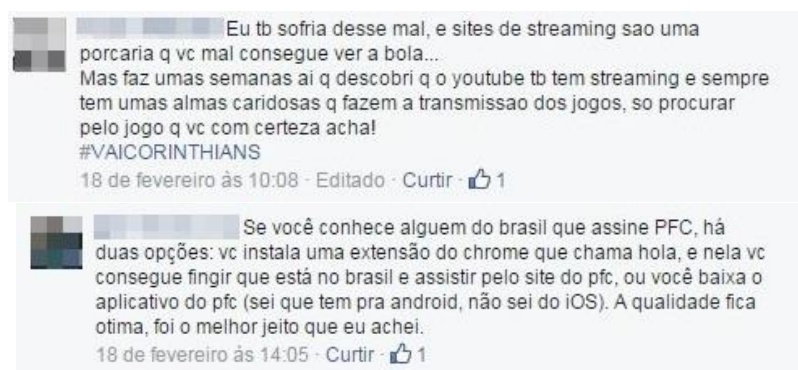
Na vida desses comunicantes, a programação da mídia brasileira representa uma aproximação com o seu país de nascimento. Dessa forma, a mídia exerce esse papel de conector entre as duas esferas da vida desses brasileiros, em que os programas como os desfiles de carnaval, os jogos da Libertadores da América, o filme do Tim Maia, o show do Roberto Carlos no Ano Novo, o programa televisivo Globo Repórter, o filme brasileiro *Tropa de Elite* e a luta de Anderson Silva – lutador de MMA – funcionam sob essa lógica, a partir dos quais é possível se sentirem mais próximos do Brasil, mesmo que geograficamente distantes.

De forma a ilustrar a importância dos programas televisivos brasileiros nessa construção identitária, temos a postagem do dia 18 de fevereiro de 2015 referente à procura por um canal de TV sueco que transmita os jogos da Libertadores da América<sup>114</sup>.



**Imagem 60:** Postagem no grupo “Brasileiros na Suécia/Svenskar i Brasilien” referente à busca por um canal de TV que transmita os jogos da Libertadores da América.

Essa postagem marca a importância do futebol, um esporte reconhecido mundialmente como uma atividade associada ao Brasil, assim como o carnaval, que se refere à cultura brasileira. O carnaval e o futebol são atividades que se perpetuam no imaginário dos estrangeiros como associadas ao Brasil. Diante disso, marca e reforça a construção dessa identidade brasileira.



**Imagem 61:** Comentários no grupo “Brasileiros na Suécia/Svenskar i Brasilien” referente à postagem sobre a busca por um canal de TV que transmita os jogos da Libertadores da América.

<sup>114</sup> É um evento esportivo conhecimento como Copa da Libertadores da América que reuni times de toda a América do Sul para a disputa do título.

Os comentários seguem uma dinâmica de ajuda na obtenção da informação buscada na postagem, além de sinalizar uma solidariedade nessa busca, como algo que também é procurado por mais membros. Além disso, observamos que esses migrantes precisam criar estratégias e dominar determinadas técnicas para conseguirem assistir aos jogos, de forma a se sentirem mais próximos da cultura brasileira.

Em outra postagem, do dia 13 de fevereiro de 2013, referente aos desfiles de carnaval, a questão é como assisti-los ao vivo pela TV sueca.



**Imagem 62:** Postagem no grupo “Brasileiros na Suécia” referente à busca de informação de como assistir aos desfiles de carnaval ao vivo pela TV.

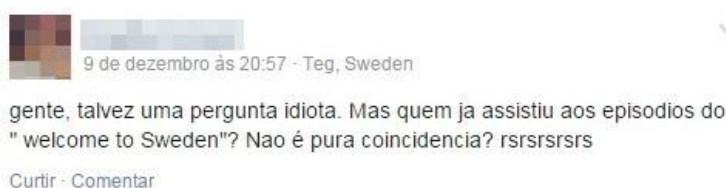
Assim, como na postagem anterior, observamos a relevância que o Carnaval, como uma manifestação importante para a cultura brasileira, exerce na construção da identidade desses migrantes. O fato de acompanharem a transmissão ao vivo, como se estivessem no Brasil, tem um significado diferente do que a audiência posterior ao acontecimento, ou seja, nesse sentimento de estar conectado ao país de nascimento ao mesmo tempo em que as coisas estão acontecendo, como se estivesse a vivenciar esse período no Brasil.



**Imagem 63:** Comentário no grupo “Brasileiros na Suécia” referente à postagem sobre a busca de informação de como assistir aos desfiles de carnaval ao vivo pela TV.

Em relação aos comentários, observamos que funcionam como uma cooperação nessa busca pela informação, em que são disponibilizados *links* de sites que transmitem programações ao vivo de diversas emissoras, tanto brasileiras como internacionais.

O seriado sueco – *Welcome Sweden*<sup>115</sup> - sobre migrantes torna-se um produto midiático de representação dessa experiência de ser migrante na Suécia, mesmo que não enfatizem questões mais problemáticas dessa vivência. Porém, não deixa de ser um programa que representa e engloba esse sentimento de pertencimento a um grupo, de forma a não se sentirem tão diferentes nesse país.



**Imagem 64:** Postagem no grupo “Brasileiros na Suécia” referente ao seriado sueco “Welcome Sweden”.

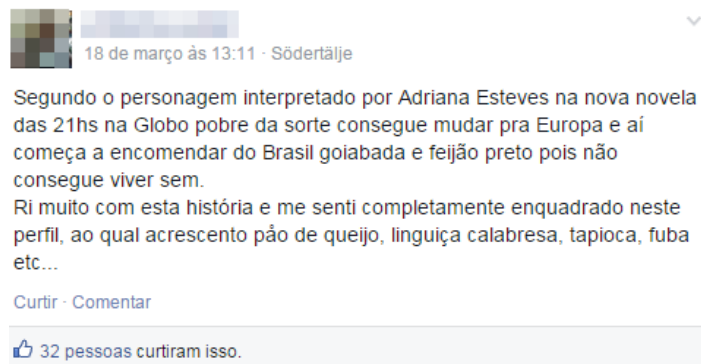


**Imagem 65:** Comentário no grupo “Brasileiros na Suécia” referente à postagem sobre o seriado sueco “Welcome Sweden”.

Percebemos que, de certa forma, esse programa, como os próprios grupos, contribuem para que esses migrantes se sintam pertencentes a um coletivo, mesmo que saibamos que é muito mais complexa a questão de pertencimento e que compreende uma diversidade de questões que nos faz refletir acerca da construção da identidade migrante nesses espaços comunicativos. Teríamos, também, que compreender que a complexidade de pertencimento refere-se ora a eles se identificarem como brasileiros migrantes na Suécia, ora se distanciarem. Portanto, tornar-se-ia reducionista dizer que estaria resolvida a questão de pertencer a um grupo.

<sup>115</sup> Segundo o site NBC sobre a série produzida por Amy Poehler (*Parks and Recreation*), o casal Bruce e Emma se mudam para a cidade nativa dela, Estocolmo, na Suécia, por causa de uma grande oferta de emprego. Em pouco tempo, ele, sem amigos ou emprego, percebe que essa grande mudança de vida e de cultura não será nada fácil de superar. Disponível e: <http://www.nbc.com/welcome-to-sweden/about>. Acessado em: 13/06/15.

Identificam-se, por exemplo, em programas como a telenovela *Babilônia*<sup>116</sup>, do horário das 21h da Rede Globo de televisão, em que a personagem Inês, representada pela atriz Adriana Esteves, vai morar na Europa e passa a encomendar produtos do Brasil, como goiabada e feijão preto, pois não consegue viver sem.



**Imagem 66:** Postagem no grupo “Brasileiros na Suécia” sobre a novela *Babilônia*.

Na postagem acima, podemos perceber que os migrantes se sentem representados, pois o membro do grupo comenta que faz o mesmo e encomenda outros produtos, como pão de queijo, linguiça calabresa, tapioca, fubá, entre outros. Sentem-se representados, também, em programas, como o *reality show American Idol*<sup>117</sup>, do qual brasileiros também podem participar.

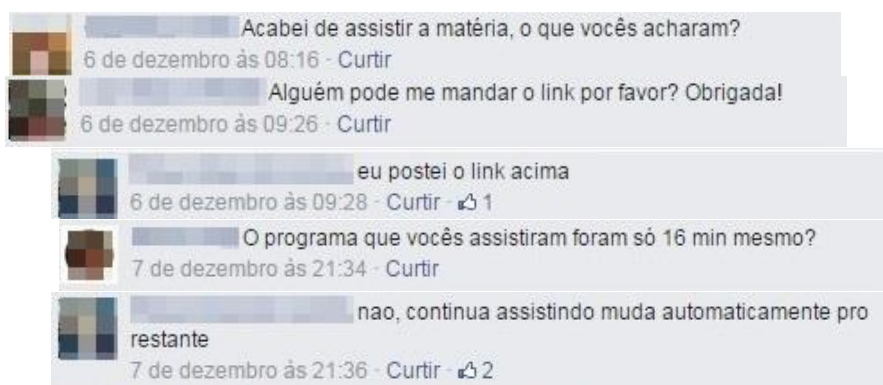
Há casos que fazem com que se distanciem e não se sintam representados, quando, por exemplo, as matérias na Suécia referem-se aos migrantes como se todos fossem iguais, de forma a não se sentirem representados por aqueles discursos midiáticos, fazendo com que eles reforcem o seu lugar como diferente dos demais migrantes, a exemplo dos refugiados de guerra. Programas da mídia sueca que têm alguma reportagem ou matéria sobre o Brasil são sempre lembrados e divulgados no grupo. Dessa forma, observamos a mídia como fator importante na obtenção de

<sup>116</sup> Telenovela exibida de 16/03/2015 a 28/08/2015. Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/novelas/babilonia/babilonia-trama-principal.htm>. Acessado em: 03/01/2016.

<sup>117</sup> Segundo a Folha de São Paulo o programa em 2015 está na 15ª temporada e em 2016 será a última, estreada em 2002. Transmitida pelo canal de televisão Fox, o programa já revelou cantores como Carrie Underwood e Kelly Clarkson. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2015/05/1627392-american-idol-chega-ao-fim-em-2016.shtml>. Acessado em 13/06/2015. Segundo o site IMDB em que mostra o resumo do que é o programa quando estreou em 2002 é um programa de música com doze participantes em busca de um prêmio de US \$ 1.000.000. Atualmente o programa é apresentado por Ryan Seacrest e tem como jurados a cantora Jennifer Lopez, Keith Urban e Harry Connick. Disponível em: [http://www.imdb.com/title/tt0319931/plotsummary?ref=tt\\_ov\\_pl](http://www.imdb.com/title/tt0319931/plotsummary?ref=tt_ov_pl). Acessado em: 13/06/15.

informação tanto sobre a Suécia, como sobre o Brasil, a exemplo da notícia em um site de como a mídia é regulada na Suécia.

Observamos que, juntos, esses migrantes estão contribuindo para manutenção desses laços associativos, em que os membros estão cooperando uns com os outros, seja no auxílio ou na troca de informação. Além disso, a audiência compartilhada acontece ao mesmo tempo em que esses migrantes estão assistindo ao programa, seja na TV ou internet, e estão comentando no grupo.



**Imagem 67:** Comentários no grupo “Brasileiros na Suécia” referente à postagem sobre a repercussão do programa Globo Repórter, da emissora Globo, que aumentou o número de solicitações de participação no mesmo.

O fato de compartilharem no *Facebook* o que estão recebendo, seja na televisão ou em alguma outra mídia massiva, corresponde aos modos em que a audiência não se restringe mais ao ambiente *off-line* - a sala de televisão, aos vizinhos -, pois agora a audiência ampliou os modos de circulação do conteúdo: chegou ao *online*. Ao mesmo tempo em que estão vendo, ouvindo ou lendo algo em alguma mídia massiva, estão comentando nas redes.

Dessa forma, a mídia perpassa as discussões desses migrantes e ajuda a construir, reforçar e tensionar suas identidades – brasileira e migrante –, ao passo que contribui, também, para se sentirem pertencentes a um coletivo e construírem mecanismos de cooperação dentro do grupo. O consumo dessa mídia serve para a manutenção dos vínculos com o país de nascimento, de forma a não rompê-los.

Percebemos a mídia como um meio que proporciona o tensionamento dessas identidades, em que ora ela contribui para a construção da identidade migrante, ora para a construção da identidade brasileira, e ora para a construção de ambas, em que essas

identidades implicam a fluidez e a multiplicidade de ser brasileiro migrante. Nesse fluxo de se reconhecerem como parte de um grupo, seja ele qual for, observamos que a mídia é mais que um elo: ela exerce a função de aproximá-los do país de nascimento, de se sentirem mais próximos do Brasil, mesmo que simbolicamente. Ajuda a reforçar constantemente o sentimento de pertencimento de forma a não romper esses vínculos com o país de nascimento, ou até mesmo de não se sentirem sozinhos neste outro país. A mídia massiva, quando se refere aos migrantes, ajuda na construção dessa identidade ou até mesmo no fato de se sentirem representados por ela enquanto sujeitos migrantes. Ademais, ajuda-os a construir sua identidade enquanto brasileiros, quando os assuntos tratam da mídia brasileira. Além disso, o *Facebook* também é uma mídia que proporciona não só o compartilhamento dessas questões, mas ajuda a se construírem como sujeitos comunicantes e migrantes em busca de reconhecimento de quem eles são nesse universo migratório. Pois, os usos que esses comunicantes estão fazendo do *Facebook* contribuem para organizar os modos de ver e ser audiência hoje. Refletindo acerca do que Martín-Barbero (2001; 2010) aborda ao tratar dos usos e das apropriações, compreendemos que a variedade de usos que os sujeitos fazem da mídia não está necessariamente vinculada à quantidade de tempo dedicado ao *Facebook*, por exemplo, mas sim à qualidade do tempo e ao seu significado social.

Portanto, ao estarmos conectados, compartilhando nosso conhecimento acerca das nossas vivências, faz com que o consumo midiático também se modifique, pois estamos dentro de uma cultura participativa que busca a livre expressão, a criatividade e o empoderamento dos sujeitos frente às produções e às criações próprias ou que recebemos (OROZCO, 2011). Diante disso, esses sujeitos comunicantes no *Facebook* estão criando coletivamente, de maneira ilimitada e profundamente interdisciplinar, em que perenizam, inventam e põem em movimento o pensamento da sociedade de forma livre (JENKINS, 2009).

A partir dos eixos apresentados, notamos os diferentes usos sociais que esses sujeitos realizam nos grupos do *Facebook* para se construírem enquanto migrantes na Suécia. Compreendemos, assim, que as identidades são múltiplas e fluidas, que os migrantes estão construindo suas identidades a partir das suas experiências migratórias, do contato social e cultural com o país de nascimento e com o país receptor. Nessa multiplicidade de culturas, de espaços e de territórios, percebemos que os migrantes, ao longo da sua trajetória de migração, reconhecem a importância da integração cultural

por meio de elementos que consideram como importantes para essa integração – o aprendizado do idioma, o trabalho, etc. -, bem como do reconhecimento do lugar ao qual pertencem, de se sentirem pertencentes a um grupo – “Brasileiros na Suécia” e Brasileiros na Suécia/ Svenskar i Brasilien - e se reconhecerem como brasileiros. O diálogo com a cultura ainda está restrito às festividades e à culinária. São necessárias políticas públicas que reconheçam as diferenças e que dialogue com elas, de forma a criar um espaço intercultural na Suécia. A política brasileira, a política sueca e as leis migratórias são assuntos que geram debates e implicam a constituição da cidadania jurídica no país de migração, bem como de se sentirem próximos ao Brasil. A mídia massiva, por meio da memória compartilhada no *Facebook*, gera aproximações, reconhecimentos e distanciamentos enquanto brasileiros na Suécia. Nesse sentido, notamos que a negociação, o tensionamento e o reforço das identidades compõem os sujeitos, principalmente em situação de migração, e que eles estão o tempo todo construindo suas identidades.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A construção analítica desta pesquisa foi alicerçada no questionamento de qual era a importância desses grupos para os sujeitos migrantes brasileiros na Suécia, qual era a necessidade de participação, porque estar ali e, posteriormente, o que eles discutiam, quais eram os usos sociais tecidos nesses ambientes comunicacionais. Entendemos, mediante isso, que os grupos funcionam muito mais do que um lugar de busca e troca de informações: os migrantes subvertem a lógica tradicional de uso, se apropriam desses espaços para construir suas identidades e ao mesmo tempo para estabelecer vínculos de pertencimento ao Brasil e a outros migrantes, criando-se uma rede de solidariedade e sociabilidade.

Aprendemos que, em torno do Brasil, um país tão rico e diverso, acaba-se criando um mito de uma identidade nacional, de forma a reduzir o que é ser brasileiro, que é mais complexo do que dizer que o brasileiro gosta de carnaval e futebol, que gosta de samba e tem aquele “jeitinho brasileiro”. Percebemos as diferenças e os tensionamentos identitários quando se sai do seu território nacional e regional, como é o caso dos brasileiros na Suécia. Diante do universo do estranhamento, da migração, os sujeitos passam, em alguns momentos, a reforçar o lugar de onde vêm e passam a negociar quem são e aonde pertencem. Porém, quem é o migrante brasileiro, se não é um complexo, uma mistura de regionalidades, culturas e pertencimentos.

Com base nos eixos apresentados na análise, pudemos perceber que a tecnicidade reformula as práticas sociais e culturais por meio da tecnologia, que significa a complexidade no entendimento dos discursos – das relações de poder e do contexto histórico que constituem essas tecnologias. Além disso, implica a construção de práticas por meio de diferentes linguagens e escritas midiáticas. Ao estarmos frente ao computador, estamos entrelaçados em uma rede, muito mais complexa que um aparato técnico, em que há uma relação estabelecida, através de usos, práticas culturais e sociais, com a produção de conhecimento a partir dessa tecnologia diferenciadora.

Entendemos, que a transição de receptores a produtores e emissores de conteúdo, a partir dos avanços tecnológicos e das TICs, tem sido uma das mudanças sociais mais significativas que os sujeitos têm vivenciado. Essas mudanças têm contribuído, também, para que se deixe de ser audiência para estar como audiência na transformação e na negociação de identidades e também na produção de sentidos e de cultura, criando-se, assim, uma cultura participativa, em que os sujeitos se disponibilizam a participar

coletivamente em diferentes níveis, em que a criação coletiva e as interações mediadas pela tecnologia – e a interatividade – e/ou as interações sociais entre os membros contribuem para essa rede.

Esse novo contexto da internet faz com que os receptores tornem-se comunicantes, produtores de conteúdo e sentidos socialmente partilhados. Assim, o ambiente das redes sociais *online* contribui para que receptores e produtores possam interagir, em que os usos no *Facebook* acabam, também, por se tornarem dinâmicos e mutáveis. O *Facebook* é tido como um espaço dinâmico que possibilita a criação, a circulação e o compartilhamento de conteúdo e informação, sendo atravessado por uma tecnicidade que molda os usos que esses migrantes fazem, ao mesmo tempo em que, em alguns casos, os migrantes passam a subverter as lógicas de uso dos aparatos técnicos, que utilizam não só de maneira a trocar informações, mas também de experienciar a migração por meio dos grupos do *Facebook*.

Dessa forma, os migrantes brasileiros na Suécia utilizam o *Facebook* para compartilhar suas experiências e vivências na Suécia, em um espaço comunicativo alternativo - os grupos do *Facebook* -, em que os modos de atuar como usuários e emissores na produção comunicativa, na qual a criação e a interatividade predominam, significa uma transformação nas formas pela quais esses sujeitos comunicantes estão atuando nos grupos, e os usos que fazem, impactando os modos de estar no mundo, bem como de se comunicar em rede.

Esses sujeitos estão, assim, construindo uma cultura participativa, que corresponde a um compartilhamento coletivo, e não a uma subordinação dos sujeitos, em que cada sujeito age em conjunto, sob a noção de que cada ação afeta o grupo e que suas interações produzem um comportamento inteligente. Isso é perceptível nos grupos na medida em que as reações adversas geram conflitos, precisando de um monitoramento e estabelecimento da ordem por parte dos administradores, que acabam por afetar o conjunto do grupo quando se criam novas regras. É por essa razão que as relações são culturalmente construídas, não são fixas nem programadas, havendo trocas entre os sujeitos nesses espaços o tempo todo.

Percebemos, assim, que os migrantes interagem para além de uma interatividade proporcionada pela tecnologia, nas formas permitidas pelo *Facebook*: eles interagem uns com os outros, estabelecem relações sociais, criam vínculos. Como salienta Lemos (2004), toda a interatividade não ocorre sem uma interação, uma mediação social ou tecnológica, pois uma depende da outra para existir. Isto é, a interação social

corresponde às trocas relacionais entre os sujeitos no dia-a-dia em sociedade, em que a interatividade está sempre ligada à interação social, pois a interatividade acontece entre o homem e os objetos tecnológicos, estruturando as relações sociais. Portanto, a interatividade entre os sujeitos é técnica e social, não ocorrendo sem a interação social, sendo assim, participativa e colaborativa entre os sujeitos.

Como sabemos, diversas são as motivações para se participar de um grupo, de uma rede, para usar o tempo livre para criar, estar e participar de forma coletiva. Como sugere Shirky (2011), algumas dessas motivações são sociais, existem a partir do momento em que se faz parte de um grupo e, assim, reforçam as motivações pessoais. Desse modo, os migrantes brasileiros na Suécia não interagem de maneira isolada, eles estão engajados no processo em uma relação dinâmica, pois a interação precisa acontecer mediante um espaço, um ambiente que proporcione esse contato e essa troca entre sujeitos. Portanto, esses migrantes são comunicantes expostos a fluxos contínuos, nos quais constroem espaços híbridos de comunicação. São, dessa maneira, sujeitos transnacionais, pertencentes a diferentes territórios físicos e simbólicos.

São sujeitos transnacionais, pois além de manterem contato entre o país de nascimento e de migração, com a família e com amigos por meio das TICs, também são transnacionais por impactarem as relações sociais e culturais entre seus territórios físicos e simbólicos. Portanto, é nessa situação de migração, de processos transnacionais, que a identidade migrante torna-se cada vez mais híbrida e fluida; em que os migrantes pertencem a diferentes grupos e subgrupos, constroem quem são a partir do contato com o outro e com culturas diversas. Assim, a identidade migrante é múltipla e diversa, é transmigrante.

Diante disso, com esta dissertação, pudemos compreender alguns usos sociais realizados no *Facebook* por esses sujeitos comunicantes, ou seja, sentidos construídos a partir de múltiplas apropriações da rede social *online Facebook* relacionadas à condição migrante. De modo geral, os principais usos sociais do *Facebook* observados no trabalho foram: a criação de dinâmicas interacionais nos grupos do *Facebook* a partir da mediação tecnológica; a construção de lógicas de pertencimento aos grupos; a construção e negociação identitária; o compartilhamento da experiência migratória; a experimentação de dinâmicas multi e interculturais; a discussão de questões sobre política, políticas migratórias e cidadania jurídica; e a formação de uma audiência compartilhada, com o compartilhamento de uma memória midiática no *Facebook*.

Assim, percebemos que os usos estão ligados a fatores que contribuem para um percurso de construção de sentidos acerca de suas identidades nesse universo migratório da Suécia, baseado em experiências, em lógicas de pertencimentos, bem como em questões que envolvem as políticas migratórias e a cidadania jurídica, além de situações em que há o reconhecimento de um multiculturalismo e uma aproximação das culturas, de forma a gerar um possível debate intercultural. Os grupos também aparecem, nesse contexto, como um espaço de convívio multicultural, além de proporcionarem um espaço para discussões acerca de políticas públicas para o multiculturalismo. As dinâmicas interculturais estão presentes e aparecem nas discussões nos grupos ainda de forma primária, por meio de festividades e da culinária. Entretanto, compreendemos que, apesar dessa incipiência, é um avanço para um possível debate entre as culturas, podendo, quem sabe, gerar uma maior integração, uma vez que a integração dos migrantes ainda é um tema problemático e bastante discutido na Suécia. As identidades, por serem fluidas e intercambiáveis, estão sempre sendo tensionadas e negociadas nesses espaços, uma vez que ser migrante é possuir múltiplas vinculações sociais e culturais, é ser híbrido, e o *Facebook* contribui para eles se construírem como sujeitos comunicantes e identitários.

A partir disso, destacamos que as lógicas de pertencimento aos grupos são centrais nos usos sociais desses migrantes, pois implicam nos demais usos, uma vez que muito mais do que o conteúdo que é compartilhado nesses grupos, é o que eles representam na vida migratória desses sujeitos, pois é a partir dos grupos que criam laços, se sentem pertencentes a um coletivo, estão vinculados a pessoas com interesses em comum. Isso é o que os motiva a estarem nos grupos, mesmo que não interajam tanto. Essa é também a lógica de estarmos conectados a rede social *Facebook*, pois os sujeitos em rede ainda buscam algo que os vinculem, que os conectem para além do conteúdo compartilhado. Trata-se da busca por pertencimento, por se sentir integrado e parte de um grupo.

Percebemos que, para pesquisas futuras acerca da temática de migração, seria interessante a participação *in locu* na situação de migração a partir de uma análise etnográfica, fazendo entrevistas presenciais, para que seja possível ver as discrepâncias entre discurso e prática dos entrevistados, pois é no intuito de descobrir a relação sistêmica entre os diferentes elementos da vida social que os etnógrafos abraçam a observação participante — para tentar dar conta da totalidade do sistema da pesquisa

(FONSECA, 1999). Porém sabemos que, dependendo da questão problema do trabalho, o *online* dá conta na realização de uma abordagem etnográfica.

Em relação aos possíveis desdobramentos da pesquisa, observamos a questão dos relacionamentos amorosos como um dos motivos da migração para a Suécia. Além do mais, para pesquisas futuras, destacam-se as questões como as políticas públicas de gênero e o bem-estar social sueco, relacionado às políticas de integração. Essa é uma realidade mencionada pelos entrevistados e nos grupos, tornando-se um tema de pesquisa interessante.

Por fim, acreditamos que a importância do estudo das migrações se dá no entendimento da sua complexidade para as sociedades atuais, uma vez que os migrantes encontram-se em diversas situações de transações culturais, sociais e identitárias. Além disso, precisam lidar com adversidades correspondentes a cada contexto de migração na sociedade receptora, que engloba processos de adaptação e rearticulação de estilos de vida. Outra questão que migra junto são os laços de pertencimento ao país de nascimento, que se encontram tensionados ao projeto de migração e à rede de familiares e de amigos que ficaram e que continuam mantendo vínculos após a migração.

## REFÊRENCIAS

BBC Brasil. Brasil deve fechar 2014 como 4º país com mais acesso à internet, diz consultoria. Disponível em:

[http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2014/11/141124\\_brasil\\_internet\\_pai](http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2014/11/141124_brasil_internet_pai).

Acessado em: 02/06/15.

Banco mundial (2010). World migration. Disponível em:

<http://www.iom.int/cms/en/sites/iom/home/about-migration/world-migration.html>.

Acessado em: 23/08/14

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa, Portugal: Edições 70, 1977.

BAUER, Martin W. Análise de conteúdo clássica: uma revisão. In: BAUER, Martin W; GASKELL, George. **Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

BAUER, Otto. A Nação. In: BALAKRISHNAN, GOPAL e ANDERSON, Benedict. **Um mapa da questão nacional**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000.

ANDERSON, Benedict. **COMUNIDADES IMAGINADAS**: Reflexiones sobre el origen y la difusión del nacionalismo. Fondo de Cultura Económica, S. A. DE C. V. México, D. F., 1993.

BLANC, Cristina Szanton; BASCH, Linda; GLICK SCHILLER, Nina. **Transnationalism, Nation-States, and Culture**. Current Anthropology, Vol. 36, No. 4 (Aug. - Oct., 1995), pp. 683-686

BOYD, Danah; ELLISON, Nicole. Social Network Sites: Definition, History, and Scholarship. Journal of Computer-Mediated Communication 13 (210–230), 2008. Disponível em:

[https://www.researchgate.net/profile/Nicole\\_Ellison/publication/220438020\\_Social\\_Network\\_Sites\\_Definition\\_History\\_and\\_Scholarship/links/53da37260cf2a19eee882dbb.pdf](https://www.researchgate.net/profile/Nicole_Ellison/publication/220438020_Social_Network_Sites_Definition_History_and_Scholarship/links/53da37260cf2a19eee882dbb.pdf)

Brasil escola. Migração externa no Brasil. Disponível em: <http://www.brasilescola.com/brasil/migracao-externa-no-brasil.htm>. Acessado em: 27/09/14.

Brasileiros. Com os pés no mundo. Disponível em: <http://brasileiros.com.br/2012/07/com-os-pes-no-mundo/>. Acessado em 03/08/15.

Brasileiros em Estocolmo. Documentação Necessária para entrar na Suécia. Disponível em: <http://www.brasileirosemestocolmo.com/informa%C3%A7%C3%B5es/>. Acessado em: 15/09/14.

BRIGNOL, Liliane. Diáspora latino-americana e redes sociais da internet: a vivência de experiências transnacionais. In: COGO, Denise; ELHAJJI, Mohammed; HUERTAS, Amparo (des.). **Diásporas, migrações, tecnologias da comunicação e identidades transnacionais**. Bellaterra: Institut de la Comunicació, Universitat Autònoma de Barcelona, 2012. Disponível em: [http://issuu.com/incomuab/docs/diaporas\\_migraciones\\_tic\\_identidades\\_issuu\\_ok?e=1336068/3681225#search](http://issuu.com/incomuab/docs/diaporas_migraciones_tic_identidades_issuu_ok?e=1336068/3681225#search).

GARCÍA CANCLINI, Néstor. **Lectores, espectadores e internautas**. Barcelona: Gedisa, S.A, 2007.

\_\_\_\_\_. **Cultura y comunicación: entre lo global y lo local**. La Plata: Facultad de Periodismo y Comunicación Social, 1997. (p.77-93)

CARDOSO, Gustavo. **Da Comunicação em Massa à Comunicação em Rede: Modelos Comunicacionais e a Sociedade de Informação**. InCom-UAB, 2014.

Carta capital. Entenda a diferença entre migrante refugiado e requerente de asilo. Disponível em: <http://www.cartacapital.com.br/internacional/entenda-a-diferenca-entre-migrante-refugiado-e-requerente-de-asilo-2601.html>. Acessado em: 03/12/15.

Catraca livre. Os melhores lugares do mundo para ver a aurora boreal. Disponível em: <https://catracalivre.com.br/geral/viagem-acessivel/indicacao/os-melhores-lugares-do-mundo-para-ver-a-aurora-boreal/>. Acessado em 02/08/15.

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

\_\_\_\_\_. **Comunicación y Poder**. Madrid: Alianza Editorial, 2009.

COGO, Denise. **Pesquisa em Recepção na América Latina: perspectivas teórico-metodológicas**. Barcelona, Incom, 2007. Disponível em: [http://www.portalcomunicacion.com/uploads/pdf/48\\_por.pdf](http://www.portalcomunicacion.com/uploads/pdf/48_por.pdf).

COGO, Denise Maria; SOUZA, Maria Bedet. **Guia das Migrações Transnacionais e Diversidade Cultural para Comunicadores – Migrantes no Brasil**. Bellaterra: Instituto Humaitas Unisinos; Instituto de la Comunicación de la UAB, 2013.

Copenhague. Política de Suécia: governo e partidos políticos. Disponível em: <http://www.copenhague.info/politica-suecia/>. Acessado em: 22/02/2016.

CORRÊA, Cynthia Harumy Watanabe. **Cibermigrantes brasileiros a navegar na rede social Orkut**. realizado com apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico/CNPq e da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível superior/CAPEs, ANO - [www.bocc.ubi](http://www.bocc.ubi).

Correio da manhã Canadá. Migrações: Suécia restabelece controle de fronteiras na quinta-feira. Disponível e: <http://www.correiodamanhacanada.com/migracoes-suecia-restabelece-controle-de-fronteiras-na-quinta-feira/>. Acessado em: 28/11/15.

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Bauru, Edusc, 2002. (p. 175-202)

Datos macro. Suécia registra un incremento de su población. Disponível em: <http://www.datosmacro.com/demografia/poblacion/suecia>. Acessado em 15/06/15

DN Sweden. Tio år senare har varannan mindre än 13 000 i månaden. Disponível em: <http://www.dn.se/nyheter/sverige/tio-ar-senare-har-varannan-mindre-an-13-000-i-manaden-1/>. Acessado em: 28/12/15

DUARTE, J. (2006). Entrevista em profundidade. In: DUARTE, J.; BARROS, A. (orgs.) **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas. p.62-83.

Euro News. Suécia vai perdendo a imagem de tolerância com os imigrantes. Disponível em: <http://pt.euronews.com/2014/05/21/suecia-vai-perdendo-a-imagem-de-tolerancia-com-os-imigrantes/>. Acessado em: 23/11/2015.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. **Cartografia dos Estudos Culturais**: uma visão latino-americana - ed. online - Belo Horizonte: Autentica, 2010. Disponível em: <http://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=7um6XdL3H2kC&oi=fnd&pg=PA7&dq=cartografia+dos+estudos+culturais&ots=aWwX7KmFck&sig=w-51fN5eEgDsReIejKbEAeQPd5c#v=onepage&q=cartografia%20dos%20estudos%20culturais&f=false>.

Exame. 10 melhores países para ser imigrante. Disponível em: <http://exame.abril.com.br/mundo/noticias/os-10-melhores-paises-para-ser-imigrante#2>. Acessado em 27/09/14.

\_\_\_\_\_. A brasileira que construiu uma marca global. Disponível em: <http://exame.abril.com.br/revista-exame/edicoes/871/noticias/a-brasileira-que-construiu-uma-marca-global-m0082920>. Acessado em: 03/08/15.

Folha de São Paulo online. Brasil chega a 76 milhões de usuários no facebook: mais da metade acessa do celular. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/tec/2013/08/1326267-brasil-chega-a-76-milhoes-de-usuarios-no-facebook-mais-da-metade-acessa-do-celular.shtml>. Acessado em: 02/10/14.

\_\_\_\_\_. Internet já tem quase 3 bilhões de usuários no mundo diz ONU. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/tec/2014/11/1553088-internet-ja-tem-quase-3-bilhoes-de-usuarios-no-mundo-diz-onu.shtml>. Acessado em: 02/06/15.

\_\_\_\_\_. American Idol chega ao fim em 216. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2015/05/1627392-american-idol-chega-ao-fim-em-2016.shtml>. Acessado em 13/06/2015.

Facebook brasileiros na Suécia. Direitos do sambo. Disponível em: <https://www.facebook.com/notes/brasileiros-na-su%C3%A9cia/direitos-do-sambo/10151703709406283>. Acessado em: 12/01/2016.

FONSECA, Claudia. **Quando cada caso NÃO é um caso**: pesquisa etnográfica e educação. Trabalho apresentado na XXI Reunião Anual da ANPEd, Caxambu, setembro de 1998.

FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. **Métodos de Pesquisa para a Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2011.

France.fr. O que é o espaço Schengen?. Disponível em: <http://www.france.fr/pt/vir-para-franca/o-que-e-o-espaco-schengen.html>. Acessado em: 15/09/14.

FURLAN, Paula. Exclusão Digital e também exclusão social. Disponível em: <http://b2bmagazine.consumidormoderno.uol.com.br/index.php/internet/item/3239-exclusao-digital-e-tambem-exclusao-social>. Acessado em: 15/05/15.

G1. Suécia anuncia restabelecimento provisório do controle de fronteiras. Disponível em: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/11/suecia-anuncia-restabelecimento-provisorio-do-controle-de-fronteiras.html>. Acessado em: 28/11/15.



GOMES, Itânia. **Efeito e Recepção**: a interpretação do processo receptivo em duas tradições de investigação sobre os *media*. Rio de Janeiro: E-Papers, 2004.

GRIMSON, Alejandro. **Cultura, identidade**: dos nociones distintas. In: **Social Identities**, vol. 16, nº 1, January 2010. (p. 63-79). Disponível em: < <http://www.ramwan.net/restrepo/identidad/Cultura%20e%20Identidad-grimson.pdf>>.

HALL, Stuart. **Dá Diáspora**: Identidades e Mediações Culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

\_\_\_\_\_. **Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. – 3 ed. – Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

HOBSBAWN, Eric. **Nações e Nacionalismo desde 1970**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990. P. 125-218.

IBGE. Migração e deslocamento. Disponível em: <http://7a12.ibge.gov.br/vamos-conhecer-o-brasil/nosso-povo/migracao-e-deslocamento>. Acessado em: 09/10/14.

IMDB. American Idol: plot summary. Disponível em: [http://www.imdb.com/title/tt0319931/plotsummary?ref=tt\\_ov\\_pl](http://www.imdb.com/title/tt0319931/plotsummary?ref=tt_ov_pl). Acessado em: 13/06/15.

Index Mundi. Net migrationrate. Disponível em: <http://www.indexmundi.com/g/r.aspx?c=sw&v=27&l=pt>. Acessado em: 27/08/14.

\_\_\_\_\_. Taxa de migração – Mundo. Disponível em: <http://www.indexmundi.com/Map/?v=27&r=xx&l=pt>. Acessado em: 27/08/14.

JACKS, Nilda; ESCOSTEGUY, Ana Carolina. **Comunicação e Recepção**. São Paulo: Hacker Editores, 2005.

JENKINS, Henry; FORD, Sam; GREEN, Joshua. **Cultura da Conexão**: criando valor e significado por meio da mídia propagável. São Paulo: Aleph, 2014.

JENKINS, Henry. **A Cultura da Convergência**. 2ª ed. São Paulo: Aleph, 2008.

JÚNIOR, Wilson Corrêa da Fonseca. Análise de Conteúdo. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio (orgs.). **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Atlas, 2009.

JOHNSON, Telma. **Pesquisa Social Mediada por Computador** questões, metodologia e técnicas qualitativas. Rio de Janeiro: E-papers, 2010.

Jornal Estadão online. Suécia alerta para o custo crescente da migração na véspera das eleições. Disponível em: <http://www.estadao.com.br/noticias/geral,suecia-alerta-para-custo-crescente-da-imigracao-na-vespera-das-eleicoes,1553602>. Acessado em: 27/11/2014.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno**. Capítulo 7: Televisão, propaganda e construção da identidade pós-moderna.

LAGO, Cláudia. Antropologia e Jornalismo: uma questão de método. In: LAGO, Cláudia; BENETTI, Márcia (org.). **Metodologia de Pesquisa em Jornalismo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

LEMONS, André. **Cibercultura, tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. Porto Alegre: Sulina, 2º edição, 2004.

Lol etc. O que é e como usar o facetime. Disponível em: <http://www.lol.etc.br/2015/02/o-que-e-e-como-usar-o-facetime.html>. Acessado em: 20/01/2016.

Memória Globo. Babilônia. Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/novelas/babilonia/babilonia-trama-principal.htm>. Acessado em: 03/01/2016.

MARTÍN-BARBERO, Jesús; REY, Germán. **Os exercícios do ver: hegemonia audiovisual e ficção televisiva**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2004.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Tecnicidades, Identidades, Alteridades: mudanças e opacidades da comunicação no novo século**. IN: MORAES, Denis de. **Sociedade Midiatizada**. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

MARTÍN-BARBERO, Jesús: Aventuras de un cartógrafo mestizo en el campo de la comunicación. In: Revista Latina de Comunicación Social, 19. La Laguna (Tenerife), julho de 1999. Disponível em: <http://www.ull.es/publicaciones/latina/a1999fjl/64jmb.htm>. Acessado em: 29/04/15

\_\_\_\_\_. Convergencia Digital y diversidad cultural. IN: MORAES, Denis de. **Mutaciones de lo visible: comunicación y procesos culturales en la era digital**. – 1 ed. - Buenos Aires: Paidós, 2010.

\_\_\_\_\_. **Dos Meios às Mediações: mediações, comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2009.

\_\_\_\_\_. **Ofícios de Cartógrafo: travessias latino-americanas da comunicação na cultura**. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

\_\_\_\_\_. **Pensar la Comunicación en Latinoamérica**. Redes.com: revista de estudios para el desarrollo social de la comunicación, nº 10, 2014.

MERCADO, Luis Paulo Leopoldo. **Pesquisa Qualitativa on-line Utilizando a Etnografia Virtual**. Revista Teias v. 13 • n. 30 • 169-183 • set./dez. 2012.

Migration info. Sverige. Disponível em: <http://www.migrationsinfo.se/migration/sverige/#>. Acessado em: 20/01/2016.

MRE. **Brasileiros no Mundo: estimativas**, terceira edição: Ministério das Relações exteriores, junho 2011.

MOLINA, José Luis. **La ciencia de las redes**. Apuntes de Ciencia y Tecnología, Nº 11, junio de 2004.

NAVARRO, Camila. Gamla Stan, o Centro Histórico de Estocolmo. Disponível em: <http://www.viaggiando.com.br/2011/09/gamla-stan.html>. Acessado em 25/01/2016.

NBC. Welcome to Sweden. Disponível em: <http://www.nbc.com/welcome-to-sweden/about>. Acessado em: 13/06/15.

News & Broadcast.Migration and Remittances.Disponível em: <http://web.worldbank.org/WBSITE/EXTERNAL/NEWS/0,,contentMDK:20648762~pagePK:64257043~piPK:437376~theSitePK:4607,00.html>. Acessado em: 11/09/2014.

Nyheter 24 sweden. Varannan invandrare tjänar mindre än 13 000 kronor i månaden – efter tio år i Sverige. Disponível em: <http://nyheter24.se/nyheter/inrikes/791212-varannan-invandrare-tjanar-mindre-an-13-000-kronor-i-manaden-efter-tio-ar-i-sverige>. Acessado em: 28/12/15.

O mundo segundo os brasileiros - Estocolmo (Suécia). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=f3728dlbBRM>. Acessado em: 15/09/14.

OROZCO, Guillermo; GONZÁLES, Rodrigo. **Una cartada metodológica**. México: Productora de contenidos culturales, 2011.

OROZCO GÓMEZ, Guillermo. **La Investigación de Las Audiencias “Viejas y Nuevas”**. Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación, 2010, n.13, Año 7. São Paulo: ALAIC, 2010.

\_\_\_\_\_. Televisión y producción de interacciones comunicativas. Nueva época, núm. 18, julio-diciembre, 2012, pp. 39-54.

\_\_\_\_\_. Comunicação social e mudança tecnologia: um cenário de múltiplos desordenamentos. In: MORAES, Dênis de. **Sociedade midiaticizada**. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

\_\_\_\_\_. Corrientes de investigación para el estudio de recepción de medios. In: OROZCO GÓMEZ, Guillermo. **La investigación en comunicación desde la perspectiva cualitativa**. Guadalajara, México, 2000. p. 51-56.

\_\_\_\_\_. La condición comunicacional contemporánea. Desafíos latinoamericanos de la investigación de las interacciones en la sociedad red. In: JACKS, Nilda (org.). **Análisis de recepción en América Latina: un recuento histórico con perspectivas al futuro**. Editorial “Quipus”, CIESPAL, Quito-Ecuador, 2011.

OROZCO, Guillermo; FRANCO, Darwin. **Las audiencias convergentes y su investigación: análisis de recepción transmedial de la serie *El Equipo***. C&S – São Bernardo do Campo, v. 34, n. 2, p. 7-37, jan./jun. 2013.

**ONU BR. Mundo tem 232 milhões de migrantes internacionais, calcula ONU.**

Disponível em: <http://www.onu.org.br/mundo-tem-232-milhoes-de-migrantes-internacionais-calcula-onu/>. Acessado em: 09/10/14.

PIENIZ, Mônica; WOTTRICH, Laura Hastenpflug. Receptores na *Internet*: desafios para o contexto de trânsito das audiências. In: JACKS, Nilda (org.). **Meios e Audiências II: a consolidação dos estudos de recepção no Brasil**. Porto Alegre: Sulina, 2012.

PICHLER, Patrícia. De que comunidade estamos falando: o conceito a partir das estratégias discursivas em telejornais brasileiros. Dissertação de Mestrado(UFSM), 2012.

Portal das comunidades portuguesas vistos. Espaço Schengen e Tipos de Vistos Schengen. Disponível em: [http://www.secomunidades.pt/VISTOS/index.php?option=com\\_content&view=article&id=153&Itemid=97&lang=pt](http://www.secomunidades.pt/VISTOS/index.php?option=com_content&view=article&id=153&Itemid=97&lang=pt). Acessado em: 15/09/14.

Portal R7. 4,4 bilhões de pessoas não têm acesso à internet. Disponível em: <https://tecnoblog.net/166778/4-bilhoes-offline/>. Acessado em: 02/06/15.

\_\_\_\_\_. Imigração derruba governo e Suécia terá novas eleições em março. Disponível em: <http://noticias.r7.com/internacional/imigracao-derruba-governo-e-suecia-tera-novas-eleicoes-em-marco-03122014>. Acessado em: 29/11/15.

PRIMO, Alex. Interação mútua e reativa: uma proposta de estudo. **Revista da FAMECOS**, Porto Alegre, n.12, p. 81-92, 2000.

\_\_\_\_\_. **Interação Mediada por Computador: comunicação, cibercultura e cognição**. Porto Alegre: Sulina, 2007; 2011.

RECUERO, Raquel. **Redes Sociais na Internet**. 2ª ed. Porto Alegre: Sulina, 2011.

RETIS, Jéssica. **La condición transnacional de las prácticas comunicativas y los retos de la ciudadanía cultural**: Latinoamericanos en contextos diaspóricos. [S.l.: s.n.], 2014.

RINCÓN, Omar. **No más audiencias. Todos devenimos productores**. Comunicar, Revista Científica de Comunicación y Educación, 2008, n.30, v.XV, p.93-98.

RONSINI, Veneza Mayora. **A perspectiva das mediações de Jesús Martín-Barbero**(ou como sujar as mãos na cozinha da pesquisa empírica de recepção). XIX Encontro da Compós, na PUC-RJ, Rio de Janeiro, RJ, em junho de 2010.

SATURNINO, Rodrigo. **A Construção do Imaginário Social dos Imigrantes Brasileiros em Portugal nas Redes Sociais da Internet**: O Caso do Orkut. Dissertação de Mestrado do Programa de Comunicação e Cultura da Universidade de Lisboa, 2009.

SHIRKY, Clay. **A Cultura da Participação**: criatividade e generosidade no mundo conectado. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

SEMPRINI, Andrea. **Multiculturalismo**. Bauru, SP: EDUSC, 1999.

SIGNIFICADOS. Significado de ICQ. Disponível em: <http://www.significados.com.br/icq/>. Acessado em: 22/01/2016.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org). **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. 1º ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999. (p.73-102)

SILVEIRA JUNIOR, Carlos Antônio da. **Ver e Ser Visto**: a construção da vida migrante através de Sites de Redes Sociais. Dissertação de Mestrado do Programa do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, 2012.

SODRÉ, Muniz. **Claros e escuros**: identidade, povo e mídia no Brasil. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

The world bank. Sweden. Disponível em: [http://data.worldbank.org/country/sweden#cp\\_wdi](http://data.worldbank.org/country/sweden#cp_wdi). Acessado em: 27/08/14.

Tudo celular. Aplicativo Viber agora faz ligações de graça para telefone fixo. Disponível em: <http://www.tudocelular.com/android/noticias/n33345/app-viber-ligacoes-gratuitas-para-fixo.html>. Acessado em: 22/01/2016.

Tecnoblog. 4 bilhões off-line. Disponível em: <https://tecnoblog.net/166778/4-bilhoes-offline/>. Acessado em: 02/06/15.

UGARTE, David de. **El poder de las redes**: Manual ilustrado para personas, colectivos y empresas abocados alciberactivismo, 2005. Disponível em: [http://www.deugarte.com/gomi/historia\\_del\\_analisis\\_de\\_redes\\_sociales.pdf](http://www.deugarte.com/gomi/historia_del_analisis_de_redes_sociales.pdf)

\_\_\_\_\_. **Breve Historia del análisis de redes sociales**. [S.l.: s.n.] [SD]

Uol notícia. Internet chega a 35% da população global: metade dos brasileiros tem acesso. Disponível em: <http://tecnologia.uol.com.br/noticias/redacao/2014/07/24/internet-chega-a-35-da-populacao-global-metade-dos-brasileiros-tem-acesso.htm>. Acessado em: 02/10/14.

\_\_\_\_\_. Grupo de refugiados se recusa a ficar em cidade da Suécia que é "fria demais". <http://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2015/10/29/grupo-de-refugiados-se-recusa-a-ficar-em-cidade-da-suecia-que-e-fria-demais.htm>. Acessado em: 29/11/15.

\_\_\_\_\_. Entenda a diferença entre ser refugiado, requerente de asilo e imigrante. Disponível em: <http://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2015/05/20/saiba-mais-qual-a-diferenca-entre-ser-refugiado-requerente-de-asilo-e-imigrante.htm>. Acessado em: 03/12/15.

VENTURA, Felipe - Portal Uol: Internet 3 bilhões. Disponível em: <http://gizmodo.uol.com.br/internet-3-bilhoes/>. Acessado em: 02/06/15.

Vox Europ. O problema da integração sueca. Disponível em: <http://www.voxeurop.eu/pt/content/article/4049281-o-problema-da-integracao-sueca>. Acessado em: 28/09/14.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org). **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. 1º ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

2B2 Magazine Uol Notícia. Exclusão digital e também exclusão social. Disponível em: <http://b2bmagazine.consumidormoderno.uol.com.br/index.php/internet/item/3239-exclusao-digital-e-tambem-exclusao-social>. Acessado em: 15/05/15.

## REFERÊNCIAS DO ESTADO DA ARTE

### Teses e dissertações:

ARRUDA, Aline Maria Thomé. **“A Presença Libanesa em Foz do Iguaçu (Brasil) e Ciudad Del Este (Paraguai)”**. Dissertação de Mestrado do Programa de Ciências Sociais da Universidade de Brasília: UNB, Brasília, 2007.

BARTH, Daiani Ludmila. **Brasileiros na Espanha: internet, migração transnacional e redes sociais**. Dissertação de mestrado do Programa de Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos: UNISINOS, São Leopoldo, 2009.

BECELLONI, Barbara. **A Identidade Cultural como Fator de Integração: comunicação, história, cultura e memória na hibridação dos *itálicos* no Brasil**. Dissertação de Mestrado do Programa de Ciências da Comunicação da Universidade de São Paulo: USP, São Paulo, 2006.

BRIGNOL, Liliane. **Migrações Transnacionais e Usos Sociais da Internet: identidades e cidadania na diáspora latino-americana**. Tese de Doutorado do Programa de Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos: UNISINOS, São Leopoldo, 2010.

CRUZ, Carlos André Lucena da. **Reassentamento de Refugiados Colombianos e Palestino no Estado do Rio Grande do Norte**. Dissertação de Mestrado do Programa de Pesquisa em Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte: UFRN, Natal, 2008.

CRUZ, Olga del Pilar Vásquez. **Rupturas e Reconstruções: migração forçada e redes sociais em meio da Guerra em Colômbia**. Tese de Doutorado do Programa em Ciência Sociais da Universidade Federal de São Carlos: UFSCAR, São Carlos, 2007.

GASPAR, Osmar Teixeira. **Mídias –Concessão e Exclusão: um estudo da invisibilidade seletiva produzida pelos meios de comunicação de massa contra a população afro-brasileira e suas implicações nas relações raciais no Brasil contemporâneo**. Dissertação de Mestrado do Programa Direitos Humanos (Direito) da Universidade de São Paulo: USP, São Paulo, 2010.

GODINHO, Neide Maria de Oliveira. **O Impacto das Migrações na Constituição Genética de Populações Latino-Americanas**. Tese de Doutorado do Programa de Biologia Animal da Universidade de Brasília: UNB, Brasília, 2008.

KANAAN, Beatriz Rodrigues. **Imigrações Contemporâneas e Italianidade: um estudo sobre jogos identitários na região industrializada de Farroupilha/RS**. Dissertação de Mestrado do Programa de Antropologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul: UFRGS, Porto Alegre, 2008.

MAKINO, Rogério. **As Relações Nipo-Brasileiras (1895-1973): o lugar da imigração japonesa**. Dissertação de Mestrado do Instituto de Relações Internacionais da Universidade de Brasília: UNB, Brasília, 2010.

MARTINS JUNIOR, Angelo. *De Cleaner a Waiter: trajetórias de trabalhadores brasileiros em Londres*. Dissertação de Mestrado do Programa em Sociologia da Universidade Federal de São Carlos: UFSCAR, São Carlos, 2012.

MONTEIRO, Cristiano Sobroza. “**Negros em Terra de Italianos**”: etnografia da migração de moradores da comunidade de remanescentes de quilombos Arnesto Penna Carneiro de Santa Maria, RS, para Caxias do Sul, RS. Dissertação de Mestrado do Programa em Ciências Sociais da Universidade Federal de Santa Maria: UFSM, Santa Maria, 2012.

PRADO, Angela Elza Fortes de Alemida. **Família em Trânsito**: tecendo redes sociais. Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica da Universidade Católica de São Paulo: PUCSP, São Paulo, 2006.

REIS, Cacilda Ferreira dos. **Sonhos, Incertezas e Realizações**: as trajetórias de músicos e dançarinos afro-brasileiros no Brasil e na França. Tese de Doutorado do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas: Campinas, 2012.

RIBEIRO, Heloisa Mazzocante. **Política Imigratória no Brasil contemporâneo**: limites e desafios na relação entre direitos humanos, democracia e desenvolvimento. Dissertação de Mestrado do Programa de Estudos Comparados sobre as Américas (Ciências Sociais) da Universidade de Brasília: UNB, Brasília, 2007.

RODRIGUES, Ester Fatima Vargem. **Imigrantes Africanos no Brasil Contemporâneo**: fluxos e refluxos da diáspora. Dissertação de Mestrado do Programa de História Social da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo: PUCSP, São Paulo, 2014.

SANTOS, Aline Lima. **Mudança de Vento**: a migração do Brasil para Portugal no fim do século XX e início do século XXI. Dissertação de Mestrado do Programa em Geografia da Universidade de São Paulo: USP, São Paulo, 2010.

SATURNINO, Rodrigo. **A Construção do Imaginário Social dos Imigrantes Brasileiros em Portugal nas Redes Sociais da Internet**: O Caso do Orkut. Dissertação de Mestrado do Programa de Comunicação e Cultura da Universidade de Lisboa: ULISBOA, Lisboa, 2009.

SHISHITO, KatianiTatie. **A Expectativa Temporal e a Permanência de Brasileiros no Japão**. Dissertação de mestrado do programa em Demografia da Universidade Estadual de Campinas: UNICAMP, Campinas, 2012.

SICILIANO, André Luiz. “**A Política Migratória Brasileira**: limites e desafios”. Dissertação de Mestrado do Instituto das Relações Internacionais da Universidade de São Paulo: USP, São Paulo, 2013.

SILVA, Fabiana Mota da. **Brasil e Portugal**: nova dinâmica migratória contemporânea. Dissertação de Mestrado do Programa de Geografia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro: UERJ, Rio de Janeiro, 2010.

SILVEIRA JUNIOR, Carlos Antônio da. **Ver e Ser Visto**: a construção da vida migrante através de Sites de Redes Sociais. Dissertação de Mestrado do Programa do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas: UNICAMP, Campinas, 2012.



SOUZA, Edu Moraes de. **Migrações e Políticas Migratórias na Globalização: os desafios político-sociais do Estado**. Dissertação de mestrado do Programa de Ciências Sociais da Universidade Federal de Santa Maria: UFSM, Santa Maria, 2013.

SIQUEIRA, Lucas Coelho. **Os Filhos dos Imigrantes: jovens em trânsito no século XXI (1990-2009)**. Dissertação de Mestrado do Programa em História da Universidade do Estado de Santa Catarina: UDESC, Florianópolis, 2010.

SUGUIURA, Marcos Hiroyuki. **Relações entre a Rede Social e as Migrações Brasil-Japão**. Dissertação de Mestrado do Programa de Psicologia da Universidade de São Paulo: USP, São Paulo, 2009.

TEIXEIRA, Rodolfo Marcílio. **Reforma Política: dilemas brasileiros e experiências estrangeiras**. Tese de Doutorado do Departamento de Sociologia da Universidade de Brasília: UNB, Brasília, 2009.

VALÉRIO, Samuel Pereira. **Pentecostalismo de Migração: terceira entrada do pentecostalismo no Brasil**. Dissertação de Mestrado em Ciências da Religião da Universidade Católica de São Paulo: PUCSP, São Paulo, 2013.

VETTORASSI, Andréa. **Laços de Trabalho e Redes dos Migrantes: dimensões objetivas e subjetivas presentes em redes sociais e identidades de grupos migrantes de Serrana-SP e Guariba-SP**. Tese de Doutorado do Programa de Sociologia da Universidade Estadual de Campinas: UNICAMP, Campinas, 2010.

WEBER, Soares. **Da Metáfora à Substância: redes sociais, redes migratórias e migração nacional e internacional em Valadares e Ipatinga**. Tese de Doutorado em Demografia do Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional da Universidade Federal de Minas Gerais: UFMG, Belo Horizonte, 2002.

#### Artigos:

ARANGUIZ, Dandara F.; COSTA, Daiane dos Santos; SILVA, Carolina M.; BRIGNOL, Liliâne Dutra. **Usos da Internet na Experiência Migratória: Análise de Web-diaspóricas**. XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Recife, PE, 2011.

AYALA, Lilian Crepaldi de Oliveira. **Representação e Construção das Identidades dos Imigrantes e Migrantes nas Páginas da Revista Raízes**. XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Recife, PE, 2011.

BAILÉN, Amparo Huertas. **Procesos de sociabilidade e identidades en Internet: una aproximación a partir del estudio de contextos sociales multiculturales juveniles en España**. In: COGO, Denise; ELHAJJI, Mohammed; HUERTAS, Amparo (des.). **Díaspóras, migrações, tecnologias da comunicação e identidades transnacionais**. Bellaterra: Institut de la Comunicació, Universitat Autònoma de Barcelona, 2012. Disponível em: [http://issuu.com/incomuab/docs/diaporas\\_migraciones\\_tic\\_identidades\\_issuu\\_ok?e=1336068/3681225#search](http://issuu.com/incomuab/docs/diaporas_migraciones_tic_identidades_issuu_ok?e=1336068/3681225#search).

BARTH, Daiani Ludmila; COGO, Denise. **Redes Sociais e Usos da Internet por Migrantes Brasileiros na Espanha**. XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Curitiba, PR, 2009.



BRAGA, Adriana Andrade. **Complementaridade das Mídias**: usos sociais da Internet e seus precedentes. XVII Encontro da Compós, na UNIP, São Paulo, SP, 2008.

BRIGNOL, Liliane Dutra. Diáspora latino-americana e redes sociais da internet: a vivência de experiências transnacionais. In: COGO, Denise; ELHAJJI, Mohammed; HUERTAS, Amparo (des.). **Diásporas, migrações, tecnologias da comunicação e identidades transnacionais**. Bellaterra: Institut de la Comunicació, Universitat Autònoma de Barcelona, 2012. Disponível em: [http://issuu.com/incomuab/docs/diaporas\\_migraciones\\_tic\\_identidades\\_issuu\\_ok?e=1336068/3681225#search](http://issuu.com/incomuab/docs/diaporas_migraciones_tic_identidades_issuu_ok?e=1336068/3681225#search).

\_\_\_\_\_. **Usos Sociais da Internet na Diáspora Latino-americana**. XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Caxias do Sul, RS, 2010.

\_\_\_\_\_. **Protagonismo Migrante na Web**: Uma observação exploratória em torno do conceito de web-diaspóricas. XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Recife, PE, 2011.

\_\_\_\_\_. **Sur o no Sur**: a construção transnacional da América Latina desde as migrações e os usos sociais da internet. Ciberlegenda, 2010.

\_\_\_\_\_. **Internet e Cidadania Migrante**: conquistas e limites. XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Fortaleza, CE, 2012.

\_\_\_\_\_. **Internet e Cidadania**: construção de uma problemática sobre redes sociais de imigrantes latino-americanos na web. UNIrevista - Vol. 1, nº 3: (julho), 2006.

BRIGNOL, Liliane Dutra; BRUM, Maurício Marques. **Web-diaspóricas como mídias de migração**: outras formas de narrar as experiências migratórias na internet. Rev. Estud. Comun., Curitiba, v. 14, n. 35, p. 341-357 set./dez., 2013.

CARLEIAL, Adelita. **Redes sociais entre imigrantes**. XIV Encontro Nacional de Estudos Populacionais, ABEP, realizado em Caxambu – MG – Brasil, 2004.

COGO, Denise; BRIGNOL, Liliane Dutra. **Recepção Midiática e Migrações Transnacionais em Barcelona e Porto Alegre**. XVII Encontro da Compós, na UNIP, São Paulo, SP, 2008.

\_\_\_\_\_. **Redes Sociais e os Estudos de Recepção na Internet**. XIX Encontro da Compós, na PUC-Rio, Rio de Janeiro, RJ, 2010.

CORRÊA, Cynthia Harumy Watanabe. **Cibermigrantes brasileiros a navegar na rede social Orkut**. Biblioteca on-line de Ciências da Comunicação - [www.bocc.ubi](http://www.bocc.ubi) -, 2009.

DALPIAZ, Jamile Gamba. **Italian immigration in the south of Brazil and identity**: the film O Quatrilho case-study. XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Caxias do Sul, RS, 2010.

DUARTE, Pedro Russi; COGO, Denise. **A Diáspora Uruguaia nas Interações Comunicacionais e Midiáticas de Migrantes no Sul do Brasil**. 15º Encontro da

Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (COMPÓS). UNESP-Bauru, 2006.

ELHAJJI, Mohammed. **Migrações, TICs e comunidades transnacionais**: o devir diaspórico na era global. XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Recife, PE, 2011.

ESCUDERO, Camila. **Webdiáspora – interculturalismo, transnacionalismo e multiterritorialismo para uma cidadania comunicacional**: apontamentos analíticos. XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Manaus, AM, 2013.

GALLO, Priscila Marchiori Dal; MARANDOLA JR, Eduardo. **Ser Migrante**: lugar, identidade territorial e redes sociais. XXIV Semana de Geografia da UEL e III Seminário de Geografia do Norte do Paraná, 2008.

GARCIA, Luciana Lima; SILVA, Amanda Cíntia Medeiros e; MAZIVIERO, Helena Velcic; LACERDA, Juciano de Sousa. **Usos e apropriações das TICs**: um balanço da pesquisa da pesquisa em dissertações e teses do campo da comunicação. XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Recife, PE, 2011.

LACERDA, Juciano de Sousa; MAZIVIERO, Helena Velcic. **Pesquisa da Pesquisa Sobre Usos e Apropriações das TICs**: um balanço aquém das expectativas. XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Recife, PE, 2011.

LOPES, Daniel Barsi. **Mídia, Juventude e Cidadania**: O projeto KDM e os processos de integração entre migrantes e autóctonos na Espanha. XX Encontro da Compós, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

MONDARDO, Marcos Leandro. **Raízes na Migração Des-Re-Territorialização e Redes Sociais**. Biblioteca on-line de Ciências da Comunicação - [www.bocc.ubi.pt-2010](http://www.bocc.ubi.pt-2010).

PEREIRA, Carmem Rejane Antunes. **Ameríndia Midiatizada**: Algumas Reflexões Teóricas Sobre Configurações de Identidades Étnicas Históricas e suas Relações Com os Usos Sociais das Mídias. XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Manaus, AM, 2013.

PEREIRA, Vanessa dos Santos; BRUMES, Karla Rosário. **Espaços Migratórios e Redes Sociais na Cidade de Prudentópolis-PR**. XVI Encontro Nacional de Geógrafos, Porto Alegre, 2010.

RETIS, Jéssica. **La condición transnacional de lasPrácticas comunicativas y los retos de laciudadanía cultural**: Latinoamericanosen contextos diaspóricos. [S.l.: s.n.], [2014?].

RUSSI, Pedro. **A dimensão comunicacional como recorte metodológico para o estudo das migrações**. Chasqui No. 125, 2014.

SATURNINO, Rodrigo. **Imaginário e imigração nas redes sociais da Internet**: o caso dos brasileiros em Portugal. Revista Fronteiras – estudos midiáticos 13(2): 94-110, maio/agosto 2011.

SILVA, Antônio César da. **As Apropriações nos Sites de Redes Sociais na Internet**. XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Curitiba, PR, 2009.

SOARES, Weber. **Análise de redes sociais e os fundamentos teóricos da migração internacional.** R. bras. Est. Pop., Campinas, v. 21, n. 1, p. 101-116, jan./jun., 2004.

SOARES, Weber; RODRIGUES, Roberto Nascimento. **Redes Sociais e Conexões Prováveis entre Migrações Internas e Emigração Internacional de Brasileiros.** São Paulo em Perspectiva, v. 19, n. 3, p. 64-76, jul./set., 2005.

STEINBERGER, Margarethe Born. **Apontamentos para um estudo de migrantes e estrangeiros na teledramaturgia brasileira.** XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Caxias do Sul, RS, 2010.

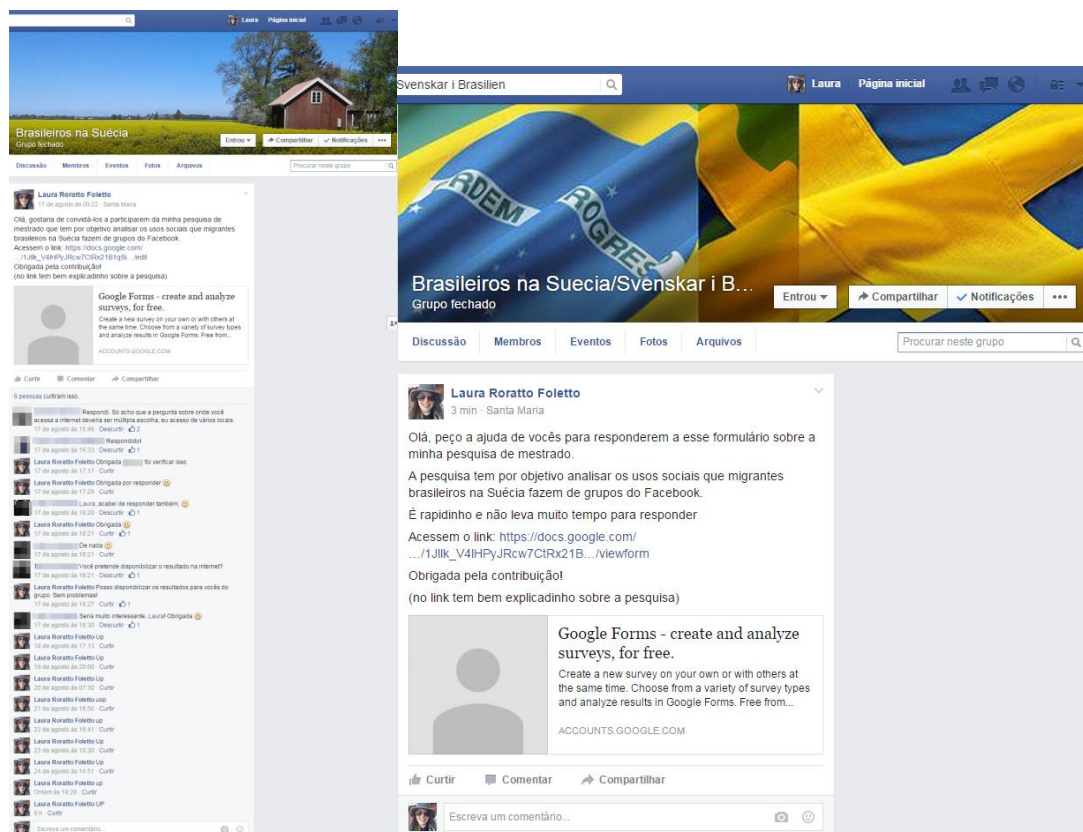
## **APÊNDICE**

**APÊNDICE A- Contato com os Administradores dos Grupos**

**Imagem 68:** Mensagem no bate-papo do *Facebook* contatando o administrador do grupo “Brasileiro na Suécia/Svenskar i Brasilien” para a entrevista por Skype.

## APÊNDICE B - Formulário *online*

Convite nos grupos para o preenchimento do formulário *online*:



**Imagem 69:** postagem nos grupos “Brasileiros na Suécia” (esquerda) e “Brasileiros na Suécia/Svenskar i Brasilien” (direita) convidando para responderem ao formulário *online*.

## Introdução do Formulário *Online* no Google Drive

## Formulário online sobre migrações

Sou Laura Roratto Foletto mestranda do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS

Link da Universidade: <http://ufsm.br/>

Convido você a participar da minha pesquisa de Mestrado intitulada Usos sociais do Facebook por migrantes brasileiros na Suécia: identidade, diferença e interculturalidade.

O objetivo da pesquisa é analisar os usos sociais que migrantes brasileiros na Suécia fazem de grupos do Facebook relacionado às questões de identidade e diferença

Dúvidas e interesses sobre a pesquisa entre em contato comigo: [laura.roratto@hotmail.com](mailto:laura.roratto@hotmail.com)

Mais informações a respeito da minha trajetória acadêmica:

<http://lattes.cnpq.br/7757247485086840>

Os dados serão utilizados somente para fins acadêmicos relacionados com esta investigação, não sendo divulgada a identificação de nenhum entrevistado. Ou seja, todas as informações aqui contidas serão utilizadas somente para esta pesquisa.

Continue »

14% completed

Powered by  
 Google Forms

This content is neither created nor endorsed by Google.

[Report Abuse](#) - [Terms of Service](#) - [Additional Terms](#)

**Imagem 70:** cabeçalho do formulário *online* no *Google Drive*.

### Perguntas do Formulário:

#### *Perfil sociodemográfico*

**Nome:**

**Sexo:**

feminino ( ) masculino ( )

**Idade:**

( ) menos de 18 anosL

( ) 18 a 25 anos

( ) 26 a 45 anos

( ) 46 a 55 anos

( ) 56 a 59 anos

( ) mais de 60 anos

**Região do Brasil que morava antes de migrar:**

( ) Norte

( ) Nordeste

( ) Centro-Oeste

( ) Sudeste

( ) Sul

**Cidade do Brasil que morava antes de migrar:**

**Cidade da Suécia que mora:**

**Escolaridade:**

- ensino fundamental incompleto
- ensino fundamental completo
- ensino médio incompleto
- ensino médio completo
- ensino superior incompleto
- ensino superior completo
- pós-graduação/especialização

**Profissão:**

**Atividade profissional que exerce na Suécia:**

**Email:**

*Trajatória de migração e Suécia*

**1. Qual seu tempo de residência na Suécia?**

*Mídias no BRASIL*

**2. Enumere de 1 a 5 (ordem de uso: 1 para o que mais usa e 5 para o que menos usa) os principais meios de comunicação que usava no Brasil?**

- TV
- Jornal
- revista
- rádio
- internet

*Usos das mídias e internet NA SUÉCIA*

**3. Enumere de 1 a 5 (ordem de uso: 1 para o que mais usa e 5 para o que menos usa) os principais meios de comunicação que consome no seu cotidiano hoje na Suécia:**

- TV
- Jornal
- revista
- rádio
- internet

**4. Por quanto tempo durante o dia você utiliza a Internet?**

**5. Onde acessa a Internet?**

- Casa
- trabalho
- escola/universidade
- locais de acesso público
- bibliotecas
- Outros (Quais?\_\_\_\_)

**6. Qual é a conexão de acesso a Internet que você possui?**

- xDSL
- Cabo (utiliza a mesma infra-estrutura (cabo) do serviço de TV por assinatura)



- Satélite
- Rádio
- 3G
- 4G
- Wi-Fi**

7. **Através de que equipamento você acessa a internet?** (*escolha múltipla*)

- celular
- tablete*
- notebook
- computador de mesa
- outro(s) (Qual(is)? \_\_\_\_\_)

*Grupos do Facebook*

8. **Qual dos dois grupos do Facebook de migrantes brasileiros na Suécia você participa?** (*pode marcar mais de uma opção*)

- Brasileiros na Suécia
- Brasileiros na Suécia/Svenskar i Brasilien

9. **Por que você participa do(s) grupo(s)?**

10. **Como você participa do(s) grupo(s)?**

- apenas lê
- lê e comenta
- apenas comenta
- lê, comenta e curte
- apenas curte
- lê, comenta, curte e compartilha
- apenas Compartilha
- lê, comenta, curte, compartilha e cria postagens
- apenas cria postagens

11. **Conhece outros grupos, sites, blogs, portais sobre migração de brasileiros na Suécia? Quais?**

*Entrevista por Skype*

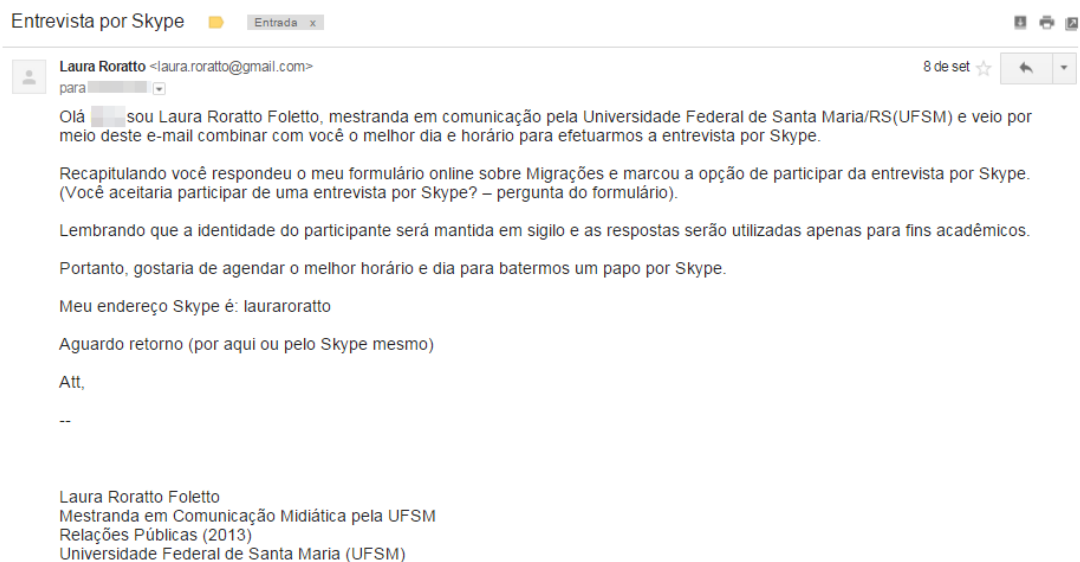
(Lembrando que a identidade do participante será mantida em sigilo e as respostas serão utilizadas apenas para fins acadêmicos)

12. **Você aceitaria participar de uma entrevista por Skype?**

- Sim
- Não

## APÊNDICE C - Entrevista *semiestruturada*

Contato com os entrevistados após responderem o formulário e aceitarem participar da entrevista:



**Imagem 71:**e-mail contatando o entrevistado para a próxima etapa da pesquisa

Cabeçalho da entrevista:

**Universidade Federal de Santa Maria**  
**Mestrado em Ciências da Comunicação**  
**Dissertação de Mestrado de Laura Roratto Foletto**

**Título da dissertação:** Usos sociais do *Facebook* por migrantes brasileiros na Suécia: identidade, diferença e interculturalidade

*Perfil sociodemográfico*

**Nome:**

**Sexo:**

feminino ( ) masculino ( )

*Trajetória de migração e Suécia*

**13. Fale sobre o local (cidade, país) em que nasceu.**

**14. Já viveu em outros lugares fora do Brasil? Quais?**

15. Como era seu dia-a-dia antes de morar na Suécia?
16. A que se dedicava (profissionalmente ou nos estudos) antes de migrar?
17. Qual seu tempo de residência na Suécia?
18. Fale sobre o seu trabalho/atividade profissional ou de estudos atualmente na Suécia.
19. Fale sobre onde você mora e com quem mora hoje na Suécia.
20. O que te levou a morar em um lugar diferente do Brasil?
21. Quais os motivos para ter escolhido viver na Suécia? Por que a Suécia?
22. O que te fez escolher esta cidade específica na Suécia para morar?
23. O que imaginava ou sabia sobre a Suécia antes de migrar?
24. Qual a primeira impressão que teve quando chegou ao país?
25. Como se sente hoje morando na Suécia?
26. Percebe diferenças e semelhanças entre a Suécia e o Brasil? Quais?
27. Qual a sua condição de cidadania na Suécia (condição jurídica, visto)?
28. Teve alguma dificuldade no processo de migração? Qual?
29. Como você observa a relação dos suecos com os migrantes de modo geral?

**30. E como é a relação dos suecos com os migrantes brasileiros? Há alguma diferença na forma de tratamento entre os migrantes?**

**31. Como é a relação de trabalho entre os suecos e os migrantes brasileiros (empregado/empregador?)**

*Mídias no BRASIL*

**32. Você tinha acesso a algum meio de comunicação sueco? Qual?**

**33. Lembra ter visto algo específico sobre a Suécia nos meios de comunicação?**

**34. Antes de migrar, conhecia outras pessoas que já moravam na Suécia?**

**35. Você se comunicava com alguém que já vivia na Suécia? Com quem? Através de que meios de comunicação?**

*Usos das mídias e internet NA SUÉCIA*

**36. Usa a internet para quê?**

**37. Quais os principais sites, blogs, fóruns acessados na internet?**

**38. Além do Facebook quais outras redes sociais online você usa? Com que objetivos?**

**39. Você se interessa em saber o que está acontecendo no Brasil? Por quê?**

**40. Que tipo de informação sobre o Brasil você busca?**

**41. O que tu consome hoje na Suécia que você antes não consumia no Brasil (questões materiais, padrão de vida...)?**

*Grupos do Facebook*

**42. Quanto tempo faz que você está no(s) grupo(s)?**

- 43. Em que momento surgiu à necessidade de entrar no(s) grupo(s)?**
- 44. Qual a importância desse(s) grupo(s) na tua experiência como migrante? OU O que representa o(s) grupo(s) na tua experiência de ser um migrante na Suécia?**
- 45. Como você avaliaria a sua vida na Suécia caso não existisse o(s) grupo(s) e a internet?**
- 46. Quais os assuntos que você acha que são mais importantes de serem discutidos no(s) grupo(s)?**
- 47. Você considera que o(s) grupo(s) ajuda(m) os migrantes a conseguirem se adaptar mais fácil a vida na Suécia, se integra a cultura??**
- 48. Quais são os limites e problemas que você observa no(s) grupo(s)?**
- 49. Quanto tempo por dia você acessa o(s) grupo(s)?**
- menos de 2h
  - de 2h a 3h
  - de 3h a 4h
  - mais de 4h

**Como você observa as relações entre os brasileiros fora dos grupos? Os brasileiros na Suécia se encontram e há essa solidariedade também no presencial (fora dos grupos) assim como há nos grupos?**

**APÊNDICE D – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO**

**Título do estudo:** Usos sociais do *Facebook* por migrantes brasileiros na Suécia: identidades, diferenças e dinâmicas interculturais nas redes sociais *online*.

**Mestranda responsável:** Laura Roratto Foletto

**Orientador responsável:** Dra. Liliane Dutra Brignol

**Instituição/Departamento:** UFSM/ Programa de Pós-Graduação em Comunicação Midiática

**Telefone para contato:** (55) 30272384 ou (55)91266339

A pesquisa tem o objetivo de analisar os usos sociais que migrantes brasileiros na Suécia fazem de grupos do *Facebook* que estejam relacionados a questões de identidade e diferença, a partir do relato de experiências de brasileiros que estão residindo atualmente na Suécia. A colaboração com a pesquisa se dá através da participação voluntária em entrevistas sobre migração, questões de identidade e usos da mídia.

Expressamos o compromisso de utilizar os dados somente para fins acadêmicos relacionados com esta investigação. As informações obtidas serão analisadas em conjunto com outros dados, não sendo divulgada a identificação de nenhum entrevistado.

Em qualquer etapa do estudo, o entrevistado pode entrar em contato com os pesquisadores para esclarecimento de eventuais dúvidas ou para indicar seu desejo de não colaborar mais com a pesquisa.

Ficaram claros para mim quais são os propósitos do estudo, os procedimentos a serem realizados, as garantias de confidencialidade e de esclarecimentos permanentes. Concordo voluntariamente em colaborar como entrevistado neste estudo.

-----  
Assinatura do sujeito de pesquisa

**APÊNDICE E – Temáticas de assuntos mais discutidos nos grupos e o total de postagens por temática.**

<b>Temática</b>	<b>Postagens</b>
Apoio e Informação	234
Trabalho	69
Música e outras manifestações culturais	66
Culinária	62
Cidadania Jurídica	57
Mídia	41
Idioma	38
Saúde e Estética	36
Política	32
Costumes, Normas e Hábitos	29
Venda, Troca e Doação	27
Remessas	18
Sociabilidade	12
Gênero	8
Limpeza e Organização da casa	5
Religião	4
Outros	86
<b>Total</b>	<b>824</b>

**Tabela 4:** Temáticas de assuntos mais discutidos nos grupos e o total de postagens por temática.

**APÊNDICE F - Número total de postagens e comentários por mês do grupo Brasileiros na Suécia/Svenskar i Brasilien.**

<b>Mês</b>	<b>Postagens</b>	<b>Comentários</b>
31 de outubro de 2014	4	81
Novembro de 2014	58	723
Dezembro de 2014	71	727
Janeiro de 2015	62	550
Fevereiro de 2015	60	644
Março de 2015	77	823
<b>Total</b>	<b>332</b>	<b>3467</b>

**Tabela 5:** número total de postagens e comentários por mês do grupo Brasileiros na Suécia/Svenskar i Brasilien.

**Fonte:** autor



**APÊNDICE G – Número total de postagens e comentários por mês do grupo Brasileiros na Suécia.**

<b>Mês</b>	<b>Postagens</b>	<b>Comentários</b>
31 de outubro de 2014	3	72
Novembro de 2014	98	1222
Dezembro de 2014	119	1426
Janeiro de 2015	93	1187
Fevereiro de 2015	71	578
Março de 2015	108	1388
<b>Total</b>	<b>492</b>	<b>5873</b>

**Tabela 6:** número total de postagens e comentários por mês do grupo Brasileiros na Suécia.

**Fonte:** autor